

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - ICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL
E PATRIMÔNIO CULTURAL**



TESE

**Jornalismo Comunitário na construção, compartilhamento e permanência das
Memórias Sociais: O caso do Jornal “O Pescador” na/da Colônia de
Pescadores Z3/Pelotas**

Jerusa de Oliveira Michel

Pelotas, 2018

JERUSA DE OLIVEIRA MICHEL

**Jornalismo Comunitário na construção, compartilhamento e permanência das
Memórias Sociais: O caso do Jornal “O Pescador” na/da Colônia de
Pescadores Z3/Pelotas**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, inserida na linha de pesquisa da Universidade Federal de Pelotas, para obtenção de título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M623j Michel, Jerusa de Oliveira

Jornalismo comunitário na construção,
compartilhamento e permanência das memórias sociais : o
caso do jornal "O Pescador" na/da Colônia de Pescadores
Z3/Pelotas / Jerusa de Oliveira Michel ; Sidney Gonçalves
Vieira, orientador. — Pelotas, 2018.

204 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências
Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Jornalismo comunitário. 4.
Estudo de caso. I. Vieira, Sidney Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 307

JERUSA DE OLIVEIRA MICHEL

**Jornalismo Comunitário na construção, compartilhamento e permanência das
Memórias Sociais: O caso do Jornal “O Pescador” na/da Colônia de
Pescadores Z3/Pelotas**

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 21 de junho de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira (Presidente da banca)
Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho,
Campus Rio Claro, SP.
Pós-Doutor pelo Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona,
Espanha

Prof. Dr. Cláudio Baptista Carle
Doutor em Arqueologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Carla Rodrigues Gastaud
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Pós-Doutora na universidade do Minho em Portugal, na área de estudos em Psicologia e Imaginário.

À minha mãe, Margareth Michel.
Este trabalho jamais existiria sem ela.

Agradecimentos

Estar aqui é uma grande vitória, pois não é fácil ser mulher, mãe, esposa, profissional e pesquisadora ao mesmo tempo. Todos esses papéis desenvolvidos ao mesmo tempo são deveras cansativos, e eu jamais teria conseguido sem ajuda.

Neste momento de conclusão, são tantas as pessoas a quem eu gostaria de agradecer e que se esforçaram para que este trabalho pudesse se tornar realidade:

Minha mãe, Margareth Michel, que caminhou lado a lado comigo e muitas vezes me carregou no colo. Meu pai, Bruno Michel, que cuidou de mim e das minhas meninas para que eu pudesse me centrar. Meu marido, Leonardo Oliveira, que sempre me incentivou a continuar. Minhas filhas, Helena e Estela, motivo de eu querer ser uma pessoa e uma profissional melhor. Minha avó, Nelda Oliveira, que sempre esteve presente.

Aos professores Carla Rodrigues Gastaud, João Fernando Igansi Nunes e Lúcia Maria Vaz Peres que foram imensamente generosos comigo e me ajudaram a fazer deste um trabalho melhor.

Ao professor Claudio Carle, que me acompanha desde o mestrado e que sempre me acolheu, aconselhou e incentivou e a quem eu sempre serei grata.

E, por último, mas não menos importante, eu gostaria de agradecer ao meu orientador, professor Sidney Gonçalves Vieira. Além de um excelente orientador, é uma pessoa maravilhosa. Sem ele, este trabalho não existiria.

Oração a Nossa Senhora dos Navegantes

Ó Nossa Senhora dos Navegantes, Mãe de Deus criador do céu, da terra, dos rios, lagos e mares; protegei-me em todas as minhas viagens. Que ventos, tempestades, borrascas, raios e ressacas, não perturbem a minha embarcação e que monstro nenhum, nem incidentes imprevistos causem alteração e atraso à minha viagem, nem me desviem da rota traçada. Virgem Maria, Senhora dos Navegantes, minha vida é a travessia de um mar furioso. As tentações, os fracassos e as decepções são ondas impetuosas que ameaçam afundar minha frágil embarcação no abismo do desânimo e do desespero. Nossa Senhora dos Navegantes, nas horas de perigo eu penso em vós e o medo desaparece; o ânimo e a disposição de lutar e de vencer tornam a me fortalecer. Com a vossa proteção e a bênção de vosso Filho, a embarcação da minha vida há de ancorar segura e tranqüila no porto da eternidade. Nossa Senhora dos Navegantes, rogai por nós.

Resumo

MICHEL, Jerusa de Oliveira. **Jornalismo Comunitário na construção, compartilhamento e permanência das Memórias Sociais: O caso do Jornal “O Pescador” na/da Colônia de Pescadores Z3/Pelotas**. 204 f. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este trabalho partiu da hipótese de que o jornalismo comunitário constrói, compartilha e dá permanência as memórias da comunidade de pescadores Z3. Ao juntar em uma mesma pesquisa Memória e Jornalismo Comunitário conseguimos trabalhar de forma multidisciplinar mostrando como estes se imbricam e como a memória é estudada por vários campos do conhecimento, pois, no Jornalismo, cuja prática permeia a sociedade como um todo, essa relação não é clara nem no seu produto e tampouco na prática profissional e para os próprios profissionais no Brasil, embora já venha sendo discutida em outros países. Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho foi explicar se memória, identidade e Jornalismo se permeiam, e o quanto isso afeta a memória da comunidade e dos jornalistas. O tema do trabalho se insere no contexto do jornalismo comunitário, uma vez que esse se difere da grande imprensa ao trazer consigo a humanização e a realização do sujeito, ao auxiliar na sua socialização como ser, conferindo-lhe importância. Devido à imbricação das diferentes áreas, a saber, a memória e o jornalismo – com atenção especial ao jornalismo comunitário, não existem autores que sejam uma referência única que norteie o trabalho. Ele é multidisciplinar e, por isso, necessita de diferentes autores e correntes teóricas para dar conta do objeto, e embora existam diferentes concepções e abordagens teóricas para cada um desses campos, existem áreas de convergência que nos possibilitaram seguir o caminho escolhido. Para o desenvolvimento deste trabalho, aliado à pesquisa qualitativa e com o objetivo de ampliar as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa, utilizamos o Estudo de Caso e a Análise de Conteúdo. Como estudo de caso utilizamos o jornal comunitário “O Pescador”, veículo impresso e de distribuição gratuita, que teve sua origem em 2000 e foi editado até 2016, pois acredita-se que o referido veículo constitui-se em um instrumento narrativo, no qual as histórias da comunidade estão registradas. Para análise do estudo de caso realizamos uma pesquisa empírica onde foram feitas 12 entrevistas com moradores da Colônia Z3 e com oito jornalistas que posteriormente foram analisadas dentro de eixos temáticos em que foram agrupadas por sua semelhança e proximidade quanto ao conteúdo. Ao fim, pode-se afirmar que está correta a hipótese que norteou esta tese de que há uma relação direta entre memória e a produção jornalística, na Colônia de Pescadores Z-3, e que o jornal “O Pescador” constitui-se em um instrumento narrativo, em que suas histórias estão registradas.

Palavras-chave: memória; identidade; jornalismo comunitário, estudo de caso

Abstract

MICHEL, Jerusa de Oliveira. **Community Journalism in the construction, sharing and permanence of Social Memories:** The case of the newspaper "The Fisherman" in the Fishermen's Colony Z3 / Pelotas. 204 f. Doctoral Thesis (Doctorate in Social memory and Cultural Heritage) – Post Graduation Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Social Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas.

This work started from the hypothesis that community journalism builds, shares and gives permanence to the memories of the fishing community Z3. By joining in a same research Memory and Community Journalism we managed to work in a multidisciplinary way showing how they overlap and how memory is studied by various fields of knowledge, because in journalism, whose practice pervades society as a whole, this relationship is not clear neither in its product nor in professional practice and for the professionals themselves in Brazil, although it has already been discussed in other countries. Thus, the main objective of this work was to explain if memory, identity and Journalism permeate, and how much this affects the memory of the community and journalists. The theme of the work is inserted in the context of community journalism, since it differs from the mainstream press by bringing with it humanization and the realization of the subject, by helping in its socialization as a being, giving it importance. Due to the imbrication of the different areas, namely memory and journalism - with special attention to community journalism, there are no authors who are a single reference that guides the work. It is multidisciplinary and therefore requires different authors and theoretical currents to account for the object, and although there are different conceptions and theoretical approaches for each of these fields, there are areas of convergence that enabled us to follow the path chosen. For the development of this work, allied to the qualitative research and with the objective of expanding the possibilities of analysis and obtaining answers to the problem proposed in the research, we use the Case Study and the Content Analysis. As a case study we used the community newspaper "O Pescador", a printed and free distribution vehicle, which originated in 2000 and was published until 2016, as it is believed that this vehicle constitutes a narrative instrument, in which community stories are recorded. For the analysis of the case study, we carried out an empirical research where 12 interviews were conducted with residents of the Z3 Colony and with eight journalists who were later analyzed within thematic axes where they were grouped due to their similarity and proximity to the content. At the end, one can affirm that the hypothesis that guided this thesis that there is a direct relation between memory and journalistic production in the Colony of Fishermen Z-3 is correct, and that the newspaper "The Fisherman" is a narrative instrument in which their stories are recorded.

Keywords: memory; identity; community journalism, case study

Lista de Figuras

Figura 1- Desenho da Tese	19
Figura 2- Mapa de localização da Z-3	30
Figura 3- Capa do livro	53
Figura 4- Fotos do lançamento do livro-reportagem na Colônia de Pescadores Z-3 em Pelotas	54
Figura 5- Página 86 do livro História de Pescador- a imagem à esquerda ilustrou a capa da primeira edição do jornal "O Pescador"	56
Figura 6- Página 94 do livro História de Pescador- Fotografia do seu Pitanga, um dos moradores que aparece com frequência nas páginas do jornal "O Pescador"	57
Figura 7- Página 95 do livro História de Pescador- História sobre a pesca com espínel	58
Figura 8- Página 02 da primeira edição do jornal "O Pescador", com destaque para o Editorial	88
Figura 9- Texto publicação na Edição comemorativa de quatro anos do jornal "O Pescador"	83
Figura 10- Capa da segunda edição do jornal "O Pescador"	93
Figura 11- Matéria publicada na segunda edição do jornal "O Pescador" ..	94
Figura 12- Matéria publicada na segunda edição do jornal "O Pescador" ..	94
Figura 13- Matéria publicada na edição N° 29, de junho de 2004, do jornal "O Pescador"	95
Figura 14- Matéria publicada na edição N° 30, de setembro de 2005, do jornal "O Pescador"	96
Figura 15- Capas do Jornal "O Pescador" com temas que atingem a comunidade - o Jornalismo Comunitário	97

Lista de Quadros

Quadro 1- Análise das Entrevistas com Pessoas da Comunidade da colônia de Pescadores Z-3	106
Quadro 2- Análise das Entrevistas com Jornalistas	107
Quadro 3- Eixos Temáticos elencados para a Análise de Conteúdo Temática	107

Sumário

1	Introdução	14
2	Uma comunidade, sua identidade e a sua memória	23
2.1	Colônia de Pescadores Z-3: sua origem e sua história	28
2.2	Identidades na Colônia de Pescadores Z-3	36
2.3	A Memória Social e a sua construção	40
3	O Jornalismo, a História e o processo de continuidade da Memória no Jornal Comunitário “O Pescador”	43
3.1	Reflexão sobre o processo de produção do Jornalismo	45
3.1.1	Jornalismo Comunitário	59
3.2	Jornalismo e as Fronteiras com a História	66
3.2.1	Jornalismo Comunitário e a História	72
3.3	A interação entre o Jornalismo e a memória	74
3.4	Jornal “O Pescador” um jornal a serviço da comunidade	85
4	A continuação da memória na Colônia de Pescadores Z-3	92
4.1	O Jornalismo Comunitário e a coleta de dados	100
4.2	Quem conta a história da Comunidade – Relatos das pessoas da comunidade e dos jornalistas envolvidos com “O Pescador”	108
4.2.1	Entrevistas de pessoas da comunidade	108
4.2.1.1	Entrevista 1 – JR	108
4.2.1.2	Entrevista 2 – NCS	108
4.2.1.3	Entrevista 3 – LBF	109
4.2.1.4	Entrevista 4 – LM	109
4.2.1.5	Entrevista 5 – MC	109
4.2.1.6	Entrevista 6 – RSP	109
4.2.1.7	Entrevista 7 – JS	109
4.2.1.8	Entrevista 8 – BC	109
4.2.1.9	Entrevista 9 – CS	110
4.2.1.10	Entrevista 10 – LC	110
4.2.1.11	Entrevista 11 – SC	110
4.2.1.12	Entrevista 12 – AF	110
4.2.2	Entrevistas de Jornalistas	111
4.2.2.1	Entrevista com o coordenador do Projeto - Prof. Jairo Sanguiné ...	111

4.2.2.2 Entrevista com os demais jornalistas	113
4.3 O jornal “O Pescador” e a produção de memórias na Colônia de Pescadores Z-3	114
4.3.1 Comunidade- Colônia de Pescadores Z-3	115
4.3.2 Jornalistas	143
5 Considerações finais	181
Referências	189

1 Introdução

Trabalhar a comunicação de maneira inter/multidisciplinar, com enfoque em uma comunicação mais humana e mais participativa, sempre foi, para mim, um aspecto muito importante dentro da academia. Ainda na graduação, voltei meus esforços para o estudo da comunicação comunitária e o impacto que essa tem na comunidade à qual é destinada, buscando entender a ideia de que a comunicação comunitária não só pode favorecer as possibilidades de expressão comunicativa, como também reforçar os esforços de valorização da identidade e da memória coletiva.

Não podemos negar que, na maioria das sociedades, o nosso processo de lembrar, codificar e armazenar está intimamente ligado ao que foi reproduzido nos meios de comunicação, uma vez que o registro por meio dos seus métodos e técnicas permite que o conteúdo transmitido seja documentado, e que é através deles que buscamos orientação e, muitas vezes, aquilo que é noticiado se torna um ponto de referência em nossa sociedade. É por intermédio dos meios de comunicação que, muitas vezes, incorporamos inconscientemente normas culturais e memórias e as transformamos em coisas nossas. Halbwachs (2006) já nos dizia que as nossas lembranças não são exatamente nossas, mas construídas no interior de um grupo social ao qual pertencemos.

O tema do trabalho se insere no contexto do jornalismo comunitário, uma vez que esse se difere da grande imprensa ao trazer consigo a humanização e a realização do sujeito, ao auxiliar na sua socialização como ser, conferindo-lhe importância. Isso porque o jornalismo comunitário é compreendido como espaço de exercício da cidadania abrangendo a produção de discursos, construída no processo da vida em/da comunidade (PAIVA, 2003). O jornal comunitário é um lugar de interlocução que tem como objetivo dar voz aos membros da comunidade e no qual os membros da comunidade são os principais produtores e fontes de informação, sendo sujeitos do processo de comunicação (CARNICEL, 2005; PERUZZO, 2002, 2009). É por meio da proximidade entre jornalistas e membros da comunidade que

ocorre a identificação dos interesses, opiniões e posicionamentos sobre os temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade de uma forma muito mais clara.

É nessa relação complexa entre jornalismo¹ - e neste estudo voltamo-nos para um fazer muito particular, o jornalismo comunitário - e a memória, que se encontra a problemática do trabalho, que tem como objetivo explicar a relação entre o Jornalismo Comunitário com suas peculiaridades – o nascer da própria comunidade, estimular a participação e a cidadania, dar voz às pessoas que conhecem a formação e a história da comunidade, e a manutenção das memórias e identidades sociais na Colônia de Pescadores Z3. Tomamos como base de estudo o jornal “O Pescador”, veículo de comunicação comunitária, que teve sua origem no ano 2000 e foi editado até 2016, com um total de 63 edições, sendo destinado exclusivamente a essa comunidade.

O trabalho se reveste de importância/justifica-se por várias razões. Do ponto de vista acadêmico porque existem poucos estudos acerca da temática, especialmente por parte dos pesquisadores/estudiosos do Jornalismo, mas também de outras áreas acadêmicas. Este estudo, por ser interdisciplinar/transdisciplinar,² estabelece relações entre os estudos de Jornalismo com outras áreas do conhecimento como a da Memória Social (conjunto de fenômenos psicossociais da ‘memória na sociedade’³), da Psicologia (ao lidar com comportamentos, identidades e representações sociais dos moradores da Colônia de Pescadores Z3), da Antropologia (ao analisar o comportamento, a organização e as relações sociais, e instituições presentes naquela comunidade), e da Sociologia (em razão de buscar entender o funcionamento da colônia, suas relações sociais e suas instituições), entre outras, possibilitando estabelecer novas relações entre esses campos do

¹ É importante, aqui, destacar que, nesse trabalho, jornalismo, jornal e jornalistas estão intimamente ligados e será preciso abordar a relação entre eles, isto porque o jornal é um produto oriundo do conjunto de atividades que compõe o Jornalismo, que é entendido como a coleta, investigação e análise de informações sobre a interação de fatos, eventos, ideias e pessoas que são notícia e que afetam a sociedade de alguma maneira, abrangendo nesse processo os métodos de coleta de dados até a organização de estilos literários, enquanto o jornalista é a pessoa responsável pelo processo de produção do jornal no exercício do jornalismo.

² Entende-se, aqui, a transdisciplinaridade como uma forma de ser, saber e abordar, atravessando as fronteiras epistemológicas de cada ciência, praticando o diálogo dos saberes sem perder de vista a diversidade e a preservação da vida no planeta, construindo um texto contextualizado e personalizado de leitura de fenômenos (PAULA, 2008).

³ Ao ocupar a extensão de uma área derivada das Ciências Sociais, a Memória Social emerge como resultado de um complexo atravessamento de diferentes discursos e disciplinas, tornando-se um campo transdisciplinar.

conhecimento e ampliar os espaços de intercâmbio e experiências de aprendizagem com a comunicação.

Do ponto de vista da comunicação, aqui focado especificamente no Jornalismo (enquanto prática social), nos seus gêneros, procedimentos e práticas, que permitem a visualidade e a materialidade dos registros dos acontecimentos sociais (por meio de gravações, armazenamento e recuperação – também comuns ao trabalho de memória), houve um distanciamento entre jornalismo e memória quando o jornalismo passou a integrar os valores da objetividade, imparcialidade, equilíbrio e razão, opostos à ideia vigente de memória (individual). Esse distanciamento continuou a ser sustentado pelos estudiosos do próprio Jornalismo mesmo os valores citados tendo sido contestados na contemporaneidade, o que fez com que a maioria dos profissionais dessa área tenha desconhecido ou ignorado essa relação. Mesmo quando ocorre a prática de um segmento especializado como o Jornalismo Comunitário, existem dificuldades com relação ao entendimento de que Memória Social e Jornalismo estão intimamente ligados e os próprios jornalistas não reconhecem seu papel nesse processo.

Assim, a partir dos resultados encontrados, é importante construir novos conhecimentos, capazes de fazer face aos questionamentos que a realidade constatada apontou, e que não podiam ser respondidos por meio dos autores clássicos do próprio campo de jornalismo e da memória social. É relevante que outros pesquisadores, especificamente os da área da comunicação, possam entender o processo de comunicação comunitária e sua relação com as identidades sociais dos indivíduos de diferentes comunidades e a manutenção de suas memórias, vindo aperfeiçoar a sua prática, tendo em vista as contribuições para as comunidades envolvidas.

Do ponto de vista pessoal, por me permitir conhecer mais profundamente uma prática acadêmica que considero relevante na área da comunicação, seja pela aproximação efetiva das necessidades de uma comunidade, pela contribuição à resolução de suas problemáticas, seja por contar acontecimentos ou eventos e registrar os fatos importantes para as pessoas que vivem naquele local.

Meu primeiro contato com a Colônia de Pescadores Z3 se deu quando era ainda criança, e as imagens dos pescadores com suas mãos calejadas e sua pele bronzeada, dos galpões onde sentavam para consertar suas redes e contar seus casos sempre despertaram minha imaginação e curiosidade. Parecia um lugar

repleto de pequenos tesouros a serem descobertos, pelo menos aos olhos de uma criança. Esse foi um fator de grande influência para que, mais tarde, meu fascínio pela prática de uma comunicação menos massiva e mais voltada para os interesses de uma comunidade fosse despertado.

Ao ingressar no curso de Jornalismo, em 2003, pude redescobrir a Colônia de Pescadores Z3 através do jornal comunitário “O Pescador”, já mais velha e com um olhar mais crítico, mas não menos apaixonado. O jornal teve o início de suas atividades em 2000, três anos antes de meu primeiro contato com ele, e já era conhecido e aceito pela comunidade. Por seu caráter comunitário, ou seja, criado a partir da comunidade e para ela, o relacionamento entre jornalistas e moradores se dava de forma diferente do que acontece em outros veículos de comunicação. Éramos recebidos dentro da casa das pessoas e muitas relações de amizade se formaram nesse processo. Muitas vezes íamos com uma pauta pronta, mas a conversa com as pessoas da comunidade nos levava por outro caminho, afinal, a demanda tinha que partir deles.

Trabalhei no jornal até o final de 2006 e muitos foram os problemas enfrentados por ele, muitas vezes por falta de verba para a impressão, bem como por falta de comprometimento dos alunos que integravam a equipe de redação e diagramação.

Trabalhar com o jornalismo comunitário, de forma tão próxima, me fez querer pesquisar o impacto que ele tem sobre a comunidade a qual é destinado e sobre os jornalistas que o produzem, o que me levou primeiramente ao mestrado, em que o objetivo principal do trabalho de pesquisa foi mostrar como o conteúdo do jornal “O Pescador” constitui parte das Representações Sociais, Identidades e Memória da comunidade da Colônia Z3, pelo relato escrito e as imagens escolhidas para ilustrá-las, e demonstrar como “O Pescador” articula as representações sociais, identidades e memória na comunidade da Colônia Z3.

O trabalho de pesquisa realizado durante o mestrado enriqueceu minha trajetória ao conseguir, num mesmo trabalho, unir conhecimentos importantes para mim: o jornalismo, por meio do jornal, com sua função de relatar os fatos e partilhar os acontecimentos da vida na sociedade e nas comunidades e a perspectiva de somar conhecimentos, entendendo sua complexa relação com a formação das identidades das pessoas, povoando seu pensamento e interagindo com suas representações sociais, fazendo parte de sua história, de sua memória.

Mesmo com todo o trabalho de pesquisa realizado, eu ainda precisava aprofundar o conhecimento adquirido. Precisava ouvir da comunidade e dos jornalistas como eles enxergam essa relação entre memória e jornalismo, presente no jornal “O Pescador”, e sobre o protagonismo de cada um desses agentes no processo de continuidade e propagação da memória da comunidade.

Precisava de respostas, e para obtê-las, iniciei uma nova pesquisa. Pesquisar, de forma bem simples, significa procurar respostas para as indagações propostas, e é isso que este trabalho propõe. Sendo assim, buscou-se explicar, por meio desta, se Memória, Identidade e Jornalismo se permeiam e tem suporte no jornal enquanto documento, e se isso afeta (e como) a memória da comunidade e dos jornalistas.

Pensando essa questão, coube questionar se: dentro do jornalismo comunitário, os jornalistas têm relação direta com as narrativas de memória na produção do jornal? A hipótese desta pesquisa estabelece que há uma relação direta entre a memória, identidade social e a produção jornalística, especialmente na Colônia de Pescadores Z-3, pelo fato de o jornal “O Pescador” constituir-se como um documento, um instrumento narrativo em que as histórias da comunidade estão representadas.

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho foi explicar como se dá a relação entre memória, identidade e jornalismo, e como isso afeta – se relaciona - à continuidade da memória da comunidade e dos jornalistas.

O problema de pesquisa proposto buscou responder ao questionamento: O jornal comunitário “O Pescador” é compreendido, junto à comunidade da Colônia Z-3 e aos jornalistas que o produziram, estando relacionado à continuidade de memórias e identidades sociais? Os jornalistas que o produziram entendem (ou não) que o resultado de seu trabalho está relacionado ao fenômeno de permanência dessas memórias?

Decorrentes dessa problemática e dos objetivos foram selecionados os personagens envolvidos: pessoas da comunidade – pelo tempo em que dela fazem parte, por se ligarem tanto às famílias fundadoras quanto à atividade da pesca, pessoas que estão ligadas à educação, às organizações presentes na comunidade, como sindicatos e cooperativa de pescadores, e moradores em geral. Também os jornalistas que fizeram parte do processo de criação e desenvolvimento do jornal e que se relacionaram de forma intensa e próxima à comunidade e que, por meio de

seu trabalho jornalístico, ajudaram a escrever sobre as questões relevantes como a história da comunidade e de seus membros, sua cultura, problemas enfrentados e, da mesma forma, sobre suas alegrias. Por isso a relevância desses personagens como campo de pesquisa: quer se saber se os entrevistados encontram a memória de sua comunidade e grupo nas páginas dos jornais e como isso ocorre.

Qualquer pesquisa demanda que o caminho teórico-metodológico percorrido pelo pesquisador para alcançar os objetivos que orientaram a sua investigação seja detalhado. Isso porque a escolha do método a ser utilizado em um trabalho científico está intrinsecamente ligada à natureza do problema a ser investigado e à postura teórico-metodológica do pesquisador.

Para atender às proposições feitas, estruturou-se um plano organizacional que definiu as etapas e fases de produção desta tese, envolvendo: a definição prévia do objeto de investigação; a construção e revisão de marco teórico-documental adequado ao objeto da investigação que definiu a base bibliográfico-literária para consulta: livros, monografias, dissertações, teses, artigos científicos, textos de periódicos e *websites*, por meio dos quais fosse possível constatar a compreensão de autores sobre as categorias analisadas; e a pesquisa empírica, com observação direta do fenômeno investigado, com aplicação de um protocolo informal de observação com roteiro aberto, que permitiu a complementação do entendimento teórico das categorias de análise e os resultados coletados, os quais colaboraram com a elucidação dos questionamentos e atendimento dos objetivos da tese.

Problema de Pesquisa

O jornal comunitário “O Pescador” está relacionado à continuidade das memórias e identidades sociais junto à comunidade de pescadores da Colônia Z3 e aos jornalistas que o produziram? Isso é percebido pela comunidade e pelos jornalistas? Como?

Figura 1- Desenho da Tese



Personagens Envolvidos

Pessoas da comunidade

Jornalistas que produziram o jornal comunitário O Pescador

Conexões:

Jornalismo - Memória
Identidade Social

Método de pesquisa/técnicas/instrumentos, referencial teórico, observação, entrevistas, análise dos resultados.

Fonte: Elaborada pela autora (2017).

Do ponto de vista estrutural, esta tese se divide nos capítulos a seguir descritos. A Introdução contém tema, problema, hipótese, objetivos, situa o objeto de estudo e apresenta o desenho metodológico. O capítulo seguinte, “Uma comunidade, sua identidade e sua memória”, faz uma abordagem da Colônia de

Pescadores Z-3, sua origem e sua história. Nele, são analisadas as identidades sociais dos seus membros, bem como aspectos da Memória Social e a sua construção. Explicita sua localização e seus aspectos constitucionais, com o objetivo de situar o leitor frente à realidade em que o estudo ocorre. No terceiro capítulo, “O Jornalismo no processo de continuação da memória”, é feita uma reflexão sobre o processo de produção do Jornalismo, em que os autores consultados abordam o processo em que se desenvolve o Jornalismo Tradicional, os veículos de comunicação de massa e, em contraponto, como um de seus segmentos especializados – o Jornalismo Comunitário – busca atender às necessidades e anseios da comunidade, que vai dar origem ao objeto de estudo. Apresenta o jornal “O Pescador” e, logo, trabalha as questões complexas referentes à interação entre o Jornalismo e a memória.

Por fim, no capítulo “A memória na Colônia de Pescadores Z-3”, desenvolve-se o Estudo de Caso e a Análise de Conteúdo como metodologia de análise do trabalho – a partir do jornal como documento e do discurso dos entrevistados, explicitando quem conta a história da comunidade, por meio das narrativas presentes nas páginas do “O Pescador” e das entrevistas com as pessoas da comunidade e com os jornalistas envolvidos com jornal, de forma a entender se há e como se dá a produção e documentação de memórias. Feitas as análises, foram, por fim, apresentadas as conclusões da tese.

Uma vez que memória pode ser trabalhada pelo viés de diversas áreas do conhecimento, como história, psicologia, antropologia, neurociência, medicina etc. (NUNES, 2001), buscamos um olhar multidisciplinar para que a relação pretendida entre jornalismo e memória pudesse ser consolidada, uma vez que essa relação não é clara nem no seu produto, e tampouco na prática profissional, e para os próprios profissionais do jornalismo no Brasil, embora já venha sendo discutida em outros países.

É importante salientar que devido à imbricação das diferentes áreas, a saber, a memória e o jornalismo – com atenção especial ao jornalismo comunitário, não existem autores que sejam uma referência única que norteie o trabalho. Ele é multidisciplinar e, por isso, necessita de diferentes autores e correntes teóricas para dar conta do objeto, e embora existam diferentes concepções e abordagens teóricas para cada um desses campos, existem áreas de convergência que nos possibilitaram seguir o caminho escolhido.

Dessa forma, a pesquisa é entendida como um processo de produção de conhecimentos, seja para a compreensão de uma dada realidade ou de alguns de seus aspectos ainda desconhecidos, mas que auxiliem na interpretação da realidade vivida, pois é a pesquisa que atualiza o conhecimento em função da realidade do mundo. “Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (MINAYO, 2016, p. 17).

Isto porque a pesquisa é a interpretação do que vivemos, é “a prática social do conhecimento” (SANTOS, 1989, p. 51). Santos (2010) afirma que todo conhecimento é em si uma prática social que visa dar sentido a outras práticas sociais e que uma sociedade complexa é “uma configuração de conhecimentos, que se constitui por várias formas de conhecimento adequadas às várias práticas sociais”. Ou seja, o conhecimento é um mecanismo para a compreensão e transformação do mundo, que é construído pela cultura, pelos sujeitos humanos, na relação entre si e com o ambiente em que vivem.

Luckesi (1985) concorda com esse pensamento de que pensar o mundo e suas coisas é o movimento humano de dar significado a tudo, de compreender, de aprofundar as relações com o mundo e com as coisas: “temos como pressupostos básicos que o conhecimento só nasce da prática com o mundo, enfrentando os seus desafios e resistências e que o conhecimento só tem seu sentido pleno na relação com a realidade” (LUCKESI, 1985, p. 49). Em consonância com esse pensamento, Tozoni-Reis (2009) afirma que a elaboração do conhecimento é um processo social e histórico.

Pensemos, ainda, que o processo de elaboração de conhecimento sobre o mundo não é um processo individual. Os significados produzidos para sua compreensão foram e são produzidos durante toda história da humanidade pelo conjunto dos sujeitos sociais. Isso significa que o conhecimento é histórico e social. Histórico, porque cada conhecimento novo é um aprofundamento de conhecimentos anteriores e sociais, porque nenhum sujeito constrói, a partir de nada, um novo conhecimento: todo conhecimento se apoia em conhecimentos anteriores, produzidos por outros sujeitos, portanto, ele é social e coletivamente produzido (TOZONI-REIS, 2009. p. 9).

Assim, neste trabalho, entendendo que o conhecimento é a compreensão teórica do mundo, que o pensamento é elaborado em busca de significado num processo que não é individual, e que há um consenso teórico de autores bastante

conhecidos⁴ sobre a superação de paradigmas na ciência moderna, que existe um ponto de partida para a construção de uma nova forma de pensar o mundo e a vida e de uma alternativa para a construção do conhecimento, onde ocorre transição paradigmática (SANTOS, 1989, 2010; TOZONI-REIS, 2009) é possível pensar a possibilidade da existência horizontalizante de relações entre saberes, culturas e usos do conhecimento entre as diversas áreas já citadas.

⁴ Berman (1986); Kuhn (1987); Capra (1993); Prigogine e Stengers (1997), Santos (1989, 1995, 1997 Morin (s/d) entre outros, (apud TOZONI-REIS, 2009, p. 11)).

2 Uma comunidade, sua identidade e a sua memória

Para falar sobre comunidade e memória, em primeiro lugar é necessário explicitar o que se entende por cada um dos conceitos. Cecília Peruzzo, reconhecida por suas contribuições ao Pensamento Comunicacional Latino-Americano (PCLA), caracteriza-se pela preocupação com o tema comunidade e é uma das principais pesquisadoras da área no Brasil.⁵ Assim, foram analisados, de forma breve, diferentes aspectos dos conceitos de comunidade, partindo de algumas abordagens clássicas⁶ e identificando algumas reelaborações⁷, visando explicitar as noções básicas que os caracterizam, ressaltando as diferenças e proximidades que eles contêm, especialmente na obra de Peruzzo e Volpato (2009).

Na sociedade pós-moderna, para compreender o significado de comunidade, é necessário entender que ele vai além do espaço territorial – bairro ou cidade – no qual um grupo de pessoas está inserido, e a comunidade não pode ser confundida com segmentos éticos, religiosos, de gêneros ou acadêmicos. “Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados urbanos” (PERUZZO, 2005 p. 6).

No entanto, comunidade é um conceito das Ciências Sociais que permanece controverso no decorrer do tempo, não importando as muitas teorias e nem as grandes mudanças sociais que vêm transformando o mundo. Não há um consenso quanto à sua definição. Comunidade é um termo que, nos últimos tempos, tem sido utilizado de muitas formas, tornando-se complexo e tendo sofrido reelaborações, o que tem causado dificuldades no entendimento de seu conceito e que, muitas vezes, tem distorcido seu significado. Peruzzo e Volpato (2009, p. 140) afirmam que:

Qualquer agrupamento tem sido chamado de comunidade, sejam bairros, vilas, cidades, segmentos religiosos, segmentos sociais, etc. Além disso, as transformações sociais resultantes das novas tecnologias da comunicação e

⁵ Cecília Peruzzo é doutora em Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. Autora do livro *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*, 3.ed. Editora Vozes, 2004, e de artigos publicados em revistas nacionais e estrangeiras e há muito tempo trabalha com a questão das comunidades dentro da área da Comunicação Social.

⁶ Ferdinand Tönnies (1973, 1995), Max Weber (1987, 1991), Fernandes (1973), Robert A. Nisbet (1967), Outhwaite, & Bottomore (1996), Martin Buber (1987), Talcott Parsons (1969).

⁷ Bauman (2003), Gianni Vattimo (2007^a; 2007^b), Roberto Espósito (2007), Davide Tarizzo (2007), Manuel Castells (1999), Marcos Palácios (2001), Raquel Recuero (2003), Cecilia Peruzzo (2002) e Raquel Paiva (2003), entre outros (PERUZZO; VOLPATO, 2009, p. 140).

da Comunicação Mediada por Computadores (CMC) têm contribuído ainda mais para estes desvios conceituais (PERUZO, VOLPATO 2009, p. 140).

Contraditoriamente, no mundo contemporâneo, com toda a tecnologia e desenvolvimento, apesar do fascínio pela informação que a globalização gerou e pela aparente homogeneização de valores, ressurgiu a tendência à valorização do próximo, da comunidade, do familiar, em que “o interesse pelas raízes insere-se nesta complexidade a ponto de fazer-nos ver o mundo por meio das relações e articulações entre global e local”.

Comunidades são significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos aos grupos aos quais pertencem, buscando coerência e sentidos de pertencimento e de continuidade no tempo e no espaço para enfrentar as turbulências das dinâmicas de transformações das estruturas sociais (BAUMAN, 2003).

Nesse processo social, existem pesquisadores,

[...] para quem a revitalização do local é uma reação defensiva ao atual contexto social da globalização, da formação das redes e da flexibilidade de tempo e espaço: quando o mundo se torna grande demais para ser controlado, os atores sociais passam a ter como objetivo fazê-lo retornar ao tamanho compatível com o que podem conceber. Quando as redes dissolvem o tempo e o espaço, as pessoas se agarram a espaços físicos, recorrendo à sua memória histórica (CASTELLS, 1999, p. 85).

O local, a comunidade, a família, por nos serem próximos, tendem a representar segurança e proteção em um mundo aparentemente instável, de proporções globais, etc. Uma vez estruturados com base em harmonia e solidariedade, seriam espaços de abrigo e amparo em meio às turbulências da vida urbana (PERUZO; VOLPATO, 2009, p. 2).

Tendo em vista essa complexidade que mostram os autores, é necessário para o bom desenvolvimento desta tese, visitar alguns dos conceitos clássicos de comunidade, de modo a fornecer embasamento teórico conceitual para compreensão do objeto de estudo. Buscando compreender aspectos fundamentais e essenciais do conceito, são retomadas algumas das contribuições dos pensadores clássicos como Nisbet (1967), Tönnies (1973), Weber (1987, 1991), Fernandes (1973; 1981), entre outros. No entendimento da grande maioria, muitas características são comuns aos conceitos.

Comunidade é uma fusão de sentimentos e pensamentos, de tradição e compromisso, de adesão e volição. Pode ser encontrado em, ou expressar simbolicamente, localidade, religião, nação, raça, idade, ocupação ou cruzada. Seu arquétipo, tanto historicamente e simbolicamente, é a família, e

em quase todo tipo de verdadeira comunidade a nomenclatura da família é importante. Fundamentais para a força do vínculo da comunidade é a antítese verdadeira ou imaginada formada no mesmo tecido social, pelas relações não-comunais de concorrência ou conflito, utilidade ou aceitação contratual. Estes, por sua relativa impessoalidade e anonimato, destacam os laços pessoais estreitos da comunidade (NISBET, 1967, p. 48).

Fernandes (1973) reflete sobre a perspectiva proposta por Weber sobre a comunidade ser: “uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”, ou seja, “a comunidade é um conceito amplo que abrange situações heterogêneas, mas que, ao mesmo tempo, apoia-se em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais” (FERNANDES, 1973, p. 140-143). O autor percebe a comunidade como o resultado de ligações emocionais e tradicionais dos participantes, onde se encontra o afeto, a solidariedade, o compartilhamento de tradições como fatores determinantes de comunidade.

Miranda (1995), ao expor o pensamento de Tönnies⁸, coloca que a comunidade se desenvolve a partir de três instâncias: o parentesco, a vizinhança, e a amizade. O parentesco emerge da vida familiar, aos laços de sangue e à vida comum em uma mesma casa, cujo fundamento está na autoridade dos membros da família que se traduz pela idade, força e sabedoria. A vizinhança surge da vida em comum, entre pessoas próximas, da qual nasce um sentimento mútuo de confiança, de favores etc, e do território partilhado, em que as necessidades de organização e trabalho comuns promovem o compartilhamento dos conhecimentos, hábitos e tradições. A amizade nasce em função das atividades, de interesses semelhantes e formas de pensar, das preferências entre profissionais de uma mesma área ou daqueles que partilham da mesma fé, trabalham pela mesma causa e reconhecem-se entre si, e deve ser alimentada por encontros frequentes. Também se pode falar, de acordo com o autor, em comunidade de sangue, de lugar e de espírito, notando que mesmo ao nomeá-las como diferentes comunidades, elas são encontradas em

⁸ Junto com Max Weber e Georg Simmel, Ferdinand Tönnies forma a tríade dos grandes mestres da sociologia alemã na virada do século 19 para o 20. Embora um clássico reconhecido, Tönnies nunca foi publicado em português, por isso, alguns sociólogos brasileiros leram sua obra a partir da tradução americana de Charles Loomis. Miranda (1995), em sua obra “Para ler Ferdinand Tönnies”, apresenta excertos de “Comunidade e Sociedade” numa tradução do original alemão, constituindo-se num dos poucos autores por meio dos quais se tem acesso ao pensamento de Tönnies em português.

conjunto e ligadas fortemente, ou seja, a base da vida comunitária ocorre pela comunhão de pensamento e de ideais.

A comunidade de sangue acha-se regularmente ligada às relações e participações comuns, quer dizer, à possessão comum dos próprios seres humanos. Na comunidade de lugar, as relações vinculam-se ao solo e à terra; e, na comunidade de espírito, os elos comuns com os lugares sagrados e com as divindades honradas. As três espécies de comunidades estão estreitamente ligadas entre si no espaço e no tempo, e, em consequência, em cada um de seus fenômenos particulares e seu desenvolvimento, como na cultura humana geral e sua história (TÖNNIES, In: MIRANDA, 1995, p. 239).

Assim, sempre que um grupo estiver ligado por uma vontade comum, pela compreensão, pela língua e pela concordância: “aonde quer que os seres humanos estejam ligados de forma orgânica pela vontade e se afirmem reciprocamente, encontra-se alguma espécie de comunidade” (TÖNNIES, In: MIRANDA, 1995, p. 239). Portanto, segundo o autor, a vida em comunidade baseia-se em relações sociais, a comunidade é um grupo social demarcado espacialmente, apresenta elevado grau de interação afetiva e de coesão, onde as normas ocorrem por meio de costumes, hábitos e tradições, e onde as formas de relacionamento são predominantemente pessoais, os valores são compartilhados e há um grau muito maior de intimidade.

A partir das relações sociais estabelecidas, que permitem que o indivíduo se reconheça a partir de um grupo social, quando tem “o outro” como referência, quando adquire autoconhecimento de si mesmo, dos papéis e experiências vivenciadas é que ele desenvolve sua identidade (MYERS, 2000). Lane (2006, p. 22) enfatiza que: “apenas quando formos capazes de [...] encontrar razões históricas da nossa sociedade e do nosso grupo social que explicam por que agimos hoje da forma como o fazemos é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos.” Tal afirmação permite a percepção de que a construção da identidade se dá por meio das vivências e das relações sociais.

Palácios (In: RUBIM, 2001), ao refletir sobre as formas de organização social na sociedade contemporânea, defende que alguns elementos fundamentais caracterizam uma comunidade na atualidade:

a) sentimento de pertencimento; b) sentimento de comunidade; c) permanência (em contraposição à efemeridade); d) territorialidade (real ou simbólica); e) forma própria de comunicação entre seus membros, através de veículos específicos (PALÁCIOS, In: RUBIM, 2001, p. 89).

As características da comunidade, embora tenham assumido novas feições, linguagens e interpretações ao longo do tempo, também na perspectiva de Peruzzo, são marcadas pelo “[...] sentimento de pertença; participação; interação; objetivos comuns; interesses coletivos acima dos individuais; identidades; cooperação; confiança; cultura comum etc” (PERUZZO, 2005, p. 7). Esses elementos podem aparecer com maior ou menor intensidade numa determinada comunidade e em outra não, de acordo com as particularidades de cada uma delas.

A partir dos autores, pode-se inferir que, seja no uso cotidiano, seja entre os teóricos sociais, o conceito de comunidade evoca algo positivo, lugar de pertencimento, comunhão, identidade e representação social. Isso porque as formas de produção e circulação de suas manifestações de tradição e cultura são compartilhadas, ancoradas nas lembranças que se alojam na memória individual e coletiva.

A memória pode ser compreendida a partir de diferentes aspectos teóricos. Ela pode ser concebida a partir de seu caráter sociocultural⁹, em cujo contexto recordação e memorização são reconhecidas como processos construídos culturalmente e que fazem parte da dinâmica da vida social. Entende-se a memória como um processo que emerge da coletividade, nas suas interações, e que é constituído na cultura.

Pollak (1992) aborda a Memória Social como um fenômeno coletivo e social, cuja construção ocorre coletivamente e está em constante transformação, é constituída por acontecidos vividos pelo grupo social e transmite a cultura herdada pelo grupo (parte das lembranças pode ser herdada dos acontecimentos relacionados aos seus antepassados) e é constituída por acontecimentos vividos socialmente, onde três elementos lhe servem de apoio: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares, elementos que são responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas.

Para lembrar seu passado, um indivíduo tem de remeter-se à lembrança de outros, pontos de referência fixados pela sociedade – a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, pois é sempre dependente das interações e dos grupos sociais e é caracterizada por intenso componente afetivo oriundo dessas

⁹ Campos da Sociologia e da Psicologia Social.

interações e das experiências entre os membros da comunidade, tornando-se importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Por isso, a construção de laços sociais permanentes, mantidos com relativa firmeza entre os indivíduos, está diretamente ligada à coesão garantida pelos quadros sociais (sistema de valores que unifica determinados grupos: familiares, religiosos, de classe, etc) da memória (HALBWACH, 1990).

É a imersão em condições específicas de seu espaço e tempo que a representação social se origina em um sujeito, seja ele individual ou coletivo. As representações sociais atuam como “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 2002, p. 22). A autora propõe, ainda, a existência de três fatores que devem ser levados em conta para a produção de representações: a cultura, a comunicação e a inserção nos níveis socioeconômico, institucional, educacional e ideológico: “As produções simbólicas cotidianas expressam e articulam diferentes formas de saberes, os quais ajudam na construção das identidades, das práticas culturais e das tradições, que, por sua vez, conformam modos de vida” (MOSCOVICI, 2003, p. 37).

Moscovici ressalta, na afirmativa acima, a importância de levar em conta, ao estudar as identidades e representações sociais, que está sendo estudado o homem/sociedade pensante, e que enquanto ser social presente em sociedades modernas, dinâmicas e fluidas, está modelado pela linguagem da sociedade a que pertence, pois é precedido por um universo cognitivo e simbólico.

2.1 Colônia de Pescadores Z-3: sua origem e sua história

Começo esta seção com uma citação do livro História de Pescador:

No sul do Brasil, à margem da lagoa dos patos, existe uma pequena comunidade de pescadores, conhecida como Colônia Z3. A pesca artesanal é a base da sustentação econômica de grande parte dos seus seis mil habitantes. Todos os anos as safras da corvina, da tainha e do camarão alimentam o corpo e os sonhos dessas pessoas. Sonhos como construir uma casa, comprar um barco e redes novas ou possibilitar que os filhos continuem estudando (STOLZ; NOGUEIRA; CURIA, 2003, p. 15).

Esse parágrafo sintetiza, para mim, aquilo que é a Colônia de Pescadores Z3, uma comunidade localizada à beira da maior lagoa de água doce do mundo, dentro

do município de Pelotas. Mas ela não é só isso, é um conjunto de histórias e memórias de pessoas que lutam todos os dias e ainda têm na pesca artesanal, a base da sua sustentação econômica.

Segundo o Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), estima-se que existem, hoje, no Brasil, quase um milhão de pescadores artesanais¹⁰. De acordo com o Sindicato dos Pescadores da Colônia de Pescadores Z-3, existem atualmente 700 pescadores artesanais profissionais¹¹ atuando na comunidade.

Apesar da importância que a atividade tem dentro da nossa sociedade, a pesca artesanal não havia sido regulamentada juridicamente até 2003. A regulamentação jurídica do setor pesqueiro, válida até 2003, era o Código de Pesca, criado em 1967, ainda dentro do Regime Militar. Esse documento trazia definições genéricas quanto à figura do pescador. A pesca artesanal não era definida e, sim, simplesmente referenciada como um ramo da pesca profissional.

Objetivando o reconhecimento legal da pesca artesanal, a lei 11.959/2009 regulamentou um conceito operacional e jurídico para essa atividade. A pesca artesanal foi incluída na atual lei de pesca (2009) como uma modalidade de pesca comercial, a ser “praticada por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar”¹². Ou seja, o pescador profissional é a pessoa física, brasileira ou estrangeira, que tem moradia no Brasil e que possui licenciamento do órgão público pertinente para a execução da atividade pesqueira, que no referido caso, são as Colônias de Pescadores. Desde 2003, todos os registros de pesca foram centralizados pela Secretaria Especial da Pesca e Aquicultura – SEAP, elevada à categoria de Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), em 2009.

Voltando-nos para a Colônia de pescadores Z3, o Censo Demográfico, realizado pelo IBGE em 2010¹³, nos diz que há na localidade 6.166 pessoas residentes, com idade média de 50 anos e uma renda mensal de 1.5 salários.

¹⁰ A pesca artesanal é atividade produtiva caracterizada pelo trabalho pouco mecanizado. Emprega, como meio de realização, motores de pouca potência em pequenas embarcações (quando não apenas movidas por remos e velas), contando, no mais, com a força e o empenho do corpo humano.

¹¹ A estimativa é do sindicato dos pescadores da Colônia Z3, disponível em: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/a-cada-dez-pescadores-da-colonia-z3-em-pelotas-tres-estao-endividados-112995.html>>, divulgada em 20/08/2014, às 11h59.

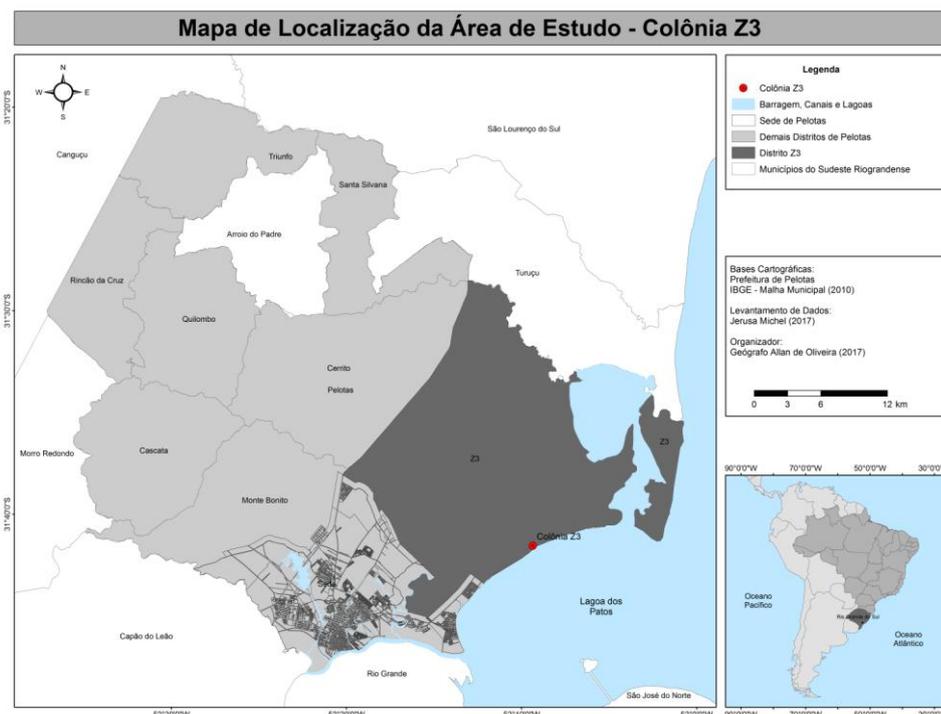
¹² Conforme o que se depreende do artigo 19 da Lei n. 11.959, de 2009.

¹³ <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>.

Mesmo tendo a pesca como atividade principal, muitos pescadores acabam por exercer outras atividades como agricultura, serviços de carpintaria, confecção e comércio de materiais de pesca, além de participarem de organizações como a Cooperativa Lagoa Viva, Sindicato dos Pescadores, Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e MPPA (Movimento dos Pescadores Profissionais Artesanais).

A Colônia de Pescadores Z-3, relacionada ao nosso objeto de estudo, foi fundada em 29 de junho de 1921, e como já foi dito anteriormente, está localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, às margens da Lagoa dos Patos. A comunidade também é conhecida como Colônia de São Pedro ou Arroio Sujo. Começou com umas poucas famílias de pescadores que viviam em casas de madeira e palha, oriundas de diversas regiões, todas do Rio Grande do Sul, como Rio Grande, Piratini, Tapes e Viamão, mas com seu progresso a partir da década de 50, logo se estabeleceram outras famílias oriundas do Estado de Santa Catarina, de cidades como Laguna, Itajaí, Florianópolis, entre outras. A partir da década de 1960, começaram a vir famílias oriundas de uma ilha conhecida como “Ilha da Feitoria”.

Figura 2- Mapa de localização da Z3



Fonte: Geógrafo Dr. Allan de Oliveira - Laboratório de Geotecnologias Aplicadas à Geografia – LABGeotec - Departamento de Geografia/ICH - Universidade Federal de Pelotas

Sobre as práticas sociais da Colônia Z-3, Figueira (2009) relata que essas sempre se organizaram e se articularam com base na pesca, atividade econômica partilhada sobre as águas da Lagoa dos Patos, e explica que a comunidade definiu nas margens da Lagoa suas outras atividades de trabalho, tais como: peixarias, galpões, ancoradouros, comércio tradicional artesanal de pescados e frutos do mar. Segundo o autor:

[...] a atividade pesqueira na Colônia Z-3 é desenvolvida como uma atividade de subsistência caracterizada pela coletividade familiar a partir da formação de uma espécie de microempresa chamada pelos pescadores de “parelha”, composta por membros da mesma família e por outras pessoas que possuam certo relacionamento com esta família (FIGUEIRA, 2009, p. 42).

Entretanto, atividade pesqueira vem sendo desenvolvida pelo homem ao longo de sua história e é tão antiga quanto o próprio homem é capaz de lembrar. Seja como forma de garantir a sobrevivência através da alimentação, como mercadoria de troca ou como fonte de emprego e renda, a pesca faz parte da vida dos homens direta ou indiretamente.

No início do século XX, a Marinha de Guerra passa a trabalhar no intuito de institucionalizar o trabalho dos pescadores artesanais, criando, então, as colônias de pescadores. Dois grandes fatores contribuíram para que o Estado passasse a investir na criação das colônias pesqueiras: a importação de peixe, apesar do vasto litoral brasileiro e uma diversidade de águas interiores, e a defesa da costa brasileira após a Primeira Guerra Mundial (1914-1917). Em função desse interesse na defesa nacional, o discurso instituído para a criação das colônias pesqueiras foi o de que ninguém entendia melhor os segredos de rios e mares do que os pescadores. Eles possuíam mapas mentais sobre a geografia dos lugares, conheciam rios, canais, atalhos, lugares rasos e lugares fundos e todo esse conhecimento era de interesse do Estado. O lema adotado pela Marinha para a fundação das colônias foi: “Pátria e Dever”. De acordo com Moraes:

Em 1920 foi criada a Confederação dos Pescadores do Brasil. Até então, as relações instituídas entre pescadores e Estado se caracterizavam pelo paternalismo e pelo assistencialismo. No processo de “conquista” da confiança dos pescadores, o Estado prestou serviços gratuitos em embarcações, doou redes, ofereceu serviços de saúde, além de ter criado algumas escolas para os filhos dos pescadores, denominadas de Escoteiros do Mar, com finalidade de militarização e treinamento para os jovens, além do cultivo ao civismo (MORAES, 2001, s./p.).

Em 1º de janeiro de 1923, a Marinha cria o primeiro estatuto das colônias de pescadores definindo-as como “agrupamento de pescadores ou agregados associativos”, esse estatuto obrigava os pescadores que queriam trabalhar a se matricularem nas colônias, permitindo ao estado um maior controle sobre a atividade.

No início dos anos 30, mais precisamente em 1934, durante a era Vargas, o governo tenta dinamizar o setor pesqueiro artesanal instituindo a Divisão de Caça e Pesca Através do Decreto nº 23.134/33, que teria como função gerenciar a pesca em águas brasileiras (BRASIL, 2005), os pescadores saem da tutela do Ministério da Marinha e passam a estar subordinados ao Ministério da Agricultura.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os pescadores artesanais passam novamente para a tutela da Marinha, através do Decreto-Lei nº 4.890 de outubro de 1942. Posteriormente, na década de 1960, o Governo Militar institui o novo Código de Pesca por meio do Decreto nº 221 de 28 de fevereiro de 1967, retornando a atividade pesqueira para a tutela do Ministério da Agricultura que, por sua vez, instituiu um estatuto único para todas as colônias pesqueiras brasileiras através da Portaria nº 471 de 26 de dezembro de 1973.

Em 1985, a Confederação Nacional dos Pescadores faz um chamamento a todas as Federações Estaduais para que realizassem assembleias a fim de eleger delegados com o objetivo de compor um grupo que veio a chamar-se “Movimento Constituinte da Pesca”.

Este movimento teve como finalidade discutir, elaborar e apresentar propostas aos deputados e senadores constituintes, reivindicando a inclusão das propostas dos pescadores artesanais na nova Constituição. Na capital federal, os pescadores artesanais somavam com outras categorias de trabalhadores urbanos e rurais, entre eles, agricultores, professores e outros, que também reivindicavam seus direitos sociais e políticos (MORAES, 2001, s./p.).

Com a promulgação da nova Constituição, em cinco de outubro de 1988, os pescadores artesanais conquistaram alguns avanços. As colônias tiveram seus direitos sociais elevados ao mesmo nível dos sindicatos de trabalhadores rurais, abriu-se a possibilidade de as colônias elaborarem os seus próprios estatutos, levando em conta a realidade de seus municípios. Sobre as mudanças na nova

Constituição que beneficiam os pescadores artesanais e as colônias de pescadores, Moraes nos diz que:

O artigo 8º da referida Constituição trata exclusivamente de questões comuns a colônias e aos sindicatos de trabalhadores rurais. Destacamos o inciso I do referido artigo: “a lei não poderá exigir autorização do Estado para a fundação de sindicato, ressalvado o registro no órgão competente, vedadas ao Poder Público a interferência e a intervenção na organização sindical”. Ao nível estrutural, a Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989, extinguiu a SUDEPE e criou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, vinculado ao Ministério do Interior. Este novo órgão passa a ter a responsabilidade de gerenciar e promover o desenvolvimento do setor pesqueiro do país. Através da Lei nº 8.746, de 09 de dezembro de 1993, é criado o Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, que passa a incorporar as representações de pescadores artesanais. Por fim, no ano de 1998, o Ministério da Agricultura volta a incorporar os pescadores artesanais dentro de sua estrutura (MORAES, 2015, s./p.).

Em 1º de janeiro de 2003, o Governo Federal editou a Medida Provisória nº 103 (hoje Lei nº 10.683), que criava a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, órgão ligado à Presidência da República que passaria a ser responsável por desenvolver políticas voltadas ao setor pesqueiro. Posteriormente, em 29 de junho de 2009, Dia do Pescador, foi criado o Ministério da Pesca e Aquicultura do Brasil, através da Lei nº 11.958. A criação do Ministério veio atender a um anseio histórico dos pescadores brasileiros.

Tão importante dentro da cadeia produtiva brasileira, a pesca artesanal é considerada uma das atividades econômicas mais tradicionais do Brasil. O Ministério da Pesca e Aquicultura estima que um em cada 200 brasileiros é pescador artesanal e o Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) estima que existem hoje, no Brasil, quase um milhão de pescadores artesanais. Atuando na proximidade da costa, dos lagos e dos rios, os pescadores artesanais são produtores autônomos que trabalham em regime de economia familiar ou individual, buscando alimento para as famílias ou para fins exclusivamente comerciais, muitas vezes tendo os dois objetivos como fim.

A pesca artesanal ainda é uma atividade baseada na simplicidade, na qual os próprios pescadores desenvolvem suas artes e seus instrumentos de trabalho. E dentro da atividade pesqueira, é importante lembrar que cada comunidade possui sua própria compreensão de mundo, originada a partir de suas próprias histórias, seus mitos, sua religiosidade, seus tabus, suas festas, onde o fenômeno da

identidade se estabelece no constante processo histórico das relações e interações sociais. Sobre a construção da identidade da pesca artesanal, Silva (2010) nos diz que ela é percebida a partir de experiências reais e significativas. Para o autor:

A identidade representa o sentimento de pertencimento: ela é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências e afetos concretos. As experiências cotidianas vão compondo um mosaico de imagens que se vinculam sempre a significados ampliados da identidade. Desse modo, "identidade" é um termo polissêmico, relacionado tanto ao indivíduo, no aspecto pessoal, como também às relações entre o indivíduo e a coletividade (SILVA, 2010, p. 57).

A identidade está relacionada à participação naquilo que é socialmente produzido, na construção da história do grupo social e sua influência no modo de ser, ver e pensar o mundo. Ao falar de identidade, não podemos deixar de falar sobre a memória, uma vez que, na visão de autores como o francês Proust (2003), a memória é a maior garantia de nossa identidade, mesmo quando nos referimos às memórias de dimensões coletivas. Ainda sobre a relação entre memória e identidade, Menezes (s./d.) nos apresenta o pensamento de Bosi de uma maneira bastante interessante ao afirmar que a autora:

apresenta uma nobre sensibilidade para com o resgate da memória e sua relevância para a narração de uma outra história, a História Oral. Uma história contada não mais a partir da ótica de "ilustres personalidades" (heróis, presidentes, reis, etc), mas, pelo povo, dito "comum". A autora ainda dialoga com Bergson ao confiar na Memória Social o fortalecimento da identidade cultural de um bairro ou uma comunidade, já que "o grupo é o suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado" (MENEZES, s./d., p. 3).

A partir do exposto, percebe-se claramente a importância do questionamento que norteia este trabalho, ao buscarmos a resposta para como se dá a continuidade da memória na Colônia de Pescadores Z-3 ligando-a ao fazer jornalístico, presente na comunidade em questão através do jornal comunitário O Pescador, ou seja, qual a relação entre memória, identidade e o jornalismo/jornal? Esse é um instrumento narrativo, documento/suporte de memória que permite sua continuidade para a comunidade e para os jornalistas?

Para entender melhor essa questão, é importante contextualizarmos o Jornalismo e sua relação com a mídia, esclarecendo que no processo de construção

das identidades sociais, no fluxo das interações, a mídia¹⁴, como um todo, ocupa um papel central. Nora (1988) coloca que a memória constitui uma dimensão primordial na constituição das identidades, envolvendo práticas narrativas e administração do real por meio das práticas discursivas, em função do que se compreende a mídia como um elemento importante desse processo.

O Jornalismo, no arcabouço da mídia, é uma atividade que produz diariamente registros utilizados como fonte de informação num sentido amplo e, especialmente, de marcação no sentido histórico. De acordo com Matheus (2010, p. 2-3):

As marcas do tempo são especialmente sensíveis nos jornais, localizando o leitor num “lugar” na duração. O consumo diário das narrativas jornalísticas fornece um forte parâmetro espaço-temporal. [...] A marcação do tempo foi se tornando função essencial dos jornais, a ponto de lhes ser dada credibilidade para datá-lo.

Identidade, Memória e Jornalismo são, a partir dessa perspectiva, concepções tomadas como possuidoras de uma relação direta, isso porque o Jornalismo (como mídia ou segmento da comunicação de massa) mantém relações claras com a História, caracterizando-se como ferramenta de compreensão e recuperação do passado¹⁵. Em nenhuma outra época, a produção de conhecimentos foi tão intensa como nos dias de hoje registrando os fatos, o cotidiano, a própria história, e nem sua aplicação assumiu papel tão importante na produção jornalística, seja na especificidade da notícia ou da reportagem enquanto um “documento” histórico, referência necessária para a compreensão da relação que se estabelece entre a “Memória Jornalística” e a “Memória Social”:

[...] podemos constatar que a construção temporal envolvida no Jornalismo não se articula tanto à atualidade em si, mas sim, a um presente da ação social, como sublinha Franciscato. E isso significa assumir, de uma maneira ampla, que o presente é uma construção social, de forma que os conteúdos compartilhados pelo Jornalismo dizem respeito a uma experiência temporal discursiva relacionada a “um sentido partilhado socialmente resultante da atuação de atores sociais no ambiente - uma construção, por indivíduos e instituições, de concepções e produtos simbólicos ou de estruturas

¹⁴ Expressão polissêmica que tanto pode referir-se a todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens quanto ao conjunto dos meios de comunicação social de massas (o rádio, o cinema, a televisão, a imprensa, os satélites de comunicações, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação etc). No caso deste trabalho, a expressão se refere ao jornalismo, especialmente ao jornalismo impresso.

¹⁵ As relações entre Jornalismo (o jornal como seu produto direto) e a História, pela sua complexidade, merecem atenção especial e serão devidamente abordadas no capítulo 3, “O Jornalismo no processo de continuidade da memória”, a seguir.

carregados de uma temporalidade do presente” (FRANCISCATO, 2003, p. 285).

[...] Esse presente social deve ser entendido, portanto, como “um tempo de referência da ação coletiva”, de forma que o Jornalismo, ao rodear a sociedade de um presente social contínuo, oferece um tipo de conteúdo que é “bastante novo para que nos impressione e bastante velho para que possamos conhecê-lo e comentá-lo” (GOMIS, apud FRANCISCATO, 2003, p. 336).

A memória, em nosso tempo ou no tempo de nossos ancestrais, está entre os elementos formadores dos objetos culturais e sociais. É por intermédio das narrativas do presente, observadas no Jornalismo (e nos jornais) que, muitas vezes, podemos analisar a prática de armazenar, preservar e reconstruir versões de passados comuns, indicados em padrões e tendências, em processos de composição e recuperação de informações jornalísticas. A sociedade se vê representada por meio da prática jornalística – no jornal, que é “memória em ato, enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado, constantemente recuperado” (PALACIOS, 2010).

A partir desse ponto de vista, a narrativa jornalística se torna testemunha de um passado, ocupando o lugar de espaço vivo de produção do presente e lugar no qual o agendamento é imediato, e, da mesma forma, produz depósito de arquivos com registros sistemáticos do dia a dia, pela fluidez com que é produzida e consumida, virando suporte de memória assim que se concretiza o produto final da narrativa de diferentes acontecimentos do mundo todo (SANTA CRUZ, 2016).

2.2 Identidades na Colônia de Pescadores Z-3

Conforme já foi abordado na introdução do capítulo, são muitas e variadas as abordagens sobre identidade, e se desenvolvem a partir de um conceito que envolve a dimensão individual e coletiva. Entre os muitos estudiosos da área, Berger e Luckmann (2005, p. 230) colocam que: “a identidade é um fenômeno que deriva da dialética entre um indivíduo e a sociedade”. Ou seja, a identidade é o resultado das diversas interações entre o indivíduo e o seu ambiente social, próximo ou distante. Na perspectiva dos autores, a identidade social é caracterizada pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação etc. É a identidade que

dá condições ao indivíduo de se localizar em um sistema social e de ser localizado socialmente.

A identidade também se “constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos a tipos de pessoas em relação umas com as outras [...]” (BRANDÃO, 1990, p. 10). O autor reforça a ideia do condicionamento da identidade pessoal em relação às expectativas que o grupo social estabelece para com seu portador.

A formação e conservação das identidades, de acordo com Berger e Luckmann (2005), são condicionadas por processos sociais determinados pelas estruturas sociais, por isso, a identidade social não diz respeito apenas aos indivíduos, mas também aos grupos – todo grupo apresenta uma identidade que está de acordo com a sua definição social, que o situa no conjunto social. Dessa forma, a identidade social pode ser ao mesmo tempo inclusão e exclusão. É inclusão porque só fazem parte do grupo aqueles que são idênticos sob certo ponto de vista. É exclusão porque, sob o mesmo ponto de vista, são diferentes de outros.

A construção da identidade é realizada dentro dos contextos sociais, os quais determinam a posição dos agentes, orientando suas representações e escolhas. Sua construção é dotada de eficácia social e produz efeitos sociais reais. A identidade é uma construção elaborada numa relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato e é um modo de categorização utilizado para organizar suas trocas.

Castells (1999), em sua contribuição mais recente, chama a atenção para o fato de que é nas condições do mundo globalizado que “as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal”. (CASTELLS, 1999, p. 79). O autor acredita que, por meio de processos de mobilização social e da participação em movimentos em que defendem interesses em comum, as pessoas participam de uma dinâmica de fortalecimento de identidades.

Tal pensamento encontra reforço em Hall quando ele afirma que: “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 2006, p. 85).

No mundo atual, na visão de Castells,

as comunidades são construídas a partir dos interesses e anseios de seus membros, o que faz delas fontes específicas de identidades. Essas identidades podem nascer da intenção em manter o *status quo*, ou de resistir aos processos dominantes e às efemeridades do mundo globalizado, ou ainda de buscar a transformação da estrutura social. Em todas elas existem processos de identidade, objetivos e interesses em comum, a participação em prol deste objetivo, o sentimento de pertença, oriundo da identidade em questão (CASTELLS 1999, p. 84).

É possível que nas contribuições de Castells (1999) e Hall (2006) encontrem-se elementos que permitam entender a questão das identidades e os processos comunitários. Para os Estudos Culturais, o fenômeno da identidade se estabelece no constante processo histórico das relações e interações sociais e na ativa construção da nossa história, bem como a sua efetiva influência nos nossos modos de ser, ver e pensar o mundo.

Os conceitos de Identidade Social e Memória, bem como do Jornalismo Comunitário e suas áreas de domínio e de interação traçam as relações entre passado e memória, imbricados com a constituição de memória e da Identidade Social. Trazem para a cena o Jornalismo como prática social e como atividade, explicitando os gêneros jornalísticos, conteúdo essencial para posterior desenvolvimento da análise. Ancoram o conteúdo trabalhado, Moscovici (1978), Guareschi e Jovchelovitch (1997), Duveen (apud MOSCOVICI, 2004), Jodelet (2002), Pollak (1992), Halbwachs (1990), Castells (2000), Lopes (In: RIBEIRO; PEREIRA, 2007), Melo (2003), Medina (1978), Piza (2003), Kossoy (apud BRAGANÇA; MOREIRA, 2005), Berger (In: BRAGANÇA; MOREIRA, 2005), Castilho (2011), Guareschi (2004), Peruzzo (2002), Chauí (2003), Benjamin (1993), entre outros.

Conforme Pollak (1992), a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, construído no conjunto pelas experiências e vivências, do indivíduo e de seu grupo. E, são esses os elementos responsáveis pelo estabelecimento dos laços afetivos entre as pessoas. A memória pode ser submetida a transformações constantes, transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Para o autor, a memória é seletiva, pois nem todos os fatos ficam registrados e os indivíduos só têm recordações dos momentos a que dão importância e que, por alguma razão, ficaram

marcados subjetivamente. Parte das lembranças também pode ser herdada dos acontecimentos relacionados aos antepassados como, por exemplo, quando os sujeitos contam as experiências vividas por seus pais e avós.

Ainda na perspectiva de Pollak (1992), os acontecimentos históricos são auxiliares na nossa memória; não desempenham outro papel, senão as divisões do tempo assinaladas em relógio ou determinadas pelo calendário. É o que se percebe nos conteúdos do jornal comunitário em estudo. Um indivíduo, para lembrar seu passado, tem que se remeter às lembranças dos outros, que se constituem em pontos de referência onde estão fixados pela sociedade. Desta forma, a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, já que ela é sempre dependente das interações e dos grupos sociais.

As fontes iconográficas são importantes na linguagem jornalística, pois na perspectiva de Kossoy (In: BRAGAÇA; MOREIRA, 2005, p. 50), “dentre as diferentes formas de informação transmitidas pela mídia, as imagens, em geral, se constituem num dos sustentáculos da memória”.

Lima (2012, p. 145) afirma que:

Quando se fala em memória, estamos trabalhando com pessoas, representações sociais, tempos, espaços, significados, valores culturais, sentimentos individuais e coletivos. Essas memórias sejam individualizadas e/ou coletivas constituem e organizam a história juntamente com as práticas culturais de um determinado local, construindo suas identificações conforme as relações com o outro.

A memória, para Le Goff (2003), é expressa de forma tanto individual quanto coletiva. Cada sujeito revela uma subjetividade, manifestada tanto em alguma coisa representativa do passado quanto a partir do momento em que suas lembranças e experiências são compartilhadas pelos diferentes grupos sociais, quando a memória se torna coletiva. É então que a memória contribui para sejam apropriados saberes estabelecidos por experiências de grupos sociais.

Assim, por meio do referencial teórico estudado, pode-se inferir que a memória é uma construção social, produzida pelos homens e grupos sociais a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. A história dos indivíduos toma um novo rumo, que sofre transformações à medida que o tempo passa, em função do que se pode dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com

fatores da vida social do presente que se tornam significativos e, portanto, está sendo permanentemente reconstruída, a memória é viva.

2.3 A Memória Social e a sua construção

Memória é um tema que está presente em várias áreas de estudo no mundo contemporâneo e é vista a partir de diferentes olhares. Do ponto de vista biológico, memória refere-se a tudo que envolve os processos mentais e as muitas informações no cérebro, tais como ideias, imagens e diferentes dados, tudo que, por diferentes motivos, se destaque entre os registros de acontecimentos passados. “Sem memória não há vida. É possível, inclusive, dizer que a vida é uma sequência de memórias” (IZQUIERDO, 2011).

Há uma íntima relação entre memória individual e coletiva, não há fronteiras entre elas, embora a memória coletiva “extraia sua força e duração do fato de que um conjunto de homens lhe serve de suporte, são indivíduos que se lembram enquanto membros de grupos” (RICOEUR, 2008, p. 133). A memória social é entendida como uma coletânea de “rastros deixados pelos acontecimentos que afetaram o curso da história dos grupos envolvidos, e que se lhe reconhece o poder de encenar essas lembranças comuns por ocasião de festas, ritos, celebrações públicas” (RICOEUR, 2008, p. 129).

A memória é importante para a vida dos grupos sociais porque é o armazenamento e lembrança daquilo que é adquirido por meio da experiência, dessa forma a aquisição de memórias é aprendido. (IZQUIERDO, 1989). O autor cita Marshall (1988), afirmando que, há 2.000 anos, Aristóteles já dizia que tudo que está no intelecto esteve antes nos sentidos, e considera que não há memória sem aprendizado nem aprendizado sem experiências.

Os teóricos concordam com a premissa de que História e Memória são essenciais para a construção das identidades pessoais e coletivas. Em vista disso, deve ser levada em conta a posição de Hall quando ele coloca que “nossa identidade, tenha ela a forma que tiver, é uma história sobre nós mesmos, ou em última análise, uma ‘narrativa do eu’” (HALL, 2005, p. 12), por certo construída com a ajuda de nossa memória, por meio da nossa história de vida.

O Jornalismo, no arcabouço da mídia, é uma atividade que produz diariamente registros utilizados como fonte de informação num sentido amplo e,

especialmente, de marcação no sentido histórico. De acordo com Letícia Cantarela Matheus:

As marcas do tempo são especialmente sensíveis nos jornais, localizando o leitor num “lugar” na duração. O consumo diário das narrativas jornalísticas fornece um forte parâmetro espaço-temporal. [...] A marcação do tempo foi se tornando função essencial dos jornais, a ponto de lhes ser dada credibilidade para datá-lo (MATHEUS 2010, p. 2-3).

Identidade, Memória e Jornalismo são, a partir dessa perspectiva, concepções tomadas como possuidoras de uma relação direta, isso porque o Jornalismo (como mídia ou segmento da comunicação de massa) mantém relações claras com a História, caracterizando-se como ferramenta de compreensão e recuperação do passado.

A memória, em nosso tempo ou no tempo de nossos ancestrais, está entre os elementos formadores dos objetos culturais e sociais. É através das narrativas do presente observadas no Jornalismo, que, muitas vezes, podemos analisar a prática de armazenar, preservar e reconstruir versões de passados comuns, indicados em padrões e tendências, em processos de composição e recuperação de informações jornalísticas.

O Jornalismo, enquanto forma de conhecimento, contribui para decifrar e orientar as pessoas sobre o que acontece no mundo (BECKER, 2012). É por meio do Jornalismo que são registrados fatos, testemunhos e padrões de comportamento, os quais podem caracterizar diferentes épocas e momentos da história, desta forma, as notícias, ao utilizarem o passado e oferecerem contextualização, contribuem para a relevância editorial dos veículos e, ao mesmo tempo, explicam as formas de vida das pessoas em seu cotidiano, englobando um sentimento de passado e futuro e para o papel do Jornalismo e dos jornalistas como “Agentes de Memória”¹⁶ (SCHUDSON, 2014). Por intermédio da informação jornalística, ocorre o vínculo com o passado (no qual está presente a ilusão de que o conteúdo está relacionado ao que era melhor, mais original) e que permite à memória encontrar associações que

¹⁶ Embora esse papel muitas vezes não seja reconhecido pelos próprios jornalistas nem pelos estudiosos da memória (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014; OLICK; VINITZKY-SEROUSI; LEVY, 2011), na perspectiva de outros, por meio da legitimação do discurso jornalístico como significação da realidade, lhe é conferida a função de legar às futuras gerações um testemunho do “hoje”: “A mídia é um dos mais poderosos agentes de memória do nosso tempo” (RIBEIRO, 2013, p. 77).

auxiliam na compreensão dos acontecimentos do presente em seu contexto, com suas interligações, coerentes com os acontecimentos de ontem, e que tornam o Jornalismo legítimo (BERKOWITZ, apud NEIGER; MEYERS; ZANDBERG, 2011).

O Jornalismo, na sociedade contemporânea, apresenta-se como formador de opinião e de visões acerca do real. Muitos autores, entre os quais os citados anteriormente no texto, têm buscado mostrar como os meios de comunicação de massa, de forma especial o Jornalismo, ocupam um lugar importante como formadores e mantenedores/armazenadores da Memória Social. Kitch (2008) chama atenção para o fato de que o jornalismo é espaço de construção da memória especialmente por atuar no cotidiano, afirmando que “A construção da memória social é um processo de longo prazo, de um tecer de pequenos momentos” (KITCH, 2008, p. 313), nos remetendo a uma coletânea de rastros.

No entanto, Kitch alerta que as informações e as formas de memória são recebidas simultaneamente de várias fontes e não apenas da mídia: “estamos todos na mesma sopa da memória e, seus ingredientes, não vêm do jornalismo sozinho” (KITCH, 2008, p. 316). Segundo a autora, o jornalismo não é o canal para a memória, mas forma e local para seu registro e construção e, para isso, se associa a outros dispositivos culturais, políticos, econômicos, educacionais, ou seja, “forma uma rede de memória que se liga a outras redes” (KITCH, 2008, p. 317).

Ainda que os jornalistas, na maior parte do tempo, não tenham consciência de que estão num jogo entre o lembrar e o esquecer, Halbwachs (1990, p. 49) usa a metáfora dos “fios muito finos e entrelaçados”, ao explicar as temporalidades na construção de nossa memória, processo do qual o jornalismo participa de alguma forma. Alinhado à essa perspectiva, Pollak (1992) aponta que os acontecimentos históricos são auxiliares na nossa memória; não desempenham outro papel, senão as divisões do tempo assinaladas em relógio ou determinadas pelo calendário. A memória de um indivíduo está associada às lembranças de outros e, desta forma, a memória coletiva depende das interações e dos diferentes grupos sociais, envolvendo sentimentos de identidade e pertencimento.

3 O Jornalismo, a História e o processo de continuidade da Memória no Jornal Comunitário “O Pescador”

Para entender a complexidade da relação Jornalismo, História e Memória, além do que já foi exposto anteriormente, torna-se importante refletir sobre a comunicação humana, as interações nos grupos sociais e as raízes da prática do Jornalismo. A sociedade é vista como formada por comunidades simbólicas de participação, que fornecem sentido às ações humanas e à realidade social. Logo, o processo de interação social, de comunicação, mediado simbolicamente, é a fonte de experiência das coisas.

A comunicação é um processo ou forma de interação que é interpessoal, isto é, social no sentido mais estreito do termo. O processo só se pode dizer completo a partir do momento em que resulta em alguma espécie de compreensão. Em outras palavras, a comunicação jamais acontece meramente numa situação de estímulo e resposta, no sentido em que estas palavras são usadas na psicologia. Ela é antes expressão, interpretação e resposta (PARK; SAPIR, 1971, p. 63).

Na visão de Mead (1982), os mecanismos de interação presidem o processo de socialização, ou seja, a vida social é um produto da comunicação – da humana à social, pois, para ele, os seres humanos se constituem em sujeitos sociais capazes de desenvolverem uma competência comunicativa.

La persona [uno mismo] es la fase más importante del desarrollo [social] porque la sociedad sólo surge gracias a la posibilidad de internalización de esta actitud social en las reacciones de toda la comunidad. El cambio que tiene lugar debido a esta internalización de la conversación de los gestos en la conducta del individuo es un cambio que ocurre en la experiencia de todos los individuos componentes de la sociedad (MEAD, 1982, p. 218)¹⁷.

Marcondes Filho (2014) aponta que, para Charles Cooley, Herbert Mead, Edward Sapir, Robert Park, Herbert Blumer e outros, a sociedade é um produto da comunicação, pois essa representa um processo estruturado simbolicamente (emprega símbolos comuns com vistas na interação) que funda a própria sociedade. Ele afirma que “A realidade social em que as pessoas vivem é construída através de

¹⁷ Tradução livre da autora: “A pessoa [self] é a fase mais importante do desenvolvimento [social] porque a sociedade só surge graças à possibilidade de internalização desta atitude social [a pessoal] nas reações de toda a comunidade. A mudança que tem lugar devido a esta internalização da conversação, dos gestos na conduta do indivíduo, é uma mudança que ocorre na experiência de todos os indivíduos componentes da sociedade” (MEAD, 1982, p. 218).

símbolos: os seres e as coisas só se tornam fonte de motivação quando ganham sentido, estabelecido no processo de comunicação” (MARCONDES FILHO, 2014, p. 254). Essa comunicação pode ser exercida por diferentes meios, da interação pessoal aos meios de comunicação de massa, dos quais, o Jornalismo é um dos mais antigos.

A sociedade se enriquece com a experiência do passado, o relato do presente e as especulações e projetos do homem para o futuro. Da escrita, sobretudo, decorrerá uma nova linguagem, [...], que irá permitir o desenvolvimento do espírito inventivo e abrir perspectivas insuspeitadas à evolução social (BELTRÃO, QUIRINO, 1986, p. 22).

A maioria dos autores concorda que o Jornalismo é fruto do ser humano e de suas necessidades, e as notícias só existem em função das pessoas e de seus cotidianos (TRAQUINA, 2005). A sociedade é composta por grupos de pessoas, únicas e distintas, no entanto, ao olhar de um jornalista, suas histórias são mais do que relatos subjetivos, são notícias, são acontecimentos (BARBERO, 1982). O Jornalismo como atividade não existe fora de seu contexto histórico, mas está a ele concretamente condicionada, em que o fazer jornalístico é “uma tentativa de representação e não de transcrição, é uma forma de contar os fatos” (SANTA CRUZ, 2007, p. 4-5).

Beltrão (1992; 2006) acredita que a atividade jornalística é mais que somente informar, que é própria da natureza humana a vontade de conhecimento¹⁸, de querer ficar por dentro das notícias que ocorrem em diversas esferas da sociedade.

Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a necessidade do espírito e da vida social quanto o Jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimento possível do que ocorre no nosso grupo familiar, nas vizinhanças, na comunidade em que vivemos, entre os povos que nos rodeiam e, mesmo, nos mais longínquos rincões do mundo. Através desse conhecimento dos fatos, o homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente-se apto à ação (BELTRÃO, 1992, p. 23).

¹⁸ Beltrão foi o primeiro doutor em comunicação no Brasil (1967), pela Universidade de Brasília. Criou o Instituto de Ciências da Informação – Icinform, nos anos de 1960, que foi o primeiro centro de estudos brasileiro dedicado à área da comunicação social. Deixou uma importante produção acadêmica e literária: vinte livros, diversas apostilas e artigos, ligados à área da teoria do jornalismo, na qual buscou sistematizar a produção do discurso jornalístico exercido na imprensa, a partir da obra *Iniciação à Filosofia do Jornalismo* (CASTELO BRANCO, 2000, p. 202).

Considerando que o Jornalismo é comunicação e que essa é muito importante para os seres humanos, reforça-se a histórica constatação de que tanto os indivíduos quanto os grupos sociais têm o desejo de conservar suas lembranças acerca de fatos rotineiros/cotidianos, acontecimentos destacados ou marcantes, para o que foram sendo desenvolvidas técnicas, que tanto auxiliam na continuidade do tempo quanto no desenvolvimento da memória.

A linguagem, como instrumento de comunicação, permitiu que o homem propagasse suas lembranças e histórias, proporcionando o registro de sua trajetória (RIBEIRO, 2002). Mesclam-se, assim, a comunicação, a história e a memória, por meio dos fatos relatados ou escritos. A narrativa escrita e sua importância na construção da história de uma sociedade deram ao Jornalismo impresso valor como documento histórico. Para dar conta da proposta deste capítulo, aqui serão abordadas questões fundamentais: primeiro, como se dá o processo de produção do Jornalismo, principalmente no jornal – meio impresso e, aqui, com a especificidade voltada para a comunicação comunitária, para, posteriormente, chegar à sua relação com a História e com a continuidade da Memória.

3.1 Reflexão sobre o processo de produção do Jornalismo

Na sociedade contemporânea, tem havido grande ênfase em refletir sobre as técnicas do fazer jornalístico, porém, é necessário atentar para o modo de produção jornalística, que vai influenciar diretamente na recepção da informação. Afinal, faz-se Jornalismo para o público, e, embora, muitas vezes, anunciantes e fontes de informações se tornem muito relevantes, o alvo da produção jornalística é a sociedade. O Jornalismo é visto como um meio de transformação social e alguns autores o percebem diretamente envolvido na construção social da realidade (BERGER e LUCKMANN, 2012). No entanto, Wolf (2012) aponta que a evolução das pesquisas em comunicação tem permitido deslocar o centro de gravidade da produção da notícia para o debate sociológico, que, no seu entender, negligencia a relação mídia/sociedade e chama a atenção acerca dos dispositivos comunicacionais no sentido empírico e administrativo. A partir dessa posição e levando em conta o caráter processual da comunicação, tornou-se tema de discussão entre os teóricos e os práticos do jornalismo atual, a forma como a mídia constrói a realidade social. Isso, na visão de Wolf (2012), liga essa discussão aos

efeitos da mídia ou ao consumo da informação, que ao ir do limitado para o cumulativo, em certo sentido se opõe ao que aponta a questão da fragmentação das notícias. O autor vê na evolução do limitado ao cumulativo a substituição do modelo transmissivo da comunicação por um modelo centrado no processo de significação, o que leva a mídia a desempenhar o papel de construtora da realidade, pois não só ajuda a estruturar a imagem da realidade social em longo prazo, mas também ajuda a organizar novos elementos dessa imagem para a formação de opiniões e crenças novas. Em decorrência dessa perspectiva, Souza afirma que:

[...] como representação de determinados aspectos da realidade, as notícias são como espelhos, como discursos centrados naquilo a que se referem. No entanto, não são simples espelhos que refletem a realidade, mas que a representam. Elas reproduzem os acontecimentos e as idéias, sendo que os jornalistas são os agentes, observadores neutros, que se atêm às normas e técnicas profissionais. Para esta reprodução, ou representação, usam “artefactos lingüísticos” (SOUZA, 2002, p. 13).

Souza (2002) vê a produção jornalística aliada a outra fase: a circulação e o consumo, sendo decisivas na construção de sentido das mensagens midiáticas, uma vez que as fontes de informação e o público influenciam os conteúdos direta ou indiretamente. Em vista disso, o jornalismo reproduz, mas também produz acontecimentos: para construir a realidade, o jornalismo utiliza-se de linguagens verbais e não verbais. “A linguagem estabelece pontes entre diferentes zonas dentro da realidade da vida cotidiana e as integra em uma totalidade dotada de sentido” (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 58). Nesse sentido, os meios de comunicação de massa participam do “mundo da vida cotidiana”, da construção social da realidade, não apenas como mediadores da interação face a face, mas também como reforçadores e agentes da própria realidade.

A sociologia do conhecimento, temática guia das pesquisas atuais, centra-se na importância e no papel dos processos simbólicos e comunicativos como pressupostos da sociabilidade. Berger e Luckmann (2012, p. 68) detalham que os meios de comunicação de massa são instituições que possuem “um papel-chave na orientação moderna de sentido ou, melhor, na comunicação de sentido”, que servem como referência e orientam o homem moderno. Constituem-se, portanto, em:

intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. Tudo o que outras instituições produzem em matéria de interpretações da realidade e de valores, os meios de comunicação selecionam, organizam

(empacotam), transformam, na maioria das vezes no curso desse processo, e decidem sobre a forma de sua difusão (BERGER; LUCKMANN, 2012, p. 68).

Wolf (2012) lembra que o tema não é novo, mas aparece de forma fragmentária e descontínua especialmente na literatura. Tratar dessa questão, a meu ver, é fundamental para a compreensão do Jornalismo e mesmo para refletir sobre a produção da notícia. De acordo com essa perspectiva, e dado o caráter processual da comunicação, a forma como a mídia constrói a realidade social é tema de discussão tanto entre os teóricos quanto entre os práticos do Jornalismo atual. Ela está estreitamente ligada, por outro lado, aos efeitos da mídia, ou ao consumo da informação, que evolui, segundo Wolf (2012), do limitado para o cumulativo, o que, em certo sentido, inverte o que aponta a discutida questão da fragmentação das notícias.

Essa evolução do limitado ao cumulativo implica, para Wolf (2012), a substituição do modelo transmissivo da comunicação por um modelo centrado no processo de significação. É nesse sentido que a mídia desempenha o papel de construtora da realidade, ou seja, a mídia ajuda a estruturar a imagem da realidade social em longo prazo, organizando novos elementos dessa imagem para a formação de opiniões e crenças novas. Nesse processo de significação estão implícitos os efeitos de sentido da mensagem. Sousa diz que,

Segundo Souza (2002), para construir a realidade, o Jornalismo utiliza-se de linguagens incluindo a imagética, isto é, linguagens verbais e não verbais. Ele ressalta que além de representar determinados aspectos da realidade cotidiana, as notícias são responsáveis por construir socialmente novas realidades e novos referentes. Ainda que a conceituação dos gêneros jornalísticos date do século 18, parte-se da ideia de que gêneros jornalísticos consistem nos 'modelos de apropriação e de interpretação da realidade usados pelos jornalistas' e correspondem aos diferentes tipos de textos e abordagens presentes nos meios de comunicação, como as notícias, crônicas, reportagens, entrevistas e outros.

A linguagem jornalística, apesar de ser cotidianamente apreciada pelos leitores, não se faz patente considerando que os leitores buscam a informação e não a forma de criação jornalística. Os jornalistas, ao contrário, compreendem vivamente as formas de apresentar as informações e as suas finalidades. O documento

jornalístico, o jornal, segue padrões, e, muitas vezes, os pesquisadores não se referenciam nesses, tendo em vista que o documento é tratado como um texto “puro” não estruturado.

O Jornalismo, como atividade, é visível a partir do modo como os jornais são produzidos, os gêneros jornalísticos que contêm e que são determinados por manifestações culturais de cada sociedade. Os estudiosos da área afirmam que o Jornalismo é uma construção histórica e possui estrutura linguística própria. Melo (2003) escreveu a obra mais consistente sobre os gêneros jornalísticos em função das análises bibliográficas que fez ao longo do tempo, a partir das produções bibliográficas europeias, norte-americanas, hispano-americanas e brasileiras sobre esse tema.

Embora existam várias abordagens acerca do tema, utilizar-se-á neste trabalho a classificação de gêneros estudados por Melo (1994; 2003), Lage (2006), Piza (2003), Beltrão (1960), Medina (1978, 1986) e Mateu (1998) que atendem a critérios funcionais, de acordo com as funções que os textos desempenham em relação ao leitor, que seriam informar, explicar ou orientar. Melo propõe três categorias básicas, nas quais se enquadram os gêneros estudados pelos vários autores, a primeira caracterizada pelo Jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista¹⁹); a segunda, em que se enquadra o Jornalismo interpretativo (reportagem em profundidade – aqui próximo estão os Livro-Reportagem); e por fim, aquela que contém o Jornalismo opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

Outros autores, ao abordarem o tema, apontam para a forma de produção jornalística, trazendo para a cena questões relevantes. Parrat (2008, p. 8) sublinha que, segundo Gargurevich (1982), os jornalistas “devem conceber (cada material) de modo diferente, segundo a circunstância da notícia, seu interesse e, sobretudo, o objetivo de sua publicação”.

Paula Cristina Lopes (2010, p. 8) destaca que:

¹⁹ Lage (2006), ao falar da entrevista no jornalismo, coloca que são as entrevistas com ‘pessoas da comunidade com domínio do tema’, ‘especialistas na área’ ou ‘autoridades’ que analisam e interpretam os fatos, dando ao espectador uma visão de profundidade. As entrevistas permitem “verificar dados, obter valorações ou pronunciamentos sobre um fato da atualidade ou sobre um personagem que é notícia; enfim, trata-se de conhecer aspectos novos a partir do diálogo com os entrevistados” (MATEU, 1998, p. 151). O depoimento tem o fim de documentar fatos vividos por um indivíduo em espaços de tempos e ambientes diversos, cuja técnica tem uma fala mais livre, permitindo ao colaborador falar tudo aquilo que lhe parecer pertinente, agregando valor ao conteúdo exposto.

Os gêneros jornalísticos “ordenam” o material informativo, produzem discursos sociais mais ou menos diferenciados. Funcionam como categorias básicas intrinsecamente ligadas à expressão da mensagem jornalística, à sua forma e estrutura.

Gomis (1991) aponta para outra questão, a construção do material jornalístico passa não só pelo jornalista/repórter, mas por vários profissionais da área, e nessa produção é importante saber o que se está fazendo. “[...] num jornal ou telejornal é combinado o trabalho de muitas pessoas [...]. Um texto é elaborado por várias mãos que permanecem anônimas [...]. A informação que um preparou, o outro tem que editá-la e ajustá-la ao espaço e ao tempo [...]” (GOMIS, 1991, p. 44).

O Jornalismo transforma a realidade apreensível em relato. Por estar inserido na sociedade, acaba por dialogar com tudo que está presente no contexto: história, política, economia, cultura, questões sociais e tecnológicas e, dessa forma, com sua dinâmica. E assim como a sociedade se desenvolve e muda, o mesmo ocorre com o Jornalismo. Partindo da perspectiva do desenvolvimento do Jornalismo, de invenção e reinvenção de técnicas, procedimentos, gêneros, tipos e modelos, além da inovação de meios e suportes, encontram-se o fotojornalismo²⁰, imagens/fotografias, cujo conteúdo e informação enriquecem as publicações, e o livro-reportagem.

Para Sousa (2004a, p. 12), “o fotojornalismo no sentido estrito passou a caracterizar-se como uma atividade que visa a informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer, ou ‘opinar’ através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico”. Outro fator a considerar é que o fotojornalismo atende a demanda de produção de um veículo de comunicação e se filia a sua linha editorial, buscando apresentar de forma clara, nítida e objetiva um acontecimento voltado ao consumo imediato no jornal/revista

²⁰ Com relação ao fotojornalismo, é preciso esclarecer que é de consenso entre os estudiosos que as primeiras fotografias jornalísticas datam da guerra da Criméia, quando o governo inglês, com fins de propaganda, enviou fotógrafos à esta região em conflito para registrarem cenas amenas do ambiente e mostrar registros que dessem a sensação de que a guerra ia bem para a Inglaterra (FERREIRA, 2008). Outro conflito importante para o fotojornalismo e para o século XIX, foi a guerra civil americana, ou guerra da secessão, que ocorreu nos Estados Unidos. De acordo com Sousa (2004a, p. 35), “(...) o primeiro conflito a ser massivamente coberto por fotógrafos”, que comenta também “As práticas de construção imagética tiveram alguma influência durante a guerra civil americana: Gardner [fotógrafo] chega a rearranjar o corpo de um sulista na célebre foto de um soldado intitulada “*Home of a Rebel Sharpshooter*””. Mas esse conceito de fotojornalismo mudou com o tempo e passou a se alinhar com os propósitos do Jornalismo.

para um público amplo (MONTEIRO, 2016). Dessa forma, o fotojornalista trabalha com a atualidade, visando mostrar o que está acontecendo no calor da hora e com a “linguagem do instante”. No entanto, “Cada veículo de comunicação propõe uma leitura do mundo, através de uma tentativa de circunscrever o real e moldar o horizonte de conhecimento dos leitores sobre um determinado conjunto de realidades atuais, do passado e perspectivas sobre o futuro” (TAVARES; VAZ, 2005, p. 125-126). As imagens expressas no fotojornalismo não estão sujeitas a uma linguagem universal, haja vista que cada pessoa vai ler, decodificar, interpretar, a imagem de maneira particular sendo que, nesse processo, os contextos nos quais o leitor está inserido afetam diretamente o resultado da leitura, decodificação, interpretação porque “variáveis como ambiente, idade, classe social, fatores culturais e econômicos, experiência de vida, grau de escolaridade, entre outras, interferem na maneira como o indivíduo percebe as mensagens visuais” (JASPER; KALIBERDA; SOUZA, 2013, p. 2).

Estabelecendo uma vinculação com a fotografia jornalística e memória, a perspectiva teórica de Le Goff (1994) aponta que, pela sua característica de mostrar a *verdade*, a fotografia é uma das manifestações mais significativas da memória coletiva, revolucionando-a, porque “multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo, assim, guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 1994, p. 460).

As imagens se constituem em textos imagéticos, passíveis de leitura e interpretação, e embora não sejam textos narrativos, as imagens são uma construção histórica e cultural, lugares de memória. Nora afirma que “Identidade e memória são construções contínuas e a revitalização da história de um grupo obriga-o a redefinir a sua identidade” (NORA, 1993, p. 19), muitas vezes por meio de ‘lugares de memória’.

Na realidade, uma fotografia não deixa de ser, ao mesmo tempo, OBJETO e FONTE, posto que se refere sempre a um mesmo início, a uma gênese única: sua criação e materialização se deram em determinado local e num preciso momento. [...] as fontes que as compõem são meios de conhecimento: Registros visuais que gravam micro aspectos dos cenários, personagens e fatos; daí sua força documental e expressiva, elementos de fixação da memória histórica individual e coletiva. Em função de tais características, constituem documentos decisivos para a reconstituição histórica (KOSSOY, 2002, p. 34-35).

Essas imagens são narrativas eletivas, mostram recortes escolhidos da realidade num dado momento e constituem um repertório de memória enquanto “estoque material daquilo que nos é impossível lembrar. [...] testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi” (NORA, 1993, p. 15), que por sua importância não deveria ser esquecido. Kossoy complementa esse pensamento, colocando que:

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. [...] O espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais, etc (KOSSOY, 2002, p. 21-26).

O conceito de fotografia e sua associação à ideia de realidade, de acordo com Kossoy (2002), estão muito arraigados no senso comum. Desta forma, cria-se um condicionamento implícito de que a imagem fotográfica seja um substituto imaginário do real. Na perspectiva do autor, a fotografia funciona como uma forma de passado preservado, como a lembrança imutável e congelada de certas situações e momentos, numa marcha contra o tempo – ao apreciá-las, os homens “descongelam” momentaneamente seus conteúdos.

Encontramos convergência entre aos autores que trabalham a Teoria do Jornalismo e os que trabalham com a Memória, no que se refere ao fotojornalismo como prática do Jornalismo, e às imagens fotográficas como estando vinculadas ao registro e continuidade da memória social e uma determinada leitura da realidade, que ao mesmo tempo em que a representa, atua na construção social da realidade.

Para Traquina (1999), o Jornalismo é entendido como uma prática social que estabelece relações com o mundo simbólico e com o mundo material dos indivíduos. Essa constituição de relações simbólicas e materiais acontece enquanto história – porque são relações que se constituem a partir das exterioridades do Jornalismo e esse encontra-se inserido dentro do processo de produção, transformação e manutenção da sociedade, e linguagem - porque são relações que se constituem também a partir do modo de quem faz.

O livro-reportagem é um gênero jornalístico que permite revisitar o passado e reconstruí-lo. Na sua tessitura, a história a ser contada pode ser apurada por meio de pesquisa histórica e/ou pelo resgate da memória dos sujeitos que dela participaram, e fatos dispersos no tempo e no espaço podem ser retomados e

reconstituídos. Para Bergson, a memória permite a relação entre presente e passado e, ao mesmo tempo, intervém no processo das representações atuais.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” essas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BERGSON, apud BOSI, 1994, p. 47).

O livro-reportagem constitui-se, pela sua narrativa, em um importante instrumento de registro, que permite tanto o resgate histórico como a preservação da memória. Reche (2009, p. 6) afirma que: “Em um livro-reportagem, trabalhando-se com a memória e com alguns arquivos pessoais, esse ‘estar ali’ seria se apossar dos fatos narrados para construir uma narrativa da vida real”. Na visão da autora, a memória, ao ser utilizada como recurso, recupera os acontecimentos psicológicos e sociais dos personagens envolvidos. Esse gênero é aqui mencionado porque foi utilizado em um projeto de extensão do curso de Comunicação Social, o projeto fotográfico “História de Pescador”, coordenado pelo Professor Carlos Recuero, em que durante dois anos, três alunos, Elio Stolz, Manuel Nogueira e Marcelo Cúria, fizeram o registro fotográfico e documentaram o cotidiano da Colônia Z-3 de Pescadores, à beira da Lagoa dos Patos, em Pelotas. O projeto iniciou em 1998 e durou até o final de 2001, período em que as fotos foram realizadas.

Parte significativa do material registrado pelos acadêmicos da Escola de Comunicação Social (Ecos/UCPel), se encontra no livro homônimo à exposição. Além das fotos, História de Pescador reúne relatos de moradores da Colônia Z3 e textos verbais dos autores das fotos, da jornalista Teresa Cunha, do cantor e compositor Vitor Ramil, entre outros (DIÁRIO POPULAR, 22 janeiro de 2001- página de Cultura p. 09).

O livro foi lançado e foram realizadas exposições locais, regionais, nacionais e até uma exposição internacional em Milão, no Instituto Brasil-Itália, na Itália, em setembro de 2001²¹. Anteriormente, exposição foi realizada em Pelotas, Taquara, Santa Maria, Passo Fundo e Piratini, no RS, em Curitiba/PR, no Museu da Imagem e do Som, São Francisco do Sul/SC, no Museu Nacional do Mar.

²¹ Fonte: DIÁRIO POPULAR, SEXTA-FEIRA/SÁBADO, 7 E 8 DE SETEMBRO DE 2001, página 14, CULTURA. Reportagem “História de Pescador em Milão. Fotografias retratam o cotidiano da Z3 e estão expostas no Instituto Brasil-Itália”, de meia página.

Figura 3- Capa do livro



Fonte: Stolz, Nogueira, Curia, (2003); Ato Produção Cultural (2013).

O livro, com 106 fotos e textos variados, tornou-se uma fonte de dados sobre a história e a memória da Colônia Z-3. Assim, o livro “História de Pescador – Imagens da Colônia Z3” auxiliou no surgimento de outro projeto de extensão do curso de Jornalismo da UCPel, que foi o jornal comunitário “O Pescador”. Cabe salientar, neste ponto, que os três alunos autores do livro História de Pescador fizeram parte da primeira equipe do jornal em questão. O livro foi lançado em janeiro de 2001, quando o projeto do jornal “O Pescador” já havia iniciado e fotos que compunham o livro também foram publicadas no jornal.

Figura 4- Fotos do lançamento do livro-reportagem na Colônia de Pescadores Z-3 em Pelotas



Fonte: Ato Produção Cultural (2013).

Nas imagens, vemos a comunidade, no lançamento, apreciando os livros que foram doados à escola local e órgãos representativos da Colônia Z3. Na segunda foto, estão dois dos autores do projeto e do livro, Manuel Nogueira e Marcelo Cúria, com autoridades municipais – prefeito e vice-prefeito e outros, que foram prestigiar o evento e a comunidade. Na terceira foto, estão alguns dos painéis fotográficos, onde estão retratados pescadores, que compunham a exposição e o livro.

É importante aqui destacar que a filosofia e os cuidados presentes na comunicação, fotografia e no jornalismo comunitário tiveram um viés comum nos dois projetos – o fotográfico e o do jornal comunitário. Isso fica claro na fala de Manuel Nogueira quando afirma que a primeira exposição das fotos do projeto “foi realizada no dia 02 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, na própria colônia dos pescadores, que continha os cenários e as próprias personagens registradas nas imagens.”²² Mais tarde, durante o itinerário regional das exposições, Nogueira fazia outra abordagem relevante com relação à forma como o livro-reportagem foi construído, quando afirmou que:

Para compor o livro nós não juntamos todas as fotos bonitas, mas todas aquelas que valorizam todos os aspectos do dia-a-dia dessas pessoas. O nosso objetivo, foi misturar informação com estética, sendo que o livro tem mais poesia do que texto informativo (Jornal O Nacional – Passo Fundo/RS, página GERAL, 10, Entrevista Manuel Nogueira na reportagem “Exposição do Histórias de Pescador”, Quarta, 11 de julho de 2001).

²² Fonte: DIÁRIO DA MANHÃ, reportagem “História de Pescador tem lançamento hoje”, ÚLTIMA PÁGINA, entrevista Manuel Nogueira”, Pelotas, 2 e 3 de fevereiro de 2001.

O trabalho realizado no decorrer dos dois projetos – o fotográfico e o do jornal comunitário, envolvendo fotojornalismo, encontra ressonância nas colocações de Farache (2008) quando a autora fala sobre a relação que existe entre a fotografia documental e o fotojornalismo e o desencadeamento da memória e da imaginação por conterem significados que vão além dos estabelecidos apenas no domínio da factualidade e do registro social. Farache (2008), referindo-se ao fotojornalismo, coloca que:

A fotografia recorta momentos e espaços precisos. Não mostra o antes nem o depois, ainda que, muitas vezes, remeta ao passado ou lance para o futuro. Congela um tempo que, com o passar do tempo, retorna apenas nos sonhos, imaginação e memória. Por se fixar nessa dimensão, a experiência alheia confrontada por uma fotografia leva a processar as próprias lembranças ao rememorar momentos e espaços que, além de não estarem mais presentes, nunca nos pertenceram de fato (FARACHE, 2008, p. 15).

Farache (2008)²³ aponta para o fato de que, mesmo no fotojornalismo, a fotografia, ao entrelaçar a memória com a imaginação, é uma experiência que permite trazer o passado mais para perto. A autora afirma que “ao nos depararmos com determinadas imagens, não só visualizamos cenas vivenciadas por outros, como ficamos passíveis de experimentar sensações próprias já adormecidas” (FARACHE, 2008, p. 15). Com base nas afirmações de Farache (2008), constata-se a importância, para os moradores da Colônia de Pescadores Z3, do registro fotográfico realizado por Stolz, Nogueira, Curia, (2003), tendo em vista a importância dada por eles “à preservação da memória daquelas pessoas, a partir do registro das suas vidas cotidianas” (FARACHE, 2008, p. 16).

Dessa forma, nas fotografias entrelaçadas nos dois projetos – o fotográfico e o jornal comunitário- será possível para os pescadores e suas famílias se encontrarem com as cenas de seu cotidiano, visto que as imagens de seus costumes, hábitos, de suas rotinas, foram capturadas pelas lentes dos jornalistas/fotojornalistas quando acompanharam suas saídas de barco, seu dia a

²³ Neste artigo, referimo-nos à memória de acordo com os conceitos desenvolvidos por Bergson e Halbwachs, referimo-nos à memória concebida como um fenômeno social, e que teria a linguagem como seu instrumento socializador definitivo, enquanto o conceito de imaginação está fundado em Bachelard, segundo o qual “a imaginação desencadeia-se espontaneamente; as imagens carregam para um labirinto formado por experiências, memórias, sonhos e poesia, numa tentativa de encontrar, na Casa [...], a “concha inicial em toda a moradia” (BACHELARD, 2005, p. 24).

dia, seus festejos. Essa constatação pode ser feita na próxima imagem apresentada, a foto que ilustrou a capa da primeira edição do jornal “O Pescador”.

Figura 5- Página 86 do livro História de Pescador - a imagem à esquerda ilustrou a capa da primeira edição do jornal “O Pescador”.



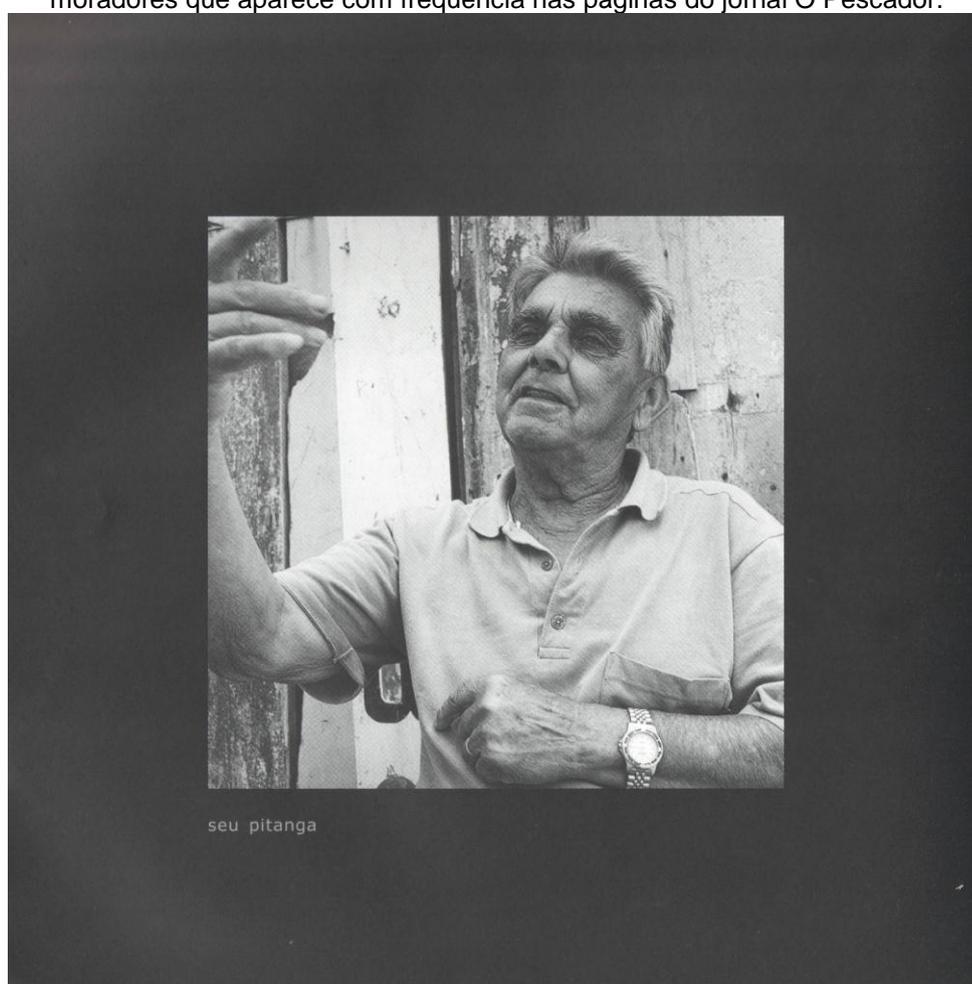
Fonte: Stolz, Nogueira, Curia, (2003).

Na colocação de Farade (2008), ‘a fotografia recorta momentos e espaços precisos’, como se pode constatar na imagem. O fotojornalismo como propagador de uma realidade congelada na própria foto: os meninos na janela e o caminho trilhado à beira das casas e cercas improvisadas da vila de pescadores, que estampadas nos exemplares dos jornais impressos, poderão trazer para as pessoas da

comunidade a lembrança de uma época, que poderão dar continuidade às memórias da comunidade de pescadores.

As fotografias, assim como o fotojornalismo, são propagadores de uma realidade congelada nas próprias fotos 'que arrastam' "para além do mundo das memórias contextuais e pessoais, atingindo a esfera da imaginação e dos sonhos, já que a lembrança que temos de uma experiência não é recorrência apenas de um passado da percepção" (FARADE, 2008, p. 31).

Figura 6- Página 94 do livro História de Pescador – Fotografia do seu Pitanga, um dos moradores que aparece com frequência nas páginas do jornal O Pescador.



Fonte: Stolz, Nogueira, Curia, (2003).

Os fotojornalistas conseguiram eternizar justamente essa memória que parece congelar no tempo: a foto do pescador - seu Pitanga, associada ao texto na foto a seguir. A Imagem como memória... o momento em que o pescador relembra um episódio bem conhecido de sua vida na Colônia de Pescadores Z3, que registrada no livro e no jornal comunitário, oportunizará aos zetesenses que

lembrem de seu Pitanga e de suas histórias, mesmo depois de sua morte. Cabe aqui a afirmação de Kossoy, “fotografia é memória e com ela se confunde” (KOSSOY, 1998, p. 41).

Figura 7- Página 95 do livro História de Pescador – História sobre a pesca com espinhel.



Fonte: Stolz, Nogueira, Curia, (2003).

A história contada acima é uma das histórias que eu tive o prazer de ouvir, contada pelo próprio seu Pitanga, quando ainda trabalhava na equipe de redação do jornal O Pescador e que pude rememorar através das páginas do livro História de Pescador. É importante apontar no exemplo a relação entre fotografia, memória e imaginação, onde os fotojornalistas registraram o cotidiano da vila de pescadores e

o seu cuidado ao registrá-lo, a importância dada à continuidade e preservação de suas memórias, bem como a possibilidade de que, a qualquer tempo, leitores do livro e dos jornais possam “visualizar um tempo e um lugar que são plenos de lembranças” (VISHNIAC apud FARACHE, 2008, p. 16) por meio de um trabalho realizado durante mais de três anos.

Trago o livro em questão para este trabalho, pois como já foi dito, está intimamente ligado à origem do jornal “O Pescador” e para entender o significado e valor do jornalismo, é preciso falar de seus formatos e tipos. Como já mencionado anteriormente, vimos aqueles pertinentes ao trabalho, restando ainda, nessa perspectiva, falarmos de tipos.

Diante da diversidade, por representarem manifestações culturais e estarem ligados a fatos que são produzidos e interferem na sociedade, os gêneros, formatos e tipos jornalísticos devem ser estudados como um fenômeno, cujo conteúdo e informação, enriquecem as publicações jornalísticas mais variadas (MARQUES DE MELO, 2009, p. 35).

O jornalismo, como atividade, é visível a partir do modo como os jornais são produzidos, os gêneros jornalísticos que contêm e que são determinados por manifestações culturais de cada sociedade. Os estudiosos da área afirmam que o jornalismo é uma construção histórica, possui estrutura linguística própria, e uma de suas funções é entender de forma detalhada do acontecimento, através do contexto histórico e social, de testemunhos e evidências, para apresentá-lo de forma que a compreensão dos receptores se dê facilmente. Nessa direção, o jornalismo especializado (como um tipo de jornalismo) está disseminado nos mais diversos produtos jornalísticos (jornal impresso, revista, TV, rádio e outros), e o que nos interessa, particularmente, é o Jornalismo Comunitário.

3.1.1 Jornalismo Comunitário

Logo após a promulgação da Constituição Federal de 1988, iniciou-se no Brasil o processo de resistência política e social, em que os direitos e garantias individuais dos cidadãos foram sendo abordados com mais clareza. Nesse cenário surgiu, na Academia e nos principais centros de Comunicação Social, uma nova vertente de estudos e práticas jornalísticas, intitulada Jornalismo Comunitário, que, aos poucos, foi ganhando espaço.

Embora tenham se passado muitas décadas após a apresentação dos primeiros conceitos, levando em consideração a complexa problemática que envolve esse tema, a definição de Jornalismo Comunitário ainda é motivo de intensos debates teóricos. Enquanto alguns autores consideram Jornalismo Comunitário como a prática comunicacional desenvolvida por grupos segmentados, independente dos interesses em questão, outros teóricos defendem o papel de um mediador social, isto é, alguém habilitado para congregar e difundir conceitos e oportunizar a reflexão sobre temas importantes na/para a comunidade, como é o caso de José Marques de Melo (2006), Círcia Preruzzo (1998, 2000), Campos (2007) e Dorneles (2004), entre outros nesse último grupo.

Para esses autores, a definição de Jornalismo Comunitário não pode estar isolada de ideias como identidade, sentimento de pertença, memória, representatividade e cidadania. Em sua prática, o Jornalismo Comunitário deve buscar a democratização da comunicação, por meio da qual as comunidades periféricas possam se fazer ouvir e valorizar – por meio de produções genuínas, fazendo valer os direitos e deveres conquistados e legitimados, valores que foram conquistados através de gerações que buscaram – e continuam buscando – uma sociedade mais justa, mais humana.

O Jornalismo Comunitário²⁴ se dedica ao relato de fatos que atendem às demandas de determinada comunidade, e é por seu intermédio que se busca resgatar a identidade individual e coletiva da sociedade na qual determinada comunidade está inserida. É a busca constante pela valorização da cultura local, de uma coletividade, a partir da noção de pertença do indivíduo à determinada comunidade, e que oportunize aos seus membros cidadania no sentido de poder exercer seu direito a uma comunicação ativa.

A relação entre o jornalismo comunitário e comunidade deve ser muito próxima, sendo que não pode haver jornalismo comunitário sem a comunidade.

²⁴ O jornal, como meio de comunicação massivo, diferenciando-se do jornal comunitário, configura-se como espaço discursivo, pois materializa o discurso midiático a partir de condições linguísticas e sociais próprias, em que sua significação é produzida construindo ou reconstruindo a informação que transmite de acordo com essas condições, e pela forma como os elementos se apresentam no contexto sociocultural de onde se originam. Nesse contexto, deve-se levar em conta que os jornais, de forma geral, estão diretamente vinculados aos órgãos de imprensa e os meios de comunicação brasileiros com a estrutura hegemônica de controle e acesso à informação no País. É válido lembrar que no Brasil, existe uma herança colonial que se estende até os dias atuais e que caracteriza a propriedade dos meios de comunicação estabelecendo relações de promiscuidade com políticos e empresários (LIMA, 2001; RAMOS, 2005).

“Uma imprensa só pode ser considerada comunitária quando se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntica de uma comunidade. Isto significa dizer: produzido pela e para a comunidade” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 126). Esse pensamento é complementado por Campos (2007), ao reforçar que a proximidade entre as pessoas é a principal característica do meio comunitário, porque elas se conhecem e se reconhecem nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos. Nessa linha de pensamento, o jornalismo comunitário “surge, assim, como instrumento de representação social, um espaço que discute os valores e a identidade de um determinado grupo, ocupando uma lacuna deixada pela imprensa de grande porte” (DORNELES, 2012, p. 245).

Dessa forma, o cidadão, ao ser inserido em um sistema de comunicação comunitária, tem condições de participar de maneira ativa do processo de construção das notícias, da prática redacional à publicação de determinado veículo comunitário. Essa prática conduz, cada vez mais, à produção de conteúdos que vão garantir um estreitamento entre o público leitor e a produção das informações, juntamente com os jornalistas, uma maior reciprocidade entre o veículo e a comunidade, de forma que essa se veja representada naquele.

A prática do Jornalismo Comunitário só é possível se o jornalista que se destina ao trabalho de comunicação comunitária tiver a sensibilidade e os olhos voltados para a comunidade, para os fatos que realmente têm importância para aqueles indivíduos que compõem a comunidade. O jornalismo comunitário, para Marcondes Filho (1992, p. 160), pode ser entendido como “o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade e realiza os fins a que ela se propõe”. O autor complementa que é através desse modelo de jornalismo que os membros de uma comunidade buscam mais força política, poder de barganha mais efetivo e impacto social visível. Paiva (2006) acredita que a concepção de jornalismo comunitário também está vinculada ao sentido de mobilização social:

A narrativa jornalística trafega, então, do eixo meramente informativo ou espetacular para o da composição de discursos ancorados em realidades cotidianas, objetivando uma existência mais integrada entre os indivíduos e o seu real histórico. Este formato de visibilidade altera de modo profundo a composição da produção jornalística em seus mínimos detalhes, da titulação à fotografia, passando pela programação visual, redação e apuração. O próprio conceito do que constitui uma notícia ou do que deve ser noticiado tem seu eixo central reconfigurado (PAIVA, 2006, p. 70).

Um jornal comunitário pode auxiliar a população, ajudando na socialização do indivíduo, por ser diferente da grande imprensa (MARCONDES FILHO, 1987, 1992; GUARESCHI, 2004), pois humaniza o sujeito como um indivíduo importante e torna significativos os grupos, podendo constituir-se num espaço de realização individual e coletivo. O humanizar pode ser entendido como o integrar-se culturalmente em um determinado território, um território com uma forma de viver.

Essa posição sobre o Jornalismo comunitário como humanizador do sujeito e como espaço de realização do próprio sujeito e do grupo encontra eco no pensamento de Claval (1999; 2001), quando o autor coloca que aquilo que é escrito, cria um novo tipo de memória, objetiva, material e que ao conservar discursos, essa memória tem uma propriedade fundamental que é ser cumulativa, permitindo que os saberes se desenvolvam mais ricos, mais diferenciados, eruditos.

O Jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social. [...] Outra característica importante é o completo afastamento do ranço etnocêntrico. O jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. Mesmo que já pertença a ela, deve fazer um esforço no sentido de verificar uma real apropriação dos processos de mediação pelo grupo (PENA, 2005, p. 185-187).

Ao criar um veículo de comunicação comunitária é importante reafirmar que é preciso que haja interação com a comunidade na qual está inserido. O jornalista que desempenha esse tipo de atividade geralmente conhece as pessoas pelo nome, aceita e respeita o modo de vida dessas pessoas e a maneira como se expressam, ainda que de forma coloquial ou errada. O jornal comunitário enquanto comunicação horizontal passa a ser a voz da comunidade, mediando o discurso desses sujeitos e dos demais discursos sociais, pois articula as muitas vozes que se tornam públicas no espaço midiático, organizando-as na referência dos fatos no processo de construção textual e imagético, que se tornará material simbólico ao ser captado pela Memória Social. O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para, assim, construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes e que têm algo em comum (mesmo bairro, trabalho, religião, escola, sindicato etc).

[...] cinco características marcadoras do Jornalismo comunitário, responsáveis por garantir ao segmento personalidade, autenticidade e registros muito nítidos de uma carga genética (“DNA”) exclusiva: a)

valorização da realidade local; b) participação da comunidade durante todo o processo de produção; c) consagração das idéias da mobilização e da transformação; d) resgate de um viés pedagógico e educativo; e) articulação com a produção independente e de resistência (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 9).

Entre as características do jornalismo Comunitário estão também a divulgação de assuntos específicos das comunidades, de movimentos coletivos e de segmentos populacionais que normalmente não encontram espaço na mídia convencional e estratégias de educação não-formal, contribuindo para a elevação da autoestima, a reconstrução da cidadania e o desenvolvimento de um olhar crítico por parte daqueles que estão envolvidos na sua produção, e ainda, dos demais integrantes da comunidade no qual o veículo de comunicação está inserido, promovendo a valorização da realidade local, da proximidade, não necessariamente só de lugar, mas de interesses e identidades.

Assim sendo, não basta falar de coisas do lugar para que um meio de comunicação possa ser considerado comunitário, pelo menos não se quisermos falar deles em conformidade com os princípios teóricos de comunidade. Nessa perspectiva, o que mais importa são as identidades, o vínculo e a inserção como parte de um processo comunitário mais amplo, ou seja, o compromisso com a realidade concreta de cada lugar (Peruzzo, 2002: 63).

As principais pautas do Jornalismo Comunitário são: reportagens que estabeleçam relações de interesses entre temas mais amplos e os impactos específicos na comunidade; projetos culturais e sociais, cenários de violência e exclusão, problemas como o desemprego e a falta de escolas ou de postos de saúde etc (DORNELLES, 2004). Além dos conteúdos que dizem respeito às necessidades e problemáticas das comunidades, artes, cultura e outros temas de interesse local também são pautados, incluindo a cobertura de eventos (festas, comemorações, nascimentos, falecimentos), da política local (eleições para o sindicato, cooperativa ou para a associação de moradores), as instituições que geram produtos e fatos (associações de moradores, associações comerciais, prefeituras e secretarias), as políticas públicas para a área e o dia a dia da vizinhança.

O processo de produção do Jornalismo Comunitário envolve, de certa forma, o rompimento da hierarquia e o diálogo se manifesta no sentido horizontal, o público deve ser encarado como cidadão protagonista, ativo, pensante e atuante, a

participação da comunidade deve ocorrer por meio de conselhos e de representantes, do processo de produção, da discussão das pautas à distribuição ou veiculação das notícias.

O jornalista atua como “agente social [...] Aquele que primeiramente é capaz de promover e de potencializar a articulação comunitária, seja via instituições (desde prefeituras, órgãos municipais e organismos não-governamentais) ou por meio da evocação de uma comunidade determinada” (PAIVA, 2003, p. 143). Nesse contexto, a participação acontece pela “natureza de sua atividade (ajudar a promover o diagnóstico comunitário, a planificação da atuação do grupo, a elaboração das estratégias de comunicação a serem adotadas, a realização dos veículos e, por fim, a assistência periódica)” (PAIVA, 2003, p. 143), assegurando, dessa forma, o alinhamento dos conteúdos do jornal comunitário à proposta de comunicação dialógica e ao perfil de seu público.

Entende-se, portanto, que o Jornalismo comunitário mobiliza conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, cujos textos constroem e reconstroem identidades coletivas, mobilizando as ações em torno de objetivos comuns: ao mesmo tempo em que posicionam o indivíduo em um lugar dentro do grupo, criam laços de reconhecimento e de representação desse grupo para a sociedade. “É por meio dos significados produzidos por estas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2000, p. 17).

Ao mobilizar esses conteúdos, o jornalismo comunitário possibilita que, na busca de construção e/ou conservação de sua identidade, os sujeitos pertencentes à comunidade possam garantir a continuidade de suas histórias e memórias, numa dinâmica em que a evocação do passado é um substrato de memória, constituindo-se como sua base, fundamento, parte essencial das lembranças, preservadas e retidas no tempo, salvando-as do esquecimento e da perda. “O vivido remete à ação, à concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; essa, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência” (AMADO, 1995, p. 131).

O jornalismo comunitário está orientado pelo social, não bastando que um jornal seja desenvolvido em uma comunidade para ser chamado comunitário, porque ele precisa estar articulado com o social, para que, assim, possa garantir uma ação que transcende a mera transmissão de informações, adquirindo um caráter social, emancipador e transformador. O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da

comunidade a que se destina, para, assim, construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes. Portanto, vale destacar o caráter coletivo do jornalismo comunitário. Segundo CHAUI (2003, p. 140), a filosofia, a grosso modo, conceitua memória como “uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança”. Os jornais comunitários deveriam atender a veiculação de informações e o fortalecimento da memória da comunidade em questão.

Essa proposição encontra apoio em Walter Benjamin, filósofo alemão, para quem o passar dos tempos e a chegada dos tempos modernos trouxeram a desorientação das formas especificamente modernas de narrativa (romance moderno, short-story, jornal), porque foi deixando de existir a ‘capacidade’ de contar histórias, e com isso instalou-se a incapacidade de trocar “experiências”. Benjamin afirmava que as melhores narrativas escritas eram aquelas que se aproximavam das histórias contadas por inúmeros narradores anônimos, e consistiam num meio ‘artesanal’ de comunicação, e na sua perspectiva existem incompatibilidades inconciliáveis entre a narrativa e a informação.

A narrativa oferece reflexão, espanto e nunca se exaure; a segunda surge de forma efêmera e somente tem validade enquanto novidade. O autor aponta a definição de memória como uma capacidade épica²⁵ e para ele, existe uma diferença de atuação da lembrança na narrativa e no romance, sendo ambos advindos da epopéia que se divide em dois momentos: “o da memória perenizante do romancista em oposição à memória de entretenimento do narrador” (BENJAMIN, 1983, p. 67). Assim, ele define a informação jornalística moderna como incapaz de ser apreendida pela memória, por conta de sua pecha de produto a ser consumido instantaneamente. “(...) reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele” (BENJAMIN, 1983, p. 61-62).

Para o autor, o sujeito moderno, leitor ávido de informações, apresenta uma nova forma de lidar com a memória, que se forma fugaz. Para a imprensa tradicional/midiática, importa aquilo que é novidade, assim, rapidamente ela substitui informações por outras mais novas, e esse processo se torna contínuo, por isso a imprensa estará condenada a não contribuir com a memorização dos fatos e não

²⁵ A Mnemosia, deusa da reminiscência, era a musa do gênero épico entre os gregos.

deve ter muitas pretensões junto à questão da memória. Porém, Benjamim (1983) torna possível outra concepção no que se refere ao jornalismo comunitário que pode se tornar instrumento de aquisição, conservação e evocação da memória de uma determinada comunidade, isso porque, apesar de predominar no jornalismo comunitário, assim como no tradicional/midiático a busca pelo novo, ressalta-se que, no comunitário, seus discursos produzem sentido para os processos históricos e destacam os fatos que se tornarão memoráveis no futuro, principalmente quando são produzidos e relatados a partir da própria comunidade.

O Jornal, especialmente o comunitário, tem figurado em muitos trabalhos como suporte da expressão da memória de grupos, como um lugar de informação sobre o que as comunidades pensam, mas o que percebemos é que ele não se constitui como propagador intencional de uma memória, e a maioria dos jornalistas não tem consciência ou não se apercebe de como esse processo ocorre.

Ao falar de Jornalismo Comunitário e participativo, é preciso refletir sobre o contexto da comunicação e de seus meios. Os meios de comunicação, especialmente os de massa, são considerados importantes componentes na constituição e manutenção de Representações Sociais, as quais consistem num subsídio e numa contribuição para compreensão da realidade, uma vez que permitem conhecer a subjetividade, a atividade e a Identidade Social de sujeitos num contexto geográfico, social e histórico, constituindo-se ainda num fator relevante para a construção da Memória da Coletividade. Os coletivos que representam, imbricam possibilidades de afirmações, às quais estão vinculadas as questões de identidade e de bens considerados de valor para esses grupos, bens esses que podem ser entendidos, fora do universo legal, como patrimônio daquela comunidade.

3.2 Jornalismo e as Fronteiras com a História

Jornalismo e História estão muito relacionados, e a partir de Ribeiro (2015), Alfonso (2015), Mariano (2015), Santos (2009), Maciel (2007), Santhiago (2007),

Maia (2006), Ferreira²⁶ (2004), Lima (2004), Rouchou (2003), entre outros pesquisadores dessa área.

Para melhor situar as reflexões sobre o tema, é importante retomar brevemente questões acerca da linguagem e os gêneros jornalísticos. Inicialmente, Lage (2006) ressalta que a língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também o espaço de uma organização do mundo a que se chama cultura. De acordo com os autores do Jornalismo, a linguagem jornalística tem ênfase no conteúdo, naquilo que é informado; é composta de palavras, expressões e regras combinatórias possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal; é objetiva e mais denotativa do que conotativa; é empática: propõe linguagem agradável e proximidade com os públicos; é convencional e arbitrária: o jornalista faz suas opções; é referencial: centra-se naquilo de que se fala; propõe metadiscursos: o discurso jornalístico refere-se a outros discursos sociais; em relação a eles cria hierarquia de vozes; é ética ao evitar usos pejorativos; é análogo à sociedade, privilegiando valores e costumes (avanços sociais, por exemplo) (LAGE, 2006; PIZA, 2003; MELO, 1994; 2003; entre outros).

Barbeiro e Lima (2002, p. 95) complementam: “O texto jornalístico, seja em veículo impresso ou eletrônico, deve ser claro, conciso, direto, preciso, simples e objetivo. São normas universais, de absoluto consenso em TV, rádio, Internet, jornal ou revista.” Já Sodré e Ferrari (1986, p. 11), trabalham a questão da linguagem como narrativa jornalística: “Uma narrativa que se distancia da literatura ficcional, do imaginário, e passa a ser guiada pela realidade factual do dia a dia num desdobramento que tenta responder as clássicas perguntas quem, o quê, como, quando, onde e por quê?”.

A linguagem ou narrativa jornalística está presente em diferentes gêneros, sobre os quais também existem abordagens variadas. Neste trabalho será utilizada a classificação de gêneros estudados por Melo (1994; 2003), que atendem a critérios funcionais, de acordo com as funções que os textos desempenham em relação ao leitor, que seriam informar, explicar ou orientar, conforme mencionado no

²⁶Jornalista, com doutorado na área de Comunicação. Desenvolve pesquisa de pós-doutoramento na PUC-SP, onde examina algumas relações determinantes existentes entre contradiscursos, um discurso emancipador e narrativas literário-jornalísticas classificadas como Novo Jornalismo e romance-reportagem, considerados como paradigmas para os chamados livros-reportagem. As produções jornalísticas e literárias são entendidas como espaços importantes de descoberta e afirmação dos indivíduos e das coletividades, em um mundo no qual a questão da identidade se coloca de modo premente.

processo de produção do Jornalismo. Ocorre, no entanto, que a entrevista está presente na maior parte dos gêneros citados, excetuando-se o editorial, a crônica e o testemunho. Exercer a profissão de jornalista sem realizar entrevistas²⁷ não é possível porque “A entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em Jornalismo” (LAGE, 2006, p. 73), de cuja opinião partilha Sousa (2006, p. 235), para quem a entrevista “enquanto técnica de obtenção de informações é indissociável da actividade jornalística”.

Com relação a esse cenário, Rouchou se posiciona a respeito da temática.

A entrevista também é um dos instrumentos básicos do jornalista. É preciso entender qual a função da entrevista, especificar do que trata esse instrumento [...] fundamental para o Jornalismo. Poucas matérias de jornal apresentam-se sem a entrevista. Por menor que seja a nota, ela foi captada por uma entrevista (ROUCHOU, 2000, p. 182).

Outros estudiosos também olham para a entrevista em razão de sua utilização no maior dos gêneros jornalísticos, a reportagem em profundidade ou grande reportagem, dentre os quais serão aqui estudados Maciel (2007), Ferreira (2004), Rouchou (2000), Mariano (2015), entre outros.

Ferreira (2004) analisa os procedimentos de coleta de informações, tematização e textualização, em diferentes obras, de forma rica e surpreendente com relação aos objetivos, o tratamento com as fontes de dados e à discussão de problemas na contemporaneidade. Ele analisa obras de diferentes autores²⁸ dos gêneros romance-reportagem e do Novo Jornalismo, e afirma que estabelecem relações entre *fatos noticiosos*, a *história-processo* e as *narrativas literárias*, que são os campos que analisa, e que permitem a problematização das fronteiras entre as formas de produção cultural que englobam os discursos da História, do Jornalismo e da Literatura. Embora apresentem formas composicionais e tematizações diferentes,

²⁷ Por sua vez, o jornalista Mário Erbolato compreende que, em uma cobertura jornalística, o procedimento pode ser visto como uma “reportagem provocada”, por meio da qual é possível confirmar ou confrontar um fato, de acordo com o conhecimento retido pela fonte entrevistada. Podem ser classificadas de diversas maneiras – e, ressalta-se aqui, não há um padrão universal adotado pelos autores. Erbolato (2006, p. 158-159) classifica as entrevistas de acordo com os seguintes aspectos: “como geradoras de matérias jornalísticas”; “quanto ao entrevistado (individual ou em grupos)”; “quanto aos entrevistadores” (entrevistas individuais ou coletivas de imprensa) e “quanto ao conteúdo” (informativas, opinativas ou ilustrativas/biográficas).

²⁸ “Rota 66”, de Caco Barcelos, “Vozes da marcha pela terra”, de José Carlos Sebe Bom Meihy, Andrea Paula dos Santos e Suzana Lopes Salgado Ribeiro, e “A princesa”, de Fernanda Farias de Albuquerque e Maurizio Jannelli.

o pesquisador aponta três características comuns a essas obras: a) abordagem a partir de fatos comprováveis na realidade; b) apresentação da memória desses fatos (especialmente por meio da denúncia); c) construção baseada em testemunhos de quem viveu os acontecimentos enfocados ou tem indícios/provas deles.

Maciel (2007) afirma que foram os apontamentos de ordem estilística, temática e composicional feitos por Ferreira que permitiram a classificação de “*Vozes da Marcha pela terra*”, como ‘Livro-Reportagem’, pois “(...) Este, em resumo, é o discurso da história que permeia o *Jornalismo* e a literatura construídos em *Vozes da marcha pela terra*” (FERREIRA, 2004, p. 261). Essa posição é compartilhada por Lima (2004, p. 1), quando afirma que:

A escolha por esse produto jornalístico procura aprofundar a proposta da cobertura jornalística, não se limitando a transmitir informações ou noticiar alguma pauta factual: o livro-reportagem é um veículo de comunicação jornalística que desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva.

As obras analisadas constituem exemplos diferentes de produção jornalístico-literária, vão do estilo ficcional até as mais próximas à ‘cientificidade’ de forma e conteúdo. Essas práticas narrativas estariam ligadas a essa última vertente, por terem uma configuração diferente da tradicional.

Daí justamente o fato de serem elencadas pelo autor como exemplo de uma estratégia possível de construção narrativa que, embora apegada aos ‘fatos’ e acontecimentos da realidade, foge à receita canônica da objetividade, do distanciamento, do efeito de neutralidade e isenção prescritos para o *Jornalismo* e o discurso científico, que também trabalham sobre tais objetos (MACIEL, 2007, p. 1).

Ainda referindo-se às narrativas jornalísticas de reportagens ou livros-reportagem, Ferreira (2004) coloca que as obras analisadas, mesmo que em diferentes medidas, constituem modalidades de relatos de problemas da contemporaneidade e que, por meio de sua discussão, terminam não só apresentando parâmetros para compreendê-los no curso da história, mas situam os acontecimentos num contexto que é decorrente de processos socioculturais e políticos, que tanto remetem a um passado como também projetam questões para a realidade futura e, desse modo, constroem memória e história.

Também se deve levar em conta que tanto os personagens trazidos pelo Jornalismo são sujeitos históricos, envolvidos de forma direta com a realidade imediata em que estão, como com um passado que constitui suas referências e memórias, que integram com os dados documentais e a observação do repórter, o tripé que sustenta a recolha de informações.

Santhiago (2007), Santos (2009), e Ravazzolo (2014) concordam que há gêneros jornalísticos como a grande reportagem e o livro-reportagem, considerados por eles como a essência do Jornalismo, e onde são permitidas “liberdades que não são possíveis vivenciar no Jornalismo diário, que é ligeiro e apressado” (Santos, 2009, p. 23), em que estão presentes as histórias de vida e onde, com todas as liberdades na pauta, na grande reportagem há uma grande margem para o descobrimento do cotidiano com suas diversas vozes, saberes, realidades, grupos e suas identidades, suas histórias de vida. Outro teórico do Jornalismo, Vilas Boas (2002, p. 15), refere-se ao texto biográfico, presente nos ‘perfis’, ‘testemunhos’, ‘reportagens’ e ‘artigos’, entre outros. A biografia é o “resultado do cruzamento entre o histórico, o jornalístico e o literário, “híbrida por natureza”, afirmando que ela é “sem filiações e cercaduras”. Ele afirma ainda:

Acredito que a biografia pode emprestar e tomar emprestado ferramentais variados da História, da Sociologia, da Psicologia, do Jornalismo, etc. Os campos complementam-se caso a caso. Primeiramente, historiografia é uma das fontes indispensáveis para compreender o fazer biográfico, na medida em que contempla pesquisa, documentação, interpretação e recursos narrativos (VILAS BOAS, 2002, p. 19).

Em seus dois principais textos sobre Livro-Reportagem, Lima (1998; 2004) traz em muitos momentos a ideia de história de vida como resultado de “entrevistas livres (...) desenvolvidas pelas Ciências Sociais e, sobretudo, pela Antropologia, poderoso recurso para a melhoria dos processos de captação dos jornalistas” (LIMA, 1998, p. 93), posição compartilhada por Vilas Boas (2002; 2003). Isso fica explícito na colocação de Santhiago, quando se refere ao tema, afirmando que “[...] a narrativa biográfica, mais organizada cronologicamente pelos jornalistas-biógrafos” (SANTHIAGO, 2007, p. 2), está presente no Livro-Reportagem. Essa constatação também é feita por Crespo, Del Barrio e Zapatero (2013, p. 179), quando afirmam que:

El periodista profesional siempre ha tenido que utilizar documentos de todo tipo para elaborar su trabajo diario: tanto registros sonoros como notas manuales y documentación oficial. [...] Sería importante crear conciencia cívica y profesional, y generar en los profesionales de la documentación la inquietud por rastrear ese tipo de archivos personales y valorarlos como documentos para la recuperación de la memoria histórica²⁹.

Rouchou (2003, p. 2) alerta para uma questão preocupante acerca dos métodos e técnicas de entrevista jornalística, quando afirma:

A dinâmica dessa discussão não está em nenhum manual de Jornalismo. Não é uma questão no Jornalismo, nem nas redações – onde não há tempo para teorias – e o que parece ser mais alarmante, não entra no currículo obrigatório das faculdades de Comunicação (p. 2). Como se sabe, no Jornalismo há pouco material publicado sobre entrevista. [...] o Jornalismo discute essa questão com o pragmatismo de perceber a entrevista como uma técnica que faz parte da prática diária do ofício do jornalista. Um passeio pelas redações ou salas de aula de Jornalismo permite afirmar que não são sempre claros a função do jornalista diante do entrevistado e o modo de conduzir uma entrevista. Manuais de redação ensinam como devem ser tecnicamente as entrevistas, perguntas curtas, incisivas, agressivas, mais contundentes, ou ainda, como ganhar a confiança do entrevistado (ROUCHOU, 2003, p. 5).

Esse contexto em que o Jornalismo se utiliza das entrevistas como técnica, seja no próprio campo acadêmico ou mesmo no exercício da profissão, parece estar mudando. São mais numerosos os pesquisadores que pesquisam essa área e que afirmam a constatação dessas mudanças, como pode ser visto nas colocações de Alfonso (2015), Ravazzolo (2014), Pereira, Assis e Antonioli (2014), Maciel (2007) e Ferreira (2004):

Amplia-se o panorama de pesquisas, tanto no exterior como no Brasil, que faz uso da entrevista. Na pesquisa sobre o Jornalismo brasileiro, temos trabalhos acadêmicos que fazem uso da entrevista com jornalistas [...] como método. Seja para estabelecer um mapeamento identitário ou para a compreensão da importância do método, ou até para vislumbrar quais as perspectivas da entrevista no Jornalismo impresso contemporâneo (ALFONSO, 2015, p. 7-8).

Santhiago (2007) argumenta que existe um interesse crescente por parte do Jornalismo em munir-se com conhecimentos de outras áreas das Ciências Humanas

²⁹ Tradução livre da autora: O jornalista profissional sempre teve que usar documentos de todos os tipos para desenvolver seu trabalho diário: tanto os registros sonoros como notas manuais e documentos oficiais. [...] Seria importante criar consciência cívica e profissional, e gerar nos profissionais da documentação a inquietude por rastrear esse tipo de arquivos pessoais e valorizá-los como documentos para a recuperação da memória histórica.

e Sociais, embora sem abrir mão de seu próprio arcabouço teórico – instrumental. Esse posicionamento tem levado os jornalistas ao estudo dos métodos empregados, especialmente ao que melhor permite a captação de notícias que é a entrevista.

3.2.1 Jornalismo Comunitário e a História

Carnicel (2011), em seu trabalho, analisa as correlações existentes em dois instrumentos da comunicação humana, que fazem parte da construção do conhecimento: o Jornalismo comunitário e a História por meio de conceitos e modos de elaboração de ambos, e busca entender quando uma entrevista, o diálogo, a relação entrevistador-entrevistado deixa um campo e entra no outro, ou seja, deixa o campo da comunicação e passa para a esfera da historiografia.

Ele explica isso ao mostrar como se dá a atuação dos profissionais em sua prática profissional, em função de seus objetivos, utilizando seus instrumentos de trabalho, linguagens e métodos. Os profissionais do Jornalismo se pautam por diferentes condutas, que vão dos que escolhem o distanciamento e a objetividade e os que se dedicam à militância e o engajamento pelas causas sociais, sendo que esses últimos são os que se encaixam no perfil do profissional que se envolve na concepção e produção de um jornal comunitário.

Segundo Carnicel (2010), na área do Jornalismo Comunitário existem dois tipos de profissionais: aquele que é da comunidade, que vivencia seu cotidiano e que, por isso, tem olhar mais subjetivo sobre assuntos a ela relacionados, e há o outro, aquele que não pertence à comunidade, mas que, mesmo assim, se engaja em suas causas com certo distanciamento, embora conheça suas necessidades, e, por isso, tem o discernimento necessário para olhar e vivenciar os fatos com mais distanciamento e objetividade. Esse jornalista ‘menos próximo’ é importante porque pode dar mais legitimidade ao jornal na medida em que não permite que pessoas ou lideranças da comunidade usem-no para satisfazer seus interesses pessoais. “Portanto, os papéis do jornalista neutro e imparcial e do jornalista engajado e participativo não são absolutamente excludentes no processo de produção do jornal comunitário” (CARNICEL, 2010, p. 38).

O jornal comunitário tem como objetivo principal oportunizar que os membros de uma comunidade tenham voz, especialmente na cobertura de assuntos aos quais a mídia tradicional não dá espaço. O processo de produção dessa modalidade

jornalística permite o diálogo entre os membros de uma comunidade e, ao se configurar como um instrumento que ultrapassa sua função informativa, torna-se um instrumento capaz de despertar a cidadania pelos debates e pela busca de soluções para seus problemas.

O jornal comunitário, por meio de uma linguagem simples e acessível, não pode se caracterizar apenas como um repositório de notícias; deve afigurar-se como um suporte que apresenta conteúdo que estimule o leitor a levantar questionamentos, fazer críticas, propor soluções; oferecer elementos para que o cidadão não seja um mero receptor do veículo, mas um agente transformador da sociedade. Deve também cumprir a função de atender aos anseios da comunidade e divulgar as suas realizações, podendo se constituir em fonte de promoções comunitárias, oferecer caminhos para soluções de problemas, organizar eventos e liderar campanhas nem sempre presentes na mídia convencional (PERUZZO, 2005, p. 76).

Fica claro que o jornalista não pode ignorar situações que ocorrem na transposição da língua falada para o relato escrito, pois não deve ser considerado apenas o que foi dito pelo entrevistado durante a entrevista, pelo contrário, deve ficar atento a tudo o que se passa ao redor, ao ambiente, aos silêncios e gestos, porque, muitas vezes, o não dito é tão importante quanto o que foi falado. Carnicel (2011, p. 16) explica que tomando o entrevistado como fonte³⁰ (de quem procede ao acontecimento), o fato, a notícia, que pode tanto ser utilizada na produção jornalística ou em um trabalho historiográfico, “será sempre a base para a construção do processo de comunicação humana”.

[...] a prática do Jornalismo comunitário (feito pela comunidade, no entanto, sob orientação de profissionais da comunicação) percebemos que chegamos à rotina que deveria pautar o Jornalismo sério, comprometido e plural, ou seja, o cruzamento das fontes, principalmente quando as entrevistas são divergentes (CARNICEL, 2011, p. 15)

Isso se torna possível porque o processo de fechamento de um jornal comunitário tem um ritmo mais lento e porque o entrevistado geralmente tem acesso ao texto antes que ele seja publicado, o que permite que as fontes possam opinar sobre o material a ser publicado.

³⁰ O termo fonte, independentemente da modalidade jornalística, na teoria da comunicação, significa [...] a ‘Procedência da notícia. Todos os documentos e pessoas de onde um autor de trabalho jornalístico, literário, técnico ou artístico extraiu informações para sua obra.’ (RABAÇA; BARBOSA, 1998, p. 275).

[...] Permite registrar relatos de cidadãos que vivenciaram um determinado período, num passado próximo ou longínquo. Possibilita ao entrevistado evocar situações vividas, mesmo que reescritas ou transformadas no momento dessas lembranças. Esse registro, além de impresso nas páginas do jornal, pode, também, ficar para a história, mesmo que não seja a oficial (CARNICEL, 2010, p. 55).

Na prática do jornalismo comunitário, que dá voz a muitos narradores, muitas vezes anônimos, é comum haver uma comunhão de interesses, que permite o registro de fatos de determinado período de sua história.

3.3 A interação entre o Jornalismo e a Memória

Nossa sociedade nunca esteve tão envolvida e ocupada em processos de produção de memória. Nem tampouco o Jornalismo, enquanto prática social da realidade, esteve tão centralmente localizado em meio a essa premissa. Explora-se, a seguir, essas recentes transformações e essas relações entre Jornalismo e Memória, seja por meio do que diz respeito à concepção de Jornalismo enquanto um repositório de memória para a produção de relatos históricos, seja no que diz respeito aos padrões de Memória acionados na produção dos textos jornalísticos.

Beltrão e Quirino (1986), Dines (1996), Lage (1999) e Melo (2012), entre outros, entendem que o Jornalismo tem como função básica informar a sociedade, averiguando de que forma os fatos acontecem, transmitindo-os para a população, constituindo-se numa atividade que acompanha a sociedade há várias gerações, proporcionando possibilidades de difusão de conhecimentos e de informações numa escala antes inimaginável.

O Jornalismo, na visão de Karam (1997), também tem função importante na formação da cultura, pois não é possível existir uma sociedade bem informada culturalmente se não receber informações - há uma relação entre o Jornalismo e a sociedade: através de notícias atuais e apuradas, há uma contribuição com a formação cultural da sociedade.

A sociedade se confunde em sua estrutura com a cultura, na medida em que representa um fenômeno gerado simbolicamente pela comunicação. A comunicação é o mecanismo de coordenação da interação social, torna possível o consenso entre as pessoas. Em função disso, não pode ser reduzida à pura e simples transmissão de experiências, consiste no processo pelo qual os sujeitos têm uma experiência comum da realidade, constroem seu mundo como coletividade (RÜDIGER, 1998, p. 37).

A sociedade deve ser vista como formada por comunidades simbólicas de participação, que fornecem sentido às ações humanas e à realidade social. O Jornalismo é fruto do ser humano e de suas necessidades e as notícias só existem em função das pessoas e de seus cotidianos; a maneira com a qual a ética e a moral conduzem suas atitudes servem de balança para julgar o que é certo e errado. Assim, o Jornalismo pode ser entendido como tendo um “papel socialmente legitimado para produzir construções da realidade que são publicamente relevantes” (ALSINA, 1996, p. 18), ou seja, ao jornalista é delegada a competência para recolher os acontecimentos e temas importantes e atribuir-lhes sentido, firmando, com a sociedade, um “acordo de cavalheiros”, “contrato fiduciário” social e historicamente definido (TRAQUINA, 1999, p. 168).

Por outro lado, os processos de formação da identidade e do acervo social do conhecimento são processos que acontecem simultaneamente na sociedade; é disso que a sociedade vive, e estar em sociedade significa participar da dialética desse processo. Ser um ser social é fazer parte desse processo de interiorizar, subjetivar e exteriorizar, objetivar, onde as estruturas sociais definem tipos de identidade (BERGER; LUCKMANN, 1976). Mas é preciso destacar que, embora esse processo de construção social dependa dos conteúdos e da prática discursiva do Jornalismo, deve-se ficar atento para não incorrer no erro de imaginar essa construção sem a participação ativa do público, nas diversas interações em que os sujeitos tomam parte no dia a dia. A sociedade é composta por grupos de pessoas, únicas e distintas, no entanto, ao olhar de um jornalista, suas histórias são mais do que relatos subjetivos, são notícias, são acontecimentos.

Rüdiger (1998) afirma que a comunicação, em especial o Jornalismo, é um mecanismo de interação social que torna possíveis consensos entre as pessoas. Esse pensamento é compartilhado por Santa Cruz (2007, p. 5), que diz que a principal função do Jornalismo é revelar os fatos com a máxima neutralidade, quando se tornam importantes para atingir esse objetivo os princípios da imparcialidade, interpretação e objetividade. “O Jornalismo é uma leitura sobre o mundo, não do mundo. É um olhar construído historicamente por força de rotinas produtivas, transformações sociais, culturais e ideológicas, relações e interesses comerciais, políticos, etc” (SANTA CRUZ, 2007, p. 4-5).

No Jornalismo, os fatos são retratados por diversos olhares e através de diferentes gêneros, em que o jornalista, ao transmitir o fato para o público interessado, o descreve de acordo como o viu e ouviu, procurando atingir, por meio da clareza e da escolha das palavras, a melhor estrutura morfológica, sintática, e principalmente, buscando a objetividade dentro dos diferentes gêneros jornalísticos³¹, conforme já mencionei anteriormente: informativo (notícia, reportagem), interpretativo (reportagem em profundidade), e opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

O Jornalismo interpretativo é uma forma de fazer jornalístico extremamente rico na abordagem informativa, pois, “ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre elas e oferece a explicação da sua ocorrência” (DINES, 2009, p. 110). A reportagem é um gênero jornalístico privilegiado. Para Noblat (2004), “notícia é o relato mais curto de um fato. Reportagem é o relato mais circunstanciado”. A história é contada de acordo com a subjetividade de cada um, porém, na hora de se escrever a história, os valores básicos como a veracidade e a objetividade dos fatos deverão ser mantidos.

Sodré e Ferrari (1986) identificam as principais características de uma reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Os autores destacam que, conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, alguma dessas características poderão aparecer com maior destaque, mas é sempre necessária a presença da forma narrativa. A reportagem é, portanto, um gênero que necessita de um grande preparo físico e emocional, porque, geralmente, toma tempo na seleção das melhores fontes, leitura de documentos, conversa com os diferentes protagonistas e personagens envolvidos na história, exigindo que seja captado o ambiente onde ocorrem ou ocorreram os acontecimentos.

Tornou-se um hábito rotineiro para milhões de pessoas no mundo acompanhar os acontecimentos locais, regionais, nacionais e internacionais, assistir a um noticiário, ler os jornais impressos, ouvir rádio ou acessar outros meios de comunicação.

O acontecimento é uma singularidade, uma experiência singular na temporalidade. Assim, o poder da narrativa do acontecimento consiste na

³¹ Melo (1994; 2003), Beltrão (2006), Lage (2006), Piza (2003), Medina (1978, 1986) e Mateu (1998).

exposição do fato social – a narrativa jornalística desta maneira “ilumina” o acontecimento, lança luzes sobre ele, o faz, por uma determinada perspectiva, acontecer. A narrativa temporaliza o acontecimento, o que conduz à constatação de que quem dita o ritmo do nosso tempo é o Jornalismo. Há uma imensa diferença entre o acontecimento em geral e o acontecimento jornalístico, porque o segundo é narrado, obedece, portanto, as regras da narrativa com a intenção de construir sentidos e situar seus leitores dentro de uma cartografia previamente mapeada (SANTA CRUZ, 2012, p. 1).

As narrativas jornalísticas, ao registrarem esse acontecimento fugaz, também operam no reconhecimento do cotidiano, como tempo possível, lugar do acontecimento, referencial da contemporaneidade. O homem permanece no cotidiano, porque ele é repleto de significados e é onde não só os atributos do homem se tornam concretos, mas é onde se relaciona consigo mesmo e com o outro no tempo presente, carregando as condições históricas que lhe permitem exercer suas potencialidades.

Os acontecimentos, enquanto notícias, são regularmente interpretados dentro de enquadramentos que derivam, em parte, desta noção de consenso enquanto característica básica da vida quotidiana. São elaborados através de uma variedade de “explicações”, imagens e discursos que articulam o que o público supõe pensar e saber da sociedade (HALL et al., 1993, p. 227).

Sousa (2006, p. 232) coloca que “os jornalistas partilham valores e formas de ver e fazer as coisas”, estabelecendo, assim, uma cultura caracterizada por saberes profissionais específicos. Esse pensamento encontra ressonância em Hall et al. (1993), que afirma que o Jornalismo fomenta “mapas culturais de significado” (HALL et al., 1993, p. 225), e isso é determinado por diferentes fatores: a articulação entre as condições de produção das notícias, a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e as condições de produção, fazendo com que esses profissionais utilizem diferentes tipificações no seu trabalho diário (hábitos, rotinas, formas de lidar com novo etc.), que vêm da experiência passada e que são uma modalidade de memória. Essas tipificações, no trabalho jornalístico, “se consolidam como valores-notícia, os quais, por sua vez, se baseiam no que já foi considerado um valor-notícia no passado” (SANTA CRUZ, 2016, p. 44). Olick (2014) defende que os valores-notícia são moldados pela Memória Social e Coletiva.

As pessoas elaboram seus conhecimentos sobre o mundo a partir daquilo que a mídia inclui ou exclui de seu próprio conteúdo. Ao mesmo tempo, a

capacidade de influência da mídia sobre o conhecimento daquilo que é importante e relevante varia de acordo com os temas tratados (HENN, 2006, p. 179).

A imprensa engloba produção do saber e conhecimento social, pois seus produtos são sempre caracterizados por elementos políticos, econômicos, culturais, sociais e mercadológicos, e, por isso, tem uma grande atuação como agente histórico da sociedade (BELTRÃO, 2006). Em decorrência, os jornais são arquivos vivos, possuem seus próprios arquivos de dados dos quais a produção de notícias depende, o que atesta a importância da memória para o Jornalismo, e ao mesmo tempo, mostra que os jornais são em si mesmos, depósitos de memória.

As pessoas, de uma forma geral, sentiram necessidade do registro da vida cotidiana como uma das formas de manutenção da memória. Nesse contexto, a memória jornalística marca "a entrada em cena da opinião pública [...] que constrói também a sua própria história" (LE GOFF, 2003, p. 461). Há que se considerar, na visão de Santa Cruz (2007, p. 4-5), que nesse contexto os profissionais do Jornalismo são pessoas do seu tempo, possuem:

[...] cargas emocionais, subjetividades, idiosincrasias, preferências pessoais, as quais, aliadas às questões profissionais e operacionais do Jornalismo, interferem diretamente nas práticas noticiosas.

O Jornalismo transforma a realidade apreensível em relato, tornando-se peça fundamental no registro de acontecimentos e isso lhe confere função histórica na sociedade. Dines (2009, p. 140) coloca que os periódicos jornalísticos, ao serem tomados como registros, fontes documentais importantes, se firmam como memória da sociedade, segundo ele, uma "memória disponível e atualizada diariamente. O jornal é o fragmento da história e da memória de um país. Os jornalistas, aos poucos, começam a se dar conta dessa incumbência".

Na visão de Traquina (1999; 2004; 2005), o Jornalismo é entendido como uma prática social, que estabelece relações com o mundo material e com o mundo simbólico dos indivíduos, que acontecem enquanto história e linguagem. História porque são relações constituídas a partir das exterioridades do Jornalismo, que se encontra inserido dentro do processo de produção, transformação e manutenção da sociedade. Linguagem porque são relações constituídas também a partir do modo de quem faz. Dessa forma, acaba por fazer parte da Memória Social.

Mas a grande questão é saber: a quem cabe ser guardião da memória de uma coletividade? Quem detém autoridade para realizar o trabalho de seleção e enquadramento do passado de um grupo? [...]. Os meios de comunicação não são os únicos, mas são, hoje, um dos principais atores na realização do trabalho de enquadramento sobre o passado das coletividades. É através deles que se realiza a operação da memória sob os acontecimentos e as interpretações do passado que se quer salvaguardar. O controle da Memória Social parte de "testemunhas autorizadas" e o jornalista, mediador entre o fato e o leitor, interfere nesse processo, não só enquadrando os fatos, mas reconstruindo valores e identidades no controle da realidade (RIBEIRO; BRASILIENSE, 2006, p. 4).

Essa mescla entre a produção jornalística com a história e a memória, num processo imbricado com a prática e o cotidiano dos grupos sociais, lidando com o material concreto e simbólico dos indivíduos e grupos sociais, como já dito, é o objeto de estudo desta tese e, para a melhor compreensão da proposta, serão abordados tópicos relevantes, referentes ao Jornalismo.

Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014), para falarem sobre a relação Jornalismo e Memória, situam primeiramente a questão da memória e de seus estudos ao longo do tempo para, posteriormente, relacioná-los ao Jornalismo e sua prática. As autoras tomam como referência Whitehead (2009), cuja pesquisa tem como ponto central o estudo do papel da memória na história e cultura ocidentais no contexto do debate que envolve 'a preocupação atual com Memória tanto na academia como na sociedade'. Introduz o tema a partir da afirmação de Andreas Huyssen (2000), de que a cultura ocidental está "obcecada com a ideia de memória" e explora uma variedade de fatores que contribuíram para essa obsessão, como a 'busca por raízes' e a 'proliferação de [e maior acesso a] arquivos' de vários tipos, bem como tentativas de compreender e memorizar vários acontecimentos do século XX. Whitehead³² coloca a preocupação contemporânea com a memória dentro de um contexto histórico maior.

³² Examina como nossa compreensão da memória mudou ao longo do tempo. Traça a história da memória da Grécia antiga até os dias atuais, partindo de uma análise da concepção de Platão sobre a memória no contexto das tradições oral e escrita. Explorando o papel da memória até o Renascimento, toca no tema a partir de Aristóteles, passa pela tradição retórica da Roma antiga até o surgimento dos registros impressos, traz a relação entre "a memória e o livro". Investiga o Iluminismo e o período romântico e avalia como mudanças nas noções do eu afetaram o modo como o 'passado' foi '(re) figurado na memória' durante esses períodos no tempo, movendo-se no século XIX, explorando o desenvolvimento da história como uma disciplina e o que Richard Terdiman denomina a "crise de memória" que ocorreu após a Revolução Francesa, destacando o trabalho de Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jay Winter e James Young relacionados à 'Memória Coletiva'.

Zelizer, falando sobre o Jornalismo, aponta que Whitehead (2009) analisa sua trajetória a partir da importância da divulgação dos acontecimentos desde a Grécia antiga³³ e de livros romanos sobre a oratória que recontavam histórias nas quais eram usadas habilidades mnemônicas para contar exatamente o que havia acontecido, essas refletiam o que, hoje, seria facilmente reconhecido como Jornalismo.

It is in this light that journalism became an important mnemonic platform and as such remained centered on oral relay and though its articulated mission was to address the present, a delicate line between past and present enhanced the possibility that journalism was already acting as an agent of collective knowledge regardless of temporality. [...] Thus early forms of journalistic relay often involved some sort of mnemonic activity even if rarely articulated as such. [...] From the 1500s onward, as a growing print culture revamped what it meant to remember, journalism's centrality increased while mirroring memory's own orientation toward visuality and materiality. [...] the birth of the newspaper one hundred or so years later, and journalism's gradual evolution from oral relay to written technique all enhanced journalism's relevance in marking the past alongside the present. [...] As snapshots of public events appeared across Italy, France, Germany and England of the 1600s - recounting gossip, satire, market news, court decisions, official edicts and military conquests - the relays provided a collective knowledge that put the past to strategic use. (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014, p. 35-36)³⁴

Stephens (1993) atribui à necessidade da notícia 'um sentido social' e um grande interesse das pessoas e dos grupos sociais pelo 'desconhecido', e neste

³³ Período em que os mensageiros levavam as notícias ao conhecimento dos governantes e do público para que os eventos fossem registrados (maratona original, executada em 490 a.C., segundo STEPHENS, 1988, p. 40). Inclui nessa perspectiva a constatação de Demóstenes (discípulo de Platão) que, durante o século IV aC, identificou uma preocupação com as notícias faladas pois "os contínuos esforços para divulgar publicamente os vários contos foram um ponto de referência para os atenienses que se reuniam nos ginásios para atuar em seu registro de ações passadas" (STEPHENS, 1988, p. 14). Também o Fórum e os banhos públicos em Roma serviam como centros de circulação de notícias e onde "os romanos se reuniam para ouvir as últimas notícias das províncias" (STEPHENS, 1988, p. 40).

³⁴ Tradução livre da autora: É nesta luz que o jornalismo se tornou uma importante plataforma mnemônica e como tal permaneceu centrado na retransmissão oral e, embora sua missão articulada fosse abordar o presente, uma linha delicada entre o passado e o presente aumentou a possibilidade de que o jornalismo já atuasse como agente do conhecimento coletivo, independentemente da temporalidade. [...] Assim, as primeiras formas de retransmissão jornalística envolveram, muitas vezes, algum tipo de atividade mnemônica, mesmo que raramente articulada como tal. [...] A partir dos anos 1500, à medida que uma crescente cultura impressa reformulava/renovava o que significava lembrar, a centralidade do jornalismo aumentava ao mesmo tempo em que refletia a própria orientação da memória em relação à visualidade e à materialidade. [...] O nascimento do jornal mais ou menos cem anos mais tarde e a progressiva evolução do jornalismo, desde o relato oral até a técnica de escrita, aumentaram a relevância do jornalismo ao marcar o passado ao lado do presente. [...] Enquanto os instantâneos de eventos públicos apareciam por toda a Itália, França, Alemanha e Inglaterra do século XVII - recontando fofocas, sátiras, notícias do mercado, decisões judiciais, decretos oficiais e conquistas militares – eles transmitiram/forneceram um conhecimento coletivo que colocou o passado em uso estratégico (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014, p. 35-36).

sentido, a notícia é própria da comunicação humana. A notícia, ao retratar um acontecimento ou fato, é anterior ao Jornalismo, consistindo em sua natureza o relato de fatos a aqueles que ainda não os conhecem. Sua divulgação está intrinsecamente ligada às tarefas amplamente vistas como atividades centrais da memória: gravação, armazenamento e recuperação das informações. Por isso mesmo, essa atividade de padronização, que parecia Jornalismo, foi somente chamada de memória.

In ideas about memory from this period, then, journalism thrived as an implicit agent of memory's workings, though it existed mostly in the shadows of memory work. The relationship showed much connection and parallel but received little recognition. Though there was a widespread intellectual investment in the nature of memory - it was complex, systematic and rule-bound - it was accompanied by a lack of attention to the range of possible agents of mnemonic work. Thus, writings focused on the most central mnemonic platforms and activity, leaving journalism out of the picture. (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014, p. 36)³⁵

Some-se a esse quadro as transformações sociais ocorridas ao longo dos períodos históricos, amparados por Misztal (2003), Le Goff (1992), Isaacsson (2011) e Amaral (1996), que apontam para a transformação do Jornalismo, que para se adaptar a essas mudanças, especialmente no Iluminismo e depois à Modernidade, passou a adotar os conceitos de objetividade, imparcialidade e equilíbrio, critérios que continuam a pautar sua prática até o momento contemporâneo, tornando difícil o entendimento de seu relacionamento com o campo da memória, especialmente por parte dos jornalistas (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014; ZELIZER, 1992; KITCH, 2005; OLICK, 2005; EDY, 2006; entre outros).

Em decorrência, fica claro no caminho teórico percorrido (ZELIZER, 1992; KITCH, 2005; OLICK, 2005; EDY, 2006; WHITEHEAD, 2009, entre outros), que as primeiras conceitualizações da memória posicionaram o Jornalismo primariamente como “a sombra da memória”. Isto porque, embora os estudos de memória, especialmente da memória coletiva, apontem para o fato de que as instituições sem

³⁵ Tradução livre da autora do original: Em ideias sobre a memória desse período, então, o jornalismo prosperou como um agente implícito do funcionamento da memória, embora existisse principalmente na sombra do trabalho da memória. A relação mostrou muita conexão e paralelo, mas recebeu pouco reconhecimento. Embora houvesse um investimento intelectual generalizado na natureza da memória - era complexo, sistemático e vinculado a regras -, foi acompanhado por uma falta de atenção à gama de possíveis agentes do trabalho mnemônico. Assim, os escritos centraram-se nas plataformas e atividades mnemônicas mais centrais, deixando o jornalismo fora do quadro (ZELIZER; TENEMBOIM-WEINBLATT, 2014, p. 36).

conexão direta com a memória em suas atribuições estão envolvidas no trabalho da memória o tempo todo, o Jornalismo não está em nenhum lugar dessas discussões.

Estudiosos do Jornalismo que documentaram os vários aspectos da relação entre Jornalismo e memória e os estudiosos da memória que investigaram a memória, especialmente a coletiva em sua amplitude, apontam para essa complexa relação. O trabalho de Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014, p. 1) busca explicitar:

[...] the longstanding and complicated role that journalism has played in keeping the past alive [...] and media retrospectives to simple verbal and visual analogies connecting past and present, journalism incorporates an address to earlier times across the wide array of its conventions and practices (ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014, p.1)³⁶.

Nessa perspectiva, o Jornalismo também é compreendido como importante fator na continuidade das memórias, caracterizando-se por ser portador de uma realidade construída a partir dos acontecimentos, que é apresentada como verídica e imparcial, ocupando espaço destacado no arquivamento e na produção da memória contemporânea (RIBEIRO, 1996; BARBOSA, 1996; ENNE, 2004).

A essência e necessidade de reportar acontecimentos encontraram ao longo dos tempos múltiplos e distintos caminhos no decurso da própria evolução das sociedades. O sucesso decorrente da prática resultou da capacidade de transcrição, expressão e relato de factos, eventos, acontecimentos nem sempre ao alcance de todos, motivando a determinação de um polo de atração social e de criação de uma arena ou espaço público (GOMES, 2013, p.131-132).

É por meio do Jornalismo que são registrados fatos, testemunhos e padrões de comportamento, os quais podem caracterizar diferentes épocas e momentos da história, desta forma, os jornalistas podem ser considerados como “Agentes de Memória” que, muitas vezes, não são reconhecidos por eles próprios nem pelos estudiosos da memória.

The relevance of journalists work to understanding the past, however, is not necessarily admitted by journalists, who neither explicitly speak of the past nor consider the past as part of their obvious purview. As purveyors of the present, they tend instead to display both obliviousness and disregard for

³⁶ Tradução livre da autora do original: [...] o papel antigo e complicado que o jornalismo desempenhou para manter vivo o passado. [...] das retrospectivas da mídia até as simples analogias verbais e visuais que ligam o passado e o presente, o jornalismo incorpora um endereço aos tempos anteriores em toda a vasta gama de suas convenções e práticas (ZELIZER; TENENBOIM-WEINBLATT, 2014, p. 1).

what is in effect their unstated role as agents of memory (ZELIZER, 2008, p. 80)³⁷.

Em seu artigo, “*Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory*”³⁸, Zelizer explica que o trabalho jornalístico permite apresentar o passado, oferecendo, ao mesmo tempo, pontos de comparação e oportunidades de fazer analogias, ao mesmo tempo em que dá nova roupagem a eventos anteriores. Ao incluírem o passado nas suas narrativas, os jornalistas apresentam claramente a importância do passado na produção de sentido do presente, e, por isso, eles se tornaram “Agentes de Memória” (ZELIZER, 2008, p. 85) sem que se atentem para esse fato, com o que também concordam Lima (2015) e Maduell (2015), entre outros.

Por intermédio da informação jornalística, ocorre o vínculo com o passado (no qual está presente a ilusão de que o conteúdo está relacionado ao que era melhor, mais original) e que permite à memória encontrar associações que auxiliam na compreensão dos acontecimentos do presente em seu contexto, com suas interligações, coerentes com os acontecimentos de ontem, e que tornam o Jornalismo legítimo (BERKOWITZ, apud NEIGER; MEYERS; ZANDBERG, 2011). Zelizer tem um posicionamento complementar, quando afirma:

Journalism's treatment of the present often includes a treatment of the past (...) journalism's treatment of the past tends to be as variable, malleable and dynamic as other kinds of memory work. Journalism and journalists are an unobvious but fertile site of memory, and their status as memory agents needs to be better understood (ZELIZER, 2008, p. 81)³⁹.

A História, ao longo do tempo, apresenta ciclos repetitivos nos quais os fatos ocorrem (MATTOS, 1991), que são aprimorados gerando elementos de memória como documentários, testemunhos registrados em diferentes locais do globo,

³⁷ Tradução livre da autora: “A relevância do trabalho dos jornalistas para a compreensão do passado, no entanto, não é necessariamente admitido pelos jornalistas, que nem explicitamente falam do passado, nem consideram o passado como parte óbvia de sua alçada. Como fornecedores do presente, eles tendem para exibir o esquecimento e desprezar o seu papel não declarado como agentes de memória” (ZELIZER, 2008, p. 80).

³⁸ Tradução livre da autora: “Por que o trabalho de memória no jornalismo não reflete o trabalho de jornalismo na memória”.

³⁹ Tradução da autora: O tratamento do presente pelo Jornalismo muitas vezes inclui um tratamento do passado (...) o tratamento de jornalismo do passado tende a ser tão variável, maleável e dinâmico como outros tipos de trabalho de memória. Jornalismo e os jornalistas são um local não óbvio, mas fértil da memória, e seu status como agentes de memória precisa ser melhor compreendido (ZELIZER, 2008, p. 81).

depoimentos, memoriais e documentos comemorativos, entre muitos outros que o Jornalismo e os jornalistas registram (OLICK; VINITZKY-SEROUSSI; LEVY, 2011).

Zelizer (2008) afirma, ainda, que os jornalistas asseguram e materializam os fatos verídicos e reais, utilizando o passado para explicitar eventos presentes e formas convencionais e organizadas para informar o que é mais importante e interessante no presente, fator importante para que se estabeleça a relação entre Jornalismo e memória.

O Jornalismo, na sociedade contemporânea, apresenta-se como formador de opinião e de visões acerca do real. Muitos autores, entre os quais os citados anteriormente no texto, têm buscado mostrar como os meios de comunicação de massa, de forma especial o Jornalismo, ocupam um lugar importante como formadores e mantenedores/armazenadores da Memória Social. Nesse caso, reafirma-se que os jornais podem ser pensados, segundo Nora (apud RIBEIRO, 1996, p. 69), “como construtores e/ou legitimadores de lugares de memória”.

Barbosa (2000), ao olhar o Jornalismo como atividade, tentou mostrar como essa pode ser pensada como “trabalho de enquadramento da memória. Segundo a autora,

[...] é preciso considerar, também, que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados pela prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento” (BARBOSA, 1996, p. 156).

Ora, é por meio da experiência que o jornalista amadurece, se humaniza, entende melhor o outro, pelas vivências, pois, de acordo com Bretas (2006, p. 31-32), “a concepção do cotidiano constitui-se como uma chave para entendermos as práticas comunicativas das pessoas comuns”. Ora, se o Jornalismo Convencional tem sido mostrado como formador e armazenador de Memória Social, outras áreas do Jornalismo têm sido ainda mais propícias para o desenvolvimento desse processo, como por exemplo, no Jornalismo comunitário.

Isto porque o jornal, como meio de comunicação massivo, configura-se como espaço discursivo, pois materializa o discurso midiático a partir de condições linguísticas e sociais próprias, em que sua significação é produzida construindo ou reconstruindo a informação que transmite de acordo com essas condições, e pela forma como os elementos se apresentam no contexto sociocultural de onde se

originam. Um jornal comunitário pode auxiliar a população, ajudando na socialização do indivíduo, por ser diferente da grande imprensa (MARCONDES FILHO, 1987; GUARESCHI, 2004), pois humaniza o sujeito como um indivíduo importante e torna significativos os grupos, podendo constituir-se num espaço de realização individual e coletivo. O humanizar pode ser entendido como o integrar-se culturalmente em um determinado território, um território com uma forma de viver.

Entender o Jornalismo como expressão significativa do cotidiano e que os jornais ocupam um lugar privilegiado como formadores e armazenadores da Memória Social é importante para compreender a concepção do Jornalismo comunitário na colônia de pescadores como instrumento de aquisição, conservação e evocação da memória de uma determinada comunidade.

O Jornal Comunitário “O Pescador”, em sua relação com a Colônia de Pescadores Z-3, ao relatar os fatos, se torna um tempo, um meio de expressão, de cidadania e de registro histórico. Ao constituírem-se em registro histórico, as páginas do jornal “O Pescador” constituem-se também na expressão da identidade e da representação social da comunidade, mostrando sua cultura e, por fim, tornando-se um lugar de memória coletiva. Embasam o conteúdo autores como Niederle e Grisa (2012), Silveira (2012), Figueira (2009), Claval (2001), Guareschi (2004), Martín-Barbero (1997), Travancas e Faria (2003), Callado e Estrada (1985), Woodward (2000), Fernandes e Leal (2008), e depoimentos do Coordenador do projeto de Extensão do Jornal Comunitário “O Pescador” – Jairo Sanguiné e de Ana Viegas, bolsista do projeto em 2011/2012, entre outros.

3.4 Jornal “O Pescador” um jornal a serviço da comunidade

Foi em uma tarde de sábado, no mês de junho de 2000, que aconteceu a distribuição da primeira edição do jornal “O Pescador”. Realizada pelos próprios componentes da equipe, os alunos distribuíram o jornal de mão em mão aos moradores, e puderam sentir a reação da comunidade ao receber, pela primeira vez, um jornal que falava da sua comunidade, da sua vida e do seu cotidiano, onde era possível se encontrar ou encontrar algum conhecido nas páginas do jornal, fosse através de fotografias, fosse mencionado em alguma das matérias que integravam a edição do jornal.

O projeto do jornal “O Pescador” surgiu na Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas – no curso de Jornalismo, por uma reivindicação dos próprios alunos, com o objetivo de discutir e desenvolver o Jornalismo comunitário, ou seja, de novas formas de ação jornalística, a partir de um processo comunicativo horizontal, alternativo, participativo e inclusivo. Trata-se da produção de um jornal comunitário impresso, de periodicidade mensal e distribuição gratuita, direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z-3, 2º Distrito da localidade. O projeto de extensão que se originou da disciplina de Redação em Jornalismo I, no seu bojo, tem como princípio desenvolver as linguagens, técnicas e gêneros da Teoria do Jornalismo, aplicadas a esse segmento, que é o comunitário.

É importante destacar, aqui, que essa opção dos envolvidos no projeto de extensão que se volta para a comunicação comunitária e o Jornalismo comunitário cujo objetivo é fomentar a cidadania, “Não faz parte dessa estrutura de cursos a disciplina Comunicação Comunitária ou Jornalismo Comunitário – e não há como afirmar se chegou a ser mencionada [...] em duas ou mais especializações” (LAHNI; MOREIRA, 2016, p. 186) nos diversos estudos realizados na área. As pesquisadoras apontam para o fato de que é importante trazer elementos para o debate sobre o ensino de Jornalismo, especialmente no momento em que se apresentam, no Brasil, as novas diretrizes curriculares para o curso⁴⁰, as quais normalmente são ‘engessadas’. As autoras colocam que o estudo da Comunicação Comunitária, na graduação, é importante, levando em conta a formação de jornalistas mais críticos e engajados porque isso se reflete “[...] na contribuição para o exercício do direito à comunicação, em especial de minorias sociais. [...] A observação indica uma ausência parcial do debate sobre ensino de Jornalismo e de teorias anti-hegemônicas” (LAHNI; MOREIRA, 2016, p. 187).

Esse pensamento está em sintonia com o de Guareschi no que se refere àquilo que está no centro do Direito Humano à Comunicação, para que as pessoas possam se realizar plenamente e exercer a cidadania ativa e democrática.

⁴⁰ RESOLUÇÃO Nº 1, de 27 de setembro de 2013 que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e deu outras providências. A resolução manteve, com pequenas mudanças, o currículo já existente, tanto quanto às competências gerais quanto às competências pragmáticas e comportamentais. O processo iniciado em 2009 tem, entre as diversas recomendações, modos de integração entre graduação e pós-graduação; regulamentação das atividades do estágio curricular supervisionado; enfatizar o espírito empreendedor e o domínio científico do aluno; incluir, na formação profissional, as rotinas de trabalho do jornalista em assessoria a instituições (BRASIL, 2013).

Esse direito [o direito à comunicação] implica uma comunicação democrática, pois concordamos com os que pensam a comunicação principalmente no que se refere às políticas públicas nessa área, que é inviável pensar em democracia numa sociedade sem que haja democracia na comunicação (GUARESCHI, 2013, p. 167).

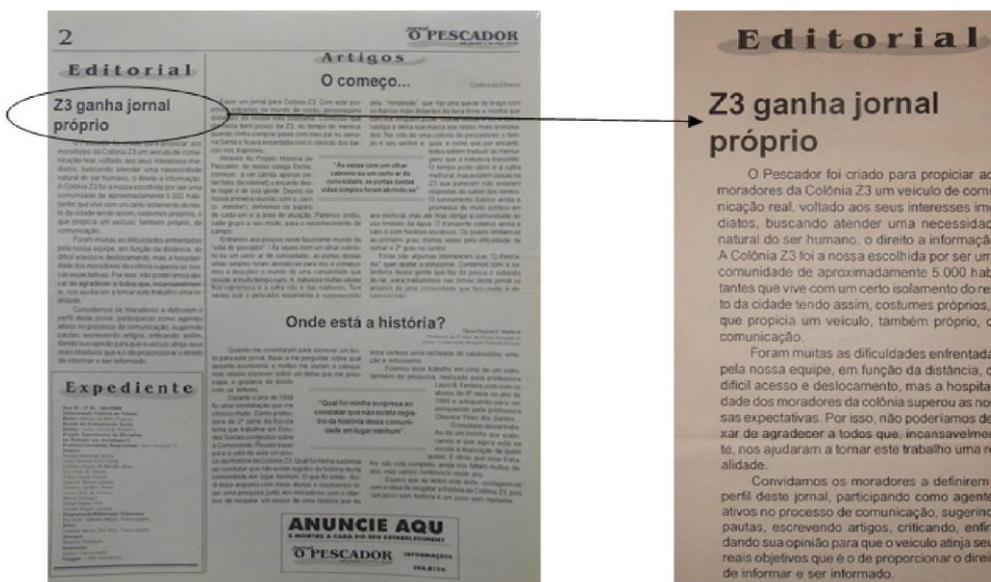
Em razão dos argumentos de Lahni e Moreira (2016), Guareschi (2013), Carnicel (2010), Sequeira e Bicudo (2007), Peruzzo (1998; 2005), e outros que chamam a atenção para essa área de atuação e a possibilidade do profissional de Jornalismo desenvolver um trabalho socialmente relevante, entende-se que a disciplina Comunicação Comunitária e outras disciplinas afins, que trabalham a reflexão sobre cidadania e comunicação, são essenciais na formação do jornalista, embora, como já tenha sido dito, os currículos dos cursos de graduação e nem os de pós-graduação a contemplem.

Desta forma, pode-se afirmar que a escolha por essa área de atividade para desenvolver o projeto foi, no mínimo, inovador. A escolha da Z-3 como primeira comunidade a receber o projeto, se deu com base em alguns critérios pré-determinados. Primeiro, por ser uma comunidade afastada do centro urbano. Segundo, por ter vida própria, sua cultura, seu jeito de ser. Então, a Z-3 se encaixou perfeitamente nesses requisitos.

O projeto nasceu tendo como ideal o desenvolvimento de novas formas de comunicação, baseado nas teorias do Jornalismo comunitário, ou seja, propor um veículo alternativo e popular, voltado para os interesses da comunidade. O principal, no entanto, é que o jornal deveria ser feito a partir dos moradores, que sempre tiveram uma participação forte e decisiva.

A ideia, ao criar “O Pescador”, foi inverter o processo comunicativo, ou seja, um veículo que brotasse na comunidade e fosse feito com essa comunidade, que é quem define como quer fazer o jornal e que temas o jornal deve tratar, conforme se pode ver no editorial da primeira edição do jornal.

Figura 8- Página 02 da primeira edição do jornal “O Pescador”, com destaque para o Editorial

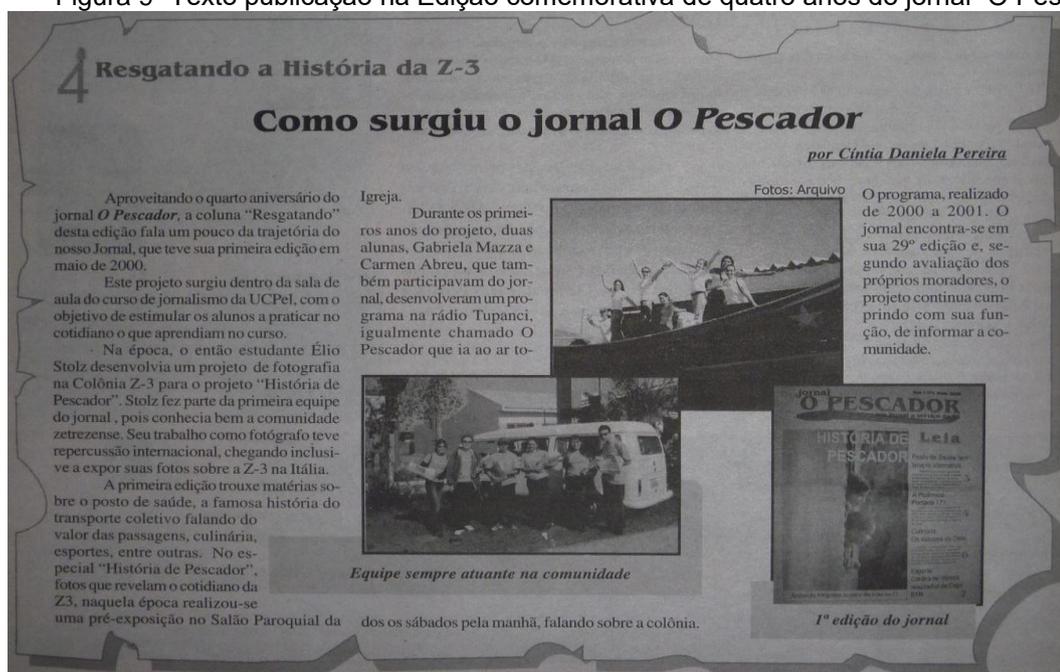


Fonte: Acervo da autora (2017).

Junto a tudo isso, há o aspecto pedagógico, pois o jornal funciona como um laboratório para os alunos de Jornalismo. É o momento de relacionar teoria e prática, de conhecer a realidade da profissão e do mundo em que eles irão trabalhar mais tarde, além de lhes permitir conhecer também o impacto do discurso midiático na vida dessa comunidade.

Na edição comemorativa de quatro anos do jornal O Pescador, o relato de sua criação é trazido à tona, rememorando o seu lançamento junto à comunidade, como se pode ver na imagem a seguir.

Figura 9- Texto publicação na Edição comemorativa de quatro anos do jornal “O Pescador”



Fonte: Acervo da autora (2017).

Em matéria publicada no *site* da Universidade Católica de Pelotas por ocasião dos 10 anos do jornal em 12/11/2010, com o título “O Pescador completa dez anos de serviço à Z-3”⁴¹, constata-se a reafirmação desses ideais.

O projeto, que iniciou em 2000 como parte de uma disciplina do curso de Jornalismo da Católica, foi criado para ser um veículo de comunicação realizado a partir da comunidade e para a comunidade. “O Pescador’ cria uma nova forma de a comunidade dialogar com o poder público”, declarou o coordenador do projeto e diretor do Centro de Educação e Comunicação da Universidade, Jairo Sanguiné Júnior. “A comunidade se sente mais segura, porque tem mais um meio de se expressar. Ela se identifica vendo sua história ali dentro, com registro das imagens e dos fatos que ocorrem na Z-3”. (...) Muitos acadêmicos já passaram pela experiência de trabalhar no Jornal e vivenciaram diversos momentos, tanto tristes como felizes, junto aos pescadores.

Entre as primeiras dificuldades encontradas, destacou-se certa desconfiança dos moradores, que ficavam se perguntando: “Com que interesse alguém vai fazer um jornal nesta colônia?”. Mas essa resistência foi quebrada logo que saiu a primeira edição, quando as pessoas começaram a se identificar nas matérias e

41

Disponível em:
<<http://www.ucpel.tche.br/portal/index.php?secao=noticias&id=3055%20&PHPSESSID=2d9c4>>
Acesso em: 9 jan. 2017.

fotografias. Pela primeira vez, as histórias humanas de pessoas simples estavam sendo contadas através de reportagens, matérias jornalísticas, em que eram socialmente representadas. Com isso, o grupo de alunos sentia que estava contribuindo para levantar a autoestima da colônia, e de certa forma, resgatar sua história, servindo ainda como espaço para manifestação dos moradores e de promoção da cidadania, lembrando que, segundo Peruzzo (2002), “o *status* de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história”.

A busca pelo exercício da cidadania é uma das preocupações constantes dos componentes do projeto do jornal, tanto no tratamento do discurso midiático quanto no que tange à participação dos membros da comunidade em sua produção e conscientização da apropriação e exercício de seus direitos, assim como na expressão de sua identidade e representação social. Para o criador e coordenador do projeto, Jairo Sanguiné Júnior, o jornal traz uma série de benefícios para a comunidade. Segundo ele, “A comunidade passa a ser mais integrada em suas ações conjuntas protagonizadas pelos setores organizados do local, como o Sindicato, a Igreja, a Escola, entre outros”⁴².

Ana Viegas, bolsista do projeto desde o início de 2012, destaca outros aspectos, afirmando que:

O jornal desperta para a identidade cultural e social da comunidade e representa talvez o único canal direto de comunicação entre os moradores e o poder público instituído. Com isso, o jornal passa a ser um espaço de reivindicação da comunidade para os problemas estruturais do bairro, e o poder público apresenta sua resposta também nas páginas do jornal. Em muitos casos, as ações são mais efetivas devido à cobrança dos moradores feita através do jornal. Com o jornal, percebe-se que a comunidade se sente mais valorizada e prestigiada, com sensação de pertencimento, de que “nós temos um jornal próprio, que fala da nossa realidade”.⁴³

Muitos momentos marcaram os mais de dez anos de atividade do jornal até esse período, segundo depoimentos dos alunos do projeto e de seu criador e coordenador, Prof. Jairo Sanguiné Jr⁴⁴. Fazendo um balanço desse período, é possível observar uma grande evolução, tanto em termos de aprendizagem dos

⁴² Disponível em: <http://www.ucpel.tche.br/portal/index.php?secao=noticias&id=3055%20&PHPSESSID=2d9c4>. Acesso em: 9 jan. 2017.

⁴³ Entrevista realizada com a bolsista em 04/07/2012.

⁴⁴ Universidade Católica de Pelotas, Pelotas (RS), 1º Lugar XIII EXPOCOM Nacional, categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Santos, 2007.

alunos participantes do projeto quanto de resultados para os moradores da comunidade da Z-3. O jornal se consolidou nesse período como um veículo comunitário, que inaugurou uma nova forma de diálogo entre a comunidade e o poder público. Muitas das melhorias estruturais da Z-3 só foram possíveis porque os moradores tinham esse instrumento para gritar, registrar fatos e eventos, reivindicar.

Em 2007, o jornal foi premiado com o primeiro lugar em um concurso nacional pelo trabalho desenvolvido junto à comunidade. O jornal passou por eliminatórias regionais, sendo selecionado para o Expocom⁴⁵ nacional e concorrendo com outros quatro projetos.

O projeto “O Pescador” teve seu encerramento em 2016, em função da demissão do professor que criou e orientava o projeto de extensão. A Universidade Católica de Pelotas já vinha enfrentando dificuldades econômicas para sua manutenção, o que ocorreu num período em que as dificuldades financeiras se agravaram, acabando por fechar vários dos seus cursos e demitir ‘uma leva grande’ de professores e funcionários. Durante o período de sua duração, o jornal comunitário buscou mostrar a identidade individual e coletiva da sociedade na qual estava inserido, procurando valorizar a cultura local através do despertar de um “sentimento de pertença” do indivíduo pela sua comunidade. O estudante inserido no projeto devia participar de maneira ativa para, assim, construir um canal de comunicação cada vez mais estreito entre o jornal e a comunidade e, com isso, despertar nos moradores da colônia um sentimento de posse em relação ao jornal, onde poderiam expressar seus anseios e necessidades, sua individualidade e registrar suas histórias⁴⁶.

⁴⁵ EXPOCOM – Pesquisa Experimental em Comunicação, promovida pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação – INTERCOM.

⁴⁶ Conforme afirmativa de Sanguiné, Pesquisa de Opinião, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/pl.htm#>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

4 A continuação da memória na Colônia de Pescadores Z-3

O processo de lembrar e esquecer é parte natural da rotina dos seres humanos, mas o esforço de continuar a Memória Social de um determinado lugar diz muito sobre a sua identidade. Na Colônia de Pescadores Z-3, percebemos que a continuidade da memória local se dá principalmente de forma oral, o que pode ser comprovado pela falta de registros escritos sobre a memória da comunidade.

Percebe-se uma grande importância da tradição oral dentro da comunidade e sabe-se, há muito tempo, que contar histórias é uma forma de comunicação e retenção de memórias praticada desde os primórdios da humanidade e que se estende até os dias de hoje. No entanto, Thompson (2000) e Neto e Dantas (2011), entre outros⁴⁷, apontam para o fato de que essa prática se encontra ameaçada pelo desprendimento dos valores culturais tradicionais ante o florescer tecnológico em que as interações hipermidiáticas e as novas relações de consumo cultural minimizaram o valor das histórias contadas no cotidiano popular.

Sobre a transmissão oral de histórias, Caprino e Perazzo (2011) nos dizem que desde sempre o homem contou histórias, dando vazão à sua intrínseca necessidade de comunicação, traduzindo, por meio de palavras, os acontecimentos cotidianos e as memórias transmitidas por seus ancestrais. Ainda sobre a tradição oral, Abramovich (1997) nos diz que a palavra pronunciada era legitimadora, verdadeira, incontestável. Umbelino (2005) nos diz que, ainda hoje, a oralidade norteia a cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da “oratura”, vem desaparecendo como também a prática narrativa se evanesce. Por isso, o registro das histórias e narrativas da Colônia de Pescadores Z3 pelos jornalistas no jornal comunitário “O Pescador” se tornou relevante, como forma de documentar suas lembranças, hábitos, tradições, necessidades, festas.

A capa da segunda edição do jornal, datada de julho de 2000, nos fornece as seguintes manchetes: Sol de Verão é campeão da Copa BTN (manchete de meia capa, ilustrada com fotografia), Saúde: Saiba mais sobre os diversos serviços do posto. O Sonho: conheça a história de Dona Laura, a escritora da Z-3, Histórico: Seu Polaco conta como era a antiga colônia; a Tristeza: A morte do barbeiro Edgar Costa

⁴⁷Lévy, 2000; Bauman, 2001; Caruso, 2010.

abala familiares e amigos. Todas as notícias vinculadas às manchetes estão diretamente ligadas ao dia a dia da comunidade e dão voz e vez às histórias locais, oportunizando o protagonismo e a inclusão social.

A partir das páginas do jornal comunitário “O Pescador” e dos relatos de integrantes da comunidade e de alguns integrantes do referido veículo de comunicação, é possível identificar algumas pessoas responsáveis por narrar a história da comunidade, como pode ser constatado na capa da segunda edição do jornal.

Figura 10- Capa da segunda edição do jornal “O Pescador”

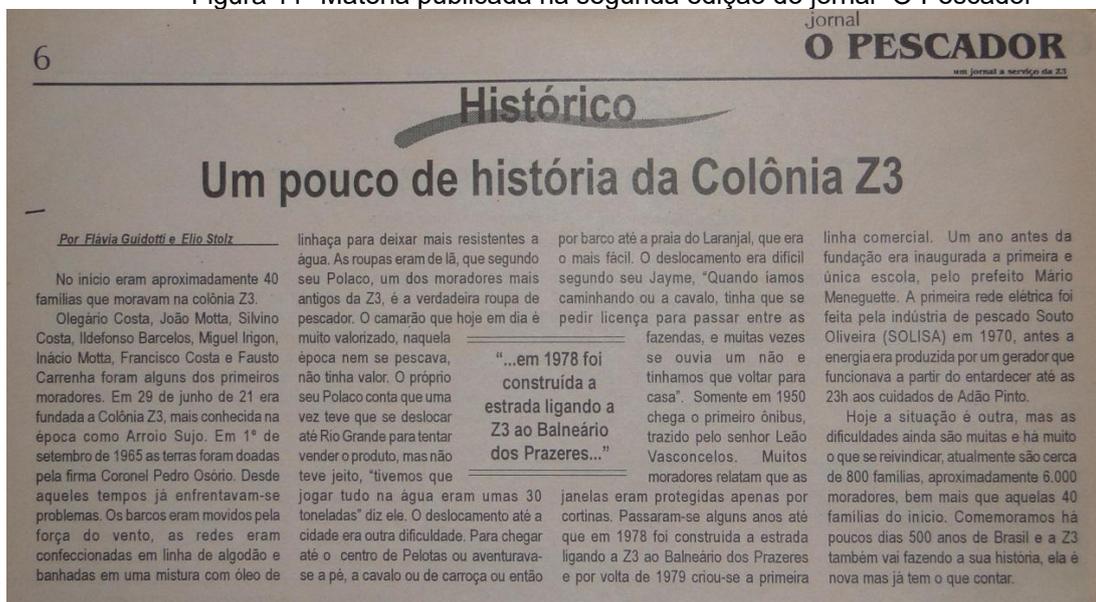


Fonte: Acervo da autora (2017).

Uma das pessoas identificadas como fonte da história da Z-3 é “seu Polaco”, o pescador mais antigo da comunidade, que relata nas páginas do jornal um pouco

do que lembra sobre a origem da comunidade, as dificuldades enfrentadas pelos moradores e o processo da pesca, entre outras coisas.

Figura 11- Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador”



Fonte: Acervo da autora (2017).

Outra fonte de memória é a própria história de vida de “seu Polaco”, também publicada nas páginas do jornal “O Pescador”, e que nos permite conhecer um pouco dessa pessoa, que é referência sobre a história local e conhecida pela sua antiguidade e pela sua vinculação com as famílias fundadoras da Colônia Z3.

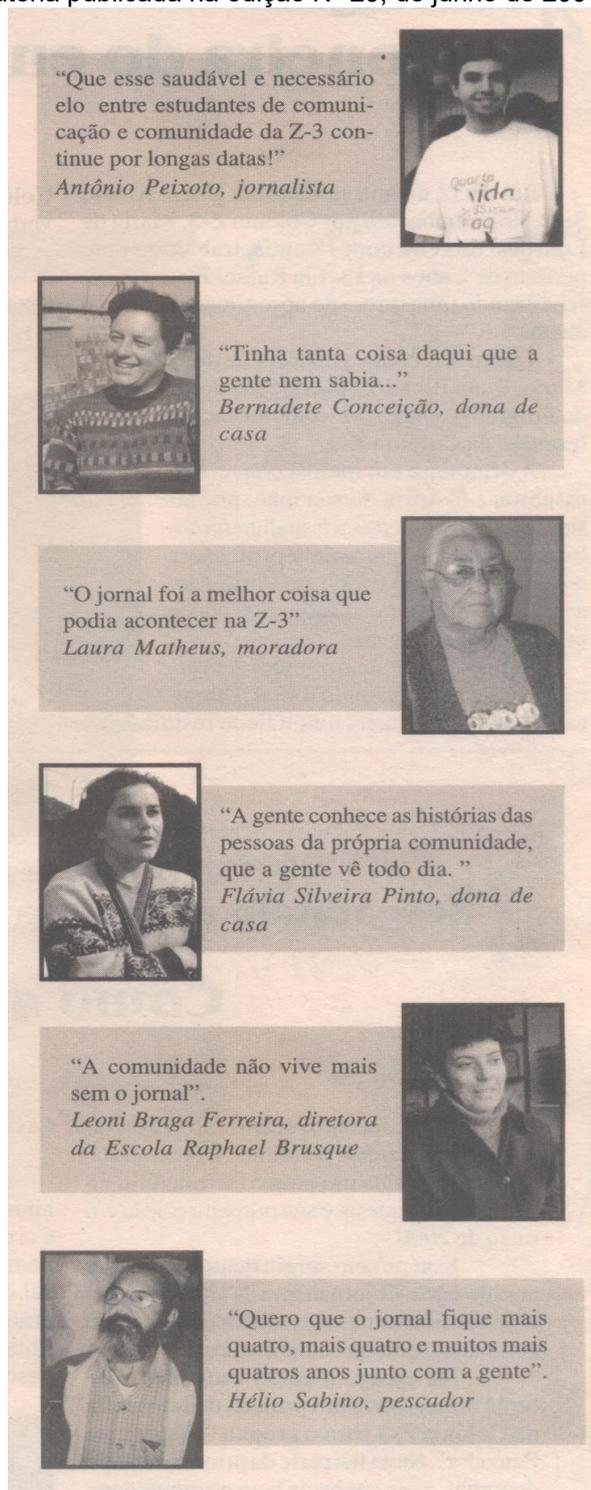
Figura 12- Matéria publicada na segunda edição do jornal “O Pescador”



Fonte: Acervo da autora (2017).

Assim como “seu Polaco”, várias personagens têm sua história e suas narrativas registradas nas páginas do jornal “O Pescador”, como por exemplo, Dona Laura Mateus, talentosa escritora que, por meio de contos e poesias, também registrou a história da colônia e de seus moradores, que falam sobre a importância do jornal para a comunidade.

Figura 13- Matéria publicada na edição N° 29, de junho de 2004, do jornal “O Pescador”



Fonte: Acervo da autora (2017).

Figura 14- Matéria publicada na edição N° 30, de setembro de 2005, do jornal "O Pescador"

PELOTAS, SETEMBRO DE 2005

O Pescador ECOS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO PROFESSOR REGINA

Contato:
Rua Alm. Barroso, 1202 - Centro - Pelotas/RS
opescador@ucpel.tche.br
53 3284 8115

UM JORNAL A SERVIÇO DA Z-3

Dona Laura participa de livro

Fernando Diniz/OP



"Laura que nasceu na mata e da mesma seus frutos colheu os quais gulosamente comeu ..."

Fernando Diniz

A menina que nasceu na mata e escrevia na areia, com o sonho de um dia publicar um livro, está colhendo mais um fruto. Dona Laura quando fez esses versos (acima, trecho do poema Laura, sua primeira poesia publicada em 15/11/92, no jornal Diário Popular) não previa que teria uma carreira literária pela frente. Os contos da escritora da Colônia-23 foram publicados no livro Literatura Marginal (organizado por Ferrez, editora Agir, R\$29,90).

O livro mostra o trabalho de dez escritores de todo o Brasil, que assim como Laura, começaram a escrever num espaço onde a atividade literária não é valorizada. "Lá em casa, minha família achava que tudo isso era uma bobagem. O que eu escrevia, tinha que jogar fora", contou a escritora, que tinha o maior nível de escolaridade na sua casa: a primeira série do ensino fundamental.

Foi necessário o apoio de seus sobrinhos, Nito e Humberto, para que os seus textos fossem lidos. "Eles que pegaram meus papéis e levaram no jornal", disse Laura que sempre foi uma grande colaboradora do jornal O Pescador, enviando contos e poesias para serem publicados desde a segunda edição.

Esse envolvimento levou a ex-integrante Gabriela Mazza a divulgar o trabalho da escritora, chegando as mãos de Ferrez (nome literário de Reginaldo Ferreira da Silva) que le- vou o nome de Dona Laura para a revista de circulação nacional Caros Amigos. O trabalho de Dona Laura foi comentado no Fantástico e recentemente no jornal Folha de São Paulo (deste último ela ainda não sabia).

Onde se tecem as redes, Laura fez o texto. "A Colônia Z-3 já me inspirou muito. Agora eu ando sem escrever, mas já posso dizer que plantei o amor e a poesia aqui.", disse, afirmando que está sem escrever, prejudicada pela sua visão. A escritora afirma que a morte de seu marido também desmotivou-a, chegando a dizer em agosto de 2003, neste jornal, que seria sua última publicação. "Mas no outro mês, eles [os integrantes do jornal] já estavam aqui em casa pedindo poesias para a próxima edição!", brincou Dona Laura.

O livro

Literatura Marginal, Talentos da Escrita Periférica é organizado por Ferrez, escritor e colunista da revista Caros Amigos. Reúne textos de autoras da periferia de todo o Brasil. Trabalhos de Preto Ghóez, Eduardo Dum Dum (Fação Central), Dona Laura, Gate Preto, Rôdson, Maurício Marques, Allan Santos da Rosa, Alessandro Buzo, Luiz Alberto Mendes e Ertan Moraes. Dona Laura é a única mulher do livro e divide espaço com rappers, escritores da periferia de São Paulo. Publicado pela Editora Agir, o livro tem 136 páginas e está à venda nas livrarias.

Fonte: Acervo da autora (2017).

O Jornalismo Comunitário inclui na sua narrativa a cobertura de tudo aquilo que interessa e é importante para a comunidade, das instituições que geram produtos e fatos (associações de moradores, sindicatos...), a política local e as políticas públicas para a área, o dia a dia e os eventos (festas, comemorações, nascimentos, falecimentos), entre outras temáticas relevantes.

Figura 15- Capas do Jornal "O Pescador" com temas que atingem a comunidade - o Jornalismo Comunitário



Fonte: Acervo da autora (2017).

jornal
O Pescador

ecós
ESCOLA DE
COMUNICAÇÃO
SOCIAL

UCPEL
UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
Onde a vida passa por aqui

um jornal a serviço da Z-3

Projeto de Extensão - Escola de Comunicação Social da UCPEL - Pelotas/RS - Agosto 2002 - Nº12

COOPERATIVISMO:
**Comunidade unida
contra a crise**
Foto: Celso A. Nave

PESCA:
*Saiba tudo sobre a
assembléia geral
dos pescadores*
pag.3

*Tradição e glória
nos campos da Z-3*
**As histórias do
G.C.R Marítimo F.C.**
pag.8

**Estímulo à leitura e à
criatividade**
Foto: Ellen Barone

Alunos da escola R. Brusque fazem a festa na entrega de prêmios do concurso de redação e desenho promovido pelo jornal O Pescador




Fonte: Acervo da autora (2017).



Fonte: Acervo da autora (2017).

O Jornalismo comunitário ajuda na socialização do indivíduo como ser, diferentemente da grande imprensa, pois esse tipo de Jornalismo traz consigo a humanização e a realização do sujeito como um indivíduo importante e não somente mais um, sendo esse um espaço da realização individual que já não é mais possível na sociedade que tende a cada vez mais nivelar as pessoas, deixando-as na generalidade (MARCONDES FILHO, 1987).

A proximidade entre jornalistas e leitores dentro da comunidade faz com que a identificação dos interesses, opiniões e posicionamentos ocorram de uma forma muito mais clara. As matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário trazem, geralmente, comentários sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade. Além disso, a redação costuma usar linguagem mais informal e coloquial, principalmente quando o público leitor tem baixo nível de instrução formal.

4.1 O Jornalismo Comunitário e a coleta de dados

Este trabalho caracteriza-se por ser um Estudo de Caso, de natureza qualitativa, tendo como método de investigação a Análise de Conteúdo. A pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas, tomadas tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas (BARDIN, 2011).

Com relação ao Estudo de Caso, Gil (2008) explica que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, sendo uma modalidade de pesquisa bastante utilizada nas ciências sociais e que pode ser dividida em várias etapas: formulação do problema, definição da unidade-caso, determinação do número de casos, coleta de dados, avaliação e análise dos dados e preparação do relatório. O autor coloca que são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob a técnica de estudo de caso e destaca que, com relação à coleta de dados, o método de “estudo de caso” pode ser considerado o mais completo dentre todos os outros, pois esse se vale tanto de dados de pessoas quanto de dados documentais.

Em consonância com esse pensamento, Triviños (2009) define estudo de caso como uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente com o objetivo aprofundar a descrição de determinada realidade e o considera como um dos mais relevantes métodos de pesquisa qualitativa, mas alerta que os resultados são válidos somente para o caso que se estuda. Porém, o autor defende que o grande valor do estudo de caso é fornecer o conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada que os resultados atingidos podem permitir e formular hipóteses para o encaminhamento de outras pesquisas.

Outra questão relevante com relação à pesquisa qualitativa é apontada por Minayo (2007), quando coloca que os estudos realizados não pretendem afirmar o que é certo ou errado, alcançando a verdade, mas sua preocupação primeira é a compreensão lógica 'que permeia a prática que se dá na realidade', com um nível de realidade que não pode ser quantificado. A autora ressalta que:

[...] o método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2007, p. 57).

A abordagem qualitativa na pesquisa não só permite desvendar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, mas também propicia que novas abordagens sejam criadas e que novos conceitos e categorias sejam revistos e criados durante a investigação. Assim, a pesquisa qualitativa, caracterizada pela empiria e sistematização progressiva do conhecimento, oportuniza um modelo de entendimento significativo de ligações entre os elementos, que se direciona ao entendimento da manifestação do objeto de estudo, até a compreensão lógica interna do grupo ou do processo estudado (MINAYO, 2007). Marconi e Lakatos (2007) tem uma abordagem similar ao afirmar que os estudos qualitativos, por desenvolverem-se em uma situação natural, rica em dados descritivos, focalizam a realidade de forma complexa e contextualizada.

A pesquisa científica de abordagem qualitativa compreende um movimento contínuo de fases interligadas, que embora possam se imbricar numa dinâmica de idas e vindas, têm (cada uma delas) suas características e objetivos singulares preservados. No entendimento de Minayo (2007, 2016), a pesquisa passa por três fases: a exploratória, na qual se amadurece o objeto de estudo e se delimita o problema de investigação; a de coleta de dados, em que se recolhem informações que respondam ao problema; e a de análise de dados, na qual se faz o tratamento, por inferências e interpretações, dos dados coletados.

Com relação à definição das fontes em uma pesquisa qualitativa, Minayo (2007) chama atenção para a importância do processo de definição de informantes-chave, porque deve haver uma preocupação menor com a generalização, tendo em vista a necessidade do aprofundamento e abrangência da compreensão do grupo social com o qual a pesquisa se relaciona. Sobre as fontes e as tentativas de abordagem, a autora estabelece critérios:

A amostragem qualitativa: a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; d) esforça-se para que a escolha do locus e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa (MINAYO, 2007, p. 36).

Com relação aos dados obtidos na pesquisa qualitativa por meio da amostra escolhida, existem diferentes técnicas de organização e análise, sendo a Análise de Conteúdo uma dessas possibilidades (MINAYO, 2007; BARDIN, 2011). Essa abordagem de pesquisa, que Minayo (2016) afirma ser um dos métodos mais adotados no tratamento de dados de pesquisas qualitativas, tem sido muito utilizada na análise de comunicações nas ciências humanas e sociais. Enquanto método de organização e análise dos dados, possui algumas características: seu foco é qualificar as vivências do sujeito, bem como suas percepções sobre determinado objeto e seus fenômenos, compreende técnicas de pesquisa que permitem, de forma sistemática, a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto da fala, bem como as inferências sobre os dados coletados, constituindo-se de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos.

Bardin (2011) caracteriza a análise de conteúdo como sendo empírica e, por esse motivo, não pode ser desenvolvida com base em um modelo exato. Para a autora, o termo Análise de Conteúdo designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47).

A autora defende que a Análise de Conteúdo oscila entre dois polos que envolvem a investigação científica: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade (resultando na elaboração de indicadores que devem levar o pesquisador a uma segunda leitura da comunicação, baseado na dedução, na inferência), e abarca as iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens que têm como finalidade a elaboração de deduções lógicas

e justificadas sobre a origem dessas mensagens (emissor, contexto em que foram emitidas, e/ou quais efeitos são pretendidos por seu intermédio) (BARDIN, 2011).

Desta forma, a técnica é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou qualitativos, ou sua combinação) permitindo a realização de inferência de conhecimentos. No entanto, para sua operacionalização, existem algumas regras de base em que as estruturas semânticas se relacionam com as estruturas sociológicas das falas, articulando a superfície dos textos com os fatores que determinam suas características (variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem) (Minayo, 2007).

O processo da Análise de Conteúdo é organizado em três etapas realizadas de acordo com três polos cronológicos diferentes, que de acordo com Bardin (2011) e Minayo (2016), essas etapas compreendem:

- a) **pré-análise**: fase de organização e sistematização das idéias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final;
- b) **exploração do material**: os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto;
- c) **tratamento dos resultados obtidos e interpretação**: os dados brutos são tratados a fim de se tornarem significativos e válidos e de evidenciarem as informações obtidas. Ao final do processo, de posse dessas informações, o investigador propõe suas inferências e realiza suas interpretações de acordo com o quadro teórico e os objetivos propostos, ou identifica novas dimensões teóricas sugeridas pela leitura do material.

Para promover o alcance e a compreensão dos significados manifestos e latentes no material de comunicação obtido, existem várias técnicas desenvolvidas na Análise de Conteúdo: Análise temática ou categorial, Análise de avaliação ou representacional, Análise da expressão, Análise das relações, e Análise da enunciação (MINAYO, 2016; BARDIN, 2011).

Nesta pesquisa será utilizada a Análise temática ou categorial, que consiste em operações de desmembramento do texto em unidades/categorias, de acordo com reagrupamentos analógicos, isto é, o texto é desmembrado em unidades – que são as categorias, cada qual reunindo um grupo de elementos com características

em comum. “Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples” (BARDIN, 2011, p. 153). Categoria (como palavra ligada à ideia de classe ou série) é entendida, aqui, como um conceito que abrange elementos ou aspectos que têm características comuns ou que se relacionam entre si.

As categorias analíticas são aquelas que retêm historicamente as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais. Elas mesmas comportam vários graus de abstração, generalização e de aproximação. As categorias empíricas são aquelas construídas com finalidade operacional, visando o trabalho de campo (a fase empírica) ou a partir do trabalho de campo. Elas têm a propriedade de conseguir aprender as determinações e as especificidades que se expressam na realidade empírica (p. 34).

As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento, de um modo geral, pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa (MINAYO, 2016, p. 70).

Operacionalmente, a Análise Temática de Conteúdo, desdobra-se nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação (BARDIN, 2011; MINAYO, 2007). Na primeira etapa, durante a exploração do material, o pesquisador procura encontrar categorias que são palavras significativas ou expressões, em função das quais o conteúdo de cada fala será organizado, consistindo em um processo que reduz o texto às palavras e expressões significativas. Na Análise Temática Tradicional, nessa etapa, o texto é recortado em unidades de registro, que podem constituir-se em palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para pré-análise. A seguir, são escolhidas as regras de contagem e índices quantitativos que permitem que o pesquisador realize a classificação e agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas, que serão responsáveis pela especificação do tema (BARDIN, 2011). Essas operações visam a descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, preocupando-se com a frequência desses núcleos, sob a forma de dados segmentáveis e comparáveis, e não com sua dinâmica e organização.

A última etapa do processo de Análise de Conteúdo, que trata dos resultados obtidos e sua interpretação, envolve a compreensão de textos (artigos, livros, narrativas etc.), entendida por Minayo (2007) como a gênese da ‘consciência

histórica', a capacidade de colocar-se no lugar do outro, na perspectiva do conhecimento de seus pontos de vista, trajetória de vida e cultura, tendo de levar em conta a compreensão que esses sujeitos têm de seu 'universo'.

A partir daí, o pesquisador, ao analisar, propõe inferências e realiza interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abre outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugeridas pela leitura do material, momento em que deve distanciar-se dos referenciais academicistas para interpretar a realidade narrada pelos seus informantes, o que pode contribuir significativamente para o discernimento dos resultados do estudo (MINAYO, 2007).

O critério de categorização adotado nessa pesquisa foi o semântico – de categorias temáticas em que todos os temas que estavam relacionados à continuidade e manutenção da memória ficaram agrupados na mesma categoria/eixo temático, diretamente ligados às questões norteadoras propostas.

Descreve-se, a seguir, o processo de coleta de dados. As 12 entrevistas com moradores da Colônia Z3 e com oito jornalistas, foram realizadas pela mesma pessoa – a investigadora, de modo a limitar o efeito do entrevistador. Foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, para serem submetidas à análise. Os entrevistados foram informados dos objetivos da investigação e deram seu consentimento para que as entrevistas fossem gravadas. Por uma questão de escolha metodológica, os nomes dos entrevistados foram substituídos por códigos de identificação, sendo omitida qualquer informação que interferisse na sua identificação. Também foi feita a opção pela não divulgação da transcrição completa/extensiva das entrevistas, assim como foram contempladas as questões de ética presentes em qualquer trabalho de investigação no campo das Ciências Sociais e Humanas, porque essas têm como objeto o comportamento de seres humanos⁴⁸.

Segue-se a análise dos dados, processo por meio do qual os dados brutos serão interpretados, ou seja, o material das entrevistas será combinado e

⁴⁸ Para evitar esses potenciais efeitos negativos, devem ser respeitados alguns direitos, nomeadamente: 1) o direito à privacidade ou não-participação; 2) o direito ao anonimato; 3) o direito à confidencialidade, isto é, evitar que terceiros tenham acesso aos dados; por fim, 4) o direito de contar com o sentido de responsabilidade do investigador, que deve agir de modo a garantir que os participantes não saiam prejudicados. Os dados não serão usados para outros fins que não sejam científicos, os dados brutos serão destruídos após a defesa da tese e para todos os procedimentos, vigorará o consentimento informado (TUCKMAN, 2000).

comparado para extrair seu significado, suas implicações, mostrar padrões, ou ainda, unificar as descrições de fatos ou conteúdos por meio de uma narrativa consistente. Feito o primeiro levantamento, as entrevistas foram examinadas para clarear o significado das narrativas e sintetizar diferentes versões acerca dos fatos narrados, com a finalidade de organizar a compreensão global da narrativa, reunindo todas as passagens que se relacionam com uma mesma categoria, o que permite compreender como o fato foi percebido na generalidade e analisar semelhanças e diferenças sistemáticas entre os entrevistados. Trata-se, assim, de um modelo de Análise de Conteúdo/Análise Temática, que busca saber se o jornal comunitário “O Pescador” é percebido, junto à comunidade da Colônia de Pescadores Z-3 e aos jornalistas que o produziram, como um fator de continuidade das memórias e identidades sociais.

Realizaram-se, assim, 12 entrevistas a pessoas da comunidade e sete jornalistas mais o coordenador do Projeto de Extensão – o jornal “O Pescador”, totalizando oito jornalistas. Com base em um roteiro que desse conta dos objetivos da investigação, optou-se por criar dois quadros, a partir dos quais a apresentação dos dados será estruturada, privilegiando os eixos temáticos e as questões norteadoras consideradas.

Quadro 1 - Análise das Entrevistas com Pessoas da Comunidade da Colônia de Pescadores Z-3

Tema	Eixos temáticos	Questões Norteadoras
Memórias de Pessoas da comunidade	Memória das origens	Eu queria que tu começasse falando de como foi tua história aqui na Z-3
	Memórias das relações estabelecidas	Qual era a importância do jornal pra comunidade?
	Memórias das vivências	Muitas vezes tinha participação das pessoas da comunidade, - algumas pessoas eram trazidas pra dentro do jornal, - como é que a comunidade enxergava isso?
	Memória públicas	As pessoas, o Sindicato, a escola-centros da vida da comunidade... Quem é lembrado? E o jornal era utilizado dentro da escola como fonte de pesquisa? Os alunos faziam trabalho em cima do jornal?
	Memórias 'arquivadas'	O jornal ficou arquivado aqui na Z-3? Quem manteve os arquivos?

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Quadro 2 - Análise das Entrevistas com Jornalistas

Tema	Eixos temáticos	Questões Norteadoras
Memórias dos Jornalistas	Memória das origens	Conte um pouco de sua história no jornal “O Pescador”, relatando com o máximo de detalhes sua participação no projeto (ano de ingresso, por quanto tempo participou, motivação para participar, relacionamento com a comunidade, uma pauta que marcou sua participação no jornal, pessoas importantes dentro comunidade com que teve mais contato...).
	Memórias das relações estabelecidas	Como você enxerga a atuação do jornal dentro da comunidade (fale um pouco da sua percepção do sentimento da comunidade em relação ao jornal). Como o jornalista identifica e trabalha com as fontes dentro de uma comunidade?
	Memórias das vivências	Ao trabalhar no jornal, foi possível identificar na comunidade a figura de uma ou mais pessoas responsáveis por contar a história da comunidade (uma pessoa que servisse como fonte da história da comunidade)?
	Memória públicas	Ao trabalhar junto à comunidade, desenvolvendo o Jornalismo comunitário, qual a sua percepção de como os jornalistas tratam as memórias da comunidade, elas são consideradas importantes dentro da atividade jornalística?
	Relação Memória X Jornalismo/ Jornalismo Comunitário	Há espaço para trabalhar a Memória Social dentro da atividade jornalística? Você acredita que os jornalistas possam ser propagadores das memórias de uma comunidade? Por quê? Você acredita que o Jornalismo, em especial o Jornalismo comunitário, desempenha um papel fundamental na perpetuação das memórias da comunidade? Por quê?

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Quadro 3 – Eixos Temáticos elencados para a Análise de Conteúdo Temática

A partir das entrevistas realizadas para o Estudo de Caso relativo ao jornal comunitário “O Pescador”, com pessoas da comunidade da Colônia de Pescadores Z3 e com os jornalistas participantes do projeto de extensão, as falas dos entrevistados serão analisadas dentro de eixos temáticos em que estarão agrupadas por sua semelhança e proximidade quanto ao conteúdo.	
Eixos Temáticos relativos às entrevistas com pessoas da Colônia de Pescadores Z3	Eixo temático 1 - Memória das origens: Quanto aos moradores, sua história na Colônia de Pescadores Z-3 e sua relação com o jornal “O Pescador”, e as memórias acerca da sua origem, encontramos diferentes experiências e narrativas.
	Eixo temático 2 - Memórias das relações estabelecidas; Sobre as memórias acerca das vivências, de como as pessoas da comunidade participavam e eram trazidas para dentro do jornal e como a comunidade enxergava isso.
	Eixo temático 3 - Memórias das vivências: A importância do jornal pra comunidade. Quanto ao fato de as pessoas estarem retratadas no jornal ser um elemento muito forte, do ponto de vista da oralidade e da tradição, embora o fato de estarem ali representadas, as memórias de conhecimento técnico não sejam repassadas.
	Eixo temático 4 - Memória públicas: Sobre acreditar que o jornal propague/dê continuidade à memória da comunidade fora da Colônia de Pescadores Z-3.
	Eixo temático 5 - Memórias ‘arquivadas’: Quanto à existência de pessoas dentro da comunidade que são conhecidas e procuradas para contar as histórias da comunidade.
Eixos Temáticos relativos às entrevistas com os jornalistas participantes do Jornal Comunitário “O Pescador”	Eixo temático 6 - Memória das origens: sua história no jornal “O Pescador”, a participação no projeto, relacionamento com a comunidade, pauta marcante.
	Eixo temático 7 – Memórias das relações estabelecidas: a atuação do jornal dentro da comunidade – como identifica e trabalha com as fontes dentro de uma comunidade.
	Eixo temático 8 – Memórias das vivências: se é possível identificar na comunidade a figura de uma ou mais pessoas responsáveis por contar a história da comunidade.
	Eixo temático 9 a – Memória públicas: desenvolvendo o Jornalismo comunitário, qual a sua percepção de como os jornalistas tratam as memórias da comunidade.
	Eixo temático 9 b – Memória públicas: sua importância dentro da atividade jornalística.
	Eixo temático 10 a - Relação Memória X Jornalismo/Jornalismo Comunitário: Há espaço para trabalhar a Memória Social dentro da atividade jornalística?
Eixo temático 10 b - Relação Memória X Jornalismo/Jornalismo Comunitário: Os jornalistas podem ser propagadores das memórias de uma comunidade?	

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

4.2 Quem conta a história da Comunidade – Relatos das pessoas da comunidade e dos jornalistas envolvidos com “O Pescador”

Nesta etapa do trabalho, inicialmente serão apresentados os entrevistados, especialmente os moradores da Colônia de Pescadores Z-3, apresentando os dados obtidos a respeito de cada um, para, posteriormente, partirmos para a análise de suas entrevistas, de acordo com as categorias estabelecidas.

Com relação aos jornalistas participantes do projeto, serão apresentadas as narrativas contidas em suas entrevistas, pois parte-se do pressuposto de que todos eles têm igual participação no contato com a comunidade e no desenvolvimento do trabalho jornalístico.

4.2.1 Entrevistas de pessoas da comunidade

Foram entrevistadas, no período de janeiro a março de 2017, na Colônia de Pescadores Z-3, doze pessoas da comunidade, escolhidas por acessibilidade da pesquisadora e porque essas pessoas estão ligadas ou a famílias fundadoras da comunidade, ou a órgãos representativos como a escola ou sindicato, ou são moradores de lá desde o nascimento ou moradores dos mais antigos, participando da vida e da história da comunidade.

4.2.1.1 Entrevista 1 – JR

Nascida na Colônia de Pescadores Z-3, a cozinheira participou da primeira edição do jornal sugerindo uma receita chamada tainha recheada com camarão, colaborando em várias de suas edições.

4.2.1.2 Entrevista 2 – NCS

NCS é natural da ilha da Feitoria⁴⁹, filho de NC, catarinense vindo de Florianópolis e NFSC, e mora na Colônia Z-3 desde os cinco anos de idade. É conhecido por praticamente todos os moradores. A convite, começou a trabalhar no Sindicato de Pescadores da Z-3, como secretário e posteriormente tornou-se presidente do mesmo. Foi treinador do Marítimo (time de futebol). Participou, entre outras, da Edição número 7 do “O Pescador”.

⁴⁹A ilha da Feitoria é uma pequena ilha na costa sul da Lagoa dos Patos no Rio Grande do Sul, pertencente ao município de Pelotas. Foi promovida à Área de Preservação Permanente, em 1993.

4.2.1.3 Entrevista 3 - LBF

LBF nasceu no dia 15 de maio de 1957, na cidade de São José do Norte. Leciona na Escola Rafael Brusque, e um dos seus primeiros trabalhos foi a Associação de Desenvolvimento Social da comunidade junto às professoras A., E., e T. Atualmente, além de seu papel na escola, foi eleita (com 31 votos) Conselheira do Orçamento Participativo, para trabalhar juntamente com os demais representantes dos Balneários do Laranjal, pelos interesses de suas respectivas comunidades.

4.2.1.4 Entrevista 4 - LM

LM nasceu e se criou na Z-3, seus avós foram fundadores da comunidade da Z-3 junto com a família Costa, e seu pai conviveu com os fundadores.

4.2.1.5 Entrevista 5 - MC

MC, na realidade é ex-morador da Z-3. Morou lá até uns treze anos e depois frequentou a colônia durante a adolescência toda e voltou para lá no período da sua graduação e mestrado, tendo a Z-3 como foco de estudo. A família de MC é de lá, seus avós que o criaram, seus tios, amigos de infância e adolescência. Passou a ter a Z-3 como um objeto extencionista porque ele escreveu para o jornal “O Pescador” e criou junto com os colegas e a comunidade o Ecomuseu, onde fizeram algumas exposições com objetos antigos, entrevistaram os idosos pelas suas memórias de vida (a memória do carnaval, a memória das festas do surgimento da comunidade, da visão dos idosos sobre o passado, entre outras).

4.2.1.6 Entrevista 6 - RSP

RSP nasceu na Ilha da Feitoria e veio com a família, quando era bem pequena, e cresceu dentro desse ambiente de pesca, onde a pesca era muito forte. Ia junto com os outros para a salga, pros trapiches onde chegava o peixe e por isso conheceu e acompanhou a vida dos moradores mais antigos até o presente.

4.2.1.7 Entrevista 7 - JS

JS nasceu na Ilha da Saragonha, não sabe bem certo o ano, pois naquela época eles não registravam a criança logo que ela nascia, na sua certidão de nascimento diz que ela tem 78 anos. Mora na Z-3 há mais de 30.

4.2.1.8 Entrevista 8 - BC

BC nasceu na Z-3, segundo ele “embaixo da figueira, com parteira, sem essa frescura de hospital”. Afirma que na sua certidão de nascimento está registrado em 1935, mas nasceu um ano antes. Afirma que anteriormente a Colônia Z3 se chamava ‘Arroio Sujo’, e os moradores não tinham muita opção de vida, ou as pessoas

pescavam, ou passavam fome. Mesmo assim nunca quis sair de lá, mora lá até a atualidade.

4.2.1.9 Entrevista 9 – CS

CS nasceu e se criou na Z3, na data da entrevista tinha 72 anos. Era pescador assim como seu pai. Hoje aposentado, pesca apenas por lazer e para complementar a alimentação da família.

4.2.1.10 Entrevista 10 – LC

LC nasceu na Ilha da Feitoria e se mudou com a família para a Z3 quando tinha 7 anos. Antes de casar ajudava a mãe na lida da casa e ajudava a beneficiar o pescado. Junto com a mãe, produzia bolinhos de peixe para aumentar a renda da família. Depois de casada tornou-se dona de casa e ajudava o marido a beneficiar o pescado.

4.2.1.11 Entrevista 11 – SC

SC nasceu na Z3, com 14 anos se mudou para laguna e há 20 anos retornou para a Z3. É pescador, casado e tem cinco filhos, todos trabalham com pesca.

4.2.1.12 Entrevista 12 – AF

LC nasceu na Z3, mudou-se para o centro de Pelotas e há alguns anos retornou para a Z3. É casada e tem duas filhas que não moram mais lá. Hoje é aposentada e mora só com o marido que trabalha com carpintaria. Seu irmão é pescador, assim como seu pai foi.

Percebe-se, por meio da observação, coleta de dados e das entrevistas realizadas, que na Colônia de Pescadores Z-3, seus moradores caracterizam-se por apresentar formas de vida que vão desde aqueles da antiguidade – em que as pessoas se preocupavam com a sobrevivência, com a coletividade, a manutenção de hábitos e costumes, sem muito acesso à educação formal-, até conviver, atualmente, com as questões da Modernidade. Para os entrevistados, moradores mais antigos, as lembranças são mais numerosas e não se observa de forma acentuada a ‘falta de memória’ (VON SIMON, 2004; FIGUEIREDO, apud SILVA; RONCO, 2015; BAUMAN, 2001) porque mesmo vivendo no mundo contemporâneo, eles conservam seu modo de vida, sua forma de pensar, sua cultura.

4.2.2 Entrevistas de Jornalistas

Foram entrevistados, no período compreendido entre 2016 e 2017⁵⁰, como já foi dito, oito jornalistas: sete participantes do projeto mais o coordenador do Projeto de Extensão (professor orientador e jornalista), os quais participaram de diferentes etapas do projeto de extensão do jornal comunitário “O Pescador”, que se caracterizam pelo desenvolvimento da atividade jornalística (na prática ou na docência), na qual todos eles têm formação acadêmica semelhante⁵¹, participação e contato com a comunidade de forma semelhante, assim abordamos brevemente sua apresentação, uma vez que o que interessa ao trabalho é sua percepção acerca do objeto do trabalho – a memória e sua relação com as identidades sociais dos moradores, assim como do trabalho jornalístico e da sua relação com a memória, diferente dos moradores cuja formação, escolaridade e atividades são muito diferentes entre si.

Traça-se um breve perfil do coordenador do projeto do jornal comunitário, pela importância de entender o nascimento do projeto de extensão: “O jornal comunitário ‘O Pescador’ e o seu desenvolvimento”.

4.2.2.1 Entrevista com o coordenador do Projeto - Prof. Jairo Sanguiné

Jornalista formado pela Escola de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, Jairo Sanguiné tornou-se professor do curso de Jornalismo pelos últimos 20 anos. Sanguiné cita Paulo Freire, afirmando que ele tinha razão ao afirmar que: “Não há docência sem discência. As duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 25).

De acordo com Sanguiné, o projeto do jornal comunitário surgiu no ano 2000, dentro da disciplina de Redação em Jornalismo I, a partir de uma junção de fatores: a necessidade que o curso tinha de evoluir na questão do Jornalismo impresso;

⁵⁰ Esse período prolongado se justifica em função de que os jornalistas, hoje inseridos no mercado de trabalho, estão em diferentes localidades/estados do Brasil e precisavam de tempo para vir a Pelotas.

⁵¹ Podem variar os semestres letivos em que estão matriculados em função da estrutura curricular em uma universidade particular, na qual os alunos podem cursar um número maior ou menor de disciplinas.

anseio dos alunos por fazer projeto prático na área impressa; e sua vontade pessoal de trabalhar com Jornalismo comunitário. Referindo-se ao projeto de extensão por meio do qual surgiram os jornais comunitários, ele coloca:

Dos 20 anos, 15 foram maravilhosamente dedicados ao Jornalismo Comunitário, meu verdadeiro lado no Jornalismo. Sim, ao contrário do que muitos tentam ensinar, o Jornalismo tem lado. E o meu, todos sabem qual é. Obrigado, Vila Princesa, obrigado Colônia Z-3, obrigado aos mais de 300 alunos que passaram por essa experiência em dois dos jornais comunitários, e por me disponibilizarem tanto aprendizado (SANGUINÉ, 2017).

A escolha da Colônia Z-3 se deu devido à sua localização, afastada do centro urbano e com "personalidade" própria, ou seja, os moradores tinham lá uma vida própria, que independia do centro urbano, além da questão da pesca, base econômica do local.

Desde o início, a comunidade recebeu com otimismo a ideia de um jornal próprio, apesar de certa desconfiança pelo fato de que pessoas estranhas à comunidade estariam transitando por lá, essa foi quebrada logo nas primeiras edições, a partir da aproximação da equipe com a comunidade. Como o jornal era parte da disciplina, com o fim do semestre teria de mudar a turma, mas a primeira equipe não quis deixar o projeto, partindo para uma segunda etapa, para dar continuidade em sala de aula com os novos alunos, enquanto a equipe original do jornal "O Pescador" seguiu adiante o trabalho, agora como voluntários. Um ano depois, o projeto se desvinculou da disciplina e transformou-se em projeto de extensão. Para participar, o aluno tinha que ter feito pelo menos a disciplina de Redação em Jornalismo, mas o principal requisito era a vontade de se envolver, de fato, num projeto de Jornalismo comunitário, comprometido primeiramente com os anseios da comunidade, depois, como consequência lógica, com seu aprendizado. Nesse processo, ocorreu que muitos alunos ficaram como voluntários praticamente durante o resto de sua formação acadêmica, o que garantiu não só a continuidade do jornal, mas permitiu o estreitamento de vínculos entre o projeto e a comunidade.

Também é importante destacar aqui que o jornal comunitário "O Pescador" teve seu projeto encerrado em julho de 2016, quando o professor Jairo Sanguiné – coordenador do projeto, foi demitido pela Universidade Católica de Pelotas junto com uma significativa leva de outros professores e funcionários, em decorrência das dificuldades econômicas daquela instituição.

4.2.2.2 Entrevista com os demais jornalistas

Foram entrevistados, no período de setembro de 2016 a março de 2017, sete jornalistas: **GM** e **CA** foram participantes da primeira equipe do jornal. Em seguida, vieram **RB** e **FD**. **SH** foi da equipe seguinte e, mais tarde, participaram **LS** e **AV**.

GM é jornalista e, hoje, atua muito na área de Assessoria de Imprensa, onde tem contato com projetos sociais desenvolvidos nas comunidades em que se sediam as empresas que assessora. Coloca que seu interesse por essa área de atuação foi fortemente influenciada pela experiência com o jornal comunitário “O Pescador”, que ajudou a criar e que acompanhou até o final.

CA atualmente é docente em uma universidade pública na região da Campanha/RS, onde desenvolve muitos projetos de pesquisa e de extensão na área de comunicação, alguns semelhantes ao projeto de extensão que criou o jornal comunitário “O Pescador”. Participou da equipe de criação do projeto e ficou no projeto por mais dois anos. Diz que foi uma experiência que marcou positivamente sua vida.

RB atualmente é jornalista em uma Assessoria de Comunicação de uma grande universidade gaúcha. Participou da sétima equipe do jornal e nela permaneceu por um ano, período em que aprendeu muito sobre o jornalismo e sua prática, com experiências que acompanham sua atividade profissional até a atualidade.

FD é jornalista em Brasília e atua na área de política. Participou da décima equipe do projeto do jornal “O Pescador”. Ele coloca que foi uma experiência interessante, mas questiona algumas das propostas do projeto de extensão com o jornal comunitário “O Pescador”.

SH trabalhou como jornalista durante algum tempo e depois foi fazer pós-graduação – mestrado e doutorado em comunicação na PUC-RS e, atualmente, é docente no Centro Universitário Fadergs. Participou da décima segunda equipe do jornal “O Pescador”.

LS trabalhou como jornalista durante algum tempo e depois foi fazer pós-graduação – mestrado e doutorado em Linguística na Ucpel, e é docente em curso de Jornalismo no interior do RS. Participou da décima oitava equipe do jornal “O Pescador” e diz que foi uma experiência fundamental tanto para sua vida profissional como jornalista quanto pra o exercício da docência.

AV atua como freelance na área de jornalismo e faz pós-graduação na área de Linguística, pois além de gostar da prática do jornalismo no dia a dia, também se interessa pela docência. Foi bolsista do projeto de extensão e teve contato frequente com a comunidade da Colônia Z3 por mais de dois anos, fator que influencia a forma como vê a prática profissional até a atualidade.

4.3 O jornal “O Pescador” e a produção de memórias na Colônia de Pescadores Z-3

São muitos os caminhos que podem ser seguidos para realizar estudos sobre a comunicação, especialmente quando relacionados a outras áreas como a memória, mas existe um ‘lugar’ em que se cruzam de forma quase obrigatória os diferentes caminhos percorridos por esses estudos. Neste trabalho, esse ‘lugar’ é ocupado pelos depoimentos, narrativas e memórias daqueles que pertenceram aos grupos envolvidos no jornal comunitário “O Pescador”, em suas diferentes etapas, desde os moradores (das lideranças aos mais humildes) da Colônia de Pescadores, aos jornalistas que atuavam na produção das entrevistas, redação dos textos dos diferentes gêneros jornalísticos presentes no jornal, passando pelo coordenador do projeto de extensão de comunicação comunitária e cidadania do qual tomou forma o jornal.

Nessa etapa do trabalho, foi feita a recuperação da trajetória do Jornal junto aos moradores da Z-3 e jornalistas, para que, posteriormente, pudesse ser feita a análise proposta no trabalho. Essa recuperação se deu (como já dito) por meio da coleta dos depoimentos daqueles que vivenciaram esse processo, visto que os relatos pessoais (orais ou escritos) são sempre uma das fontes mais ricas. Primeiramente serão apresentados os dados relativos aos moradores da Z-3 e, a seguir, os dos jornalistas, passando por **eixos temáticos e questões norteadoras**, conforme exposto nos Quadros 1 e 2 (páginas 07 e 108 deste trabalho), que consideram a memória das origens, das relações estabelecidas com relação ao jornal e entre os diferentes grupos, por meio das vivências e daquilo que se tornou de conhecimento do público.

4.3.1 Comunidade – Colônia de Pescadores Z-3

Observa-se que a Colônia de Pescadores Z3 configura-se como uma comunidade que se desenvolveu a partir do parentesco, da vizinhança e da amizade, na qual seus membros se reconhecem a partir da referência “do outro”, na qual encontramos características como tradição e compromisso, onde a família é importante em função das ligações emocionais e tradicionais dos participantes, em que há um sentimento de confiança, de partilha, em que a organização e o trabalho comuns promovem conhecimentos, hábitos e tradições (NISBET, 1967; FERNANDES, 1973; TÖNNIES, apud MIRANDA, 1995; PERUZO; VOLPATO, 2009). Existe na comunidade a cultura da pesca artesanal, que vem desde os fundadores da colônia e que está presente no dia a dia dos seus membros.

Tais elementos podem ser observados nas falas de um número significativo dos entrevistados quando se referem às suas vivências, ao conhecimento e ao conteúdo compartilhado com os jornalistas do projeto de comunicação comunitária e documentado no jornal comunitário “O Pescador”.

Por meio de suas narrativas, pode-se constatar que é por intermédio das relações sociais lá estabelecidas que os indivíduos se reconhecem a partir do grupo de referência, das relações sociais estabelecidas, dos papéis e experiências vivenciadas, e desenvolvem sua identidade (MYERS, 2000; LANE, 2006). Tal constatação é muito relevante porque permite afirmar que essa é uma comunidade tradicional, onde existem sentimentos de coerência e de pertencimento, em que estão presentes as questões de permanência, de continuidade no tempo e no espaço, o que a distingue da sociedade em que a globalização e as dinâmicas e transformações das estruturas sociais ocorrem rapidamente levando a uma “sociedade líquida”, como classifica Bauman (2003), embora tais transformações já estejam chegando por meio dos mais jovens.

Em contraponto a essa liquidez contemporânea, na Colônia de Pescadores Z3, encontra-se a valorização da família – há um interesse pelas raízes, da própria comunidade, em que seus membros ainda narram as histórias dos fundadores tanto de forma oral entre si como a partilham com os jornalistas para que sejam registradas nas páginas do jornal comunitário.

As narrativas dos entrevistados permitem constatar os interesses comuns e anseios de seus membros em manter e compartilhar os interesses e objetivos em

comum, oriundos de seu sentimento de pertença e decorrentes de seu processo de identidade (BRANDÃO,1990; CASTELLS 1999; BERGER e LUCKMANN, 2005; PERUZO, VOLPATO, 2009).

Eixo temático 1 - Memória das origens: Quanto aos moradores, sua história na Colônia de Pescadores Z-3 e sua relação com o jornal “O Pescador”, e as memórias acerca da sua origem, encontramos diferentes experiências e narrativas.

JR afirma que sempre morou na Z-3, de onde saiu por pouco tempo e de onde não quer mais sair. Afirma que sua participação no jornal começou em 2000, quando cedeu fotos para publicação. Ela cita que: “**GM, CA, HS**, então eles começaram a fazer esse trabalho, que eu acho que aí que iniciou o jornal e eu fiquei nessa sempre com eles [...] participava do jornal mandando receita... Eles vinham, agendavam por telefone, depois vinham leva a receita”.

NCS, além de morador da comunidade, era e ainda é representante do Sindicato de Pescadores, e foi uma das primeiras pessoas da comunidade a ser contatada pela equipe do jornal. Relata que, como era novidade, a princípio ficou desconfiado até por outras experiências negativas que haviam ocorrido anteriormente. “Outros projetos aconteceram aqui apenas pra tirar proveito, né? [...] então a gente sempre tem uma desconfiança, é normal, tem pessoas que usaram o conhecimento do pescador e até mesmo informações para si próprios sem dar um retorno”. Então a equipe levou até lá o exemplo de outro jornal comunitário que tinha sido implantado na Vila Princesa em Pelotas, denominado “Folha da Princesa”.

Então quando eles chegaram aqui, o Jairo e mais duas pessoas, vieram direto em mim pra conversar, nessa sala, aí eu expliquei pra eles, como eu explico sempre: ó gente se vocês tem intenção de... se a intenção de vocês é colaborar com a comunidade, vocês vão encontrar portas abertas, agora se não é, vocês... vai acontecer o mesmo que com os outros e não pode ser diferente. Aí eles me explicaram, conversamos bastante, e aí marcamos de ir na escola. Tô contando do início do jornal. Marcamos de ir na escola, chegamos na escola o diretor nos recebeu, conversou e ficou de pensar pra depois dar a resposta se a escola ia colaborar, porque nós precisávamos da entidade dos pescadores, da escola e da comunidade jovem, são dois, imagina a escola... (NCS, 2017).

Já **LM**, por ser moradora da Colônia Z-3, por ter nascido lá e ser descendente de família de fundadores da comunidade, começou sua participação no jornal por

outro viés. Era procurada sempre que os jornalistas precisavam de informações sobre as famílias, costumes, e conta que, quando não sabia informar, sabia quais outras pessoas poderiam ajudar e dizia “olha, procura tal pessoa que ela vai te dizer”, afirma que o jornal era muito bom, e foi muito bem aceito. Liga o surgimento do jornal a outro projeto anterior, desenvolvido também por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Católica, ligado à área de fotografia, que deu origem ao livro ‘Histórias de Pescador’, também ligado à Z-3: “mas o jornal Pescador ele começou mais quando teve uns rapazes aqui e eles passaram acho que uns... dois ou três anos fazendo... fotografando o Helinho e o... esqueci o nome.. o Manuca....”. LM lembra que, pelo fato de os rapazes terem andado por lá durante muito tempo, acabaram se tornando familiares para os moradores.

Eles andavam... eles participavam da vida do pescador, eles acampavam junto, eles iam tudo que é lugar, eles quase que tavam assim, dentro da casa da gente, sabe? E daí eles iam fotografando. Depois eles fizeram um trabalho muito bonito e tiveram... o livro – História de Pescador. É, eu tenho o livro. Ganharam muitos prêmios até (LM, 2017).

MC morou muito tempo na Z-3, a família de sua mãe é de lá, os avós que o criaram, seus tios, amigos de infância e adolescência ainda moram lá. Embora tenha saído de lá por volta dos 12-13 anos, sempre retornou para lá. Ele afirma que ao entrar para a faculdade, também passou a ter a Z-3 como um objeto extencionista.

[...] porque eu escrevi pro “O Pescador”, pro jornal Pescador, então tive momentos, em muitos artigos, então eu sempre buscava aproximar essa minha relação de memória pessoal, uma coisa totalmente subjetiva, com as perspectivas científicas e acadêmicas. [...] O Eco museu na realidade era um projeto que pensaria uma unidade de arquivo com uma unidade de conservação ecológica, ou seja, com uma serie de atividades de educação e formação técnica pras pessoas, tendo o turismo como viés de desenvolvimento alternativo, e sempre pensando também... o nosso projeto sempre buscava pensar o turismo e a cultura como caminhos estratégicos de recomposição da situação social e cultural, tanto no sentido da cultura e desaparecimento, formas tradicionais de interpretação da natureza, produção artesanal, medicina caseira, gastronomia típica e tal, e obviamente servindo como uma perspectiva de geração de emprego e renda, melhoria da autoestima, perspectiva social, então desenvolvemos logotipos, mapas, a ideia do eco museu a gente fez algumas exposições com objetos antigos, coletávamos, entrevistávamos os idosos pelas suas memórias de vida, buscávamos obviamente dividir esse conceito de Memória Social associado a uma série de elementos específicos como a memória do carnaval, a memória das festas do surgimento da comunidade, da visão dos idosos sobre o passado contextualizando a situação do presente (MC, 2017).

RSP também nasceu na Z-3 e sua família de origem ainda mora lá. Ela saiu de lá para fazer faculdade, mas lembra com saudade da infância e adolescência vivida lá.

se tinha brincadeira de... pra jogar taco, esconde esconde, a casa aberta... familiar, aquela questão da ajuda, do vizinho cuidar o filho do outro vizinho, hoje não, hoje eu vejo assim, cada vez que eu vou lá, até porque muitas pessoas vieram trabalhar aqui na cidade, então quem trabalha na cidade só vai e faz o trajeto da estrada e vai pra dormir e quem pode sai de lá, não quer mais ficar lá. E eu acho que a origem, a característica da Z-3 nunca vai se perder, porque tem os antigos, mas vejo assim que a questão... o meu filho, oito anos, ele não gostava de ir pra Z-3, não gostava assim, ia quando nós íamos, só que agora ele descobriu que lá ele pode andar de bicicleta na rua, arrumou uns amigos, ele tá encantado com esse mundo da Z-3 (RSP, 2017).

As falas dos entrevistados dividem-se entre ‘os mais antigos’, cujas lembranças ainda se ligam às questões tradicionais ao contarem os fatos, e os ‘mais jovens’, para quem as mudanças são visíveis. Retomando o pensamento de Lyotard (2009), percebe-se que, embora mais lentamente, começa a diluir-se a ideia de coletividade que norteava o período moderno da história e começa a aparecer o princípio individualista que caracteriza o mundo contemporâneo.

Porém, numa realidade que é complexa, ao olhar do ponto de vista da sociologia humanística de Bauman (2001), as falas dos entrevistados remetem ao processo histórico em andamento em que a contemporaneidade está ‘derretendo’, também na Z-3, as instituições antigas como a família (cujos membros estão indo embora) e a própria comunidade tradicional (cultura própria, fechada para os de fora) está mudando, inclusive as referências morais (desenvolvimento da prostituição, uso de drogas), há incerteza quanto à continuidade daquele modo de vida: as pessoas estão indo ‘para a cidade’ buscar emprego e uma vida mais fácil. Ao abandonarem os referenciais ainda existentes no antigo modo de vida, os mais jovens abandonam (ao menos parcialmente) a ideia de coletividade e passam a ter projetos de vida individuais, perdendo pelo menos parte de sua identidade num mundo que muda rapidamente, e onde não há espaço ou tempo para o registro de suas experiências e histórias de vida. O descompasso entre as gerações de velhos e jovens começa também a mostrar-se na Z-3. O enfraquecimento dos costumes e da sociedade em que o indivíduo contemporâneo está imerso, e que Lipovetsky já apontava em 1983, parece retratado em muitas das entrevistas feitas.

No entanto, assim como Bauman (2010) e Lipovetsky (1983) afirmam também, contrapondo-se à volatilidade das relações e da ruptura com os paradigmas sociais antigos, percebe-se em alguns dos entrevistados o reconhecimento da importância da manutenção dos relacionamentos das pessoas e grupos, das narrativas de vida e história e da manutenção da memória entre os entrevistados na comunidade da Z-3.

Os entrevistados falam sobre como começaram sua participação no jornal “O Pescador”, das relações estabelecidas e sobre a importância do jornal para a comunidade.

NCS retoma em sua narrativa que foi um dos primeiros moradores a ser contatado para a implantação do jornal na Z-3 em função de sua relação com o sindicato, e destaca que ‘não resta dúvida’ de que foi um ganho muito grande de informação.

O pessoal aprendeu a ler mais que o Diário Popular, Diário da manhã, esses outros não tem, né? Então, aquela coisa de colar cartaz em venda, o pessoal parou com aquilo, porque não havia necessidade, vai tá tudo no jornal. A participação da escola, a opinião dos diretores, ou das diretoras. Então foi um ganho muito grande, nos ensinaram muito (NCS, 2017).

Sobre a trajetória do jornal comunitário na comunidade **NCS**, lembra também os laços que foram criados com os jornalistas, que hoje atuam em diferentes áreas do Jornalismo e com quem, eventualmente, mantém contato, mostrando que pela natureza da comunicação comunitária (em contraponto com a comunicação de massa) são criados vínculos com a comunidade que tendem a ser mais duradouros (PERUZZO, 2002).

E aí foi passando gente, a gente foi acompanhando várias turmas. Tem uma que trabalha acho que no SESI em Porto Alegre... Catiúscia, de vez em quando a gente tem esse contato, porque o pai dela jogou futebol então a gente entra em contato. E outros, o Rodrigo tá em Caxias (RBS TV), o Rodrigo foi um dos primeiros também, ah o Rodrigo de vez em quando eu entro em contato com ele [...]. Aí ficou assim umas pessoas quase que uma família pra nós, as pessoas que tavam aqui, principalmente aqueles que lançaram, que aqueles tiveram bem mais tempo. [...] O Ed o pai dele mora aqui passando a avenida, de vez em quando eu vou lá. O Hélio anda por mundo afora aí... E tinha o Manuca que era o parceiro do Hélio... É, que foram os dois que fizeram o livro... O livro, eu tenho o livro, poucas pessoas guardaram, o livro é importantíssimo... (NCS, 2017).

LBF relata que trabalha na escola há trinta e três anos, da qual foi diretora por dez anos. Ela lembra que o jornal “O Pescador” chegou à escola quando a diretora era a professora LM, quando a Universidade Católica de Pelotas começou a vir para cá, período que classifica como excelente. Também relaciona o funcionamento da escola e sua importância para a comunidade, como local onde as coisas aconteciam e foca a atenção em uma entrevista que deu ao jornal e suas consequências.

Pra mim, “O Pescador” abriu portas também, pra comunidade ser reconhecida aqui na escola sempre foram bem recebidos. Teve uma época que até causou um stress porque eu dei uma entrevista pro “O Pescador” [...] Até nessa entrevista, uma coisa que eu até fui meio criticada na família, em relação a escola, que eu falei sobre a escola numa das entrevistas pro jornal Pescador eu disse, tem até essa entrevista gravada no jornal, que eu gostava mais de tá na escola do que em casa, sabe, pra mim a escola sempre foi a minha vida, a escola aqui pra mim sempre ela é referência, a escola na minha época ela era referência, todas as reuniões aconteciam na escola, tudo da Z-3 acontecia na escola, então tinha os coletivos de trabalho e tinha seguro desemprego, tudo acontecia aqui, nós participávamos assim, a escola participava de tudo [...], tudo que acontecia era aqui na escola... (LBF, 2017).

JS, apesar de sua idade, lembra muitos detalhes acerca do surgimento do jornal na Z-3. Segundo ela, o jornal surgiu em 2000 e mostrou ‘um pouco dessa vida da Z-3. Comenta que, antes do jornal, outros ‘meninos’ da Católica estiveram na comunidade e até fizeram um livro ‘sobre a vida do pescador’: “Esses até acampavam aqui e tava sempre nos barracão de pesca, conversando com um e com outro.” Ela coloca “Se eu conheço o jornal ‘O Pescador’, claro que sim, quem aqui na Z-3 não conhece? Dia de distribuição do jornal era dia de festa aqui na comunidade. Quando aquela gurizada chegava de ônibus ou com aquela combi branca o pessoal já ia pra porta das casas pra esperar eles.” Essa relação dos moradores com o jornal e os jornalistas os aproximava bastante e ela relata que, nos dias em que o pessoal do jornal ia coletar informações ou distribuir o jornal, “Eu corria passar um cafezinho pra oferecer pra eles”.

Esse menino que eu falei antes, o que espichava os olho pra minha neta, a M., mais de uma vez ele veio aqui em casa com o professor deles, o Jairo para conversar comigo e com os meus filhos sobre a Z-3 e a pesca, sobre a situação da lagoa e perguntar o que a gente achava da cooperativa, claro que também ele conversou a M. para saber como era ser jovem na Z-3, assim que eu participei do jornal. Todo mundo fala das histórias de pescador, mas as mulheres dos pescador também tem um monte de história pra contar. Enquanto eles tão no mar pescando, é a gente que mantém a comunidade funcionando e cuidando das crianças, das nossas e

das dos outros sabe, porque aqui era assim, tinha um sempre de olho nas crianças (JS, 2017).

Outro ponto que JS aborda são as diferentes matérias que o jornal “O Pescador” trazia, nas quais retratava a forma de vida e pensamento dos moradores da Z-3, suas festas e acontecimentos.

Uma matéria que foi muito engraçada foi sobre o lobisomem da Z-3, um folclore daqui, daí minha netinha mais nova leu aquela história e ficou incomodando a mãe dela com medo do tal do lobisomem da Z-3. O jornal também sempre falava da Festa do Peixe, que envolvia um monte de gente, da festa de Nossa Senhora dos Navegantes, nossa maior festa aqui e a festa de São Pedro também, daí sempre procuram as festeiras na paróquia pra tirar foto e conversar. E isso tudo é a cara da Z-3, porque a gente podia participar e sugerir assuntos. Ele sempre faziam reunião no sindicato pra ouvir a comunidade sobre o que a gente queria que saísse no jornal. Eles diziam que o jornal era nosso e que a gente tinha que participar e por um tempo a comunidade participou mesmo (JS, 2017).

BC tem uma opinião bem diferente sobre o surgimento do jornal, afirmando que, inicialmente, não se interessava muito, mas, ao longo do tempo, apareceram notícias que passaram a interessá-lo.

Se eu já participei do jornal, não menina, nunca participei do jornal. Quando ele apareceu aqui na Z-3, eu não tinha nem muito interesse, vo te ser bem sincero, mas a mulher começou a trazer pra ver o que as vizinha tavam fofocando e ver a receitas, acho que ela chegou a mandar alguma receita pro jornalzinho, mas depois começou a sair a coluna do sindicato e outras matéria sobre pesca e eu dava uma olhada, mas as vezes sai, as vezes não (BC, 2017).

RSP, ao falar sobre o jornal, lembra que ele surgiu um ano antes de sua entrada para a faculdade e foi muito importante para ela porque “antes eu tinha vergonha de dizer que eu era da Z-3. Mas daí depois quando veio “O Pescador”, o Jairo, o pessoal, eles me deram outra visão assim, que a Z-3 podia ser o meu orgulho”. Conta também que, na época, a maioria das suas amigas saía do segundo grau ou nem sequer o concluía, e casava. Ela foi uma das primeiras a fazer faculdade. Pela falta de informação da família, ela comenta que o pai tinha vergonha de dizer que ela fazia faculdade paga e foi o avô quem a auxiliou a chegar lá: “o vovô, seu Pitanga, foi a pessoa que sempre botou estudo, e sim eu me lembro que a pasta do curso “Relações Públicas” foi ele que me deu, ele ajudou a pagar a matrícula e fomos falar com Dom Jaime pra conseguir a bolsa, ele sim, porque ele acreditava na educação...” (RSP, entrevista, 2017).

MC afirma que a ideia do jornal, desde o início, foi importante, e ele logo começou a se interessar e escrever como colaborador do jornal, buscando preservar a história e as tradições e o modo de vida da comunidade pesqueira, como uma forma de registro.

LM coloca que o jornal tinha um papel relevante, as pessoas ficavam esperando porque muita coisa que a comunidade não sabia era informado pelo 'O Pescador', pois "era um informativo maravilhoso" (LM, 2017).

Mediante as narrativas dos entrevistados ao falarem sobre o início do jornal, de sua participação nele e das relações que foram se estabelecendo nesse processo, percebe-se que estão presentes questões como o lugar de pertencimento, comunhão e identidade social e onde as manifestações de tradição e a cultura são compartilhadas por meio das lembranças que se alojam na memória individual e coletiva (PALÁCIOS, apud RUBIM, 2001). Também estão presentes as instâncias de parentesco, vizinhança e amizade (TÖNNIES, apud MIRANDA, 1995).

LC afirma que conhece "O Pescador" e que "era um jornalzinho bem interessante, saia bastante coisa aqui da comunidade, me lembro da época que teve um problema com a distribuição de água na Z3, eles conversaram com um monte de gente, assim como quando aumentou a passagem do ônibus." Ainda com relação ao jornal, o entrevistado afirma ignorar se os resultados das ações dos jornalistas eram positivos para a comunidade e critica sua periodicidade: "Não sei se eles ajudavam a resolver alguma coisa, mas barulho eles faziam bastante, o problema era que passava um monte de tempo sem ter o jornal. Eles vinham, conversavam, iam embora e o jornal não chegava".

AF concorda com essas colocações quando diz que conhece o jornal: "Conheço sim, acho todo mundo que mora aqui na Z3 há algum tempo conhece. No início eles vinham aqui e faziam um alarde e distribuíam o jornal de casa em casa, você querendo ou não".

Nem todos os moradores da Colônia Z3 nutrem o mesmo interesse e simpatia pelo jornal. Encontramos os Entrevistados 3 e 1, que têm opiniões diferentes sobre O Pescador.

SC disse ter conhecido o jornal mais de ouvir falar, mas nunca teve muito interesse por ele. Também comenta sobre sua falta de periodicidade, lamenta seu fim, mas não acha muito relevante.

Li alguns que deixaram aqui na peixaria e uma vez o professor que era responsável pelo jornal veio aqui se apresentar e apresentar os alunos que estavam com ele. Ele passou uma meia hora aqui explicando qual era o objetivo deles, até ofereci um cafezinho e umas bolachinhas, mas depois nunca voltaram aqui no barracão. Sei que ele esteve presente na comunidade por muitos anos, alguns anos mais presentes outros menos presente e agora tu me disse que o jornal acabou né, em 2016. Acho que é uma pena, não sei bem o que pensar, nunca despertou muito a minha curiosidade (SC, 2017).

Já o CS é bem crítico com relação ao jornal e aos jornalistas, achando que se metiam em tudo, que perguntavam muito sobre as coisas, que não havia regularidade em sua permanência junto à comunidade, que as equipes mudavam muito e só o professor permanecia o mesmo. Também aponta para o fato de existirem pessoas, até relevantes na Z3, como os presidentes do Sindicato e da Cooperativa, e as professoras da escola.

Sim, quem não conhece o jornal aqui na comunidade? Em algumas épocas eles vinham seguido, quase todo o final de semana. Se metiam no barracão da gente ficam fazendo um monte de pergunta sobre tudo. Vai ter peixe? Como vai ser a safra de camarão? Pediam pra contar sobre a vida aqui na Z3. Depois passavam uns quantos meses sem aparecer. Dai quando vinham já era gente nova, só o professor era o mesmo. O gente que perguntava um bocado. Vinham também e ficavam tirando foto das redes, dos barcos da praia, das crianças, dos peixes... tudo era bonitinho pra eles, chegava até a ser engraçado. Muita gente gostava do jornalzinho. Quem pode te dizer mais coisa é o presidente do sindicato, ele tinha bastante envolvimento com aquela gente. O presidente da cooperativa também, e as professoras do colégio também, acho que fizeram umas festa junto pras crianças (CS, 2017).

Embora existam opiniões divergentes entre os entrevistados acerca do jornal “O Pescador”, e embora possam ter tido uma relação mais próxima ou não com as equipes de jornalistas, chegando até a lembrar e citar alguns deles, todos sabiam da existência do jornal.

Outro aspecto que se destaca é o fato de que, por meio das relações sociais estabelecidas, os indivíduos se reconhecem como pertencentes ao grupo social da comunidade de pescadores da Colônia Z-3, que têm uns aos outros como referência a partir dos papéis descritos e das experiências vivenciadas em conjunto, que lhes permitem desenvolver sua identidade social (MYERS, 2000; LANE, 2006; JODELET, 2002), e onde suas produções simbólicas e cotidianas expressam e articulam diferentes formas de saberes, construindo suas identidades e práticas sociais (MOSCOVICI, 2003).

Cabe aqui ressaltar que o jornal comunitário, ao diferenciar-se da grande imprensa, auxiliou a população em vários aspectos, e ao humanizar os sujeitos como indivíduos importantes, auxiliou na sua socialização, na sua integração com seu território, sua cultura, sua forma de viver (MARCONDES FILHO, 1987; GUARESCHI, 2004).

Estão presentes nas falas, acontecimentos vividos, pessoas e lugares, que além de responsáveis pelo estabelecimento de laços afetivos na comunidade, são elementos que servem de apoio à Memória Social como um fenômeno coletivo e social (POLLAK, 1992), que constituem pontos de referência fixados pela sociedade, uma vez que a memória coletiva envolve sentimentos de pertença e identidade, componente afetivo originado pelas interações e experiências entre os membros da comunidade (HALBWACHS, 1990), aqui também relacionados ao jornal “O Pescador”.

Eixo temático 2 - Memórias das relações estabelecidas; Sobre as memórias acerca das vivências, de como as pessoas da comunidade participavam e eram trazidas para dentro do jornal e como a comunidade enxergava isso.

NCS, pela sua vinculação com o jornal, por ter dado apoio ao seu surgimento e sua continuidade na comunidade de pescadores da Colônia Z-3, fala sobre o que esse representava em termos de compartilhamento, informação e comunicação.

Aí assim ó, começou, a comunidade já esperava o jornal todo o mês. E aí vinha informação, [...] e a gente esperava. E pra nós... queria marcar uma reunião e botar no jornal “O Pescador”. Aí depois teve uma época que teve um espaço na rádio, rádio Tupanci se não me engano, eu não lembro bem. Tupanci, RU ou Pelotense, uma das nossas rádios aqui e [...] mas teve o espaço, aí a gente já escutava, era aos sábados de manhã, a gente já escutava o programa “O Pescador” e esperava o jornal. Então assim foi um salto de comunicação, eles faziam aquelas festas pras crianças, vinham acompanhar os jogos, que a gente tinha um sistema interno de futebol de sete nosso, eles acompanhavam, davam resultado, quem é que jogava domingo (NCS, 2017).

Afirma que a comunidade se via no jornal, passando a se interessar especialmente pelas edições em que um morador mais antigo, um pescador, ou alguém ‘famoso’, como Dona Laura, estavam lá, retratados.

É, aí vinha a página do sindicato. Então assim ó, a gente realmente esperava o jornal. Aí foi que vai trocando de turma né, já tinha aquele espaço que não tinha e a gente ficava ansioso, nós mesmos, às vezes, procurava o Jairo, “Jairo, quando é que vão voltar?”, “Não...” aí vinha outra turma, até engrenar a gente ficava com aquele espaço, depois engrenava aí parava de novo, mas aí não faltava informação. E aí teve um... algumas edições que saía uma celebridade da Z-3, uma pessoa importante, enfim, um pescador mais antigo, então aquilo... todo mundo queria tá naquela página, chegavam a procurar “como é que eu faço? Ai isso aí é eles que escolhem”, mas na verdade a gente às vezes indicava pra conhecer né, uma pessoa que jogou futebol num time, um pescador antigo, um comerciante, mas era muito legal (NCS, 2017).

NCS conta, ainda, que tinha uma urna de sugestões na escola, de críticas e de classificados. Isso foi na segunda etapa, “depois que o Jairo foi embora com mais um professor e dois alunos, o diretor me chamou e disse que queria participar, só pra tu ter uma ideia”, coloca o entrevistado, referindo-se à importância do jornal para a comunidade.

Tem pessoas que tão naquele, tanto em depoimento como naquele, eu não lembro, acho que era perfil, acho que era perfil o nome, pessoas que a comunidade não sabiam quem eram aquelas pessoas, mesmo morando sabendo, por exemplo, sabem quem é a professora, uma das professoras, mas não sabem da vida dela e ali tá né gente. Eu tive o prazer de tá no perfil e muitas pessoas não sabem que eu não era daqui, acham que eu sempre morei aqui, não eu vim com cinco anos pra cá, e as pessoas não fazem ideia da onde eu vinha, da Ilha da Feitoria, então assim coisas que... e outros né, pessoas que passaram, da onde vieram, o que foram antes de ser pescador e ali contava, então umas das coisas é isso aí o pessoal tá no jornal e às vezes não sabiam, então é uma memória. E também serviu, tanto o jornal “O Pescador”, como serve até hoje às vezes de prova pra nós sabe que... nós quando vamo solicitar, por exemplo, agora nos últimos quatro anos, vamo solicitar uma ajuda pro governo ou até negociar um financiamento no banco em função da situação de safra, a gente tem que provar de toda a maneira que não deu peixe, aí tem um laudo da universidade, tem um laudo da assistência técnica, né? E uma foto dum pescador que, naquele ano, tinha peixe, isso tudo e serve né. Então são fotos que podem ainda vir a ajudar um pescador. Entendeu o objetivo de pega uma foto e, que diz lá que em 2008 quantas toneladas de camarão deu e hoje não tem, aquilo é uma prova que o pescador tá perdendo... (NCS, 2017).

LBF, na época do surgimento do jornal, estava no início de sua carreira docente e era vice-diretora da escola, e relata que aprendeu muito com a professora LPF, que agora está na secretaria da escola. Afirma que viam a importância do jornal para a comunidade porque divulgava as coisas que aconteciam ali: “o que é importante muitas das vezes as pessoas não divulgam e o jornal Pescador fazia esse meio de campo né, informava o que era importante, as coisas que estava acontecendo as pessoas sabiam através do jornal. [...] Era um informativo

maravilhoso.” Com relação à participação das pessoas da comunidade, levadas para dentro do jornal, ela afirma que o pessoal gostava “eu fui, a J. foi, da culinária, o seu H., várias pessoas, né... poesias da A., então divulgava e valorizava as pessoas daqui, da própria comunidade”.

Verem-se retratadas no jornal influenciava as próprias pessoas e a comunidade. Para **LBF**:

Teve uma influência bem positiva, né, na autoestima, sabe? Porque... aí depois os pescadores se animaram, fizeram feira, que antes não, antes eles vinham aqui, o pescador vendia o peixe ali na sauva e dali ficava, não tinha aquela, eles achavam que se saísse daqui não ia ter sucesso e agora tem as feiras dos pescador, ficou implantado aqui e tá até agora funcionando. E é uma maneira de... de sobrevivência, né? Por que aí eles trabalham. O pescador vai lá, né, da família, né, pega o peixe já traz, eles ali mesmo já preparam e eles que vendem, então... mas isso aí tudo o jornal foi colocando que o pescador tinha valor, que eu acho que antes assim, a autoestima não era... (LBF, 2017).

LBF, na entrevista, destaca, ainda, a importância do jornal ao divulgar e informar sobre as leis relativas à pesca e aos pescadores que muitos desconheciam e, por isso, não podiam reivindicar seus direitos, “determinadas coisas”. Ao serem informados, eles passaram a ter conhecimento e consciência do que podiam reivindicar.

JS destaca que o jornal é a cara da comunidade, como próprio nome já diz. “Eu achava uma graça que o J do jornal era um anzol”. Sempre trouxe temas relacionados à vida da comunidade, tinha coluna do sindicato – bastante representativo, trazia matérias sobre o atendimento no posto de saúde, os ônibus e valor das passagens, o futebol e muitas outras coisas, “mas ele ouvia as pessoas normais também”.

Se o jornal foi importante pra comunidade? Nossa, se foi. Ele levantou a nossa autoestima. Ele tratava dos assuntos da comunidade mas também trazia muita informação de fora. Nos primeiros anos todo mundo queria participar de alguma forma, a J. tava sempre colocando uma receita ou outra e também tinham os poemas da amiga Laura, que até ja morreu. Todo mundo diz que ela conseguiu esse reconhecimento todo que ela tem por causa do jornal. Um dia conversando com ela ela me contou que uma menina do jornal buscou ela em casa e levou ela na tal da Feira do Livro, que ela nunca tinha ido porque ela publicou um texto num livro que tava sendo vendido lá. Sabe, ela aprendeu a escrever depois de velha, numa máquina de escrever e o jornal deu a possibilidade dos outros conhecerem a arte dela. sempre aparecia um textinho dela na segunda página do jornal eu acho. Outro que contribuiu bastante com o jornal foi o G., amigo de um dos meus netos, ele escrevia sobre o futebol. O futebol aqui na Z-3 é muito

importante, o campeonato colonial movimenta muito aqui em dia de jogo (JS, 2017).

MC, em sua fala, destaca aspectos importantes acerca da identificação do jornal pela comunidade, a começar pela própria escolha do nome do jornal.

Sim, sobretudo porque isso tá atrelado não apenas ao jornal em si, mas ações acadêmicas que foram fantásticas, trabalho do Jairo, que vou ser bem sincero, a questão do nome, entendeu? Na Z-3 eu, Michel, que sou conhecido como pescador sem ter nunca pescado na minha vida. A dona de casa que a casada com o cara que é pescador ela é considerada pescador, inclusive sobre a legislação do estado muitas vezes. Então, por exemplo, o dono do mercado é considerado pescador, de algum modo o guri que virou um grande profissional que hoje trabalha em x lugar tem graduação, tem curso superior, ganha bem, etc, que é da Z-3 ele também... ou seja, todo mundo que nasce numa comunidade de pescadores acaba sendo pescador, entendeu? Quando um meio de comunicação elege como título, como seu título de evidência o título "O Pescador" ele passa a ser parte disso (MC, 2017).

Eixo temático 3 - Memórias das vivências: A importância do jornal pra comunidade. Quanto ao fato das pessoas estarem retratadas no jornal é um elemento muito forte, do ponto de vista da oralidade e da tradição, embora o fato de estarem ali representadas as memórias de conhecimento técnico não sejam repassadas.

Por exemplo:

essa produção desses barquinhos essas coisas, meu avô mesmo era um exímio artesão de barquinho em miniatura e quando ele faleceu ele levou junto com ele isso. Então ao mesmo tempo a culinária típica do lugar, a confecção de vários pratos a base de pescado da lagoa dos patos também é algo que aos poucos tá se perdendo (MC, 2017).

MC acredita que a Colônia de Pescadores Z-3 sempre foi uma comunidade profundamente ativa e interligada nos seus interesses culturais, de pesca e produtivos desde sempre, mesmo quando em situações de crise (décadas de 50-60), as pessoas pescavam para comer, não tinham acesso à luz elétrica, que precisa saber "que eles são uma comunidade que tem uma memória, uma história, uma cultura, uma identidade, uma relação cotidiana, uma cadeia produtiva que os une a todos, que é a cadeia produtiva da pesca" e isso foi, de certa forma, retratado no jornal.

RSP conta que, quando o jornal surgiu em 2000, ela ainda não estava na faculdade. Ela lembra que era o pessoal do jornal que ia na comunidade e, depois, o 'mais gostoso' era esperar para ver quem saía nas fotos daquela edição (às vezes era engraçado porque saía foto de pescador sem dentes), o que ia falar...

o jornal levava umas matérias interessantes que fazia, despertava a leitura para nós da comunidade, para os pescadores, todo mundo lia, todo mundo guardava o jornal, todo mundo esperava o jornal, o jornal foi uma coisa que deu, eu me lembro assim na época foi um "aaah" um up né dentro da comunidade, era muito bom, era muito bacana tu vê assim, tu dava receita aí tinha receita da mãe, ah não é porque era da mãe, mas tinha receita da dona Mariazinha, sabe? Tinha história do seu Joãozinho, não era só... porque lá se tinha uma elite também né, então jornal trabalhou com o mais humilde ali do cedrinho, a ponta lá da cooperativa à outra ponta, então o jornal abrangia tudo né, tudo. Era muito bom (RSP, 2017).

De acordo com **RSP**, a comunidade tinha uma identificação muito grande com o jornal, todos esperavam pelo jornal: os professores, a escola, o sindicato e até as vendas. A população se identificou muito com o jornal. Essa opinião, no entanto, não é unânime. Alguns entrevistados discordam com relação a essa identificação.

Encontramos o **CS**, o qual coloca que nunca participou do jornal, ao contrário de muitos outros, embora até tenha tido contato com alguns dos jornalistas.

Não, eu não. Nunca gostei muito dessas coisas, sempre deixei os outros falarem. Nunca se sabe pra que vão usar aquilo que gente disse né? Até pareciam gente boa, deixei tirar umas fotos aqui no barracão, mas foi só isso. Ah, uma vez dois deles saíram no meu barco durante a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. Acho que era um casal, não lembro. Eles participavam bastante dos eventos aqui da comunidade, das festas sabe? Agora faz tempo que não vem ninguém e que não entregam o jornal (CS, 2017).

CS AF são mais incisivos em suas afirmativas da não participação no jornal, embora o conhecessem e, de alguma forma, tivessem tido contato com o jornal ou com os jornalistas.

Como eu te disse menina, o jornal nunca despertou muito a minha curiosidade, e o único contato que eu tive com eles foi aquela visita que me custou uns cafezinhos e umas bolachinhas. Nunca participei de nenhuma forma. Via eles caminhando aqui na rua e distribuindo os jornais, muita gente para pra conversar com eles, mas eu não. Era muito alarde por pouca coisa. Uma vez eu levei meu neto nos brinquedos que eles trouxeram para uma festa na escola, acho que de dia das crianças. Depois ele chegou todo feliz que a foto dele tinha saído na capa do jornal que estava falando sobre a festa, acho que era isso (CS, 2017).

Não, nunca participei, nem nunca quis participar. Porque no início achei que era um monte de adolescente querendo ganhar alguma coisa as custas da comunidade, depois passei um tempo fora e quando voltei o jornal já não era mais tão forte. Nos últimos anos já andava moribundo e depois morreu de vez (AF, 2017).

LC diz nunca ter participado do jornal, inclusive sentiu-se menosprezada quando uma possibilidade de participação acabou não ocorrendo. “Vô te conta, eu até fiquei magoada uma vez que a menina disse que ia publicar uma receita minha e saiu uma da Dete no lugar. Eu contei pra todo mundo que ia aparecer no jornal, até foto minha na cozinha ela tirou e não saiu nada.” Essa atitude fez com que ela passasse a desconsiderar o jornal. “Depois disso eu nem pegava mais o jornal pra ler. Agora já passou” (2017).

Sobre a importância do jornal para a comunidade, as falas de parcela significativa dos entrevistados apontam para o fato de que o jornal foi, sim, importante para a comunidade, que eles se identificavam com seu conteúdo e viam temas importantes para a comunidade nele retratados. Mas essa perspectiva não é unanimidade. E, entre os que discordam, está o pensamento de que o jornal foi algo que apareceu, e que às vezes beneficiava a comunidade, mas, devido à sua falta de periodicidade, parecia haver pouco comprometimento da equipe, apesar dele ter durado por um bom período de tempo: de 2000 a 2016. Também fica a idéia de que o jornal era associado a pessoas que queriam visibilidade e ocupavam postos de destaque na comunidade.

Puxa minha filha, se for importante eu digo que sim, mas acontece que a comunidade existia antes dele e vai continuar existindo depois. Acho que foi importante para algumas pessoas, principalmente para aquelas que gostam de aparecer. Claro que eu também lia o jornal quando tinha a mão e até que tinha umas notícias interessantes, mas nem sempre a gente podia contar com ele e agora a gente continua se informando sem ele mesmo. Então acho que não era tão importante assim. Eu tenho alguns guardados de recordação, mas nem sei onde estão agora, se não te mostrava (CS, 2017).

Acho que até foi em um determinado momento, logo que ele surgiu, depois deixou de ser, pelo menos para mim. Era bom ver as coisas da Z3 em algum lugar, ver os amigos e conhecidos falando e sendo reconhecidos, mas faltava comprometimento do pessoal que fazia o jornal em ser constante (LC, 2017).

Aparecem, ainda, como questões para reflexão acerca da importância do “O Pescador” para membros da comunidade, o desconhecimento de como o jornal tratava as temáticas relativas à comunidade e falta de valorização do trabalho dos

jornalistas, atribuindo à importância dada pelos outros o fato de gostarem de se ver retratados nele, como é o caso de **CS e AF**.

Não, acho que era importante não. Acho que as pessoas só gostavam de se ver nele e se sentiam importantes com isso, como o meu netinho. Como eu não acompanhei muito o jornal, não sei como de fato eles falavam sobre o que acontecia aqui. Sei que gostavam muito de entrevistar as pessoas sobre os problemas da comunidade, pelo que eu me lembro. Não to te ajudando muito né? Posso chamar minha esposa, ela vai ter mais coisas pra te falar, pra te ajudar no teu trabalho. Queres que eu chame ela? Mulher fala mais... (CS, 2017).

Mesmo não dando importância ao jornal e seu conteúdo, **AF** reconhece que ele durou bastante tempo, que as pessoas gostavam de se ver nele, identificando jornalistas que atuaram no “O Pescador” em diversas fases, da primeira turma até a da entrevistadora.

Pra mim nunca foi, mas deve ter sido importante para tentarem manter vivo por tanto tempo certo. Tu disse que ele surgiu em 2000 e só acabou em 2016. É bastante tempo. As pessoas aqui gostavam de se ver nele e acho que os alunos que faziam deviam gostar de fazer. Tem uma menina que acho que foi da primeira turma, a Gabi (Gabriela Mazza), ainda falam dela. A Dete sabe, a que cozinha pra fora, sempre fala muito bem dessa moça, ela até comentou que tu tinha ido conversar com ela. Deve ser importante pra ti também, pra estar conversando com tanta gente aqui na volta. Faz uns quantos dias que te vejo zanzando por aqui e às vezes nos trapiches na praia. Esses dias tu estavas com duas guriinhas né? (AF, 2017).

Ao falarem sobre como o jornal “O Pescador” acolhia as pessoas da comunidade, como essa se via retratada, assim como suas vivências, embora haja alguma discordância, uma parcela significativa dos entrevistados vai pontuando a imersão que ocorria em suas páginas, acerca de condições específicas de seu espaço e tempo compartilhados, e neles, se articulavam produções simbólicas e diferentes formas de saberes, que constituíam suas identidades e modos de vida (MOSCOVICI, 2003; JODELET 2002). É importante, ainda, levar em conta que a pesca artesanal se baseia na simplicidade, em que os próprios pescadores desenvolvem sua atividade e instrumentos de trabalho, por meio das quais criam uma identidade e cultura próprias, em que cada comunidade possui sua própria compreensão de mundo (suas histórias, mitos, religiosidade, tabus, festas...), percebida por meio de experiências reais e significativas, ocorridas no processo histórico de relações e interações sociais (SILVA, 2010).

Até os entrevistados que afirmaram não achar o jornal importante para a comunidade expressaram sua crença de que o jornal reflete, pelos menos de forma significativa, a identidade da comunidade e que a comunidade se identifica com ele. Isso fica claro nas falas de **CS** e de **LC**, quando destacam que o próprio nome do jornal já era uma referência à comunidade e aos seus moradores, além dos temas tratados, mesmo quando se reportam ao fato de que existem outras atividades laborais na colônia Z3.

Ele se chamava “O Pescador” não é? Então acho que sim, que as pessoa se identificava com ele e liam bastante. Eles passavam e deixam um bolinho de jornal aqui sempre e sempre tinha gente passando aqui pra pegar. Olha filha, eu to até parecendo meio antipático, mas nunca tratei ninguém mal viu? (AF, 2017).

Não sei, acho que para algumas pessoas sim, pessoas que trabalharam mais perto dele, mas não para a comunidade como um todo. Acho isso difícil, que todo mundo se identifique com a mesma coisa. O jornal falava de coisas daqui, isso tem a ver com identidade, mas não sei se todo mundo entende isso da mesma forma. Aqui todo mundo pertence a mesma comunidade, mas não é todo mundo igual. Meu marido é pescador, meu pai era pescador, mas eu sou dona de casa e meu filho não vai viver da pesca. Quero coisa melhor pra ele. Claro que uma grande parcela das pessoas que moram aqui vivem da pesca, e esse sempre foi o tema do jornalzinho, mas não dá pra colocar todos no mesmo saco. Tu sabia que aqui também te granja, que tem gente que planta aqui na Z3? Pouca gente sabe, porque pra todo mundo a Z3 é só uma colônia pesqueira e era disso que o jornalzinho tratava geralmente ou é o que eu me lembro. Então voltando a tua pergunta, acho que muita gente se identificava com o jornalzinho e via a identidade de uma parcela da comunidade refletida nele, mas não todo mundo (AF, 2017).

Para uma parcela pequena dos entrevistados, a questão do jornal refletir a identidade da comunidade e que exista a identificação da comunidade com ele não está clara. **SC** coloca que: “Não para mim, algumas pessoas talvez” (2017). Já o **AF** considera que tanto havia identificação com uma parcela da comunidade e com a outra não.

Como eu já disse antes, nunca dei muita importância pro jornal, mas eu sei que tem gente que considerava muito importante, uma voz da comunidade, onde eles podiam reclamar dos problemas daqui, mas não sei dizer se ele reflete a identidade da comunidade, ainda mais agora que já se apagou, que terminou né? Como tudo, tinha pessoas que se identificavam e pessoas que não se identificavam, pessoas que gostavam e pessoas que não gostavam, como em tudo (AF, 2017).

Novamente se encontra aqui o mesmo fenômeno: parte significativa dos entrevistados coloca claramente a constatação de que existe uma identidade e uma

identificação dos moradores com o jornal. Mesmo aqueles que disseram não considerar o jornal importante reconhecem que existe essa identidade. Nas entrevistas, é possível verificar que muitos dos fatos relatados fazem parte da construção da história social da comunidade da Z-3, seu modo de ser, ver e pensar o mundo, ou seja, a sua identidade. Essa constatação vai ao encontro da reflexão que Menezes (s./d.) faz acerca da importância da narração e da História Oral, contada pelo povo ‘dito comum’, para o resgate da Memória Social e o fortalecimento da identidade cultural de uma comunidade, uma vez que o grupo se torna seu suporte quando as pessoas se identificam com ele e com seu passado. A memória, ou mesmo as memórias de dimensão coletivas são, na visão de Menezes (s./d.) e Proust (2003), a maior garantia de nossa identidade.

Perguntados se o jornal, ao registrar as histórias da comunidade, ajuda a perpetuar a memória da Colônia Z-3, os entrevistados acham a questão complexa e encontram dificuldades para responder.

Puxa, que pergunta difícil essa. Uma vez que tá escrito é mais difícil de esquecer né? Mas não precisa te preocupar com isso minha filha, essa gurizada mais nova não quer saber de nada. Logo não vai mais ter peixe aqui na lagoa e vai todo mundo embora mesmo, eu já to vendo isso acontecer. Meu netos não querem saber de pesca, tudo com esses celular na mão, procurando emprego na cidade (CS, 2017).

Na fala de **CS**, nota-se sua imersão em condições específicas de seu espaço e tempo, em que a representação social se origina num sujeito, seja ele individual ou coletivo. Pode-se observar também a preocupação em que a experiência vivenciada por esse sujeito e pela comunidade tenha continuidade e, além disso, o temor em relação à possibilidade de que pessoas e fatos que marcaram essa experiência sejam esquecidos frente às mudanças sociais do mundo contemporâneo. (CASTELS, 1999; JODELET, 2002; HALL, 2006)

Claro que muita coisa saiu no jornalzinho e merece ser lembrada, o problema é que pouca gente lembrou de guardar todos eles, e as vezes a gente nem consiga uma cópia de todos, ia ver na casa da vizinha, dai outro já pegava pra ler ou as crianças pegavam pra brincar ou ia fora mesmo (LC 2, 2017)

Embora a comunicação do jornal “O Pescador” estivesse voltada para sua função comunitária, e buscasse fazer parte da vida da comunidade da Colônia Z3 ao mostrar problemas, acontecimentos, reivindicações e outras questões locais, o

entrevistado 2 pensa que ele não vai servir de memória. O entrevistado reconhece que o 'jornalzinho', ao tratar de temas diretamente relacionados ao povo e à comunidade, permite que a população se veja retratada, mas como não sabe se existe um 'arquivo' onde o jornal possa ser consultado, ele deixa de ser relevante.

Acho que o pessoal do jornal se preocupava em informar a comunidade sobre os problemas que existiam na escola, na cooperativa, no sindicato...Costumavam vir aqui e falar com as pessoas para saber como a comunidade estava. Tinha muita gente que gostava de contar histórias daqui. E eles também iam na escola, faziam atividades com as crianças e depois publicavam no jornal (SC, 2017).

Para o **SC**, a atuação dos jornalistas participantes do projeto de extensão de comunicação comunitária estava muito mais ligada ao fazer jornalístico em si com a função básica informar a sociedade, transmitindo os para a população (Beltrão e Quirino (1986), Dines (1996), Lage (1999) e Melo (2012), entre outros). Mas também reconhece no jornal a presença das vozes da comunidade, embora não se veja como participante do processo comunicativo. "Não, mesmo porque pouca gente tem acesso a ele hoje, só quem guardou mesmo e não sei se muita gente guardou" (AF, 2017).

O fazer jornalístico, descrito e representado na prática dos jornalistas e dos moradores da Z-3 no jornal "O Pescador", é um elemento importante para uma parcela significativa e está presente na perpetuação de suas identidades e memórias, no fluxo de sua interação com o Jornalismo, por meio de suas narrativas e práticas discursivas (NORA, 1988). O Jornalismo produz marcação no sentido histórico, localizando os leitores em um 'lugar' na duração do tempo a ponto de ter credibilidade para datá-lo (MATHEUS, 2010), e pelas relações claras que mantém com a História (ferramenta de compreensão e recuperação do passado), entende-se a partir dessa perspectiva que identidade social, Memória Social e Jornalismo têm uma relação direta.

Falando sobre as memórias em comum que os moradores da Colônia de Pescadores Z-3 têm do jornal "O Pescador", seu arquivamento, e sua importância para o Sindicato, a Escola... O jornal ficou arquivado aqui na Z-3?

Buscando pistas de onde o jornal teria deixado marcas ou onde poderia estar compartilhado com o público de uma forma geral, os entrevistados também têm diferentes olhares, bem como sobre seu arquivamento na comunidade e sobre quem manteve esses arquivos.

JR, apesar de ter sido uma das primeiras pessoas na comunidade a abraçar o projeto do Jornalismo comunitário, afirma que “mesmo o jornal não existindo mais, ele vai guardar um pouco da memória da Z-3. Ela afirma “Claro, vai. Pra mim já tá guardado. “Perguntada sobre se tem os jornais, ela responde: “Não, eu guardo na mente, né? Até o teu nome eu guardei.” (referindo-se à entrevistadora) (JR, entrevista, 2017).

NCS informa que havia guardado todas as edições do jornal até que o pessoal pegou emprestado e não devolveu, e diz que sua motivação para guardá-los era afetiva, de participação.

Ah, eu me sinto como um fundador disso é com muita honra assim... aí eu, desde o início, quando cheguei num professor que queria, convenci o professor que seria uma boa, eu me senti assim, bah, emocionado, E aí eu guardava, Até porquê tinha, tinha e tem né, reportagens sobre pesca e sobre a comunidade, é gratificante. Eu, eu não tenho certeza, mas alguns eu ainda tenho. E quando eles foram fazer essa exposição eles vieram em mim eles não tinham, não sei se não tinham, não acharam ou se perdeu em algum momento aí vieram buscar os meus. Não fiquei chateado de terem pedido, muito pelo contrário, tenho certeza que fiz um grande favor (NCS, 2017)

Referindo-se ao fato de que ainda tem alguns números do jornal e informado de que a entrevistadora tem grande número dos exemplares escaneados, **NCS** coloca seu interesse, afirmando que “É, com o tempo veio escâner, veio... mas aqui era guardado, era tudo guardado, é que também... esses aparelhos aí é mais difícil pra nós [...] dá pra pensar, se tu tens e eu tenho algum de repente vamos trocar”. Ele acena, ainda, para o fato de que, com a internet, agora fica mais fácil de guardar.

LBF fala da distribuição e armazenamento do jornal “O Pescador” na escola, onde era utilizado como fonte de pesquisa e onde os alunos faziam trabalho “em cima do jornal”. Ela coloca que os professores e alunos “Gostavam, todo mundo corria pra pegar o jornal. A gente colocava o jornal em todos os acontecimentos importantes da escola”.

RSP diz que se alguém chegar na comunidade e falar do jornal “O Pescador”, “todo mundo sente falta e gostaria de rever de novo, de ter o jornal”. Isso porque, na sua visão, o jornal sempre elevou a autoestima da população.

MC, em sua fala, afirma que, para a comunidade da Z-3, o jornal “O Pescador” tem uma representação simbólica, se posicionou como uma ‘formação

identitária’, mas se ele não for reativado “entra em desaparecimento” e podem ocorrer duas coisas: “as novas gerações não se enxergarem mais nele” e ainda “as pessoas que se sentiram parte dele perderem o elo de relação com o que ele representou”, porém, pensa que “esse filete ainda ele existe”.

BC, ao falar da importância do jornal para a comunidade, informa que sim, ele era importante, especialmente para o Sindicato e para as crianças da escola.

Se o jornal é importante pra comunidade, acho que sim, ele trouxe bastante informação e o pessoal do sindicato gostava bastante do jornal, o N. foi um grande apoiador do jornal e sempre que eu ia lá para ver alguma coisa, ou nas reunião do sindicato tinha um monte desses jornalzinho do balcão de entrada lá do sindicato. As criança também gostavam do jornalzinho e tinha umas foto bem bonita na capa (BC, 2017).

BC diz que não sabe se o jornal reflete a identidade da comunidade, mas afirma que as pessoas gostavam bastante dele por acreditarem que ele era da comunidade, embora alguns pescadores mais velhos achassem que ‘era coisa de comunista’.

Mas era bonito de ver a gurizada passando pelos galpão de pesca pra distribuir o jornal e dai ja pediam pra tirar umas foto da gente consertando as rede ou das caixa cheia de peixe. As vezes vinham umas menina que nem tu, tudo arrumadinha e torciam o nariz pro cheiro dos barracão, mas era tudo gente boa. Acho que sim, até pelo nome escolhido pro jornal, “O Pescador”, deixou muita gente orgulhosa de ter um jornal e muita gente gostava de falar e ver o seu nome, as mulher principalmente, se sentiam importantes de aparecer no jorna. (BC, 2017).

Entende-se por meio da fala dos entrevistados que eles percebem o jornal “O Pescador” como registro dos fatos ocorridos no cotidiano da Colônia de Pescadores Z-3, uma produção de conhecimento que o remete, muitas vezes, a um registro, a um ‘documento histórico’. Existe no material produzido e contido nele, uma construção temporal onde os conteúdos são compartilhados pelo Jornalismo que envolvem uma construção de sentidos, de indivíduos e instituições, um tempo de referência da ação coletiva da comunidade (FRANCISCATO, 2003). A contribuição do jornalismo para a percepção do tempo se dá por meio da inserção no cotidiano dos objetos que dão suporte ao jornalismo (o jornal em si mesmo/meios de comunicação) e pelas múltiplas dimensões temporais abertas no cotidiano pelas narrativas jornalísticas (BARBOSA, 2016).

Eixo temático 4 - Memória públicas: Sobre acreditar que o jornal propague/dê continuidade à memória da comunidade fora da Colônia de Pescadores Z-3.

LM diz que “O Pescador” teve registradas muitas histórias da comunidade e foi muito importante para divulgar coisas que, muitas vezes, a própria comunidade desconhecia:

Sim, porque tinha pessoas assim... eu lembro que um senhor, agora já claro, já faleceram né, e ele ficou tão feliz de a fotografia dele tá ali, da história dele tá sendo contada, né, que quando que ele ia imaginar que ia tá num jornal e depois netos nem sabiam da história dele, da importância, que ele tinha sido presidente da comunidade, que ele tinha feito determinada coisa, agora já é nome de rua, né. Então... (LM, 2017)

E voltando ao jornal, o jornal na realidade ele é uma representação de informação, obviamente, um suporte de memória, que eu chamaria como base fundamental para a história da comunidade, eu acho que o jornal tem a importância do Solise que foi a primeira peixaria que gerou uma série de empregos diretos e indiretos, o jornal ele tem a mesma importância da abertura da estrada, o jornal tem a mesma importância da introdução da luz elétrica, por quê? Porque ele foi sim uma representação política, independente da posição partidária, uma representação política, e foi uma representação biográfica da comunidade, ou seja, ele apresenta a história da comunidade e a história da comunidade a partir da visão dos próprios moradores, por isso que não é só historiográfico, por exemplo, como uma linha de documento, mas sim a partir da posição das pessoas, ele é a voz da moradora comum, do pescador comum e a voz da instituição que seria a cooperativa, o sindicato, etc (MC, 2017).

MC complementa seu pensamento afirmando que “O jornal ele é, eu chamaria de uma certa, biografia temporal da comunidade e biografia cultural também, explica a história, a evolução, o contexto de uma comunidade de um modo muito complexo, aí é que tá”. A complexidade a que **MC** se refere consiste no lidar “com diferentes instâncias, pessoas, culturas, personalidades, idealismos dentro da comunidade, a meu ver, naquele momento pelo menos nunca vi, sem se posicionar politicamente ou filosoficamente”, o que faz com que pertença à comunidade muito mais do que se caracteriza por ser um projeto de extensão de uma instituição de ensino superior: “acho que isso foi um grande achado do Jairo”. E continua afirmando que, pelo tipo de registros feitos, o jornal comunitário pode ser pensado como propagador de memória mesmo fora da comunidade. **MC** afirma: “Pelo grande número de registros, pelos acontecimentos documentados, por isso ele serviu de base, de documento histórico, de suporte de memória” (**MC**, 2017).

LBF afirma que mesmo o jornal não existindo mais hoje, como documento impresso, os números publicados registram histórias da comunidade, como a do seu Pitanga mesmo, que contou o início da comunidade, e o pessoal pode usar para consultar. Ela diz que “Ah é muito importante, né? E nós temos o jornal, não sei se falta alguma edição na biblioteca, nós temos o jornal ainda. [...] Ficou arquivado aqui, é” (**LBF**, 2017).

JS colabora com o conhecimento sobre quem estava retratado no jornal e a importância de lembrar. Ela convida: “Ah minha filha, senta aí que eu tenho um monte de histórias para te contar. Depois da primeira visita que tu fez e a gente conversou eu fiquei pensando sobre o jornal e fui procurar os exemplares que eu tinha guardado e achei uns quantos” (**JS**, entrevista, 2017). Ela destaca ainda que o jornal é fonte de notícias importantes para a comunidade e que só ele tem o registro.

*Sabe filha, tem muita coisa da comunidade que só foi notícia no nosso jornal. Eu guardo a maioria dos jornais que saíram porque sempre me trouxe muitas lembranças e cada vez que eles vinha pra conversar comigo, eu lembrava de coisas que eu nem sabia que lembrava. O jornal conta história de muita gente que já passou pro lado de lá, como a amiga Laura e o seu Pitanga, que foi presidente do sindicato e também já morreu, a esposa dele tá viva ainda, ela pode conversar contigo também (**JS**, 2017).*

Sobre o jornal perpetuar a memória da comunidade, **RSP** coloca:

*É, eu acho que o jornal ele, não só ajuda, é importante, como se tu for em muitas casa, na minha casa tem jornais, claro que não todas as edições, mas a mãe tem, a vovó tem, a tia Laci tem, muitas pessoas lá tem ainda, o físico né, a questão de ter o jornal, de guardar que saiu o nascimento de gêmeos, vamos supor, do Antonio no jornal, que era uma coisa meio diferente (**RSP**, 2017).*

CS acha que o jornal comunitário pode sim perpetuar a memória da comunidade, mas chama a atenção para as questões ‘complicadas’ que cercam a memória, de alguns quererem lembrar, outros quererem esquecer. Também aponta que os jornalistas pareciam se preocupar mais com a informação, com aquilo que é visto como o papel do jornalista, divulgar os acontecimentos.

Essa coisa de memória é complicada minha filha. Uns querem lembrar, outros querem esquecer. O que é bom pra uns não é bom pra outros. Tem aqueles que são saudosistas, que acham que o que é velho é melhor, os jovens acham que bom mesmo são essas tecnologias que existem hoje, tá, mas vamo falar então do jornal que é o que tu quer saber certo? Se o jornal

ajuda a conservar a memória aqui da Z3, acho que até pode ser. Muita gente deve ter lembrado de muita coisa para contar pro pessoal do jornal e isso ficou registrado em algum lugar. Então acho que sim, mas nunca pensei a respeito disso. Geralmente quando a gente escreve alguma coisa é porque não quer esquecer, mas não acho que aquele pessoal se preocupava em escrever para que alguma coisa não fosse esquecida, eles escreviam devia ser para informar as pessoas de alguma coisa. Outra coisa, se o jornal fosse servir para as pessoas lembrarem de alguma coisa, servir como um tipo de documento, ele deveria ser guardado em algum lugar, tipo uma biblioteca eu acho (SC, 2017).

CS complementa seu pensamento afirmando que para servir de memória, o jornal tem de ser achado, estar disponível para que as pessoas, a comunidade, tenham acesso, seja em arquivo na própria Colônia Z3 ou em algum outro local.

Acho que de repente o jornal pode funcionar dessa maneira, só tinha que ter tipo um lugar onde quem quisesse pudesse dar uma olhada. Tem gente que guarda, eu sei que o presidente do sindicato até tinha plastificado uns. Até eu guardei um ou dois. No futuro, quando os mais velhos tiverem morrido, teve um monte de gente que já se foi, os que sabiam a história da comunidade mesmo, pode ser que procurem o jornal para saber de alguma coisa, afinal tem um monte de coisa escrita lá. Também ouvi falar que era distribuído em outros locais e que tem na faculdade, então pode ser que se ache por lá (CS, 2017).

LC, CS e AF, cujos depoimentos estão a seguir, não acreditam que o jornal propague a memória da comunidade fora da Colônia. “Não, eu nunca pensei muito sobre esse jornalzinho, se fosse tipo esse que dá na televisão, eu até acho que sim, mas esse “O Pescador” eu acho que não” (**AF**, 2017).

Acho que não, porque não é todo mundo que tem o jornal guardado em casa e como vai servir de memória se as pessoas não tem acesso a ele? De repente era interessante montar uma pasta com esses jornais no sindicato, que é um lugar fácil de ir ou até na escola pros alunos consultarem, se não, não tem serventia nenhuma né?[...] Para ajudar nessa coisa de memória da comunidade, como aquele menino o Michel (Constantino) tentou fazer e criou o Eco museu da Colônia Z3 tinha que deixar acessível pra todo mundo poder acessar, dai eu acredito que ajudaria a lembrar de muitas coisas (LC 2, 2017).

Não minha filha, não acredito. Quem vai querer saber da das histórias daqui? Se a própria gente daqui não quer porque lá fora vão querer? De vez em quando aparece alguém que nem tu perguntando alguma coisa, só não sei por quê? Tem tanta coisa mais interessante para saber. Quem gostava muito disso era o falecido Pitanga, ele adorava essa coisa de ficar lembrando do passado. Mas mesmo que alguém de fora leia o jornal que tu disse que nem existe mais, tem coisas que só eram importantes aqui. Por que a nossa memória, como tu diz vai ser importante para alguém de fora? São coisas que aconteceram conosco e geralmente é isso que importa, a não ser que tu seja famoso, tipo o Tony Ramos, dai todo mundo vai querer saber da tua vida (CS, 2017).

Não, não acredito nisso e nem sei se ele era distribuído fora daqui. Se o jornal era feito aqui pra comunidade, quem mais ia ter interesse nisso, além do mais não tinha muito compromisso com a entrega, esse pessoal devia usar a gente mais pra aprender do que qualquer outra coisa. Outra coisa que te falo também é que o jornal era de graça e a gente não pode esperar muita coisa daquilo que vem de graça né? Geralmente as pessoas querem ganha alguma coisa em cima das pessoas, era o que todo mundo pensava no início, que eles iam cobrar pelo jornal, mas até que não aconteceu (AF, 2017).

Levando em consideração as falas dos entrevistados, constata-se que o jornal comunitário em questão, ao buscar as histórias e depoimentos, bem como as notícias da comunidade e dos moradores da Colônia de Pescadores Z3, efetivamente registrou muitas informações relevantes e que pode ser pensado como documento ou suporte de memória tanto para a própria comunidade quanto para fora dela, principalmente se for levada em conta a informação de que os exemplares, além de serem distribuídos na localidade, também eram encaminhados para órgãos públicos, para os meios de comunicação locais e para todos os cursos de Jornalismo no Brasil⁵².

No entanto, não existe consenso sobre essa questão. Muitos dos entrevistados não têm clareza sobre o que seja a propagação ou continuidade de memória. Parte deles afirma que pelos registros feitos sobre a comunidade e seus moradores e pelo fato do jornal poder ser distribuído fora da comunidade, suas memórias e lembranças poderiam ser vistas como tendo continuidade. Mas outros entrevistados descreem dessa possibilidade ao questionarem sobre quem, fora da comunidade, teria interesse em suas lembranças e memórias, especialmente se muitos dos jovens da própria comunidade não se interessam por isso.

⁵² Normalmente, todos os jornais-laboratório ou comunitários produzidos são encaminhados às hemerotecas e/ou bibliotecas do país. Também são geralmente distribuídos e divulgados em eventos da área, sejam locais, regionais, nacionais e até mesmo em eventos internacionais. Esse é o caso do jornal "O Pescador", que já foi divulgado em vários eventos regionais e nacionais no Brasil e na América Latina e também Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha, no Congresso da IBERCOM, promovido pela Associação Ibero-Americana da Comunicação (AssIBERCOM), em 2013.

Eixo temático 5 - Memórias ‘arquivadas’: Quanto à existência de pessoas dentro da comunidade que são conhecidas e procuradas para contar as histórias da comunidade.

Puxa minha filha, acho que quem gostava muito de contar histórias sobre a Z3 já morreu. Tinha o Pitanga, que foi presidente do sindicato. Tinha a Laura, que gostava muito de escrever poesia, participou até dum livro e tava sempre envolvida com esse pessoal do jornal. Tinha uma outra senhora também, não lembro o nome, mas também já morreu. Quem conhece bastante a história daqui é o Nilmar, presidente do sindicato. Tem a Leoni também, que trabalha na escola. O professor do jornal que podia te dar mais informações, eles tavam sempre procurando gente pra contar histórias (CS, 2017).

Gente pra contar história aqui na Z3 não falta, o difícil é saber o que é verdade e o que é história de pescador. As pessoas inventam ou embelezam muito as histórias daqui. Acham que se contarem de uma forma mais enfeitada vai fazer mais sucesso. Uma que pode te falar da história real da comunidade é a Laci, ela trabalha no Colégio e é de uma das famílias fundadoras. Outro que pode falar é o Nilmar, do Sindicato, é catarina mas é boa gente e vive aqui há bastante tempo. Tem a Ni também, ela muito sobre a Z3, outro que sabe muito sobre a Z3 é o Chim, dono da loja. As crianças quando tem que fazer algum trabalho geralmente recorrem há algum parente mais velho, que more aqui há bastante tempo, os meus filhos pelo menos faziam isso (LC, 2017).

Não que eu saiba minha filha, mas aqui tem um monte de velho que nem eu que gosta muito de falar, se for perguntar pelas mulher que gostam de contar história, tem mais ainda. Mas alguém que seja assim, tipo um contador de história oficial, acho que não tem não. Tem aquelas pessoas que são importantes aqui, tipo do presidente do sindicato, a diretora da escola, o padre, o Chim, dono da maior loja aqui da Z3, ele tem até uma loja no centro sabia? Tem Everaldo, que era o presidente da cooperativa (Entrevistado 3, 2017).

Até deve ter, mas eu não sei. Quer saber sobre a história aqui da comunidade é só perguntar pra esse pessoal mais velho, porque velho é que gosta de contar história e mostrar fotografia preto e branca né? Vão te falar da época que não tinha estrada pra vir pra cá e que era mais fácil ir de barco até o laranjal, vão poder te falar da época que um cidadão tinha ambulância que fazia o transporte da cidade. Do tempo que o pessoal vinha pelo interior, pela estrada do cascalho e passava pela granja dos Reingantz pra vir até aqui comprar peixe. Podem te contar também da época que o camarão e o siri não tinham valor e da época que os peixes se jogavam pra dentro dos barcos de tanto peixe que tinha na lagoa. É só conversar com os mais velhos, mais nome eu não sei te dizer e se eu te indicar uma pessoa e não indicar a outra alguém vai ficar brabo, sabe como é... lugar pequeno onde todo mundo se conhece é assim (Entrevistado 4, 2017).

O jornal comunitário em estudo apresenta dois aspectos contraditórios: por um lado, apresenta dados dos entrevistados (em número significativo) que permitem afirmar que os indivíduos, ao lembrarem seu passado, se remetam ao passado de

outros, ponto de referência, fixados pela sociedade, o que remete ao pertencimento e identidade social, assim como à memória coletiva por meio das interações dos grupos sociais (POLLAK, 1992); mas, por outro lado, encontramos entrevistados que afirmam não acreditar que o jornal comunitário auxilie na continuidade das lembranças e memórias da comunidade da Colônia de Pescadores Z3, explicando que “existem coisas mais interessantes para saber”, que “os mais antigos que gostavam de contar histórias já morreram e os jovens não querem saber”, que nem todo mundo na Z3 “conhecia o jornal, participava dele, ou o recebia para ler”, o jornal “nem existe mais e os que estão arquivados não são acessíveis para a maioria”.

Isso leva ao questionamento de se o jornal comunitário realmente atingiu seus propósitos junto à comunidade, ou se, seguindo algumas das questões apontadas pelos teóricos, não conseguiu obter representatividade junto à comunidade como um todo, se não houve para uma parcela significativa da comunidade a democratização da comunicação, ou se o vínculo e a inserção como parte de um processo comunitário mais amplo não foram efetivados, conforme alertam José Marques de Melo (2006), Cicília Peruzzo (1998, 2000), Campos (2007) e Dorneles (2004).

É o Jornalismo que transforma a realidade em relato, tornando-se peça importante para o registro dos acontecimentos (função social histórica), e que ao ser entendido como prática social estabelece relações com o mundo simbólico e com o mundo material dos indivíduos, que acontecem enquanto história (relações constituídas a partir da exterioridade do Jornalismo) e linguagem (relações constituídas a partir do modo de quem faz), acabando por fazer parte da Memória Social (TRAQUINA, 1999; 2004; 2005). Conta também com as fontes iconográficas (ilustrações, imagens, fotografias) que, em geral, se constituem num dos sustentáculos da memória (KOSSOY, apud BRAGANÇA; MOREIRA, 2005).

A comunidade, ao ver-se representada pelo Jornalismo, tem nos textos e nas imagens elementos culturais e sociais que permitem que o passado relatado seja frequentemente recuperado (PALÁCIOS, 2010), o que se pode constatar na fala de diversos entrevistados quando eles afirmam o que e quem estava representado, quem guarda os jornais, onde ele é guardado. Retomando Santa Cruz (2016), tem-se que a narrativa jornalística ocupa um lugar duplo desde a Modernidade: é o espaço vivo de produção do presente e é um lugar de memória porque produz

depósitos de arquivos com registros, concretizando, dessa forma, o final da narrativa jornalística.

Segundo Barbosa (2016), a história é construída através do tempo por ações sociais e agentes históricos. Nesse contexto, a imprensa certamente tem uma grande atuação como agente histórico da sociedade, uma vez que os produtos da mídia são sempre caracterizados por elementos políticos, econômicos, culturais, sociais e mercadológicos. Nessa perspectiva, o jornal comunitário, ao não estabelecer relações próximas com a comunidade como um todo, ao não se estruturar e funcionar como meio de comunicação autêntica com ela, se não é produzido pela e para a comunidade, ele deixa de exercer o papel de um mediador social, habilitado para congregar e difundir conceitos e oportunizar a reflexão sobre temas importantes para seus membros.

Também deve seguir as normas de funcionalidade do jornalismo apresentando a dimensão sociocultural de responsabilidade junto ao público leitor e respeitar a periodicidade, pois a natureza do jornal, que é um recorte de tempo delimitado, leva o jornal a retornar periodicamente, acostumando e estimulando os leitores, a partir das suas necessidades por notícias e informações, reforçando sua participação no processo jornalístico, num ambiente em que cada exemplar se efetiva e onde participa da construção social da realidade e na socialização dos indivíduos (MARCONDES FILHO, 1987, 1992; GUARESCHI, 2004, BERGER, LUCKMANN, 2012; PERUZZO, 1998, 2000; CAMPOS, 2007; e DORNELES, 2004).

Ao não atender a esses critérios, o jornal comunitário deixa de ser um agente histórico da comunidade e falha em dar continuidade e auxiliar no estabelecimento de uma comunicação comunitária efetiva e cidadã, na socialização dos indivíduos e, portanto, na continuidade da memória. A fala de alguns entrevistados (embora poucos) remete à existência desse tipo de problemas ao colocarem que “além do mais não tinha muito compromisso com a entrega”, “o jornal era de graça e a gente não pode esperar muita coisa daquilo que vem de graça né?”, “Se a própria gente daqui não quer porque lá fora vão querer?”, “não acho que aquele pessoal se preocupava em escrever para que alguma coisa não fosse esquecida, eles escreviam devia ser para informar as pessoas de alguma coisa.”, “Não, eu não. Nunca gostei muito dessas coisas, sempre deixei os outros falarem. Nunca se sabe pra que vão usar aquilo que gente disse né?”, ou ainda, “o jornal nunca despertou muito a minha curiosidade, e o único contato que eu tive com eles foi aquela visita

que me custou uns cafezinhos e umas bolachinhas. Nunca participei de nenhuma forma.” Esse tipo de posicionamento indica que para essa parcela da comunidade, o jornal comunitário não se constitui num elemento de cidadania, de participação e também não serviu como documento ou suporte de memória.

4.3.2 Jornalistas

Foram realizadas entrevistas com oito jornalistas, incluindo o criador e coordenador do projeto, Jairo Sanguiné, que, inicialmente, falou sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo jornal e, também, sobre as principais conquistas do jornal junto à comunidade.

Abordando inicialmente a comunidade, ele relata que, como a Colônia de Pescadores Z-3 é formada, de uma maneira geral, por pessoas humildes, com pouco ou nenhum estudo, muitos, inclusive, analfabetos ou analfabetos funcionais, a maior dificuldade:

era fazer as pessoas se envolverem de alguma forma no jornal, seja sugerindo pautas, concedendo entrevistas, deixando-se fotografar, etc. Eles ficavam muito "tímidos" na hora do contato com a equipe, e isso dificultava um pouco o contato (SANGUINÉ, 2017).

Já com relação aos alunos que compunham as equipes, “*uma das dificuldades percebidas ao longo dos 15 anos de existência do projeto foi a falta de compromisso de muitos alunos que passaram por ele*”. Como havia muita troca de equipes em função do projeto de extensão estar atrelado à disciplina de Redação em Jornalismo, Sanguiné explica que a comunidade, “*que era naturalmente ‘presa’ para se expressar, quando se sentia confiante com os alunos, a equipe mudava*”. Em função disso, o trabalho era dificultado, porque os novos alunos precisavam reconquistar a confiança dos moradores.

Segundo ele, outra dificuldade importante era a inexperiência dos alunos com entrevistas, seja com os moradores ou com os representantes do poder público, porque eles estavam tendo um contato inicial com o que seria, mais tarde, a área de atuação profissional. A distância do Centro da cidade também era uma dificuldade devido à logística de deslocamento da equipe, junto com a escassez de recursos econômicos para financiar a impressão do jornal.

Falando sobre o aprendizado com o projeto de extensão envolvendo o Jornalismo e a comunidade da Colônia de Pescadores Z-3, Sanguiné explica que a maior experiência vivenciada no período de quinze anos em que esteve à frente do “O Pescador” foi quando surgiu a pauta de emancipação⁵³ da Z-3. Isso porque:

Algumas lideranças locais garantiam que a comunidade era 100% favorável ao projeto de separação de Pelotas, mas ficamos desconfiados e fomos conversar com os moradores e percebemos que a informação não procedia. Fizemos uma matéria equilibrada, mostrando os prós e contras da emancipação. Ou seja, a lição que aprendemos é que em Jornalismo Comunitário nem sempre o que as lideranças locais querem traduz a vontade da maioria (SANGUINÉ, 2017).

Sobre a percepção do sentimento da comunidade em relação ao jornal e à forma como ele via a atuação do jornal dentro da comunidade, Sanguiné se reporta ao fazer jornalístico, com uma visão voltada à cidadania, o que, inclusive, se tornou um lema para os participantes do projeto “Cidadania é sempre manchete”, onde procura mostrar as questões de responsabilidade, ética e comprometimento com a verdade. Ele afirma:

A proposta do jornal era de levantar questões de interesse imediato da comunidade, com pautas sugeridas pela própria comunidade. O sentimento da comunidade é um sentimento de “pertença”, ou seja, a comunidade sente que tem um veículo para defender seus interesses diante do poder público. Além disso, a fotografia tem um papel primordial, porque a comunidade gosta de se ver no jornal como figura central, como alguém que faz parte de uma sociedade. Com o jornal, a comunidade zetrezense, além de se auto identificar, interagia através das notícias em que cada personagem é conhecido de todos, ou seja, toda comunidade é personagem das notícias publicadas, o que reforça o sentido de identidade e cultura local. Isso se encaixa na concepção sociológica clássica da identidade apontada por Stuart Hall para quem essa identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade (SANGUINÉ, 2017).

Como responsável pelo jornal durante todo o período em que ele existiu⁵⁴, Sanguiné fala sobre a possibilidade de identificar na comunidade a figura de uma ou mais pessoas, que fossem responsáveis por contar a história da comunidade, que servisse como fonte da história da comunidade, explicando que o universo é extenso e que é preciso tomar cuidado para detectar aquelas pessoas que têm conhecimento relevante.

⁵³ “Emancipação é para 2012, diz Beбето” (Jornal “O Pescador”, ed. n. 37, set. 2007, p. 6).

⁵⁴ O projeto foi encerrado em julho de 2016 com a demissão de Sanguiné junto com outros professores da UCPEL em função de dificuldades econômicas.

Na verdade, todos moradores são fontes em potencial, mas lógico que assim como em qualquer comunidade que tem vida própria como a Z-3 existem as lideranças locais, o que as torna fontes importantes, como o Sindicato dos Pescadores, Grupo de Mulheres, Cooperativa, membros da igreja e outros. E, em relação à história, destaco seu “Pitanga” e a Dona Laura, dois dos mais antigos moradores e que, nas primeiras edições, contavam boas histórias da colônia (SANGUINÉ, 2017).

Sobre o funcionamento do jornal, a identificação e o trabalho com as fontes dentro de uma comunidade, como já afirmou, ele aponta que é importante levar em conta que qualquer morador é fonte em potencial e pode ter informação significativa dentro das pautas programadas, dependendo do assunto a ser trabalhado. O jornal era dividido em editorias: Pesca, Geral, Educação, Esporte, Infantil e Comunidade, e para cada uma havia fontes específicas, mas não únicas.

Com relação ao Jornalismo, em especial o Jornalismo Comunitário, sobre desempenhar um papel fundamental na perpetuação das memórias da comunidade, ele acredita que, como o Jornalismo registra fatos locais que ficam registrados, esses podem ser sempre resgatados. Referindo-se particularmente à experiência do jornal “O Pescador”, ele aponta alguns exemplos.

Como o Jornalismo registra momentos, situações e fatos locais, evidente que isso fica registrado para sempre e sempre pode ser resgatado. Um exemplo pode ser a descoberta da poetisa dona Laura, uma senhora de 70 anos, quase cega que escrevia poemas e contos lindos e nunca teve a chance de mostrar e com o jornal a comunidade pôde conhecer suas histórias, as quais podem ser lidas nas edições de arquivo do jornal. Outro caso é o da primeira capa, em abril do ano 2000, quando duas crianças da comunidade foram fotografadas e hoje eles são dois adultos, pais de família e sentem orgulho de mostrar aquela edição para seus filhos. Enfim, todas as histórias da Z-3 nesses quinze anos estão registradas nas páginas do jornal (SANGUINÉ, 2017).

O Jornalismo Comunitário tem como objetivo o viés de um resgate pedagógico e educativo no qual o público deve ser encarado como cidadão, protagonista e atuante, e onde existe a valorização da realidade local pela proximidade. Sobre trabalhar junto à comunidade, desenvolvendo o Jornalismo Comunitário, Sanguiné fala sobre sua percepção de como os jornalistas tratam as memórias da comunidade, afirmando que elas são consideradas importantes dentro da atividade jornalística, aproximando-se da fala de Meihy (2005), Meihy e Ribeiro (2013) e de Carnicel (2010; 2011)

Sem dúvida que são muito importantes, pois o Jornalismo Comunitário tem esse papel de registrar a memória de uma comunidade que é praticamente esquecida pelos veículos tradicionais, principalmente por retratar especificamente o cotidiano dessa comunidade, traduzindo sua vida, seus problemas, seus projetos, suas vivências. Além disso, é um aprendizado jornalístico e mesmo de vida para os jornalistas comunitários, sobretudo pelo fato destes serem estudantes, jovens que, na sua maioria, ainda não tinham vivenciado uma experiência em comunidades periféricas. Certamente, é uma atividade fundamental para sua formação técnica e mesmo moral, pois estão em contato com uma realidade muito diferente da sua própria (SANGUINÉ, 2017).

Questionado, durante a entrevista, sobre haver espaço para trabalhar a Memória Social dentro da atividade jornalística, Sanguiné responde reiterando que um dos objetivos centrais do projeto de extensão que norteou a existência e a produção do jornal foi levar a essa comunidade periférica um veículo de comunicação próprio, elaborado a partir das ideias apresentadas pela própria comunidade e no qual as pessoas participassem ativamente de um processo comunicativo, em que a comunidade do bairro tivesse uma participação fundamental na definição e consolidação das pautas. Então, sim, há espaço para trabalhar a Memória Social dentro da atividade jornalística, ainda mais no Jornalismo Comunitário. São importantes as dimensões de tempo e história envolvidas tanto nas narrativas jornalísticas quanto nos processos jornalísticos, porque envolvem ambos os grupos: comunidade e jornalistas, e a proximidade entre as pessoas é uma das principais características comunitárias: as pessoas se conhecem, reconhecem suas alegrias, problemas e ritos cotidianos (PERUZZO, 1998, 2005; CAMPOS, apud SEQUEIRA; BICUDO, 2007).

Acredito que, sim, muito espaço. O Jornalismo trabalha com registros, logo, transforma-se num importante suporte para a Memória Social, porque relata o cotidiano. Se formos analisar o jornal "O Pescador" em suas primeiras edições, veremos um cotidiano bem diferente daquele encontrado hoje na Z-3. Se quisermos observar o comportamento, o perfil dos moradores e a vida na Z-3 de quinze anos atrás, basta dar uma folheada nas edições da época. Então, ali está toda a Memória Social daquela comunidade (SANGUINÉ, 2017).

Ele afirma, também, que acredita que os jornalistas possam ser propagadores das memórias de uma comunidade, isso porque, ao produzir as notícias, os jornalistas não só apuram os fatos, mas também os registram. Aqui, é necessário registrar que essa posição é reforçada pelos autores que veem de forma positiva a relação entre a História Oral e a prática do Jornalismo Comunitário, quando os

jornalistas produzem os diferentes gêneros jornalísticos como o perfil, o testemunho, a opinião e a entrevista, a partir das técnicas utilizadas na área, mas que podem ter aproximações daquelas utilizadas pelos oralistas, com cuidados semelhantes. Além disso, ao atender às demandas da comunidade, torna-se um instrumento de cidadania e de mobilização social. Lembrando a perspectiva de Pena (2005, p. 188), o jornalista, ao trabalhar com o jornal comunitário, “deve enxergar com os olhos da comunidade”.

Ao registrar fatos e histórias de um período histórico, os jornalistas estão contribuindo para a memória de uma comunidade. Eles estão reproduzindo simbolicamente o cotidiano e, também, contribuindo para o desenvolvimento social, principalmente considerando o jornal como o principal canal de diálogo da comunidade com o poder público. O jornal registra em suas páginas as reivindicações dos moradores e publica a resposta do poder público, ou seja, a promessa fica registrada e pode ser cobrada quando necessário (SANGUINÉ, 2017).

Ao mobilizar conteúdos que permitem o reconhecimento de si mesmos e de sua representação como coletivo, o Jornalismo Comunitário colabora para que sejam construídas e reconstruídas identidades sociais, coletivas que direcionam suas ações para objetivos comuns. Essas identidades não só posicionam o indivíduo dentro do grupo, como também constroem laços de pertencimento que permitem o reconhecimento e a representação desse grupo para a sociedade (WOODWARD, 2000, p. 17):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos.

O jornal, no entanto, tem outra função relevante além de ser um espaço de construção das notícias a partir da realidade social, que é a de arquivo, ao ser guardado. Ele não só poderá auxiliar no entendimento e na análise da comunidade, com base em seu conteúdo, no material jornalístico produzido, mas em seu conjunto “essa coleção de jornais guarda – ao mesmo tempo em que constrói – lembranças de uma sociedade que tem no jornal uma de suas fontes principais” (PEREIRA, 2015, p. 2).

Eixo Temático 6 - Memória das origens: sua história no jornal “O Pescador”, a participação no projeto, relacionamento com a comunidade, pauta marcante.

A análise das entrevistas temáticas com os jornalistas tem como foco a história de cada um deles no jornal “O Pescador”, tendo sido solicitado que relatassem com detalhes sua participação no projeto (ano de ingresso, por quanto tempo participou, motivação para participar, relacionamento com a comunidade, uma pauta que marcou sua participação no jornal, pessoas importantes dentro comunidade com que teve mais contato etc).

GM conta que, durante o curso de Jornalismo, na Universidade Católica de Pelotas, na cadeira de Redação em Jornalismo I, com o professor Jairo Sanguiné, por sugestão desse, a turma se dividiu em grupos para criar jornais comunitários em diferentes bairros da cidade. Em sua entrevista, ela coloca:

Naquela época, o meu melhor amigo de faculdade e colega era o fotógrafo Elio Stolz, que já desenvolvia um projeto na Z-3 – ao lado dos fotógrafos Marcelo Curia e Manuca Nogueira – chamado “História de Pescador”. A distância da Colônia de Pescadores não era apenas geográfica, aquele era um mundo a parte da nossa realidade na “cidade”. Enquanto os colegas se dividiam entre os bairros mais próximos e de maior facilidade de acesso, me juntei ao Elinho e falei que poderíamos fazer o jornal na colônia, já que eu tinha um Fusca e isso facilitaria nossos deslocamentos, aliado ao conhecimento da comunidade que ele já tinha estabelecido durante o projeto fotográfico. Formamos um grupo e começamos uma imersão naquele encantador lugar. No primeiro semestre de jornal, o nosso grupo era maior. Fazíamos as pautas, vendíamos os anúncios, diagramávamos, buscávamos o jornal na gráfica do Diário Popular e depois distribuíamos aos sábados, pelas ruas da Z-3. Eu participei do jornal até me formar, em agosto de 2001 (GM, 2016).

GM relata que, mesmo não sendo mais uma tarefa acadêmica “obrigatória”, em função da disciplina, ela e os colegas (ES, CA, FG e RL) decidiram seguir à frente do jornal, porque a turma seguinte precisava se preparar e porque os laços de amizade com a comunidade se tornaram estreitos. Para ela, o jornal “O Pescador” foi a verdadeira experiência viva de Jornalismo durante a faculdade e, quanto às pautas, houve muitas experiências incríveis.

Foram muitas as pautas marcantes e os amigos que fiz na Z-3. A minha história com Dona Laura Matheus é outro grande capítulo dessa vivência. Logo nas primeiras visitas, conhecemos a riqueza da sua produção literária. Uma mulher simples que foi analfabeta durante muitos anos. Com a descoberta desse talento, criamos a coluna “Mar de Letras”, para valorizar e estimular a sua produção. No final de 2000, promovi o encontro dela com o

escritor Ferréz, que estava na cidade participando de um Seminário de Literatura durante a Feira do Livro. Ele recém tinha lançado o livro “Capão Pecado” e escrevia para a revista “Caros Amigos”. Durante uma entrevista na Feira do Livro, enquanto eu aguardava na fila de autógrafos, ele comentou que estava em busca de mulheres que produzissem literatura marginal. Disse a ele que conhecia uma escritora incrível e promovi o encontro dos dois, no dia seguinte. O encantamento foi imediato e dois meses depois Dona Laura tinha um de seus contos publicados na revista de maior influência no mundo cult da época. Depois disso, foram várias coletâneas e o posterior interesse de uma editora que publicou um pocket com sua obra. Todo contato era feito através de mim, inclusive organizei o lançamento desse livro na Livraria Vanguarda, em um momento de muita emoção para ela. Minha relação com Dona Laura Matheus foi intensa e senti muito a sua morte, há cerca de dois anos (GM, 2016).

Sobre o relacionamento com as pessoas da comunidade, GM aponta que são várias as pessoas que marcaram sua permanência no jornal e, posteriormente, continuaram a manter contato com ela em função de vínculos de afetividade que se criaram, e cita: Ni (era secretária no sindicato), NCS (atual presidente do sindicato), Beto (vereador – o qual fiz o jargão de sua primeira campanha - “Beto da Z-3, o homem da vez”), RSP (hoje jornalista e irmã do Beto), enfim, muitas boas lembranças.

CA participou do jornal “O Pescador” desde sua idealização em 2000 e conta que foi da primeira turma que deu início ao projeto de extensão, mas, ao contrário de GM, de quem foi colega, coloca que não lembra de uma pauta específica que a tenha marcado porque tudo era importante na e para a comunidade.

Eu participei da idealização do “O Pescador”, em 2000, integrei a primeira turma de Jornalismo da UCPEL que deu início ao projeto. Devo ter ficado na equipe por uns dois anos. O relacionamento com a comunidade era muito bom e um dos motivos em querer continuar no “O Pescador”. Não lembro de uma pauta específica, pois tudo que se relacionava à comunidade era muito significativo e importante para nós. Muitas pessoas marcaram minha passagem pelo jornal, a Dona Laura Matheus é uma delas (CA, 2016).

RB foi da turma de 2003 e ingressou no jornal a convite de uma colega da sala de aula, que já participava do projeto. Uma das razões para isso foi seu interesse pelo jornalismo impresso – tanto para se aperfeiçoar nesse conhecimento quanto para servir a uma comunidade da maneira que pudesse. Ela conta, também, que, curiosamente, sempre morou perto da Vila Princesa – local que recebia o outro jornal comunitário do curso: “*Ter ‘ido parar’ n’O Pescador’ me apresentou uma realidade totalmente diferente daquela à qual estava acostumada*”. Esteve na equipe

de redação por um ano, o que lhe proporcionou muito aprendizados, pois pode ter contato “*com os anseios, desejos, expectativas, frustrações e receios de uma comunidade específica, que tem suas particularidades – claro que cada uma tem as suas diferenças, mas uma colônia de pescadores tem uma atmosfera diferenciada!*”.

Com relação ao trabalho de produção jornalística, ela conta que tinham reunião de pauta, em que eram sugeridas as temáticas dentro das editorias do jornal e, depois de obter as informações, redigiam as matérias e quando o jornal estava pronto e impresso, ia distribuí-lo com os colegas.

Para preparar o jornal, tínhamos reunião de pauta na faculdade, distribuíamos as pautas, coletávamos as informações, redigíamos, diagramávamos, revisávamos, imprimíamos e entregávamos. Pelo que me recordo, íamos à Z-3 geralmente aos finais de semana. Assim tínhamos mais tempo de chegar ao local e também de permanecer o necessário para coletar as informações. Um dos momentos mais legais era quando íamos entregar os jornais – quando passávamos de jornalistas a jornalistas! Naquela hora, além da satisfação de entregar o “produto pronto”, podíamos sentir de perto a alegria (ou, no mínimo, o interesse) das pessoas em pegar o jornal. Creio que deviam se sentir vistos, ouvidos, refletidos, naquelas páginas... Pelo menos era o que eu imaginava! Sempre fomos muito bem recebidos. As pessoas abriam as portas de suas casas para nos receber e falavam de suas vidas; as entidades também sempre nos acolheram bem (Sindicato dos Pescadores, igreja, escola) (RB, 2016).

Sobre as lembranças marcantes, que são muitas, ela lembra e descreve uma que a marcou de forma especial.

Lembro de algumas situações que ficaram gravadas na memória. Uma delas foi em um fim de semana, quando estávamos na Z-3 entre três colegas do jornal, com o carro de uma das gurias. Mais para o fim da tarde, quando estávamos quase terminando nossas atividades, vimos uma mulher grávida na parada do ônibus. Estava entrando em trabalho de parto. Disse que ia esperar – mas o transporte coletivo na Z-3 já demora normalmente e no fim de semana mais ainda (sem contar o tempo do trajeto). O próximo levaria ainda mais uma hora para chegar. Então não tivemos dúvida: botamos a grávida dentro do carro com a mãe dela, que a acompanhava, e viemos num percurso emocionante! E um pouco preocupante, claro. Mas conseguimos chegar a tempo, deixamos as duas na porta do Hospital São Francisco de Paula. Na edição seguinte, incluímos a foto do menino, dizendo que tinha chegado ao mundo com a nossa ajuda, hehe (RB, 2016).

RB também relata os muitos aprendizados que teve ao trabalhar com o jornal comunitário, porque, além das técnicas próprias do jornalismo e das questões referentes ao modo de produção como a linguagem jornalística, entre outras, questões referentes à religiosidade da comunidade e seu conhecimento de vida foram marcantes na sua própria vida.

Outro momento marcante para mim foi a procissão lacustre de Nossa Senhora dos Navegantes. Nunca tinha participado. Toda a movimentação para aquele momento foi envolvente. Eu não era a repórter responsável pela pauta, mas fui junto, com outros integrantes da equipe; também queríamos participar. Conseguimos carona em uma das embarcações e até o término do trajeto já tínhamos trocado outras duas vezes de barco (todas em movimento). Vi o Laranjal por uma outra perspectiva. Acompanhei as devoções (e diversões, claro) do pessoal. Foi uma imersão (mas não de água, graças a Deus) interessante. [...] Também pude vivenciar de perto a sabedoria popular... Lembro de quando dois pescadores me explicaram sobre a salga da Lagoa; como sabiam se havia perspectiva de camarão. Pode ter sido simples, mas me senti tendo acesso a um conhecimento ancestral, tipo privilegiada por adentrar naquela seara (RB, 2016).

Outra experiência que mereceu destaque para ela foi a experiência de “representar” a comunidade junto ao poder público, levando as reivindicações da comunidade ao prefeito municipal, atividade que, segundo os estudiosos do Jornalismo Comunitário, é uma das tarefas que o profissional engajado nessa prática precisa desenvolver de forma objetiva, tendo clara a necessidade daquilo que vai ser solicitado.

Em outra situação, lembro que fomos em grupo entrevistar o prefeito da época para tratar de pautas específicas da Z-3 que precisavam da palavra do Executivo. Na ocasião, a minha era sobre a Fábrica de Gelo, um desejo antigo daquela comunidade, que vinha sendo protelado – confesso que não lembro exatamente por qual razão, tenho a impressão de que eram várias coisas. Quando questionei o prefeito sobre um prazo relacionado ao tema, ele apenas riu e respondeu “quem viver verá”. Achei uma resposta leviana para um problema real daquela comunidade. Assim, encerrei a matéria justamente com essa declaração. Independentemente de questões partidárias, e mesmo em se tratando de prazos – algo que sempre pode estar em aberto – aquela resposta não caiu be. (RB, 2016).

RB conta que, até hoje, guarda as camisetas azuis do jornal, com grande carinho, e que sua mãe guarda os exemplares do jornal do período em que ela participava, o que mostra que as temáticas da comunidade são guardadas e lembradas fora de lá.

FD conta que começou a colaborar com o jornal “O Pescador” em meados de 2004, 2005, influenciado por uma colega de TV UCPEL, a VC. Tinha interesse por fotografar e escrever – e queria parar com a TV. Sua experiência foi diferente da das duas entrevistadas anteriores e menos satisfatória para ele, que diz:

Sempre via o jornal “O Pescador” circulando pela faculdade e ficava atraído pelas imagens bucólicas das capas. Não cheguei a manter uma relação

profunda com a comunidade. Os jornais demoravam a sair, muitas pautas ficavam velhas e eram descartadas. Alunos abandonavam o projeto. Talvez fosse uma boa ideia mal executada na época em que integrei o jornal.

Mesmo assim, ele conta que teve uma pauta que foi marcante, apesar das dificuldades em cumpri-la.

Uma matéria que me marcou foi com uma moradora chamada Dona Laura, que gostava de escrever poesias e publicá-las no jornal. Lembro-me de que tentei falar com ela por telefone, mas a poeta escutava mal, sem falar da qualidade da ligação. Peguei meu carro, um Fusca branco, e fui por conta própria para a Z-3. No caminho, choveu muito. A estrada de terra virou um sabão. No fim, valeu a pena. Algumas fotos boas e um texto agradável de escrever (FD, 2016).

Ele relata que não tem lembrança de uma ligação mais afetiva com ninguém da comunidade e acredito que sua participação foi até fim de 2005 ou início de 2006. Não lembro.

SH conta que fez parte do “O Pescador” no período de 2005 a 2007 e seu ingresso foi voluntário, uma vez que sua motivação era o engajamento na comunidade em função da cidadania, uma questão social relevante para ela.

Eu fiz parte do jornal “O Pescador” no período de 2005 a 2007. Na época, a equipe do jornal era formada por 5 ou 6 voluntários do curso de Jornalismo que faziam as reportagens, a editoração e a distribuição dos jornais na comunidade. Minha motivação em participar do projeto era a possibilidade de exercer a atividade jornalística, além de poder auxiliar uma comunidade carente de expressão perante o poder público e a sociedade local. Como a Z-3 é uma comunidade afastada do centro da cidade, ela acaba marginalizada e esquecida não somente pelos governantes, mas também pelos próprios pelotenses (SH, 2016).

SH conta que tanto seu relacionamento quanto o de sua equipe com a comunidade era bastante próximo, muito bom. Isso facilitava o acesso às informações, lhes proporcionava o acesso às informações e também nos proporcionava ter acesso a elas antes de outros veículos de comunicação. Com relação a uma pauta que ficou marcada na sua lembrança, ela lembra que foi relacionada com a questão da saúde pública.

Uma das reportagens que me marcou foi o descaso dos médicos com o atendimento aos moradores no posto de saúde da comunidade. Foi uma reportagem realizada durante vários dias, verificando a assiduidade do médico no posto e quantos atendimentos ele fazia a população da Z-3. A

reportagem gerou uma denúncia à Secretaria Municipal de Saúde sobre o referido médico (SH, 2016).

LS conta que o jornal comunitário “O Pescador” foi o primeiro projeto com que se envolveu na faculdade. Ela o descobriu porque fazia uma disciplina com um pessoal de semestres mais à frente que o seu, eles participavam e a chamaram. Isso foi em 2010, no início do curso. Só parou de se envolver com o jornal nos últimos semestres, por conta dos trabalhos finais e outros estágios. Foi a primeira aproximação que teve com a comunidade, exercendo uma função de jornalista mesmo. Ela narra que:

Lembro que havia equipe para foto e para texto, e lembro bem que eu fazia os dois trabalhos, pois sempre amei fotografar e escrever. Eu, insegura, comecei a dar meus primeiros passos na profissão na Z-3. Eu era responsável pela editoria de Educação e buscava as informações que sempre estavam relacionadas a única escola da colônia. Ficamos sabendo de cada coisa, cada história de vida! Também fiquei responsável uma época pela editoria de Saúde; porém eu tirava fotos para todas as editorias, o que me aproximou muito da comunidade. Como moro no Laranjal, sentia-me mais parte ainda de todo o processo. Participei da fatura e da escassez do camarão. Conversei muitas vezes com o Nilmar (se não me engano o nome) e comecei a entender mais a fundo sobre a questão do seguro defesa, da necessidade deles e das próprias irregularidades que, por vezes, eram feitas simplesmente por falta de opção (LS, 2016).

Sobre uma pauta marcante, ela lembra que foi a do Ensino Médio na escola, que já era prometido há muitos anos e sempre esbarrava em alguma burocracia. Lembro que fui muitas vezes na 5ª CRE cobrar e argumentar sobre as pendências.

Foi nessa época que comecei a me dar conta que, no Jornalismo, assim como em outras profissões, nem tudo são flores. Nesse mesmo momento, reforcei minha identidade como jornalista, como alguém que pode realmente fazer alguma coisa pelo outro, nesse caso, a Comunidade da Z-3. Foi muito legal ver o Ensino Médio sendo oferecido, finalmente, lá na escola também. Nessa época, tínhamos um grupo muito forte e que realmente se envolvia com os moradores de lá. Fizemos até uma festa para comemorar os 10 anos do jornal, teve até documentário (toda vez que vejo choro) (LS, 2016).

LS conta que, na medida em que foi avançando no curso, foi se direcionando para outros tipos de trabalho e, aos poucos, se deu conta de que também existiam muitos outros alunos que mereciam fazer parte do projeto, e que poderia e deveria abrir espaço. Foi o que fez. Primeiro, parou de fazer as reportagens, indo na Z-3 para fazer as fotos, apenas. Depois precisou se distanciar por conta de outros

compromissos e avanços ligados a outras áreas da comunicação, “*mas de fato, ainda se sinto parte daquela comunidade*”.

AV foi bolsista do projeto de extensão durante um ano, mas, antes disso, foi voluntária por igual período de tempo. Ela conta que sua trajetória no jornal foi interessante, pois, na época, não era tão simples participar; as vagas eram disputadas e o jornal disponibilizava apenas uma bolsa. Afinal, após contato com o coordenador do projeto, o Prof. Jairo Sanguiné, ela conseguiu participar. Começou em 2011 e, no ano seguinte, ela obteve a bolsa com a duração de um ano e, depois disso, continuou participando do jornal até o término do seu curso. Sua participação, além da experiência na área, rendeu-lhe uma participação como finalista em evento nacional de Pesquisa Experimental em Comunicação, da INTERCOM, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, entidade reconhecida na América Latina pela sua produção acadêmica.

Foi uma experiência fantástica, além de me proporcionar ser finalista no EXPOCOM, após ser norteadada pelo coordenador do projeto, bem como pela professora da Universidade Católica de Pelotas, Margareth Michel. Lembro-me com clareza da minha relação com a comunidade, bem como dos benefícios profissionais e de formação humana os quais me foram proporcionados. Normalmente, eu visitava a comunidade uma vez por semana. Nos demais dias, permanecia na redação ajustando os horários e as pautas que eram decididas nas nossas reuniões semanais. Em relação à pauta que mais marcou minha atuação, acredito ser impossível mencionar: todas desembarcaram em aprendizados e construções de afinidade com a comunidade e melhorias no percurso profissional (AV, 2017).

O relacionamento e a confiança depositada pela comunidade no grupo foi algo que marcou muito. Era interessante que, quando acontecia algo importante, como festas religiosas, problemas no posto médico, notícias da safra, entre outros, os próprios moradores telefonavam para a equipe para anunciar os eventos. Ela relata, também, que teve uma experiência singular por ocasião da festa da padroeira da localidade, a Festa de Navegantes. Na época, estava com pouco dinheiro e não havia ônibus na madrugada, assim, foi convidada a ser hóspede no “Bar da Beti”, uma pessoa conhecida na comunidade e, também, em uma pousada que ficava pouco antes de chegar na Z-3.

Essa relação de confiança proporcionou-me presenciar toda a organização da comunidade para o evento, bem como retratar um vínculo emocional intenso com a fé. Passei a madrugada escutando histórias de pescadores que foram agraciados quando passavam por tempestades na água ou

dificuldades financeiras. Envolvimento que me garantiu com a construção da minha primeira crônica (AV, 2017).

AV também teve experiências marcantes com relatos de vida da população, bem como com a narrativa acerca do modo de vida dos pescadores e dos cuidados com o pescado, que renderam uma reportagem em profundidade, com muitos detalhes e boas informações.

Lembro claramente da história da Dona Adelina do Amaral, que nasceu em baixo de uma figueira, trabalhou na pesca e na salga e nos relatou uma vida inteira de dedicação à pesca. Não lembro exatamente quantos, tinha mais de 70 bisnetos, que ajudava a criar. Na época, a senhora já estava cega, mesmo assim nos deu uma aula sobre o tempo de formação do pescado, mostrando o motivo pelo qual o IBAMA estaria errado em relação ao cálculo do tempo do camarão, Chavelha, Bagre e da Tainha, o qual acabava por liberar a pesca no período errado, o que prejudicava o meio ambiente, bem como a pesca artesanal. As lembranças da Adelina foram contadas em reportagem nas páginas do “O Pescador” (AV, 2017).

Pode-se perceber, por meio dos relatos dos jornalistas, a diversidade de experiências entre eles, especialmente dependendo do período do jornal do qual participaram. Essa percepção encontra eco nas palavras de Sanguiné (2016), coordenador do projeto, quando ele afirma que algumas equipes tiveram um desempenho notável, permanecendo no projeto até o final de sua formação, mas, por outro lado, uma das dificuldades era a grande variação de alunos que compunham a equipe em função do passar do tempo, existindo entre eles maior ou menor interação ao projeto, ocorrendo, inclusive, a falta de compromisso de muitos alunos que passaram por ele, o que fazia com que se distanciassem dos objetivos do jornal e da própria comunidade.

Também fica claro que esse segmento do Jornalismo especializado é consideravelmente diferenciado da prática do Jornalismo nos meios de comunicação tradicionais, o que leva a uma maior compreensão do contexto social da comunidade e a um relacionamento mais intenso com os moradores. Todavia, essa vertente não é a vocação dos jornalistas de uma maneira geral e, muitas vezes, não tem maior espaço na formação acadêmica, o que explica a dificuldade do entendimento do seu processo (LAHNI; MOREIRA, 2016; GUARESCHI, 2013; CARNICEL, 2010; SEQUEIRA; BICUDO, 2007; PERUZZO, 1998, 2005; entre outros). Também é importante destacar, aqui, que a interdisciplinaridade, o intercâmbio entre os estudos históricos e a Comunicação Social, que poderiam

auxiliar na melhor compreensão da atividade no Brasil, ainda são fracos (RIBEIRO, 2015; CRESPO; DEL BARRIO; ZAPATERO, 2013).

Para aqueles jornalistas cuja posição profissional tende a ser mais engajada e voltada para a cidadania, essa proposta é um “caminho natural”, e seu desenvolvimento é uma consequência dessa posição. Vê-se nos relatos de muitos dos entrevistados o interesse e o afeto genuínos tanto pelo Jornalismo Comunitário, como projeto, como pela sua aplicação na comunidade e no interesse efetivo pelas suas causas sociais e comunitárias. Eles entendem que o Jornalismo é fruto das necessidades dos seres humanos e que as notícias existem em função das pessoas e de seus cotidianos e que seus relatos e histórias são acontecimentos, geram notícias e cumprem sua função de informar (TRAQUINA, 2005; BARBERO, 1982; BELTRÃO, 1992; 2006).

Ao expressar sua motivação para participar, parte significativa dos entrevistados entende a comunicação como essencial para os seres humanos e seus desejos de registrar e conservar suas lembranças de fatos cotidianos, de acontecimentos marcantes ou não, em que o Jornalismo transforma a realidade apreensível em relato que estabelece relações com o mundo simbólico e com o mundo material dos indivíduos (GUARESCHI, 2013; TRAQUINA, 1999; 2004; 2005).

Pode-se perceber que, por meio de suas experiências, a maioria dos jornalistas entrevistados se humanizou e passou a entender melhor as pessoas da comunidade, suas vivências e necessidades (BRETAS, 2006). Fica palpável em suas falas que o Jornalismo Comunitário auxilia a população e ajuda na socialização do sujeito e do grupo social, humanizando-os como sujeitos importantes ao integrar-se culturalmente em um território com uma forma de viver própria, e faz com que se tornem significativos (MARCONDES FILHO, 1987; GUARESCHI, 2004; CLAVAL 1999; 2001; PERUZZO, 2005; PERUZZO; VOLPATO, 2009; entre outros). Mas a socialização não acontece só com as pessoas da comunidade, o jornalista também é atingido por esse processo, ele passa a conhecer as pessoas pelo nome, aceita-as e respeita seu modo de vida, interagindo com a comunidade.

Fica evidente o entendimento dos jornalistas entrevistados sobre a importância do atendimento às demandas sociais dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3 e a importância da mobilização social relativa a questões pertinentes ao seu modo de vida (PENA, 2005), manifestado por meio de seus relatos de vivências, interações e cobertura de pautas, as quais foram bastante

variadas, atendendo a diferentes áreas sociais, chegando a interagir junto ao poder público municipal em benefício da comunidade. De igual maneira, pode-se observar que, no decorrer do projeto, pelas falas dos entrevistados, houve uma mudança positiva tanto em termos de aprendizado dos jornalistas (que passaram a conhecer o jornalismo comunitário em termos de formação acadêmica e de prática profissional) quanto de resultados para os moradores da comunidade da Z-3, que conseguiram ter mais visibilidade junto ao poder público e a ter atendidas algumas reivindicações, especialmente na área de educação e saúde, entre outras.

Eixo temático 7 – Memórias das relações estabelecidas: a atuação do jornal dentro da comunidade - como identifica e trabalha com as fontes dentro de uma comunidade

Quanto à forma como os jornalistas participantes do projeto enxergam a atuação do jornal dentro da comunidade – a percepção do sentimento da comunidade em relação ao jornal, GM conta que o grupo dela seguiu participando do jornal até terminar o curso, e que, no semestre em que tiveram a disciplina de rádio, criaram um programa na Rádio Tupanci chamado “O Pescador”, que era comandado por ela e por CA, e ia ao ar todos os sábados pela manhã, ao vivo. A participação da comunidade era maciça e, muitas vezes, já se anunciava no programa que depois seria distribuído o jornal impresso.

Era uma verdadeira festa! O pessoal já esperava de portas abertas, nas janelas das casas, uma receptividade incrível. Através do programa, também surgiam demandas da comunidade que geravam pautas, ou seja, uma ferramenta complementar ao jornal (GM, 2016).

Ela diz que, na sua opinião, a Comunidade da Z-3 sempre foi resistente a novidades, portanto, quando aconteceram as posteriores mudanças de equipes, a cada novo semestre, sentiam um pouco e custavam a se entregar de novo; mas, em geral, fora essa observação, acredita que sempre tiveram muito orgulho do jornal e o principal: sentiam-se representados. Sobre a atuação do jornal dentro da comunidade:

[...] penso que ele destacava pessoas importantes para o grupo, que tinham uma história significativa, valorizando sua identidade e seu sentimento de

pertença. Posso citar uma das minhas primeiras entrevistas, com o Seu Pitanga, um ícone da comunidade e na época presidente do Sindicato dos Pescadores da Z-3. Um homem simples de grande sabedoria que me recebeu na sua casa para uma entrevista. Ao lado da esposa, Dona Nina, nos ofereceu (Elinho e eu) um café com pão de casa e nos deu uma verdadeira aula sobre preservação. Não lembro exatamente em qual edição está, mas acredito que seja na primeira ou segunda. Ele faz uma referência à pesca predatória, dizendo que, em dez anos, não teríamos mais camarão na Lagoa. A profecia desse sábio homem da pesca se concretizou. Como se pode verificar hoje (GM, 2016).

Outra lembrança relevante que GM conta é a história da parteira da colônia, pessoa extremamente conhecida e bem quista pelos moradores, que, em sua maioria, nasceram pelas suas mãos.

Lembro da história de uma senhora que era a parteira da colônia. Era chamada para todos os partos. Durante a entrevista, ela nos contou que acabou fazendo o seu próprio parto, porque sentiu as dores enquanto estava embarcada, com o marido, e ali mesmo nasceu um dos filhos. A Colônia Z-3 sempre foi um lugar de muita riqueza humana e, com isso, fazer cada edição era um prazer e, ao mesmo tempo, o descortinar de um mundo novo para nós (GM, 2016).

Sobre a forma como enxerga a atuação do jornal na comunidade, CA afirma que: “O jornal na comunidade é de fundamental importância, desde o início a Z-3 ‘abraçou’ o projeto do ‘O Pescador’ e participou da concepção de suas edições” (GM, 2016).

RB afirma que, pelas suas vivências, a comunidade aprovava o jornal e diria que mais: se sentia parte dele.

Sempre fomos muito bem recebidos, tínhamos a simpatia dos moradores e, do que pude perceber, sempre gostavam de receber os exemplares e sugerir assuntos. Acho que um jornal comunitário numa comunidade “isolada” geograficamente (distante do Centro, com transporte coletivo menos presente e uma cultura toda própria) é fundamental para fortalecer essa identidade e fazer circular informações relevantes para aquele público. Pelo que pude perceber naquele período, as pessoas gostavam muito do jorna. (RB, 2016).

FD (2016) acredita que a comunidade tinha um certo apreço em receber um jornal sobre um bairro que ficava marginalizado na cidade de Pelotas, mas não se recorda se eles (a comunidade) tinham uma certa dependência do material. Coloca “Não me lembro de cobranças pela falta do jornal nem tentativas da comunidade em ajudar a produzir o conteúdo”.

SH (2016) afirma que: “*O Pescador’ era um jornal muito querido pelos moradores da Colônia Z-3. Recordo da festa que as crianças faziam quando entregávamos o jornal na escola*”. Para ela, a comunidade entendia a importância daquele projeto e jamais viu nele algo puramente estudantil, mas sim um veículo que levava a voz da comunidade para fora e para dentro da própria Z-3.

LS diz que, nos dias em que distribuíamos os jornais, todos iam para as ruas, dos menores aos maiores, pois queriam se ver, ler as notícias nas quais eles eram as fontes, os cases. Eles tinham uma preocupação com a aparência e de como as palavras deles iriam ser transformadas em texto jornalístico etc. Ela relata ainda que:

Outra editoria que eu fazia e esqueci de mencionar na questão anterior era a infantil. Era muito bacana, pois sempre conseguíamos levar coisas divertidas e interessantes para as crianças de lá. Sempre cuidei muito para utilizar uma linguagem acessível também. Fizemos uma página com uma máscara de coelho para ser recortada e usada pelas crianças. Lembro delas usando as máscaras, e isso valeu todo o meu esforço para pensar um material para eles (LS, 2016).

LS (2016) fala sobre suas lembranças acerca do jornal e dos jornalistas e de sua relação com a comunidade explicando que, no final de sua permanência no projeto, percebeu que “*aos poucos, os grupos de alunos estavam se dispersando e lembro inclusive de ter comentado em algum momento sobre esse distanciamento que ‘com o grupo anterior não exista’*”. Dependia muito do aluno, muito mais do que da simples disponibilidade, mas do deslocamento, etc.

Para AV, a comunicação comunitária é muito importante, porque permite que as pessoas das comunidades excluídas tivessem um espaço para falar sobre seus anseios e necessidades, espaço que não têm em outro meio de comunicação. Para ela, isso é importante, pois está também diretamente relacionado com a formação de um bom profissional que entenda as questões de ética e cidadania que permitem um espaço mais amplo de escolha sobre os temas realmente importantes para a comunidade.

O jornal “O Pescador” é um espaço para que a comunidade possa discutir assuntos de seu interesse, os quais não são prioridade para grande mídia, já que a quantidade de fatos faz com que os meios escolham e determinem apenas o que lhe é interessante divulgar. O interessante no “O Pescador” é o papel social que o futuro jornalista desempenha dentro da comunidade, pois passa a atuar em construções de pautas que não desempenham os mesmos interesses dos grandes meios de comunicação, no sentido que desempenha papel de comunicação democrática para cidadania, proporcionando espaço alternativo de comunicação para comunidades esquecidas pelos demais setores da sociedade.

AV afirma que, com relação à percepção que a comunidade tinha sobre o desenvolvimento do projeto de extensão e do jornal, que ao longo do tempo teve de se acostumar às mudanças de equipe, aos diferentes jornalistas em formação que por lá passaram, se tornou acolhedora em função dos vínculos estabelecidos com muitos deles. Relata que alguns dos colegas, no período em atuou tanto como voluntária quanto como bolsista, se envolviam muito pouco (até por descobrirem que não era a área do Jornalismo de que gostavam) e outros – em número maior no projeto, descobriam ali sua vocação e se dedicavam muito mais do que era necessário, permanecendo o maior tempo que podiam no projeto. De acordo com ela, dava para perceber que o envolvimento da comunidade no projeto garantia que ela tivesse direito à voz.

Nesse sentido, o jornal Pescador, proporcionava, além de uma comunicação mais democrática, o sentimento de valorização, o que melhorava a autoestima das pessoas envolvidas, no sentido que apresentava conteúdos de interesse da comunidade, com histórias e estórias que possuem construções culturais interioranas próprias, guiadas pela cultura local e que são dispensadas pelos grandes meios. Além disso, outro fator que diferencia o Jornalismo comunitário é a não dramatização das matérias que são apresentadas na mídia local, que os apresenta como uma comunidade que sempre clama por ajuda, esquecendo aspectos importantes de representatividade daquele nicho, os quais não são em sua grande maioria negativos. Os costumes, os interesses, a tradição do pescador é retratada pelo jornal. Nesse sentido, os moradores acabam por sensibiliza-se tratando o jornalista como membro da sociedade. Em todo percurso no jornal percebi essa relação de confiança da comunidade, as quais contavam livremente seus problemas, sentimentos, relatavam os envoltimentos na comunidade e suas alegrias (AV. Entrevista, 2017).

Sobre a identificação e o trabalho com as fontes dentro de uma comunidade, **GM** coloca que tiveram algumas facilidades, embora tivessem iniciado a implantação do projeto de extensão em Jornalismo comunitário e sua equipe tivesse a tarefa de construir um caminho de relacionamento com os moradores. Ela conta que “Como fomos os desbravadores, contamos muito com o conhecimento prévio do Elinho, que já fotografava o local e através do Sindicato dos Pescadores, que nos recebeu sempre bem e abriu as portas para que entendêssemos o funcionamento da comunidade” (Entrevista, 2016).

Já **CA**, mesmo fazendo parte da primeira equipe junto com **GM**, parte do princípio de que na prática jornalística as fontes são identificadas sempre “através do dialogo e da pesquisa” (Entrevista, 2016).

RB, por fazer parte de uma equipe que pegou o projeto já se desenvolvendo há algum tempo, coloca que algumas pessoas eram referências pelas funções que desempenhavam, como era o caso do presidente do Sindicato dos Pescadores e outras lideranças da comunidade. Mas também eram levadas em conta outras fontes, conforme a necessidade da editoria a que estivessem atendendo.

Outros acabavam “se revelando” pessoas disponíveis e interessadas em contribuir com os assuntos do Jornal. Íamos identificando as fontes a partir dos temas das pautas. Alguns os próprios colegas do Jornal já sugeriam: “fala com o Fulano que ele pode te dizer algo sobre tal coisa”. Outros, íamos conhecendo no caminho e cultivando como fontes (Entrevista, 2016).

FD coloca que quando chegou ao projeto, já existiam fontes que eram utilizadas pelos colegas e que os grupos costumavam usá-las. Talvez pela sua posição com relação ao jornal, sua tarefa mais usual era a entrega desse na comunidade, depois de impresso. Ele afirma que *“Havia algumas “pessoas-chave” que procurávamos, como o presidente do sindicato, donos de peixarias e pessoas dispostas a ajudar, como a Dona Laura. Não havia uma procura ostensiva por pautas. As idas na Z-3 eram mais focadas na entrega dos jornais”* (Entrevista, 2016).

SH, por sua vez, também reforça a questão da teoria e da prática jornalística, afirmando que “Estas fontes são identificadas dentro da própria comunidade. As próprias pessoas vão identificando as melhores fontes para as reportagens através de suas histórias” (Entrevista, 2016).

LS, partidária das práticas do Jornalismo comunitário e da cidadania, já tinha uma posição diferente de alguns dos colegas, informando que após a discussão das pautas, o grupo ia na comunidade ‘garimpar’ as pessoas mais adequadas para falar sobre o tema. Assim,

Discutíamos as pré-pautas e íamos na comunidade procurar os influenciadores, pessoas que pudessem nos contar e explicar o que precisávamos saber. Mas era algo de ir de casa em casa muitas vezes, “o fulano parece que pode falar disso”, aí íamos atrás deles para conversar. Também lembro que havia participação deles na hora de estabelecer as pautas e as prioridades da colônia (Entrevista, 2016).

AV, também adepta das práticas do Jornalismo comunitário e, especialmente, por ser bolsista do projeto de extensão, tem uma visão bem definida acerca do tema. Para ela, para trabalhar no “O Pescador”, não era possível pensar só as pautas, mas também na forma como elas eram desenvolvidas, bem como nas fontes que

deveriam ser buscadas. Entre os desafios, não estava apenas denunciar os problemas da população, mas fazer com que a comunidade estivesse envolvida com o trabalho jornalístico, no sentido de proporcionar representatividade e um elo comunicativo entre os vários setores como busca de entendimento e, até mesmo, solução dos problemas.

Para trabalhar com Jornalismo comunitário é preciso dar voz a comunidade, escutar seus problemas, suas histórias, suas lendas, crenças e perceber suas construções culturais. A questão da aproximação é importante, pois determina confiança para que os membros da comunidade possam conversar e contar os acontecimentos. A partir desta construção, que o jornal buscava estabelecer uma conversa entre os problemas e o meio público (Entrevista, 2017).

Os teóricos do Jornalismo presentes no corpo do trabalho permitem afirmar que não se faz um bom Jornalismo sem boas fontes de informação, e para fazer um Jornalismo comunitário adequado, é necessário contar com uma rede de informações confiável e suficientemente ampla para manter o jornal bem informado.

Considerando que as notícias resultam de processos de interação, as fontes são as pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e que fornecem informações ou sugestões de pauta, no caso deste trabalho, da comunidade da Colônia de Pescadores Z-3.

Embora não detalhados em termos teóricos, nas respostas dos entrevistados estão presentes alguns dos critérios que fazem com que as fontes sejam identificadas para colaborarem/participarem do jornal: a fonte tem de ter credibilidade e informar algo que seja do interesse do público, se a informação dada pela fonte é nova – isto é, se tem algo a acrescentar a algum aspecto social da comunidade, se a fonte tem informações suficientes para gerar a matéria, por exemplo, (LAGE, 2001; 2006), que são questões pontuais do currículo dos cursos de Jornalismo no Brasil.

É importante não esquecer que no Jornalismo Comunitário as pessoas da comunidade não apenas interagem com a notícia e com os jornalistas profissionais, mas também participam de alguma forma desse processo produtivo, onde a figura do produtor de notícias também é o cidadão com o qual o jornalista tem maior proximidade (PERUZZO, 2005; SANTA CRUZ, 2014). O jornalista que trabalha com a comunidade conhece as pessoas que dela fazem parte e costumam saber sobre suas famílias, os aspectos polêmicos e banais que constituem a história particular de

cada um, sua rotina na comunidade, o tipo de atividade que desenvolvem, entre outras informações (DORNELLES, 2004).

Pelo conhecimento tão próximo, os jornalistas devem ter cuidado com a veracidade das informações, como citam os entrevistados ao confirmarem esse tipo de relação com as fontes na Colônia Z-3, por outro lado, esse mesmo relacionamento lhes permite conhecer as fontes mais indicadas para cada matéria.

Do ponto de vista de **AV**, o projeto de extensão de comunicação comunitária e o jornal “O Pescador” permitiram a construção de *“uma história fantástica no aprendizado de todos aqueles estudantes que tiveram a oportunidade de passar pela experiência, tanto pelo envolvimento emocional da comunidade que sempre investiu e confiou no trabalho proposto”*. Isso porque o aprendizado desse segmento do Jornalismo sempre proporcionou aprendizados no sentido de esclarecer, em linguagem adequada, noções de direitos políticos, civis e sociais de forma a proporcionar reconhecimento, cidadania, ética e participação mútua dos envolvidos, o que não ocorre da mesma forma na grande mídia.

Fazendo um contraponto com a maioria das falas dos jornalistas entrevistados, encontramos o posicionamento de **FD**, no qual afirma que não chegou a manter uma relação profunda com a comunidade e comenta sobre a demora das edições do jornal em sair, que as pautas ficavam velhas e eram descartadas, e que alguns abandonavam o projeto. Ele coloca: “Talvez fosse uma boa ideia mal executada na época em que integrei o jornal.” Na fala de outros jornalistas entrevistados também aparece a questão de que alguns deles desistiam do projeto ou não entendiam sua complexidade e dimensão.

Trazendo para a cena reflexões relevantes dos teóricos, é importante lembrar que o jornalismo comunitário não é uma vocação dos jornalistas de uma forma geral, o que explica a dificuldade de entendimento de seu processo e da manutenção das relações mais próximas com a comunidade, o que acaba por não atender às demandas da comunidade e aos anseios dos próprios jornalistas (LAHNI; MOREIRA, 2016; GUARESCHI, 2013; CARNICEL, 2010; SEQUEIRA, 2007; BICUDO, 2007; PERUZZO, 1998, 2005; entre outros). Dessa forma, o jornal comunitário deixa de responder aos seus objetivos, de fomentar a cidadania, a socialização e humanização dos sujeitos, e ao sequer manter sua periodicidade abandonando pautas importantes para a comunidade, deixa de registrar sua história e não se configura como registro efetivo suas memórias.

Partindo, no entanto, das diferentes falas dos entrevistados, é possível afirmar que, de forma geral, a comunidade tinha apreço pelo jornal, porque ao abordar questões cruciais para a comunidade e ao praticar uma comunicação horizontal, o jornal “O Pescador” passou a ser também uma voz da comunidade – seu espelho – e por isso construiu uma estreita relação entre os sujeitos interagentes (CAMPOS, 2006).

Pela forma de atuação dos jornalistas na comunidade, observando-a profundamente, dela participando, e mostrando a vida como alguém que vive nela, a comunidade da Colônia de Pescadores Z-3 reconheceu sua influência, que ultrapassou a função informativa e se configurou como um instrumento que possibilitou, entre outras coisas, o exercício da cidadania ao debater os problemas e participar na busca de soluções (CARNICEL, 2010; PERUZZO, 2005).

A comunidade, segundo os relatos de seus membros e dos jornalistas, se via representada no jornal, que sempre buscou resgatar suas identidades individuais e coletivas na comunidade em que estavam inseridos, sentindo-se sujeitos e não apenas objetos da comunicação (GUARESCHI, 2005). As entrevistas também comprovam que a comunidade via a valorização da cultura local, o que não só despertava como também fortalecia o sentimento de pertença dos moradores da Colônia de Pescadores (MARCONDES FILHO, 1987).

Pode-se afirmar que a percepção dos entrevistados, que uma parcela significativa da comunidade tinha acerca do jornal “O Pescador”, era de que ele significava um instrumento de representação social que discutia os valores, a identidade e as necessidades do seu grupo social, principalmente por seu caráter cooperativo e dinâmico, onde estavam presentes as demandas mais genuínas da própria comunidade, e pela sua forma de construção com a participação na escolha das pautas, pelo tipo de jornalismo diferenciado dos grandes jornais e meios de comunicação de massa, o que permitia a expressão de segmentos e minorias de forma igualitária.

A comunidade também se via representada pelo intercâmbio de experiências entre pessoas de gerações diferentes, ou de uma mesma geração, assegurando a renovação constante das experiências individuais, que se transforma em patrimônio coletivo, o que, muitas vezes, facilitava a difusão de conhecimentos (sobre a pesca, por exemplo, ou sobre a vida da comunidade) que poderiam orientar o comportamento comunitário (MELO, 1973; 1998). Isso também auxiliava na

identificação e manutenção das identidades resultantes das diversas interações entre o indivíduo e o seu ambiente social e que lhe dá condições de se localizar em um sistema social e de ser localizado socialmente (HALL et al., 1993; MOSCOVICI, 2003; BERGER; LUCKMANN, 2005).

Eixo temático 8 – Memórias das vivências: se é possível identificar na comunidade, a figura de uma ou mais pessoas responsáveis por contar a história da comunidade.

GM afirma que sim, claramente. Pela convivência e familiaridade com a comunidade, pela relação contínua com as pessoas, ficava mais fácil identificar aquelas que eram realmente significativas para os moradores da colônia de pescadores.

Embora a comunidade em geral nos acolhesse, algumas pessoas viraram referências. Por exemplo, a poetisa Dona Laura, que era figura conhecida da comunidade e que chegou a ter uma coluna no Jornal. O Neimar Conceição, por muito tempo na presidência do Sindicato dos Pescadores, era uma figura também de referência, pelo cargo que desempenhava (que demandava que seguidamente o procurássemos) e pela presteza nas informações. Em geral também sempre tinha alguém da família Sabino que era fonte nossa – em especial o seu Élio. (Entrevista, 2016).

Isto, segundo **GM**, era importante no sentido de dar credibilidade ao que se publicava no jornal, pois as fontes eram conhecidas de todos e, por isso, tinham aceitação e davam credibilidade ao que se pautava como matéria.

CA aponta que era possível identificar as fontes que representavam a vontade e os anseios da comunidade como um todo em diferentes setores, que falavam sobre aspectos relevantes como a história da comunidade ou sobre a pesca e suas características. Ela coloca que, “*posso citar, por exemplo, o seu Jarbas Mota um dos moradores mais antigo na época*” (Entrevista, 2016).

RB coloca que pensa que, de certa forma, essa indagação já foi comentada nas respostas anteriores, mas que é impossível passar por esse tipo de experiência sem ter uma bagagem de conhecimentos e histórias marcantes.

Uma das pessoas que todo mundo conhecia na comunidade era a Dete, que era cozinheira e cujos quitutes todo mundo apreciava. Ela tinha uma pequena sala onde as pessoas ou iam comprar seus quitutes ou comiam lá mesmo, feitos na hora. Por ser um local de encontro das pessoas da

comunidade, sobre tudo se falava lá, ela era uma fonte muito interessante. Mas dependendo da editoria do jornal em que estivéssemos trabalhando, havia muitas outras pessoas, muitas histórias para enumerar (Entrevista, 2016).

FD explica que, como já faz muito tempo, é difícil lembrar de detalhes. Mas, mesmo assim, algumas coisas ainda são marcantes, por exemplo, “*só me vem à memória a personagem da Dona Laura, que era uma pessoa fora do comum e muito importante para a comunidade*”. Ele relata ainda que se recorda de alguém, um sindicalista que trabalhava junto a alguma secretaria da prefeitura e ajudava em algumas reportagens, “*mas confesso que esqueci-me de seu nome*” (Entrevista, 2016).

SH diz que muitas coisas surgem nas suas lembranças, acontecimentos, histórias, pessoas. Pessoas com as quais tinha longas e deliciosas conversas, das quais muitos fragmentos voltam de vez em quando, de forma não tão clara, mas carregadas de afeto.

Sim, havia dois moradores bastante característicos do local. Um deles fazia parte da cooperativa dos pescadores, ele conhecia todo o processo de produção e venda do pescado e exercia um papel de liderança na comunidade (não lembro o nome, talvez Gilmar). A outra personagem era uma grande cozinheira bastante conhecida no local por seus quitutes com frutos do mar (Bete/Dete/Zete ????? não lembro o nome) (Entrevista, 2016).

LS já havia colocado em momento anterior o grande número de lembranças que sua experiência com o Jornalismo comunitário lhe suscita e de como muitas pautas cobertas e muitas matérias feitas são inesquecíveis. Para ela, sem dúvida, a figura mais marcante foi a velha senhora, grande poetisa da Z-3, e ela aponta: “*A dona Laura, sem dúvidas*” (Entrevista, 2016).

AV conta que a comunidade sempre possuiu alguns líderes que se destacavam, mas o jornal procurava também dar voz a outros membros da sociedade. Isso porque a questão da representatividade já demonstra uma formação ideológica e política forte, por isso a importância de retratar, também, pessoas que não participavam dos movimentos de liderança, as quais não possuíam o mesmo poder de representatividade. Assim, procuravam dar oportunidade a todos para falarem.

Nós chegávamos de Kombi na comunidade e logo os moradores vinham conversar, contar algum fato ou apenas cumprimentar. Mesmo assim,

passávamos de casa em casa, entregávamos os jornais, conversávamos com as pessoas a procura de novas pautas. Na escola também tínhamos entrada liberada, entrávamos nas aulas, conversávamos com as crianças e, muitas vezes, o jornal proporcionava concurso de desenhos e redações. Nós tínhamos um espaço destinado aos pequenos, eles se reconheciam nas fotos, vinham contar o que os colegas falavam (Entrevista, 2017).

Mas **AV** conta que uma fonte que não pode deixar de lembrar é um ícone da comunidade, apesar de não se envolver com quaisquer práticas que a pusessem em evidência. Ela diz que conheceu uma de suas principais fontes entre os mais velhos da comunidade. Era uma senhora bem idosa, cujas lembranças eram muito importantes para a comunidade.

Os mais velhos nos chamavam para o café, muitas vezes queriam apenas mostrar que tinham quase todas as edições do jornal e que tinham saído em algumas delas. O momento era aproveitado para anotar novas propostas e ter um retorno do que estava sendo construído. Numa dessas oportunidades lembro que conheci Dona Adelina do Amaral Ponte, filha do primeiro morador da Z-3. Ela conta que nasceu em 15 de novembro de 1915, em baixo da grande figueira que ainda está lá. Naquela época não era cobrado registro de nascimento, levando a tia registrá-la apenas aos quatro anos mudando por engano a data verdadeira de seu registro na qual parece dois anos mais nova (Entrevista, 2017).

Com relação a essa questão, os jornalistas envolvidos foram, à sua maneira, unânimes em suas respostas, porque é no espaço social da comunidade em que se expressa o sentido da dinâmica cultural, em que a narrativa jornalística viabiliza estratégias capazes de criar vínculos, identidades e o sentimento de pertença (BARBERO, 1982), que permitem que o público, ao travar contato com as notícias publicadas, possa afirmar “eu me reconheço nessa notícia, ela faz parte de meu cotidiano”, ou ainda “está aqui alguém próximo, que eu conheço, que é igual a mim.”

Os jornalistas envolvidos no jornal comunitário, ao produzirem as pautas tomando como fontes os próprios membros da comunidade, utilizam estratégias por meio das quais a subjetividade, a atividade e a Identidade Social desses sujeitos (no seu contexto geográfico, social e histórico), vinculadas a questões de identitárias e de bens considerados de valor para estes grupos (que podem ser entendidos, fora do universo legal, como patrimônio daquela comunidade), se constituíssem numa fonte histórica, num fator relevante para a construção da Memória da Coletividade (FRANCISCATO, 2003; SANTA CRUZ, 2016; BERGER; LUCKMANN, 2005; HALL, 2006; PERUZO; VOLPATO, 2009; entre outros).

Eixo temático 9 a – Memória públicas: desenvolvendo o Jornalismo comunitário, qual a sua percepção de como os jornalistas tratam as memórias da comunidade

GM coloca que acredita que sim, que o Jornalismo pelo registro que faz das coisas, dotando-o das informações possíveis e necessárias, é importante na perpetuação de memórias e o Jornalismo comunitário tem uma contribuição ainda maior.

Tenho certeza disso e a Colônia Z-3 é um exemplo vivo dessa premissa. Quando chegamos lá muitos que detinham as histórias já estavam em idade elevada e a presença do jornal fez com que suas percepções fossem perpetuadas através das matérias. Além da parte histórica, muito da essência destes personagens que continham a cultura local – como Dona Laura, a parteira, Seu Pitanga – permanecem vivos nas páginas escritas desse arquivo que é o jornal (Entrevista, 2016).

CA pensa que sim, “Por que conta as histórias e retrata o cotidiano desta comunidade” (Entrevista, 2016).

RB tem uma posição firme e determinada sobre a temática, especialmente por estar ligada a práticas cidadãs e ao Jornalismo comunitário. Até porque o Jornalismo, por meio dos registros que faz, se constitui numa espécie de ‘arquivo’ que fica disponível para consulta acessível para a comunidade e para segmentos que tiverem interesse nas informações ali armazenadas.

Creio que o Jornalismo cumpre o papel de perpetuação de memórias, sim, em especial quando se trata de uma comunidade específica. As histórias contadas a nós por aquelas pessoas que viviam naquele contexto, naquele momento, ficaram registradas. Mesmo que sejam percepções individuais – e por isso mesmo subjetivas – compõem o todo de uma situação. De alguma forma, o jornal comunitário é, além de um instrumento de cidadania, um espaço de preservação daquela comunidade. E também para quem não é da comunidade e se depara com aquele material – certamente o jornal seria uma boa fonte para pesquisas relacionadas à Z-3. Um jornal comunitário serve para mais do que embrulhar peixe – com o perdão do trocadilho! – embora tenha a natureza por vezes efêmera, tem o papel de ser um eternizador. Creio que isso deva ser mais forte se aquelas pessoas se enxergavam naquele jornal. Possivelmente tenham guardado as edições em que aparecem, ou seus amigos e familiares. A memória da Z-3 enquanto construção coletiva encontra no “O Pescador” um registro (Entrevista, 2016).

FD, de uma maneira menos entusiasmada, acredita que “toda palavra escrita ajuda a perpetuar memórias, principalmente em uma localidade que não ganha tanto destaque do noticiário local” (Entrevista, 2016).

SH credita ao Jornalismo comunitário o papel de resgatar a memória cotidiana de locais assim, especialmente distantes dos grandes centros e sem maiores recursos.

Sim, pois o Jornalismo comunitário é que resgata a memória cotidiana dos locais que atualmente passam tão despercebidos diante do contexto globalizado. Creio que atualmente a própria comunidade tem, de certa forma, contribuído para esta construção do Jornalismo comunitário através das informações publicadas em sites de redes sociais (Entrevista, 2016).

LS credita também ao Jornalismo essa tarefa, pois o jornal é um arquivo das informações e o jornalista, ele é uma pessoa especializada em lidar com as palavras, com as informações, além de entender como será a melhor forma de compartilhar determinada informação com determinado público.

Com o auxílio e a boa vontade de um jornalista para colocar seu conhecimento em prática de uma forma acessível e que agregue, acrescente coisas positivas para a comunidade. É como ter uma dor e procurar um especialista. Pronto. No Jornalismo, a especialidade é a disseminação das informações, porque não das memórias em prol de um determinado coletivo? (Entrevista, 2016).

AV pensa que sim, que o Jornalismo comunitário pela sua natureza é relevante para que as memórias da comunidade fiquem perpetuadas. Ela diz que “Acredito totalmente, as memórias são contadas e retratadas pelos membros da comunidade, os quais guardam os jornais e repassam entre as gerações como comprovação dos acontecimentos” (Entrevista, 2017).

Partindo-se da premissa comum entre os jornalistas e comentada pelos autores de que ‘o jornalista é um historiador do tempo presente’ que liga o Jornalismo e a contemporaneidade, o tempo que se está vivendo, o Jornalismo, por sua vez, também o seria (ENNE, 2004; SANTA CRUZ, 2007). Nas sociedades contemporâneas, a memória (no que se refere ao sentimento de pertença) e a construção de identidades assumem o papel de ser uma narrativa que fornece o sentido individual e coletivo (RIBEIRO, 2003).

O Jornalismo entendido como expressão significativa do cotidiano permitiria afirmar que os jornais ocupam um lugar privilegiado como formadores e

armazenadores da Memória Social, ao permitirem uma atualização do passado, sua presentificação e também o registro do presente para que este permaneça como lembrança (CHAUÍ, 2003).

Constata-se que, ao atender as premissas básicas do segmento especializado em que se constitui o jornalismo comunitário (diferente da grande imprensa), atendendo às questões de democratização da informação e do acolhimento à comunidade na escolha das pautas relevantes para si (MARCONDES FILHO, 1987, 1992; GUARESCHI, 2004; PAIVA, 2006), ao afastar-se completamente do ranço etnocêntrico (PENA, 2005), o jornal “O Pescador” pode ser um instrumento de construção e manutenção da memória, através da valorização do discurso na cultura local, por meio de um discurso verbal (expressado pelas vozes dos textos) e visual (fotografias e imagens ilustrativas das matérias), que, combinados, aumentam o poder de penetração na Memória Social constituidora de identidades e representações sociais, por intermédio da seleção e da edição do material publicado, auxiliando na fixação de sentidos e na construção de modos de recordação no contexto sociocultural de onde se originam (CLAVAL, 1999, 2001).

É importante salientar que apesar da unanimidade das respostas, os jornalistas apenas pontuam que o jornal é propagador de memórias, mas não se referem, do ponto de vista teórico, a como se dá essa construção e perpetuação de memórias. Apesar de em vários momentos de suas entrevistas abordarem as linguagens jornalísticas utilizadas, as técnicas como a entrevista, as narrativas, os gêneros (reportagem, livro-reportagem etc.) não fazem essa ligação de forma clara e pontual.

Por outro lado, apesar de o eixo central do jornalismo comunitário girar em torno da cidadania, a visão diferenciada dos autores acerca dos conceitos e dos processos de comunicação comunitária, muitas vezes vinculando-a à comunicação popular⁵⁵ ou alternativa⁵⁶, faz necessário abandonar uma visão simplificadora do jornalismo como mero difusor de informações, deixando de vê-lo somente como um

⁵⁵ A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo.

⁵⁶ A imprensa alternativa, típica dos anos 1960 aos 1980, era representada pelos pequenos jornais, em geral com formato tabloide, ousava analisar criticamente a realidade e contestar um tipo de desenvolvimento. Eram jornais dirigidos e elaborados por jornalistas de esquerda, alguns ligados à pequena burguesia, que, cansados do autoritarismo, aspiravam a um novo projeto social e preocupavam-se em informar a população sobre temas de interesse nacional numa abordagem crítica (PERUZZO, 2009).

meio de comunicação realizado pela comunidade, mas considerar que também pode ser fruto de estratégias comunicacionais adotadas para favorecer a consecução dos interesses de determinados detentores de poder político e econômico local, como, por exemplo, políticos locais, presidentes de sindicatos ou outros órgãos locais etc. Nesse caso, o jornalismo comunitário deixa de ser uma referência para a comunidade por não atender os requisitos básicos da sua própria natureza e sim por servir ao jogo de interesses tanto no nível midiático como nos níveis econômico e político-ideológico.

Eixo temático 9 b – Memória públicas: sua importância dentro da atividade jornalística.

GM acredita que o que existem são profissionais mais preocupados em brilhar dentro das redações, em busca de pautas que rendam prêmios ou reconhecimento, do que realmente na busca legítima pelo mais puro Jornalismo – aquele que surge da vida simples, da realidade local, da sua própria comunidade. Ela ainda lamenta que são poucos os jornalistas que se dedicam a esse tipo de Jornalismo que resultam nas reportagens em profundidade ou grandes reportagens e em Livros-Reportagem.

Acho que vivemos em um país onde poucos jornalistas se dedicam a esta importante tarefa. Ícones como Eliane Brum deveriam ser presença constante nas páginas de revistas, jornais, e mídias digitais. Para se retratar a memória de uma comunidade é preciso vivenciá-la e o que temos hoje são profissionais em busca do instantâneo, do fugaz, da velocidade e não da profundidade. Na minha opinião o bom Jornalismo está morrendo junto com a memória das comunidades (Entrevista, 2016).

CA pensa que sim, porque fazem o registro dessa memória, mas ressalta que: *“No Jornalismo comunitário sim, pois ao participar deste tipo de projeto o jornalista desenvolve percepções e adquire experiências que não teria em outro contexto”* (Entrevista, 2016)

RB coloca que o jornalista trabalha para as pessoas, para que se vejam, reflitam, sejam cidadãos. E isso não pode ser feito de forma “descolada” da maneira como a comunidade se enxerga. Então, sim, as memórias da comunidade são muito importantes.

São elas que dão cor, tom e significado às matérias. Essas memórias vão contextualizar todo o trabalho jornalístico. Tanto no compreender cada situação, ao trabalhar uma pauta, quanto no reflexo do produto final – a matéria pronta, que ficará registrada e onde a comunidade poderá se ver refletida (Entrevista, 2016).

FD considera a questão da memória e responde que não via essa temática interessar aos jornalistas que estavam focados no aprendizado de técnicas e gêneros jornalísticos. *“Acho que não havia intenção explícita de dar tratamento à memória da comunidade, mas de exercitar a elaboração de texto e foto. Claro que alguns materiais produzidos podem servir para a Memória Social, se foram guardados pela comunidade, obviamente”* (Entrevista, 2016).

SH é direta ao avaliar a questão: *“Quando eu exercia atividade na comunidade, as memórias eram nosso maior produto na construção da notícia, atualmente não vejo os jornalistas trabalharem com a memória cotidiana”*.

LS aprofunda o tema e analisa que a memória é uma área muito complexa e que necessita de maiores conhecimentos para trabalhar com ela e saber como identificar o que é importante em cada contexto, conhecer os instrumentos adequados, enfim, do ponto de vista do Jornalismo puro e simples, acredita que foi um bom trabalho, mas quanto ao tratamento dado às memórias da comunidade, ela pensa que ficou a desejar.

Acho que desenvolvíamos um trabalho muito amador, sem muitos pré-requisitos e muito no feeling. Ia muito pela moral e ética de cada envolvido no projeto. Não acompanho muitos jornais comunitários, mas acredito que sempre é bom ter preparo. Orientar para o valor dessas memórias e como determinadas informações são relevantes dentro da identidade de cada comunidade. Porém, não sei o quanto se faz isso hoje em dia. Espero que sim, que os jornalistas entendam e tratem com cuidado e delicadeza tantas histórias e vidas que estão por trás daquela comunidade.

AV reconhece que é extremamente importante a consideração pela memória da comunidade, além de ser exatamente isso que a mídia local (a de maior alcance) não trabalha, pois lá não estão representadas suas crenças, contos, cultura.

Os mais velhos sempre tinham o que contar e esses fatos, estórias eram retratados com cuidado e responsabilidade. O Jornalismo local não trabalha desta maneira, já o comunitário busca exatamente esse elo cultural, essa troca de informações, as quais ficam marcadas sentimentalmente pelos moradores e que acabam proporcionando confiança e autoestima, a partir do momento em que são retratadas.

Eixo temático 10 a - Relação Memória X Jornalismo/Jornalismo Comunitário: Há espaço para trabalhar a identidade e a Memória Social dentro da atividade jornalística?

GM fala sobre o Jornalismo e a questão de trabalhar com as memórias e as identidades sociais dentro dos diferentes grupos. Ela pensa que é possível especialmente à identidade porque no momento em que a pessoa é colocada em uma matéria, ela é identificada e ligada a um determinado contexto, ficando claro a que grupo social pertence, a que segmentos ou categorias sociais está relacionado.

Creio que sim. Em um mundo cada vez mais veloz – e às vezes atropelado – na sua forma de comunicar e onde já não temos tanta memória, justamente pelo excesso de informação e estímulos, penso que o Jornalismo também tem esse papel. Contribui no reforço da identidade, nas percepções das pessoas... Dão a elas um sentimento de pertença, imagino. Em especial em uma comunidade como a Z-3, que tem suas histórias... O Jornalismo vai contribuir para que essas pessoas reflitam, para além de quem são, de onde vieram, o que as constitui, o que querem para suas vidas. Pode ser uma visão um tanto romântica, mas vejo as histórias individuais unindo-se para estabelecer a memória coletiva daquele grupo; cada habitante tem uma vivência para contar que vai ser um pouquinho daquele contexto. Nesse caso, me vem à mente o trabalho da jornalista Eliane Brum, que, como repórter, ouve pessoas comuns e suas pequenas histórias extraordinárias. O Jornalismo nem sempre vive de grandes “furos” ou manchetes, mas também aquelas histórias muitas vezes não contadas, por serem “simples” demais. Acho que a união delas forma essa Memória Social, que pode encontrar no Jornalismo comunitário sua expressão.

Para **CA**, só no Jornalismo Comunitário é possível desenvolver realmente esse tipo de trabalho, que exige tempo e maior conhecimento, pois na grande mídia isso é mais difícil, as notícias são tratadas de outra maneira. Ela considera que *“No Jornalismo comunitário sim, isso é possível, pois ao participar deste tipo de projeto o jornalista desenvolve percepções e adquire experiências que não teria em outro contexto”* (Entrevista, 2016).

Já para **FD**, *“Há espaço para trabalhar tudo no Jornalismo”* (Entrevista, 2016).

RB pondera que sempre há espaço para trabalhar questões mais complexas como as que envolvem identidade e memória, e acredita também que há um maior instrumental para isso, porém, o que falta, na sua percepção, é a formação adequada de profissionais para desenvolverem o trabalho, que tenham condições de dar um tratamento adequado a essas questões.

Espaço sempre há, ainda mais hoje que temos mais ferramentas, uma quantidade infinita de meios de perpetuar e traduzir a Memória Social. Seja através de vídeos, relatos de moradores em formato digital e tantas outras coisas que a comunicação oferece. Mas o principal, o envolvimento do profissional, isso não acompanhou o desenvolvimento tecnológico, por isso acredito que esse espaço não seja da amplitude que merecia ser (Entrevista, 2016).

SH considera que há espaço no Jornalismo para trabalhar com identidade e Memória Social. Ela afirma “Sem dúvida há espaço, e talvez este seja um dos futuros do Jornalismo”.

LS julga também que é possível fazer a relação entre identidade, memória e Jornalismo, mas reconhece que existem algumas dificuldades para que isso ocorra, quando afirma “Depende de como a temática for abordada. Acredito que há espaço para qualquer atividade, basta abrir este espaço da forma mais adequada, com profissionais mais bem preparados” (Entrevista, 2016).

AV é partidária de que o espaço para trabalhar identidades e memória no Jornalismo é possível, mas depende do tipo de veículo/mídia em que isso vai ocorrer.

Segundo ela, a mídia local acaba por trabalhar uma questão regional, esquecendo quem é sua audiência. Nesse sentido, a massa passa a ser retratada como massa, e quando existe alguma individualização de casos, normalmente eles são dramatizados. A fragilidade social passa a ser veiculada e sensacionalizada pela miséria e abandono. Reflete que a mídia local deveria entender esse parâmetro, até mesmo como busca de audiência e confiança em seus produtos veiculados. Uma prova disso, no Jornalismo comunitário, é o registro do surgimento da Colônia de Pescadores Z-3 por uma de suas primeiras moradoras mostrando a identidade e o pertencimento daquele grupo ao local e à comunidade, e caracterizando-se como Memória Social, porque é a partir das lembranças dessa senhora que os moradores pensam na colônia.

Cinco gerações com o mesmo compromisso de cuidar da família, e filha de Fernando Amaral Farias primeiro morador da localidade arroz, Dona Adelina do Amaral Ponte nos envolveu com suas histórias sábias de batalhas e vidas e contou como surgiu o antigo nome da Colônia. Seu pai foi presenteado com a terra pelo Coronel Pedro Osório com o terreno onde construir sua primeira casa, tudo era novo e diferente lá. A região era coberta por mata Nativa não tinha escolas, luz, água encanada, nem as modalidades que existem hoje. Não durou muito pois o pai morreu quando ela tinha 7 anos deixando seis filhos na época mais velha tinha apenas 12 anos. A mãe vendeu os pertences do pai incluindo a canoa e dividiu entre

eles. Quando era pequena lembra que não podia brincar nem ir na beira da água. Permanecia em casa ou ajudava nas atividades pesqueiras (Entrevista, 2017).

Como é possível constatar, AV considera que “O Pescador” possuía espaço para isso, para esse tipo de registro, e acredita que o Jornalismo comunitário não deve estar distante dessa atuação, pois é exatamente ela que reflete quem a comunidade é.

Dona Adelina como carinhosamente é chamada relata que os que os primeiros a povoar a colônia foram as famílias dos pontos Amaral e Costa logo chegou a Maria Polaca mãe do pescador João Polaco. Orgulhosa do conhecimento adquirido na pesca conta que se mantém em atividade desde pequenina principalmente com seu pai, depois para sustento da nova família - casou-se aos 14 anos e teve 9 filhos homens e 4 mulheres todos trazido ao mundo pela Parteira já falecida Adelaide Costa (Entrevista, 2017).

Esse tipo de abordagem e reportagem exige tempo, dedicação e espaço no jornal, mas, por seu intermédio, fica documentada a história em que também aparecem as identidades e configura-se a memória dessa comunidade.

Sim, o Jornalismo comunitário não só perpetua, mas oferece espaço para trabalhar a identidade social e as memórias da comunidade - essa é uma afirmativa praticamente unânime entre os jornalistas entrevistados, que justificam suas respostas em função de que as matérias e artigos veiculados em um jornal comunitário, no caso, “O Pescador”, trazem, geralmente, reportagens sobre temas que atingem ou fazem parte da vida da comunidade, porque os textos jornalísticos têm como função informar e ao fazerem esse registro, tornam-se arquivos, repositórios de memórias e identidades (MEDINA, 1986; PIZA, 2003; MELO, 1994, 2003).

Os entrevistados citam aspectos relacionados à vida cotidiana da comunidade, como o registro de acontecimentos especiais, histórias, e que, por meio dos registros feitos, se constitui num ‘arquivo’ que fica disponível para a comunidade e para os demais interessados, uma memória compartilhada por um grupo que se unifica e forma uma identidade (HALBWACHS, 1990; POLLAK, 1992).

Outro argumento utilizado é o de que o jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para, assim, construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes, na qual as memórias são contadas e retratadas pelos membros da comunidade, os quais guardam os jornais e repassam entre as

gerações como comprovação dos acontecimentos. Assim, por meio do compartilhamento de informações presentes na memória coletiva, vinculadas à compreensão de que o também é um ser social, estabelece-se o sentimento de pertença a um grupo, que garante ao indivíduo o sentimento de identidade social. (MOSCOVICI, 1978; DUVEEN, apud MOSCOVICI, 2004; JODELET, 2002; POLLAK, 1992; HALBWACHS, 1990; CASTELLS, 2000; LOPES, apud RIBEIRO; FERREIRA, 2007; entre outros).

Eixo temático 10 b - Relação Memória X Jornalismo/Jornalismo Comunitário: Os jornalistas podem ser propagadores das memórias de uma comunidade?

Esse eixo temático foi dirigido especialmente aos jornalistas entrevistados em função de que, na construção teórica, autores consagrados da teoria do jornalismo como Amaral (1996), Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014), Zelizer (1992); Kitch (2005); Olick (2005); Edy (2006); Lima (2015) e Maduell (2015), entre outros, apontam que o jornalismo, ao adotar os conceitos de objetividade, instantaneidade, imparcialidade e equilíbrio, critérios que continuam a pautar sua prática até o momento contemporâneo, tornou difícil o entendimento de seu relacionamento com o campo da memória, especialmente por parte dos jornalistas⁵⁷. Mesmo quando incluem o passado em suas narrativas, alcançando a designação de “Agentes de Memória” (ZELIZER, 2008, p. 85), os jornalistas não se atentam para esse fato, até porque em sua formação acadêmica também não existem disciplinas que privilegiem o entendimento dessa relação complexa. Assim, por meio desse eixo, buscou-se responder a um questionamento diretamente ligado ao problema de pesquisa, que é: Os jornalistas que produziram o jornal comunitário “O Pescador” entendem (ou não) que o resultado de seu trabalho está relacionado ao fenômeno de permanência dessas memórias? E é essa reflexão que está a seguir.

GM acredita que, sim, os jornalistas podem ser propagadores das memórias de uma comunidade porque estão em contato com essas pessoas, frequentam suas casas, ouvem suas histórias, desejos e receios, e têm a oportunidade de expressar

⁵⁷ “A relevância do trabalho dos jornalistas para a compreensão do passado, no entanto, não é necessariamente admitida pelos jornalistas, que nem explicitamente falam do passado, nem consideram o passado como parte óbvia de sua alçada. Como fornecedores do presente, eles tendem para exibir o esquecimento e desprezar o seu papel não declarado como agentes de memória” (ZELIZER, 2008, p. 80).

e registrar esse movimento. Eles têm esse privilégio. Novamente pode ser uma *“visão romântica, mas não posso deixar de pensar que são os artífices que, por meio do jornal, tecem a intrincada teia de memórias e identificações de uma comunidade. Eles não fazem a história: as pessoas fazem. Mas eles a registram, assinalam, compilam. É uma grande responsabilidade”* (Entrevista, 2016).

Além disso, ela argumenta que depois de tanto tempo no convívio com a comunidade, é impossível não compartilhar aprendizagens, vivências, experiências e lembranças em conjunto, que fazem parte de suas identidades e memórias. Ao lembrar dessas vivências na e com a comunidade, é impossível não as propagar.

A Colônia Z-3 é parte da minha vida para sempre, não tenho a menor dúvida, essa relação de carinho e laços fortes começou exatamente com a primeira edição do jornal “O Pescador” [...] minha primeira matéria foi uma entrevista com o seu Pitanga Cheguei na casa do então presidente do sindicato dos pescadores de forma tímida um pouco insegura já de cara recebi um abraço da Dona Nina sua esposa [...] gente com quem tive o prazer de conviver ao longo dos anos seguintes [...] depois de finalizada a disciplina não conseguimos deixar de fazer o jornal os laços de amizade já eram fortes demais e nos sentimos representantes daquela comunidade [...] surgiu a ideia de fazermos, CA e eu, um programa de rádio, extensão do jornal foi aí que surgiu o programa “O Pescador” aos sábados na Rádio Tupanci, durante um ano e meio entrávamos todas as manhãs nas Casas dos nossos amigos da Z-3 levando notícias contando novidades e ouvindo história [...] os conselhos do Nilmar, da Dete, Dona Valentina, o talento de Dona Laura, os cafés com Cuca das Gurias dos sindicatos, o carinho dos guris da Ana e do Roni o amigo Beto, seu Kaliria, Ivone enfim seria injustiça esquecer alguém (Entrevista, 2016).

GM conta que aquele foi um tempo de descobertas e, sobretudo, de aprendizado, não aquele lido nos livros ou ouvido nas salas de aula, mas aqueles ensinamentos que vêm de dentro das histórias da vida de uma comunidade que consegue sobreviver aos “Novos Tempos”, mantendo viva a essência do seu povo mantendo no olhar o mesmo brilho” (Entrevista, 2016).

CA concorda com **GM** e partilha da mesma opinião, embora suas entrevistas tenham sido feitas em momentos diferentes, em separado e embora, hoje, elas já não convivam tanto em função de seus afazeres profissionais. Relata que, quando convidada a fazer parte do projeto de extensão e do jornal, não pensou duas vezes e em decorrência disso:

Particpei de muitos acontecimentos [...] foi um período de aprendizagem e crescimento que valorizo muito após o início do nosso trabalho no “O Pescado” [...] juntas GM e eu apresentamos durante um ano e meio nosso saudoso programa de rádio muito ouvido pelos amigos da Z-3 [...]

acompanhei as dificuldades pelas quais passam as famílias que em sua maioria dependem da Pesca [...] conheci as lideranças da comunidade e pude entender quem eram as pessoas daquela comunidade tão peculiar (Entrevista, 2016).

CA coloca que é impossível não lembrar de tantas experiências, algumas boas, outras nem tanto, sem compartilhar. Para ela, seja por meio dos jornais que guarda com carinho, pelas conversas com ex-colegas de aula com que mantém contato e até mesmo em sala de aula (é professora), é difícil não compartilhar das memórias da comunidade da Z-3 e não falar sobre suas identidades – que eram/são aquelas pessoas.

RB afirma que é possível um jornalista propagar a memória de uma comunidade, seja por meio de seu trabalho jornalístico ou até mesmo em função das vivências e lembranças compartilhadas, que se tornaram suas, e que ela divide com outras pessoas. *“Eu tenho certeza que sim, porque a experiência no jornal ‘O Pescador’ é uma prova real, dentro das devidas proporções dessa afirmação”* (Entrevista, 2016).

FD explica que, como já respondeu que tem espaço para trabalhar tudo no Jornalismo, propagar a memória da comunidade não seria diferente. Ele ressalta que: *“o trabalho jornalístico, ou qualquer peça escrita, fotografada ou filmada ajuda a perpetuar memória. Seria mais interessante, contudo, se os próprios moradores produzissem sua memória”* (Entrevista, 2016).

SH argumenta que sim, “pois possuem todas as ferramentas e veículos para contar boas histórias” (Entrevista, 2016).

LS apoia o pensamento de que os jornalistas são propagadores de memória e acrescenta algumas ideias de como essa propagação se dá, ou como poderia ser feita.

Com certeza! Assim como o jornalista é um propagador de informações nato, disseminador de qualquer informação. Nada de diferente teria se houvesse um esforço específico para esse tipo de conteúdo que particularmente considero relevante. Acredito que seria interessante explorar a memória e suportes/mídias para esse fim (seja internet, impresso, rádio, etc), ampliando as plataformas de acesso e ajudando a perpetuar a memória e as histórias que de valor para a comunidade em si e não as que o jornalista crê que sejam importantes (Entrevista, 2016).

AV concorda totalmente com essa proposição da propagação da memória pelos jornalistas, porque se o Jornalismo transforma a realidade apreensível em

relato, os jornalistas são peças fundamentais para esse registro dos acontecimentos, e o desejo de manter vivas as lembranças, seja de fatos cotidianos ou de acontecimentos especiais, é algo inerente aos homens e a esses profissionais. Ora, o Jornalismo é entendido como uma prática social que estabelece relações com o mundo simbólico e o mundo material dos indivíduos por meio da linguagem, e seu registro permeia a história.

É importante que os jornalistas percebam os detalhes culturais da população, tenham capacidade de entender os sentidos dos gestos, expressões e detalhes que podem proporcionar pautas interessantes e que, são repassados entre gerações por meio de contratos sociais estabelecidos em sociedade. Escutar a comunidade e perceber suas memórias e transformações determinam confiança ao meio. Fato que os jornais locais parecem ter perdido, pois acabam sendo guiados pelo imenso jogo do mercado financeiro (Entrevista, 2017).

Os entrevistados acreditam que os jornalistas podem, sim, ser propagadores de memórias de uma comunidade, especialmente porque, por meio de seu instrumental de trabalho, possuem as ferramentas adequadas para o registro/relato dos acontecimentos sociais. Mesmo que seja baseada em critérios pragmáticos e objetivos, herdados da Modernidade, o Jornalismo e, por extensão, o jornalista, é que organiza e estrutura os fatos que vão ser registrados e, mais tarde, lembrados pela sociedade (BARBOSA, 2004).

Ao entendermos que as notícias espelham a realidade, o jornalista tanto é o observador neutro e desinteressado com a função de transmitir o que ocorre no mundo quanto é aquele que presencia o acontecimento e é o responsável por selecionar o que vai ser transformado em notícia e como isso será concretizado (SANTA CRUZ, 2007). Atuando na construção de um discurso sobre o presente social, o Jornalismo ocupa um lugar de importância na sociedade, também atua na construção das memórias individuais, coletivas e históricas, por meio da sua compreensão acerca das relações sociais e das manifestações culturais, operando sobre a memória, sobre o que salvaguardar. O jornalista atua nesse processo enquadrando os fatos, valores e identidades sociais (RIBEIRO, 2007), como pode ser observado nos relatos que os jornalistas participantes do jornal “O Pescador” fizeram sobre sua atuação na comunidade, sua participação nos diferentes acontecimentos, assim como sua transformação em notícia.

A memória acaba sendo um recurso usado no cotidiano do Jornalismo, usado na produção de notícias, sendo apresentada através de acontecimentos já passados, porém parecidos com os da atualidade" (PALÁCIOS, 2010), e os jornalistas são tidos como verdadeiros "senhores da memória" porque se asseguram desses 'lugares' para 'enquadrar' os acontecimentos (BARBOSA, 2004).

5 Considerações finais

Trabalhar o jornalismo comunitário e a memória social, dois temas que são deveras importantes para mim, em uma mesma pesquisa foi, de fato, muito prazeroso. Buscar entender como a comunidade da Colônia Z3 e os jornalistas do jornal comunitário “O Pescador” percebem a continuação de suas memórias através de referido veículo de comunicação fez-me perceber que as memórias de ambos os grupos se embricam e, por fim, são compartilhadas entre si e com outros grupos.

Foi a partir do protagonismo oferecido pelo jornal que muitos moradores da Z3 puderam ter suas vozes ouvidas, da mesma forma, ao assumirem a responsabilidade por contarem as histórias dessas pessoas, os jornalistas envolvidos na produção também puderam fazer parte dessas histórias ao serem delas instrumentos de registro e propagação.

Um exemplo claro dessa colocação é a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, que é intensamente esperada e vivida pela comunidade da Colônia de Pescadores Z3, mas também se torna parte da memória do jornalista que vivenciou essa experiência junto com a comunidade para depois poder narrá-la nas páginas de um jornal. Ele não só registra esse acontecimento como também o vivencia e cria memórias para si.

O Jornal propiciou que as pessoas pudessem compartilhar suas memórias e histórias entre si. Cada pessoa que se dispôs a compartilhar algo seu: uma receita, uma história, um conto, uma poesia, uma fotografia... através do jornal comunitário “O Pescador” ajudou a criar um arquivo memorial da comunidade, da mesma forma que cada jornalista que dedicou seu tempo a registrar o que acontecia na comunidade ajudou a ampliar esse arquivo memorial.

O jornal, nesse caso o jornal comunitário “O Pescador”, um jornal comunitário impresso, de periodicidade inicial mensal e distribuição gratuita, direcionado à comunidade da Colônia de Pescadores Z-3, que teve início em 2000 e estendeu-se até 2016, com um total de 63 edições, conserva os acontecimentos através de palavras e imagens, ou também podemos dizer que armazena as recordações daqueles sujeitos que são convidados ou interpelados a rememorar.

Recentemente, o jornalista Caco Barcellos declarou em palestra a estudantes paulistas de Comunicação que “O repórter é um historiador do tempo presente”; já a jornalista Eliane Brum, autora de livros como “O Olho da Rua”, afirmou em diversas

entrevistas ao longo de sua trajetória profissional: “Sou uma historiadora do cotidiano”. Recupero essas falas para mostrar que, embora, no Brasil, haja poucos estudos sobre a questão do jornalismo associado a narrativas históricas e memória social, cada vez mais os jornalistas se dão conta de que não são apenas meros relatores dos fatos, mas que fazem parte desse processo de produção de memórias e esquecimentos.

Cabe salientar que a narração tradicional sempre esteve encarregada da transmissão da herança cultural das comunidades artesanais e, no caso do presente estudo, o jornalista passa a ser também protagonista no processo de continuidade dessa herança cultural, ao transformar essa narração tradicional em histórias impressas, em um veículo de comunicação que está diretamente relacionado à comunidade.

Por se tratar de uma comunicação comunitária, que em sua base tem como objetivo ser horizontal, o relacionamento entre os jornalistas e os membros da comunidade se dá de forma diferente dos meios de comunicação tradicional. Esses jornalistas passam a fazer parte da comunidade, de certa forma, se fazendo presentes não só em grandes momentos, mas no dia a dia dessa, noticiando fatos que só interessariam a ela e criando memórias e tornando as memórias da comunidade suas também.

Podemos dizer que os jornalistas comunitários, ao criarem suas narrativas jornalísticas, produzem textualidades memoráveis e essas, por sua vez, contam as histórias da comunidade às quais são dirigidas, e uma vez que a comunidade se apropria desse espaço e participa de forma ativa, tomando-o para si, permite que o jornalista, a partir do nível declaratório do testemunho, produza uma versão do acontecimento com pretensão de ser, desde a sua construção, uma espécie de arquivo de memória.

Para que isso aconteça, é importante que o jornalista esteja ciente de seu papel nesse processo, o que, como pudemos ver a partir das entrevistas, não acontece de forma clara e objetiva, pois são poucos os profissionais da área que tomam conhecimento de seu papel nesse processo ou se importam com isso.

Neste ponto se dá a relação entre o jornalismo e a história, pois os meios de comunicação de maneira geral, sobretudo nas narrativas jornalísticas com pretensão de atestar a veracidade do que realmente aconteceu, que produzem uma articulação textual baseada na noção de testemunho e da entrevista. Desta forma, os textos

jornalísticos, sejam eles matérias, reportagens em profundidade, entrevistas etc., devem mostrar a presença de um sujeito que seja real no desenrolar dos acontecimentos, e mais uma vez retoma-se, aqui, a importância do acolhimento do jornal por meio da comunidade e da sua participação efetiva da construção desse, para que se produza uma memória presumidamente válida e comum, aceita dentro e fora dela.

Muitos dos textos produzidos pelos jornalistas que integravam a equipe do “O Pescador” estavam marcados por uma “vontade de memória”, uma vez que buscaram contar a história da Colônia Z3 antes que os rastros fossem apagados e que as lembranças fossem esquecidas. Graças à ação dos jornalistas, hoje temos registrados testemunhos como o do “seu Pitanga” e a história da dona Laura, fontes que já não podem mais se pronunciar.

Outro caráter memorial do jornal baseia-se também na presença de fotografias, essas, por sua vez, foram consideradas como uma das mídias mais importantes da recordação, uma vez que, devido ao seu caráter indexador, funcionam como o testemunho da existência de um acontecimento passado. Nesse caso, podemos trazer também a característica memorial do fotojornalista, aquele que se preocupa em contar a história não através de palavras, mas de imagens. O jornalista, seja por meio da escrita ou da imagem, deve se preocupar não apenas em narrar uma história, mas em autenticar essa narrativa através da coleta de depoimentos, de indícios e de documentos.

Neste ponto, gostaria de recuperar o problema de pesquisa que questiona se o jornal comunitário “O Pescador” é percebido, junto à comunidade da Colônia Z-3 e aos jornalistas que o produziram, estando relacionado à continuidade de memórias e identidades sociais, e se os jornalistas que o produziram apercebem-se (ou não) que o resultado de seu trabalho está relacionado ao fenômeno de permanência dessas memórias

Para dar conta da temática proposta, tornou-se fundamental desenvolver o conhecimento nas diferentes áreas abordadas, desenhando a estrutura do trabalho, em que a introdução contém tema, problema, hipótese, objetivos, situou-se o objeto de estudo e apresentou-se o desenho metodológico. Em seguida, apresentou-se a Colônia de Pescadores Z-3, sua origem, sua história, as identidades sociais dos seus membros, bem como aspectos da Memória Social e de sua construção, em

que os conceitos teóricos foram referenciados de maneira a subsidiar as posteriores análises.

O capítulo posterior apresentou o instrumental teórico referente ao Jornalismo, seu processo de produção, sua linguagem e técnicas, o Jornalismo Tradicional dos meios de comunicação de massa, em contraponto ao Jornalismo Comunitário, que sequer figura como disciplina nos currículos dos cursos de graduação, mas que tem a perspectiva de atender aos anseios e necessidades da comunidade. Seguiu-se a pesquisa empírica com os moradores da comunidade e com os jornalistas para dar conta das questões norteadoras e guiar a análise. Para tal, houve a necessidade de uma escolha metodológica que guiasse o estudo.

Partiu-se da pesquisa qualitativa, uma vez que vão ser analisadas as subjetividades dos sujeitos, a seguir, usou-se como método de investigação o Estudo de Caso, a Análise de Conteúdo e a Análise Temática. Os instrumentos utilizados foram a observação e a entrevista, e a técnica de pesquisa foi a Análise Temática.

A pesquisa qualitativa, por meio do Estudo de Caso do jornal comunitário “O Pescador”, e a Análise de Conteúdo, enquanto procedimentos metodológicos, forneceram inúmeras contribuições devido à riqueza de dados que ofereceram, e se tornaram relevantes porque, como métodos de investigação, permitiram o recolhimento de dados e pistas acerca da trajetória da comunidade. Já a Análise Temática permitiu entender o processo de vida da comunidade e as formas de seu conhecimento.

A escolha da entrevista como técnica de pesquisa trouxe a necessidade de um aprofundamento maior na área, uma vez que está presente nos campos da História e do Jornalismo e somente sua correta apropriação permitiria que a análise feita se aproximasse da realidade.

A pesquisa empírica se tornou possível graças à utilização da Análise de Conteúdo como metodologia e as memórias como fontes, num desafio que só foi viável pela generosidade dos entrevistados na comunidade e dos jornalistas que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa. Dessa forma, foi percorrido um caminho em que afloraram lembranças; foram explorados vivências, saberes, experiências; adentrou-se no mundo das memórias individuais e coletivas, e naquilo que lhes dá suporte, ou seja, a comunidade afetiva.

Com relação ao jornal comunitário “O Pescador”, é importante lembrar que seu surgimento na comunidade e sua aceitação deveram-se a uma narrativa feita anteriormente por meio de um livro-reportagem, uma das categorias do Jornalismo. Esse conhecimento prévio de alguns alunos que fizeram parte do projeto de extensão facilitou o seu desenvolvimento e lhe deu credibilidade na comunidade.

Em relação à linguagem utilizada, gêneros presentes em suas páginas e processo de confecção, chegaram-se às seguintes premissas: “O Pescador” utilizava a linguagem jornalística derivada da teoria acadêmica, porém, muitas vezes, adaptada ao linguajar comum dos moradores da Colônia de Pescadores Z-3. Como gêneros jornalísticos, utilizava regularmente a entrevista, a reportagem, o perfil, o testemunho, entre outros, técnicas que também se aproximam da História Oral. Sua tiragem e distribuição eram frequentes, mas não regulares, dependiam dos alunos que coletavam as informações, os quais, muitas vezes, tinham dificuldade em chegar até lá em função da distância do centro. Também havia problemas em relação ao financiamento do seu custo. Entretanto, percebeu-se a narrativa unânime de que ele constituía uma “voz” que representava a comunidade e que a comunidade dele se apropriava.

O jornal, segundo os entrevistados, era um lugar em que estavam presentes questões como lugar de pertencimento, comunhão e identidade social, e onde as manifestações de tradição e a cultura eram compartilhadas por meio das lembranças alojadas na memória individual e coletiva, e traziam presentes as instâncias de parentesco, vizinhança e amizade, o que remete ao sentido original de comunidade como lugar de vivência social, mesmo no mundo contemporâneo, com as características da Modernidade Líquida ou da Hipermodernidade.

Portanto, os entrevistados, moradores da Colônia de Pescadores Z-3, conforme os relatos no corpo da tese, são unânimes em afirmar que se viam representados no jornal, e embora haja divergências, acreditam que ele pode ser considerado como dando continuidade às suas memórias. Ainda que o projeto de extensão tenha sido encerrado e o jornal comunitário tenha parado de circular, ele ainda existe arquivado na escola, com inúmeros exemplares guardados pelas pessoas da comunidade, pelos jornalistas que fizeram parte do projeto e até mesmo em outros lugares, fora de lá. Retoma-se, aqui, a importância de registrar a questão de que o Jornalismo, especialmente o comunitário, está relacionado com a questão da memória presente na comunidade por meio de seus relatos, das tradições vivas,

da história de vida, da manutenção das identidades sociais dos zetrezenses e de suas memórias e na forma como eles percebem isso por intermédio dos relatos presentes no corpo do jornal.

Foi possível comprovar que, por meio da narrativa, o sujeito dá voz ao passado, revivendo os fatos vividos, assim como os sentimentos a eles associados e que os jornalistas, ao fazerem seus registros, tornam-se propagadores de memória **na** e **da** comunidade, porque, ao produzir as notícias, os jornalistas não só apuram os fatos, mas também os registram, especialmente na prática do Jornalismo Comunitário.

A questão primordial que merece reflexão refere-se às imbricações entre os campos do Jornalismo, da História e da Memória, que pode levar ao entendimento de como os jornalistas se entendem “propagadores de memória”, ao utilizarem técnicas jornalísticas, especialmente aquelas relevantes no Jornalismo Comunitário, que levam em conta a produção pela própria comunidade e o cuidado dedicado ao relato de fatos que atendem às suas demandas, a valorização da cultura local da coletividade, a partir da noção de pertença do indivíduo à determinada comunidade, ao buscar ser seu espelho, questões que podem ter aproximações com a História, a Memória e sua continuidade, do ponto de vista do conhecimento teórico construído, eles não têm uma argumentação firme e relevante sobre a questão.

Cabe, aqui, a discussão levantada pelos autores de que, primeiro, o Jornalismo Comunitário não é uma disciplina que faça parte do currículo na formação dos profissionais do Jornalismo e que isso dificultaria sua percepção desse campo de atuação. Para o Jornalismo, influenciado pela formação acadêmica que remonta à Modernidade, com a prática regida pela objetividade iluminista, e as noções de objetividade, noticiabilidade e imparcialidade, fica difícil buscar uma ação interdisciplinar com outros campos do conhecimento, como a Memória Social, cuja interação poderia ser valiosa para as duas áreas, porque, como processos de captação e atribuição de sentidos à realidade, elas se constituem a partir do presente, entendendo que seus personagens (da Memória Social e do Jornalismo) são sujeitos históricos, envolvidos de forma direta com a realidade imediata em que estão, como com um passado que constitui suas referências e memórias.

A História trouxe consigo o suporte para chegar ao conhecimento daquilo que está presente no imaginário e na prática dos jornalistas e de como eles até falam acerca da preservação da memória possivelmente em decorrência desse “surto”

memorialístico presente no mundo contemporâneo, mas percebe-se em suas falas o desconhecimento acerca do tema. Há, em sua formação acadêmica, uma falta de aprofundamento, que lhes permita entender a importância das narrativas nas entrevistas, que é a principal técnica jornalística que daria oportunidade de trabalhar com profundidade e conhecimento as questões de Memória Social.

Merece destaque lembrar a questão de como os jornalistas exercem, de formas diferentes, suas atividades profissionais, e como os estudos que aproximam os campos da memória e do Jornalismo são estudados em outras áreas e ficam distantes dos próprios jornalistas. Retomando o caminho teórico percorrido, especialmente por Zelizer e Tenenboim-Weinblatt (2014), Kitch (2005), Olick (2005) e Whitehead (2009), é importante lembrar, ainda, que as primeiras conceitualizações da memória posicionaram o Jornalismo primariamente como “a sombra da memória”, embora os estudos de memória apontem para o fato de que as instituições sem conexão direta com a memória em suas atribuições estão envolvidas no trabalho da memória o tempo todo, o Jornalismo não está em nenhum lugar dessas discussões.

É representativa a questão de que a atividade jornalística permite apresentar o passado, que, ao ser incluído em suas narrativas, tem clara importância na produção de sentido do presente, e é por isso que os jornalistas podem ser considerados como “agentes de memória”, fato ao qual não se atentam, pois, muitas vezes, não se reconhecem a si próprios nem são reconhecidos como tal pelos estudiosos da memória.

A partir de tudo o que foi exposto, pode-se afirmar que está correta a hipótese que norteou esta tese, de que há uma relação direta entre a memória, identidade social e a produção jornalística na Colônia de Pescadores Z-3, pelas suas características como distrito rural de Pelotas e pelo fato de o jornal “O Pescador” constituir-se em um instrumento narrativo em que suas histórias estão registradas, especialmente levando em consideração o Jornalismo Comunitário e sua natureza de comunicação horizontal, que ao contrário do jornalismo das grandes mídias, pode ser a voz da comunidade, mediando seu discurso e articulando as muitas vozes que se tornam públicas, organizando-as na referência dos fatos e no processo de construção textual e imagético, ao mobilizar conteúdos de reconhecimento e representação coletivos, em que os sujeitos em busca de construção e conservação de sua identidade, possam garantir a continuidade de suas histórias e memórias. Cabe aqui lembrar Benjamin (1983), que chama a atenção para o fato de que ao

contrário do jornalismo ‘tradicional’, no qual o que importa é o novo e que assim substitui rapidamente informações por outras mais novas num processo contínuo, no jornalismo comunitário seus discursos, ao serem produzidos e relatados a partir da própria comunidade, produzem sentido para os processos históricos ao destacar os fatos que se tornarão memoráveis no futuro.

Com relação ao objetivo principal do trabalho, que é explicar se memória, identidade e Jornalismo se permeiam, e se isso afeta a memória da comunidade e dos jornalistas, pode-se afirmar que sim, especialmente com relação à comunidade, que vê suas memórias perpetuadas e vê retratada e fortalecida sua identidade social. Os jornalistas também percebem essa mesma relação, embora não tenham claro como exatamente esse fenômeno ocorre. Mencionam suas técnicas, linguagem, gêneros, fontes e creditam aos resultados o *status* de memória, sem se dar conta de que existe, de fato, uma Memória Jornalística e uma outra Memória Social, e que os jornalistas, por meio de suas práticas, que geram arquivos, não se apercebem realmente dessa diferença e nem de que são muito mais produtores de Memória Social do que se dão conta porque, ao atenderem às necessidades da mídia tradicional, respondendo às questões de objetividade, noticiabilidade e imparcialidade jornalística, perdem a ‘capacidade’ de contar histórias, cuja consequência é a incapacidade de trocar ‘experiências’, e tornam-se meros produtores de informação, efêmera e válida enquanto novidade, incapaz de ser apreendida pela memória em razão de ser produto para ser consumido instantaneamente, logo trocado por outro mais novo. É nesse espaço de afirmativas, interrogações e possibilidades que espero ter sinalizado e contribuído para a construção de um campo de problemas, ainda novo, e não devidamente contemplado pelas áreas de conhecimento envolvidas.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. Por uma arte de contar histórias. In: **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALBUQUERQUE, Fernanda F.; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ALFONSO, Luciano. A História Oral Temática como recurso na pesquisa com profissionais do Jornalismo Cultural. X Encontro Nacional de História da Mídia, GT de Historiografia da Mídia. **Anais...** ALCAR, 2015.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. México: Paidós, 1996.

AMADO, Janaína. **O grande mentiroso**: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, Assis: UNESP, n. 14, p. 125-136, 1995.

AMARAL, Luiz. **A Objetividade Jornalística**. Porto Alegre: DC Luzzatto, 1996.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de teleJornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Campos, 2002.

BARBERO, Martin. **Memória narrativa e indústria cultural**. Colômbia: Revista da Universidade de Cali, 1982.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Porto Alegre, 2004.

_____. Meios de comunicação: lugar de memória ou na história? **Contracampo**, Niterói, v. 35, n. 01, pp. 07-26, abr./ jul., 2016.

_____. **Os donos do Rio: Imprensa, Poder e Público (1880-1920)**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

_____. **Imprensa, Poder e Público: Os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)**. Niterói: UFF, 1996.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66**. 29. ed. São Paulo: Globo, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zajar, 2003.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar.** Entrevista a Adriana Prado. **ISTOÉ Online**, set. 2010. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/102755_VIVEMOS+TEMPOS+LIQUIDOS>. Acesso em: 10 out. 2013.

BECKER, Beatriz. **Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento: Uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais**". **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 231-250, 2012.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do Jornalismo.** (Ed. Agir, 1960) São Paulo: EDUSP, 1992.

_____. **Teoria e Prática do Jornalismo.** Adamanina: Omnia, 2006.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton de Oliveira. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa.** São Paulo: Summus, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura.** Obras Escolhidas. Volume I. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. Textos Escolhidos. In.: Walter Benjamin et al. **Coleção Os Pensadores.** Tradução de Modesto Carone et al. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BERGER, Christa. Proliferação da Memória: A Questão do Reavivamento do Passado na Imprensa. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virginia (org.) **Comunicação, Acontecimento e Memória.** São Paulo: Intercom, 2005.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade.** 6ª ed. São Paulo/SP: WMF Martins Fontes, 2012. 2005?

BERKOWITZ, Dan. Telling the Unknown through the Familiar: Collective Memory as Journalistic Device in a Changing Media Environment. In: NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (ed.). **On media memory: collective memory in a new media age.** Great Britain, Palgrave Macmillan, 2011.

BICUDO, Francisco; SEQUEIRA, Cleofe. Jornalismo Comunitário. Importância, conceitos e desafios contemporâneos. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Anais...** INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Santos, 2017.

BOSI, E. Memória e Sociedade: **Lembranças de Velhos.** 3.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BRAGANÇA, Aníbal e MOREIRA, Sonia Virginia (org). **Comunicação, Acontecimento e Memória.** São Paulo: Intercom, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Resolução Nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília: MEC/CNE/CES, 2013. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>.

Acesso em: 9 ago. 2017.

BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque Estrada. **Como se faz um jornal comunitário**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAMPOS, Pedro Celso. In: SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo Comunitário: Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Santos, 2007.

CAPRINO, Mônica P.; PERAZZO, Priscila F. História Oral e estudos de comunicação e cultura. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, PUCRS, v. 18, n. 13, p. 801-815, dez. 2011.

CARNICEL, Amarildo. Jornal comunitário e História Oral: correlações em trabalho realizado na periferia de Campinas. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo – REBEJ**, Ponta Grossa, v.1, n. 6, p. 33-57, dez. 2009/maio. 2010.

_____. Jornal comunitário e História Oral em ambiente de educação não-formal: correlações e metodologias. **Revista de Ciências da Educação**, UNISAL, n. 25, ano 13, 2011. Disponível em:

<<http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/issue/view/11/showToc>>. Acesso em: 9 ago. 2017.

_____. O jornal comunitário e a educação não-formal: experiências e reflexões. In: FUSER, Bruno (org). **Comunicação Alternativa: Cenários e perspectivas**. Campinas: PUC -Campinas/Centro de Memória da UNICAMP, 2005, p. 45-74.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da identidade e a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELO BRANCO, Samantha. Luiz Beltrão: da criação do ICINFORM à teoria da folkcomunicação. In: MARQUES DE MELO, José (org.); GOBBI, Maria Cristina (org.). **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. São Bernardo do Campo: UNESCO/Umesp, 2000. p. 193-212.

CASTILHO, C. Cada cidadão é um repórter. **Observatório da Imprensa**, 2004. 2011?

CHAUÍ, Marilena Sousa. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2003.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana”. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

CRESPO, Margarita Antón; DEL BARRIO, Maria Estrella Alonso; ZAPATERO, Ana Fuertes (org.). **Periodismo y memoria histórica**: La contribución del periodismo en la recuperación de la Memoria Histórica a partir de testimonios orales. Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, Salamanca, 2013.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. (1.ed. 1996) 9.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

DORNELLES, Beatriz. O local em destaque: jornais de bairro x cadernos de bairros. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 1, p. 244-259, mar. 2012
Florianópolis/SC: UFSC, 2012.

_____. **Jornalismo “Comunitário” em Cidades do Interior**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

DUVEEN, Gerard. Introdução: O poder das ideias. In: MOSCOVICI, Serge. (ed.). **Representações sociais**: Investigação em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-282.

EDY, A. Jill. **Troubled Pasts**: News and the Collective Memory of Unrest. Philadelphia: Temple University Press, 2006.

ENNE, Ana Lucia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, Unisinos, v. 2, p. 101-116, 2004.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. 7.ed. São Paulo: Ática, 2006.

FARACHE, Ana. Fotografia: uma experiência entre a memória e imaginação. **Revista Discursos Fotográficos**. Londrina/PR, UEL v.4, n.4, p.13-34, 2008.

FERNANDES, Guilherme Moreira; LEAL, Paulo Roberto. Folkcomunicação, identidade e diversidade: a “brasilidade” múltipla retratada no show Brasileirinho de Maria Bethânia. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. **Anais...** Natal: INTERCOM, 2008.

FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

FERREIRA, Adriana. **A imagem como arma: uso ideológico das imagens de guerra.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FERREIRA, Carlos Rogé. **Literatura e Jornalismo, práticas políticas: discursos e contradiscursos, o novo Jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem.** São Paulo: EDUSP, 2004.

FIGUEIRA, Michel Constantino. **Colônia de Pescadores Z-3, Pelotas/RS: da crise na pesca à expansão do turismo com base no patrimônio cultural.** 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2009.

FIGUEIREDO, Dalva. Memória e Identidade. In: SILVA, Leonardo Santana da; RONCO, Adriana Patricia (org.). **História Social: Tradições e modernidades: ensaios interdisciplinares sobre economia, cultura e política como forma de linguagens, identidades e práticas de poder.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

FRANSCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no Jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARGUREVICH, Juan. **Gêneros periodísticos.** Quito: Ciespal, 1982.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Rui Miguel. Que lugar é dado à Reportagem como gênero jornalístico? **Revista Media & Jornalismo**, n.22, v.12, 2013. Disponível em: <http://www.cimj.org/images/stories/docs_cimj/mj22_rui%20miguel%20gomes.pdf> Acesso em: 8 ago. 2017.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo: como se forma el presente,** Barcelona, Buenos Aires, México, Ediciones Paidós, 1991.

GOMIS, Lorenzo. Teoría del periodismo: como se forma el presente, Barcelona: Paidós, 1991. In: FRANSCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no Jornalismo: bases para sua delimitação teórica.** 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e controle social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **O direito humano à comunicação:** pela democratização da mídia. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Sociologia Crítica:** alternativas de mudança. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10.ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.

_____. **Identidades culturais na Pós-Modernidade.** 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo:** questões, teorias e “estórias”. 2.ed. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-248.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. **Revista Fronteiras:** estudos midiáticos, São Leopoldo, Unisinos, n. 8, v. 3, p. 177-184, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. Passados presentes: mídia, política, amnésia. In: **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ISAACSSON, Gisela Brum. O tempo e o museu: Manifestações da Modernidade, Pós-Modernidade e Hipermodernidade no Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli 1957-2009. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPEL, Pelotas, 2011.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória.** (1ª ed.1989) Porto Alegre: Artmed; (2ª ed) 2011.

_____. Memórias. **Revista Estudos Avançados**, 3(6), 89-112, 1989.

JASPER, Aline; KALIBERDA, Andressa; SOUZA, Carlos Alberto de. **O uso da humanização no fotojornalismo do Jornal da Manhã.** Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul - S. Cruz do Sul - RS, 2013.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais.** Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade.** São Paulo: Summus, 1997.

KITCH, Carolyn. **Pages from the Past: History and Memory in American Magazines**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

_____. **Placing journalism inside memory – and memory studies**. *Memory Studies*, v.1, n.3, Reino Unido, pp. 311-320, 2008.

KOSSOY, Bóris. Mídia: imagens, ideologia e memória. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sonia Virginia (org.). **Comunicação, Acontecimento e Memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 41-47.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999. (3ª ed. 2001).

_____. **Linguagem Jornalística**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LAHNI, Cláudia Regina; MOREIRA, Sonia Virgínia. A disciplina comunicação comunitária em artigos de revistas acadêmicas: formação para a cidadania e possibilidades em ensino e pesquisa. Artigo. **Revista EPTIC**, UFS, v.18, n.1, p. 185-196, jan./abr., 2016.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social?** 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1992. 1994?

_____. **História e memória**. 3.ed. Campinas: UNICAMP, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2004.

LIMA, Marcelo A. Memória coletiva, Jornalismo e novas formas de sociabilidade. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2015.

LIMA LOPES, Fernanda. Identidade jornalística e memória. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LIMA, Venício A. de. **Mídia e Política: teoria e prática**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

LIPOVESTSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 1983.

LOPES, Fernanda Lima. Identidade jornalística e memória. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

_____. Identidade jornalística e memória. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LOPES, Paula. **Gêneros literários e gêneros jornalísticos**: uma revisão teórica de conceitos. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-generos-lopes.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. São Paulo: Cortez, 1985.

MACIEL, Suely. História Oral e as fronteiras com o Jornalismo: a possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. **REVISTA PJ**, São Paulo, USP, v.5, n.8, p. 1-2, jul. 2007.

MADUELL, Itala. O jornal como lugar de memória: reflexões sobre a Memória Social na prática jornalística. **Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)**, v.4, n.1, jan./jun. 2015.

MAIA, Marta Regina. A História Oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Revista Contracampo**, Niterói, v.15, p. 137-150, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Quem manipula quem?** (1.ed. 1987) 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARIANO, Agnes. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, v.17, n.1, p. 307-322, 2015.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo**: compreensão e reinvenção. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Teoria do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.

MARSHALL, John. C. Sensation and semantics. **Nature**, 334: 378. *International Journal of Science*, 1988.

MARTIN-BARBEIRO, Jesus. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MATEU, Manuel. La entrevista. In: BALSEBRE, Armand; MATEU, Manuel; VIDAL, David. **La entrevista em radio, televisión y prensa**. Madrid: Cátedra, 1998.

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo, história: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos**. 2010. 282 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

MATTOS, Olgária. Memória e história em Walter Benjamin. In: SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1991.

MEAD, George Herbert. **Espiritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Barcelona: Paidós, 1982.

MEDINA, Cremilda de A. **Entrevista: o diálogo possível**. (1ed. 1986), 5.ed. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Notícia: Um Produto a Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História Oral: Fundamentos**. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado; SANTOS, Andrea Paula dos. **Vozes da marcha pela terra**. São Paulo: Loyola, 1998.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **História do Jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual**. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no Jornalismo brasileiro**. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MENEZES, Regina Tavares. **Jornalismo e Memória: A Experiência da Zona Leste na História da Comunicação Comunitária**. [s./d.]. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/primeirosimposio/completos/reginatavaresdemenezes.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10.ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.

MISZTAL, Barbara. **Theories of Social Remembering**. Maidenhead: Open University Press, 2003.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.8, n.17, p. 64-89. jan./abr. 2016.

MORAES, Sérgio Cardoso. Colônias de pescadores e a luta pela cidadania. X Congresso Brasileiro de Sociologia, UFC. **Anais...** Fortaleza, 2001.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MYERS, David G. **Psicologia Social**. 6.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

NEIGER, Motti; MEYERS, Oren; ZANDBERG, Eyal (ed.). **On Media Memory: Collective Memory in a New Media Age**. New York: Palgrave MacMillan, 2011.

NETO, J. C. C. M.; DANTAS, S. N. Contando histórias: uma experiência em educação ambiental na Escola do Recife envolvendo cultura local e desenvolvimento sustentável. **Revista da Ciência da Administração**, v. 3, jul – set. 2011.

NIEDERLE, Paulo André; GRISA, Catia. **Uma Análise das Transformações no Universo Social da Pesca Artesanal do Estuário da Laguna dos Patos, RS**. (s/d). Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e14-02.pdf>>. Acesso em: 14. ago. 2017.

NISBET, Robert. **The sociological tradition**. London: Heinemann, 1967.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, p. 7-28, dez. 1993.

_____. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NUNES, Monica R. Ferrari. **A memória na mídia**. São Paulo, Annablume, 2001.

OLICK, Jeffrey K. **In the house of the hangman: The agonies of German defeat, 1943-1949**. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

_____. **The Collective Memory Reader**. Oxford University Press: Paperback, 2014.

OLICK, Jeffrey K.; VINITZKY-SEROUSSI, Vered; LEVY, Daniel. **The Collective Memory Reader**. Oxford University Press, 2011.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista Famecos**. n. 30. Porto Alegre, ago. 2006.

_____. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PALÁCIOS, Marcos. **Convergência e Memória: Jornalismo, Contexto e História**. Matrizes, USP, v.4, p. 37-50, 2010.

_____. O medo do vazio: comunicação, sociabilidade e novas tribos. In: RUBIM, Antônio Albino (org.). **Idade mídia**. Salvador: UFBA, p. 88-106, 2001.

PARK, Robert E.; SAPIR, Edward. **Comunicação, linguagem, cultura**. São Paulo: ECA/USP, 1971. p. 55-76.

PARSONS, Talcott. **Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas**. São Paulo: Pioneira, 1969.

PAULA, João Antonio de. (Org.) **A transdisciplinaridade e os desafios contemporâneos**. Belo Horizonte: Editora UFMG; IEAT, 2008.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2005.

PEREIRA, Carlos A. Messeder ASSIS, Francisco de; ANTONIOLI, Maria Elisabete. (Org.) **Desafios do jornalismo: novas demandas e formação profissional**. Curitiba/PR: Appris, 2014.

PEREIRA, Carmen. Contribuições da Memória Social para o Estudo do Jornalismo. X Encontro Nacional de História da Mídia, GT de Historiografia da Mídia, UFRGS. **Anais...** Porto Alegre, 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.17, p. 131-146, jun. 2009.

_____. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista PCLA do Pensamento Comunicacional Latino-Americano**, São Bernardo do Campo, Cátedra UNESCO-UMESP, v.4, n.1, p. 1-9, 2002.

_____. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, Pós-Com UESP, v.26, n.43, p. 67-84, 2005.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferenças. **Líbero**, São Paulo, v.12, n.24, p. 139-152, dez. 2009.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

PROUST, Marcel. **No caminho de Swan**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Ática, 1998.

RAMOS, Murilo César. A força de um aparelho privado de hegemonia. (p. 57-76.) In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, C. R. S. (Orgs.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

RAVAZZOLO, Angela. A História produzida por jornalistas: práticas e teorias – encontro entre dois ofícios. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder, ASSIS, Francisco de, ANTONIOLI, Maria Elisabere. **Desafios do jornalismo: novas demandas e formação profissional**. Curitiba/PR: Editora Apris, 2014.

RÉCHE, Daniela Werneck Ladeira. **Literatura e Jornalismo: Relações entre Memória e Esquecimento**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história do seu tempo: a imprensa e a produção do sentido histórico**. Rio de Janeiro: RJ-ECO/UFRJ, 1996.

_____. A História Oral nos estudos de Jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. **Revista Contracampo**, Niterói, v.32, n.2, p. 73-90, abr./jul. 2015.

_____. “A memória e o mundo contemporâneo”. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (orgs.). In: **Entretenimento, felicidade e memória: Forças moventes do contemporâneo**. São Paulo: Guararema, ed. Anadarco, 2013.

RIBEIRO, Ana Paula; BRASILIENSE, Danielle Ramos. A matança dos inocentes: questões de memória e narrativa jornalística. **UNirevista**, v.1 n.3, p. 1-12, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o Sentido do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

ROUCHOU, Joëlle. História Oral: entrevista–reportagem x entrevista-história. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.23, p. 5-20, 2000.

ROUCHOU, Joëlle. Ouvir o outro. INTERCOM - XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Belo Horizonte, 2003.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

RÜDIGER, F. **Introdução à teoria da comunicação, problemas correntes e autores**. São Paulo: EDICON, 1998.

SANTA CRUZ, Lúcia. Experiência de pertencer: o resgate da memória como construção de identidade corporativa. Congresso Internacional em Comunicação e Consumo – COMUNICON, São Paulo, out. 2012. **Anais...** São Paulo: ESPM, 2012.

_____. Heróis na janela. **E-Compós**, v. 9, p. 1-15, ago. 2007.

_____. Jornalismo Feito de Notícias Velhas: o uso da memória jornalística na produção de conteúdo novo. **Revista Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, n.8., p. 25-44, mar. 2016.

_____. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre Jornalismo e Memória Social. III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, GT Historiografia da Mídia, Escola de Comunicação, UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

SANTHIAGO, Ricardo. Esboço para um diálogo: História Oral e Jornalismo de grande extensão. Artigo. **REVISTA PJ**, São Paulo, USP, v.5, n.8, p. 1-2, jul. 2007.

SANTOS, B. S. **Introdução à uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **Um Discurso sobre as Ciências**. (7ª edição) São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SANTOS, Marli dos. Histórias de Vida na Grande Reportagem: um Encontro entre Jornalismo e História Oral. **Comunicação & Informação**, v.12, n.2, p. 21-32, jul./dez. 2009.

SCHUDSON, Michael. **Discovering The News: A Social History Of American Newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

_____. Journalism as a vehicle of non-commemorative cultural memory. In: ZELIZER, Barbie; TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren (orgs.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 85-96.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo Comunitário: Conceitos, Importância e Desafios Contemporâneos. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da

Comunicação. **Anais...** Santos: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

SILVA, Anelino Francisco. A pesca artesanal como arte e como significado cultural: o caso potiguar. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v.4, n.8, p. 57-65, jul./dez. 2010.

SILVA, Leandro S. da; RONCO, Adriana Patricia. (Org.). **História Social**: tradições e modernidades: ensaios interdisciplinares sobre economia, cultura e política como forma de linguagens, identidades e práticas de poder. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SILVEIRA Fábio. Cantos, Recantos e encantos do mar de Dentro. (s/d) Disponível em: <<http://www.pelotas.com.br>>. Acesso em: 05 jun. 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2006.

_____. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

_____. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004a.

STEPHENS, Mitchell. **A History of News**. New York: Viking Press, 1988.

_____. **História das comunicações**: dos tantãs aos satélites. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

STOLZ, Elio; NOGUEIRA, Manuel; CURIA, Marcelo. **História de Pescador - Imagens da Colônia Z – 3**. Pelotas/RS: CTMR, 2003.

TARIZZO, Davide. Filósofos em comunidade. Nancy, Espósito e Agamben. In. PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 31-62.

TAVARES, Frederico de M. Brandão; VAZ, Paulo B. Ferreira. Fotografia jornalística e mídia impressa: forma de apreensão. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.27, p. 125-138, 2005.

THOMPSON, John Brookshire. **A mídia e a modernidade**. 3ª Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 2000.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade: Determinação geral dos conceitos principais. In: MIRANDA, Orlando de. **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995. p. 231-352.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade**. Vol. I. São Paulo: Nacional, 1973. p. 96-116.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa** 2.ed. — Curitiba : IESDE Brasil S.A. , 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1999.

_____. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Vol. 1
Florianópolis: Insular/UFSC, 2004.

TRAVANCAS, Isabel; FARIA, Patrícia (orgs.). **Antropologia e comunicação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação**. 5.ed. 18. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

TUCKMAN, Bruce W. **Manual de Investigação em Educação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

UMBELINO, Janaína Damasco. **A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-leitura**. 2005. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

VATTIMO, Gianni. O Belo como Experiência Comunitária. In: PAIVA, Raquel (org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007a. p. 63-69.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VON SIMON, Olga R. de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Margens: Revista Interdisciplinar do Núcleo de Pesquisa CUBT/UFPA, Dossiê Memória e Oralidade**, Abaetetuba, v.1, p. 11-16, 2004.

ZELIZER, Barbie. Why memory's work on journalism does not reflect journalism's work on memory. **Memory Studies**, Sage Publications, v.1, p. 79-87, 2008.
Disponível em: <<http://mss.sagepub.com/cgi/content/abstract/1/1/79>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

_____. Repenser le marché. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, n.94, 1992.

_____. TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren (orgs.). **Journalism and memory**. p. 85-96. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

_____. **Conceitos básicos de Sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UNB, 1991.

WHITEHEAD, Anne. **Memory**. London: Routledge, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 6ª ed. São Paulo/SP: WMF Martins Fontes, 2012.

WOORWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.